UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA - PROLAM/USP

BRUNO PEREIRA DE LIMA ARANHA

**De Buenos Aires a Misiones: civilização e barbárie nos relatos de viagens
realizadas à terra do mate (1882-1898)**

Versão Corrigida

São Paulo

2014

BRUNO PEREIRA DE LIMA ARANHA

**De Buenos Aires a Misiones: civilização e barbárie nos relatos de viagens
realizadas à terra do mate (1882-1898)**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Integração da
América Latina - PROLAM/USP, para a
obtenção do título de Mestre em Integração da
América Latina.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Bobik Braga

Versão Corrigida

São Paulo

2014

Nome: ARANHA, Bruno Pereira de Lima

Título: De Buenos Aires a Misiones: civilização e barbárie nos relatos de viagens realizadas à terra do mate (1882-1898)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina - PROLAM/USP, para a obtenção do título de Mestre em Integração da América Latina.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Márcio Bobik Braga
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo e Programa Interunidades em Integração da América Latina
(PROLAM)

Professora Doutora Stella Maris Scatena Franco Vilardaga
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Professora Doutora Maria Lúcia Lamounier
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo e Programa Interunidades em Integração da América Latina
(PROLAM)

Agradecimentos

À CAPES, cujo financiamento foi fundamental na realização desta pesquisa.

Aos colegas do PROLAM pelo rico intercâmbio de ideias propiciado na pós-graduação.

Aos meus amigos do departamento de História da FFLCH-USP, por todos esses anos de intenso convívio, aprendizagem e, sobretudo, pela amizade.

Ao professor Márcio Bobik, não só pela inestimável orientação, como também pela sua amizade e por compartilhar todo o seu vasto conhecimento sobre literatura argentina.

À professora Stella Maris Scatena Franco Vilardaga: sem você esta pesquisa simplesmente não existiria.

Ao professor Luiz Antônio Lindo, cuja erudição foi de fundamental importância para o meu trabalho, sobretudo no momento da qualificação.

Ao professor Sean Purdy pelo apoio e amizade desde os tempos da graduação e pelo papel fundamental que exerceu no meu exame de qualificação.

À professora María Ester Rapalo da Universidade de Buenos Aires, cujas aulas sobre o Alto Paraná durante o meu período de intercâmbio de graduação na Argentina exerceram influência determinante para a consolidação da ideia desta pesquisa.

À Luciano Maxit e toda a equipe da *Biblioteca Pública De Las Misiones* por todo o suporte dado durante a minha “expedição” por Misiones.

À Alba Maria Ibarrola e toda a equipe do *Archivo General de la Gobernacion de Misiones*.

À Manuela Exposito pela revisão do espanhol e pelos papos sobre heavy metal latino-americano.

À professora Amélia Polónia da Universidade do Porto por todas as dicas referente à conclusão da dissertação.

Ao geógrafo Miguel Nogueira da Oficina do Mapa da Universidade do Porto por todo o suporte com os mapas.

Ao meu grande amigo Michel, cuja amizade travada durante a pós-graduação foi de fundamental importância não só para esta pesquisa, como também para dar aquela força durante os momentos dos “perrengues” tão corriqueiros da minha vida cotidiana.

À minha “família” do 401: André Pitomba, André Ferrari, Victor, Renata e Daniel Maciel por todos esses anos de convívio no CRUSP e pela amizade que transcendeu os muros da USP.

Ao meu velho amigo Dario Viola pela amizade e companheirismo durante todos esses anos. Durante o período da pesquisa, foi o grande responsável por manter a minha sanidade com os nossos intermináveis papos, cujos temas variavam desde os debates sobre as origens das populações da península de Kamchatka até a expectativa do Radium de Mococa disputar a quarta divisão do campeonato paulista.

A todos os meus professores e amigos dos colégios estaduais Sylvia Bauer, Rogério Lazáro Toccheton e Pinheiro Júnior, lugares dos quais guardo saudosas memórias da minha infância e adolescência na minha querida cidade natal de Itu/SP.

Ao meu velho amigo do bairro Jardim Aeroporto, Ataliba Cristiano, outro grande responsável por manter a minha sanidade durante o período da pesquisa.

Aos meus amigos da Sobase em Itu, por toda a força que me deram no momento de ter que deixar a vida de vendedor de material para construção para rumar a São Paulo em busca do meu sonho de me tornar historiador.

Aos meus amigos da Universidade de Sorocaba, onde toda essa viagem histórica começou.

A todos mis amigos y familiares en mi Buenos Aires querido.

Aos meus queridos alunos, com os quais aprendi muito nessa vida. Vocês foram fundamentais no complicado período de conciliar docência e pesquisa até o momento do concedimento da bolsa, e que mesmo após nossa triste separação, continuaram me apoiando e também me mostraram que, o mais importante título que posso ter na vida é este pelo qual vocês me chamam: professor.

Aos meus colegas professores Solange, Silvão, Vinícius, Silmara e tantos outros, cujos momentos partilhados foram muito além do mero convívio do cafézinho na sala de professores.

À Dona Lourdes e ao Seu Ricardo, por todo o incondicional apoio, tanto no início da minha carreira docente, como no momento em que tive que me dedicar integralmente à pesquisa.

A toda a minha família: meu irmão Rafael, meu irmãozinho Lucas e aos meus pais Juscelino e Valdeci por jamais me fazerem esquecer o lugar de onde eu vim.

Ao eterno heavy metal, combustível essencial na minha vida. Foi no cenário underground dos anos 90, atuando em vários fanzines, que dei os meus primeiros passos na escrita, experiência que teve contribuição decisiva na minha vida acadêmica que viria a seguir.

Às três equipes que dividem o meu coração: Sport Club Corinthians Paulista, Ituano Futebol Clube e Club Atlético Huracán de Buenos Aires.

Aos meus amigos Flávio Pires e Sarah Viola pela inestimável ajuda de sempre.

Por fim, este trabalho jamais seria possível sem o apoio incondicional da minha querida “tuga” Mariana Sobral. Para além do companheirismo e de todo o amor, quem mais seria apropriado para fazer a revisão do meu português e corrigir os meus “argentinismos” senão uma portuguesa “da gema”? E é para você que dedico este trabalho.

“Río Paraná:

Tu brisa fresca respirando yo estoy.

Y canto al verte, tal vez por suerte,

cruzando el puente Brazo Largo

Y al ver tus costas verdes

en un sin fin perderse,

sentir estoy deseando lo que

sienten tantos,

que tus márgenes habitan...”

Ricardo Iorio

“¿Pero quién habla de patrias, aquí?

Sólo cabe un país, una sola tierra,

una patria común. Este gigantesco

paralelograma de cinco mil leguas,

que es la patria de la yerba mate: el

Alto Paraná.”

Alfredo Varela

RESUMO

ARANHA, Bruno Pereira de Lima. **De Buenos Aires a Misiones: civilização e barbárie nos relatos de viagens realizadas à terra do mate (1882-1898)**. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

O presente trabalho consiste numa proposta de análise de relatos realizados por viajantes que, tendo um ponto de partida em comum - Buenos Aires - se dirigiram a Misiones, no nordeste argentino e publicaram entre 1882 e 1898 textos sobre a região. Através desses relatos temos como intuito desenvolver uma maior compreensão sobre a visão que seus autores tinham acerca de Misiones. Um dos pontos norteadores deste trabalho é a transposição da oposição centro *versus* periferia para um novo espaço: o americano. Ou seja, a posição usada para contrapor a Europa, o “centro civilizado do mundo” em relação à América que seria um lugar que “carecia de civilização”, é transportado para esse novo espaço. A partir de então, dentro da própria Argentina temos um centro (Buenos Aires) e uma periferia (aqui representada por Misiones). Nesse novo espaço, essa dicotomia sofreu apropriações e recriações as quais são analisadas no decorrer deste trabalho.

Palavras-Chave: Civilização-Barbárie - História Argentina - Misiones - Fronteira - Relatos de Viajantes - Século XIX

RESUMEN

ARANHA, Bruno Pereira de Lima. **De Buenos Aires a Misiones: civilización y barbarie en los relatos de viajes realizados a la tierra colorada (1882-1898)**. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Esta investigación consiste en una propuesta de análisis de los informes realizados por los viajeros, quienes teniendo un punto de partida en común - Buenos Aires - se fueron a Misiones, en el noreste argentino, y publicaron textos sobre la región entre 1882 y 1898. A través de estos informes, tenemos la intención de desarrollar una mayor comprensión de la visión que los autores tenían sobre Misiones. Uno de los puntos de orientación de este trabajo es la transposición de la oposición centro versus periferia hacia un nuevo espacio: el americano. Es decir, la posición utilizada para oponer Europa, el "centro del mundo civilizado", en relación a América, que sería un lugar que todavía "carecía de civilización", es transportada a este nuevo espacio. Desde entonces, dentro de Argentina tenemos un centro (Buenos Aires) y una periferia (en este caso representado por Misiones). En este nuevo espacio, esta dicotomía sufrió apropiaciones y recreaciones que se analizan en el curso de este trabajo.

Palabras-Clave: Civilización y barbarie - Historia Argentina - Misiones - Frontera - Relatos de Viajeros - Siglo XIX.

ABSTRACT

ARANHA, Bruno Pereira de Lima. **From Buenos Aires to Misiones: civilization and barbarism in reports of trips made to the land of “mate”**. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

This research is a proposal for analysis of reports made by travelers that, starting in common region - Buenos Aires - went to Misiones, in northeastern Argentina, and published texts on the region between 1882 and 1898. Through these reports, we have the intention to develop a greater understanding of the vision that the authors had about Misiones.

One of the guiding points of this work is the transposition of the opposition center versus periphery to a new space: the american. That is, the opposition used to oppose Europe, the "center of the civilized world" in relation to America; it would be a place that still "lacked civilization", which is transported to this new space. From then, within Argentina itself, we have a center (Buenos Aires) and a periphery (here represented by Misiones). In this new space, this dichotomy suffered appropriations and recreations which are analyzed in the course of this work.

Keywords: Civilization or Barbarism - History of Argentina – Misiones - Frontier - Travel writings - 19th century.

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1: Rotas percorridas pelos viajantes na região de Misiones entre 1882 e 1898	22
Mapa 2: Localidades visitadas pelos viajantes na região de Misiones entre 1882 e 1898 – Número de visitas por localidade	23
Mapa 3: Localidades visitadas pelos viajantes na região de Misiones entre 1882 e 1898 – Locais por onde passou cada viajante.....	24
Mapa 4: Mapa argentino datado de 1882 onde o então Território Nacional de Misiones incluía as áreas a leste dos rios San Antonio e Pepirí Guazú, equivalentes atualmente às partes oeste dos estados do Paraná e de Santa Catarina.	43
Mapa 5: Itinerário de Ramón Lista em 1882.....	57
Mapa 6: Itinerário de Rafael Hernández em 1883.....	60
Mapa 7: Mapa da Colônia Santa Ana, construída próxima à homônima antiga missão jesuíta. Confeccionado pela <i>Oficina Central de Tierras y Colonias</i> com textos em espanhol, italiano, francês e inglês, como vistas a fomentar a imigração tanto de nacionais, como também de estrangeiros provenientes da Europa.	61
Mapa 8: Mapa da Colônia Candelaria, construída próxima à homônima antiga missão jesuíta. Confeccionado com os mesmos fins do mapa de Santa Ana.	61
Mapa 9: Itinerário de Eduardo Holmberg em 1886.....	66
Mapa 10: Itinerários de Juan Bautista Ambrosetti entre 1891 e 1893.....	72
Mapa 11: Itinerário de Florencio de Basaldúa entre 1897 e 1898.....	74

ÍNDICE DE IMAGENS

Ilustração 1: American Progress (1872) – Autor: John Gast.....	96
Ilustração 2: <i>Paisaje en el Alto Parana</i>	96
Ilustração 3: Catarata del Y-guazú	142
Ilustração 4: <i>Catarata del Iguazú – Saltos Centrales</i> . Autoria: Adolf Methfessel.....	144
Ilustração 5: Rio U-guazú – Catarata General San Martin.....	149
Ilustração 6: Catarata del Niágara	150
Ilustração 7: Basaldúa e seus companheiros de expedição em meio às samambaias gigantes	152
Ilustração 8: Holmberg e seus companheiros de expedição ao pé de uma árvore de Ñarakatiá. Fotografia inserida no relato de Basaldúa	153
Ilustração 9: Trepadeiras	154
Ilustração 10: Samambaias	155
Ilustração 11: Araucárias na região de San Pedro, próximo à fronteira com o Brasil (oeste catarinense).....	155
Ilustração 12: Habitação em Misiones.....	156
Ilustração 13: Ambrosetti (ao meio) junto aos seus companheiros de expedição: Juan M. Kyle e Carlos Correa Luna.....	157
Ilustração 14: Ruínas da Antiga missão de San Ignacio, no Alto Paraná.....	158
Ilustração 15: Ruínas da Antiga missão de San Ignacio, no Alto Paraná.....	158
Ilustração 16: Ruínas da Antiga missão de San Ignacio, no Alto Paraná.....	159
Ilustração 17: Ruínas da Antiga missão de San Ignacio, no Alto Paraná.....	159
Ilustração 18: Picada aberta próxima às margens do rio Paraná em direção ao interior da selva misionera	160
Ilustração 19: Puerto Tarascón no Rio Iguaçu. Batizado em homenagem ao <i>pioneer</i> que empreendeu a sua construção	161
Ilustração 20: Abertura de uma <i>obraje</i> , representando o avanço da modernidade no Alto Paraná	162
Ilustração 21: Draga - desenho coletado durante passagem de Basaldúa pela Exposição Universal de Chicago em 1893.....	164

Sumário

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE NA ARGENTINA OITOCENTISTA	26
1.1. A barbárie interna	27
1.2. Da Patagônia a Misiones: um novo “deserto” para a Nação Argentina.....	32
CAPÍTULO 2 - PROJETOS PARA MISIONES: UMA SOCIEDADE DE FRONTEIRA	45
2.1. A ascensão de Roca e a expansão da fronteira.....	46
2.2. Os viajantes a serviço da pátria.....	54
2.3. Marcha para a fronteira: O “Destino Manifesto” Argentino.....	77
2.3.1. Colonizando Misiones	85
2.3.2. Civilizando o interior misionero.....	95
CAPÍTULO 3 – A NATUREZA MISIONERA A SERVIÇO DA NAÇÃO.....	111
3.1. Natureza, civilização e barbárie	111
3.2. Apipé: o nó górdio argentino	126
3.3. Rumo à terra do mate	130
3.4. A natureza misionera como um símbolo de identidade nacional.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS	172

Introdução

A proposta desta pesquisa consiste na análise de relatos realizados por viajantes que, tendo um ponto de partida em comum - Buenos Aires - se dirigiram a Misiones, no nordeste argentino e publicaram textos sobre a região entre 1882 e 1898. Essa análise tem como objetivo responder à seguinte indagação: de que maneira esses viajantes recriaram a dicotomia civilização-barbárie (originalmente usada pelos europeus para opor a Europa em relação à América) dentro de um novo espaço que era o território argentino?

Situada no nordeste da Argentina, Misiones é a província mais oriental do território argentino. É também uma das que mais tardiamente se integrou no processo de construção do Estado nacional em meio ao contexto da política de anexação de territórios ao norte e ao sul de Buenos Aires que ainda não estavam sob o controle efetivo do Estado durante o século XIX. Faz parte da região conhecida como “Mesopotâmia argentina”, justamente por se localizar entre os rios Paraná e Uruguai, ¹ rios que também demarcam a fronteira entre Misiones e dois países limítrofes à Argentina: Paraguai (departamentos de Itapúa e Alto Paraná) e Brasil (sudoeste do estado do Paraná, oeste de Santa Catarina e noroeste do Rio Grande do Sul).

Atualmente é uma província argentina, tendo como capital a cidade de Posadas, mas no período colonial foi ocupada por jesuítas durante os séculos XVII e XVIII. Após a expulsão da ordem religiosa em 1767 e posteriormente à independência do Vice Reino do Rio da Prata em relação à coroa espanhola, a região de Misiones se encontrou em um complexo contexto de jurisdição de disputas, no qual seu território orbitou sob diversas esferas de influência, tais como a dos caudilhos regionais e também de uma ocupação por parte do Paraguai. Com o desfecho da Guerra da Tríplice Aliança em 1870, os paraguaios foram expulsos da região, que a partir de então foi incorporada como parte da província argentina de Corrientes.

Misiones passou a ter importância para Buenos Aires devido à descoberta de grandes extensões de erva-mate em seu território, o que despertou um ávido interesse econômico, sobretudo no final do século XIX. ² Devido a este fato, o governo central de Buenos Aires

¹ Misiones também se encontra inserida nas regiões fisiográficas do Alto Paraná e do Alto Uruguai.

² Até então a Argentina era totalmente dependente da importação da erva-mate brasileira; com a descoberta dos ervais em Misiones, paulatinamente a produção argentina foi tornando-se autossuficiente. Cabe ressaltar que nessa época a exploração da erva-mate consistia numa forma de produção extrativautoista. Embora já tenha

iniciou um processo de desmembramento da província de Corrientes e posterior federalização do território com a intenção de subordiná-lo diretamente ao governo nacional, o que ocorreu no ano de 1881, com a criação do Território Nacional de Misiones. Somente em 1953 é que Misiones tornou-se uma província argentina.

No fim do século XIX, durante o processo de federalização e ocupação desse território considerado periférico mas de certo modo estratégico pelo governo de Buenos Aires, várias expedições e viagens foram patrocinadas pelo governo argentino, em busca de maiores informações e relatos sobre essa área de fronteira, ainda pouco explorada, e que, de acordo com a mentalidade da época, era passível de desenvolvimento econômico. As extensas áreas dotadas de erva-mate, a paisagem natural e uma vasta área apta para a colonização chamaram a atenção desses viajantes, conforme seus relatos nos mostram.

No século XIX, as viagens de europeus que se dirigiram ao continente americano foram intensas e constantes. Muitos desses viajantes carregavam as pretensões imperiais dos seus países de origem, o que fazia com que julgassem as regiões americanas de acordo com suas referências culturais, motivações políticas e econômicas. Partiam da tradicional visão europeia do século XIX de que a civilização, a população branca, a razão, a modernização, o desenvolvimento e progressos econômicos deviam se impor a todo custo sobre quaisquer outras formas de vida, sobretudo aquelas presentes nas sociedades nativas.

No entanto, as fontes que utilizamos neste trabalho não são relatos de europeus, mas de argentinos que buscavam conhecer uma região de seu próprio país (neste caso a região de Misiones).³

Sendo viagens para dentro do próprio território, ou realizadas sob ordens do governo nacional e de instituições científicas semi-públicas, colocamos como uma das hipóteses norteadoras dessa pesquisa perguntar sobre como os relatos diferenciavam, em seus conteúdos, substancialmente daquela visão indicada acima, por meio da qual os europeus se colocavam num lugar superior aos americanos, dando aos primeiros a qualificação de povos civilizados e aos segundos a de povos bárbaros.

Não partimos da ideia de que por realizarem essas viagens internas estavam plenamente irmanados com a população visitada e identificados com o ambiente misionero.

existido alguns métodos de plantio durante a época dos jesuítas, foi somente na década de 1920 que foram desenvolvidas técnicas do cultivo da erva-mate.

³ Convém esclarecer que as fronteiras de Misiones - tanto a nível interno, como a nível externo - ainda não estavam definidas durante o período em que ocorreram essas expedições. Por esse motivo, a área geográfica abrangida nessa pesquisa, ultrapassa os limites formais do que é hoje a província de Misiones. A região de Misiones descrita pelos viajantes englobava também partes do norte da província de Corrientes e de territórios hoje pertencentes ao Brasil e Paraguai.

Acreditamos que os referidos viajantes reproduziram, pelo menos em parte, o tipo de pensamento expresso por uma parcela dos europeus, isto é, de que era necessário levar a civilização para aquela região “bárbara”. Movidos pelo desejo de ocupação dessa fronteira e de sua incorporação à nova nação, utilizaram-se de um discurso corrente e empregado primeiramente pelos europeus para legitimar a imposição de um projeto que emergia do governo nacional sobre uma área considerada marginal ao centro do poder.

Pouco tempo antes de esses homens começarem a viajar, a Argentina tinha sido palco de intensas lutas que dividiram o território, fragmentado em diversas províncias. Os dissidentes se agruparam em duas diferentes facções, com duas distintas propostas: a dos unitários, que advogavam pela centralização do poder em Buenos Aires e a dos federalistas, que conferiam maior autonomia às províncias. Em meio a esses conflitos, a identidade nacional foi sendo forjada e a fórmula da oposição entre civilização e barbárie encontrou eco nesses novos projetos nacionais. Um dos projetos de construção nacional da Argentina foi exposto em 1845 por Domingo Faustino Sarmiento em sua obra intitulada *Facundo: Civilización y barbarie*.⁴ Para o autor, os ideais da cidade e as luzes da civilização deviam vencer o atraso do campo e a barbárie de seus habitantes. Além deste autor, podemos lembrar a presença de outro letrado que ajudou a construir uma ideia de nação argentina: Juan Bautista Alberdi foi o autor de *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*,⁵ texto que serviu como pilar na escrita da constituição da Argentina unificada. Para ele, era preciso construir uma Argentina composta pelo imigrante europeu. O branco civilizador teria a missão de povoar o “deserto argentino”, que na verdade já estava ocupado por *gauchos*,⁶ indígenas e mestiços, o que para estes homens representava a barbárie argentina, e que devia dar lugar à civilização. Segundo Alberdi, “*gobernar es poblar*”, e seria necessário povoar o país, preferencialmente, com elementos europeus.⁷

Como forma de conferir a maneira como a dicotomia civilização-barbárie permeava os relatos dos viajantes, levantamos alguns objetivos de explorar os relatos de forma a identificar se os mesmos trazem visões pejorativas com relação ao clima e à natureza. Assim, é uma das

⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino, *Facundo: Civilización y barbarie*, Buenos Aires: Centro Editor de Cultura, 2007.

⁵ Alberdi escreveu a citada obra no calor dos acontecimentos de 3 de fevereiro de 1852, onde os federalistas foram derrotados pelos unitários na Batalha de Caseros. Concebeu *Bases* como um tratado sobre a futura constituição argentina que entraria em vigor com a formação de um novo governo unitário.

⁶ Sempre utilizaremos no texto a denominação *gaucho* em espanhol. Em português, gaúcho também passou a denominar o gentílico dos habitantes do Rio Grande do Sul após a Revolução Farroupilha.

⁷ ALBERDI, Juan Bautista, *Bases y punto de partida para la organización política de la Republica Argentina*, versão digitalizada pelo Instituto Cato, Washington, p. 116. Disponível em <<http://www.elcato.org/files/bases-facsimile.pdf>>. Acesso em 2-12-13.

premissas dessa pesquisa, investigar se os viajantes destacam observações sobre o clima subtropical de Misiones em relação ao clima temperado do pampa (região de onde provêm os viajantes) e se remarcam a presença de uma distinta flora.

Não deveria fugir de nosso horizonte a possibilidade dos viajantes terem também identificado no local, certos aspectos importantes, valorizados e estratégicos. Sendo a incorporação da região o objetivo subjacente às viagens, questionamos se não teriam paralelamente às visões pejorativas, ressaltado também os aspectos positivos dos locais explorados. Partimos do pressuposto de que civilização-barbárie, para além de distanciar opostos, em alguns casos também apontava para uma aproximação entre os dois lados, o que acabou por refletir na visão ambígua que os viajantes ora manifestavam.

A selva misionera é uma constante nos relatos dos viajantes argentinos, ainda mais pelo fato de nela estarem localizadas as opulentas Cataratas do Iguaçu (que mais tarde foram divididas entre Argentina e Brasil). As maravilhas naturais e a importância econômica do mate são alguns dos objetos de estudo desses viajantes argentinos, que tentam construir novos símbolos para a nação.

As Cataratas do Iguaçu tornam-se tema da Exposição Científica de Buffalo, nos Estados Unidos, no ano de 1901, e são comparadas justamente com as Cataratas do Niágara. O mate também estará presente nas feiras internacionais como um potencial produto a ser exportado. Sendo assim, esses dois aspectos são explorados ao longo dessa pesquisa, como elementos de valorização do território e inclusive que justificaram a realização destas expedições que mobilizaram homens e recursos do governo e de suas instituições parceiras.

De acordo com Prado, a questão da natureza se faz presente na história das sociedades americanas e encontra eco na construção de suas identidades.⁸ Tomemos como exemplo dois autores do século XIX: o de Frederick Jackson Turner⁹ que vai legitimar a identidade dos Estados Unidos através do oeste “selvagem”, e o do já citado Domingo Faustino Sarmiento,¹⁰ que legitima a história argentina através da dicotomia Cidade *versus* Campo, sendo a primeira a representação da civilização (Buenos Aires) e a segunda a representação da barbárie (o pampa argentino).

⁸ PRADO, Maria Lígia Coelho, *América latina no século XIX: tramas, telas e textos*, São Paulo: Edusp; Bauru: Edusc, 1999, p. 179.

⁹ TURNER, Frederick Jackson, *O significado da fronteira na História Americana*. In: KNAUSS, Paulo (org.), *Oeste Americano*, Niterói: Editora da UFF, 2004, p. 23-54.

¹⁰ SARMIENTO, op., cit.

Em suma, a questão principal que move o trabalho é a reflexão sobre em que medida essas posições dos viajantes, sejam elas críticas e pejorativas ou valorativas do território visitado, aparecem nos relatos de forma a se oporem ou a se conciliarem.

Muito importante é atentar para as relações entre os viajantes e o poder constituído. Para isso, buscamos entender os locais institucionais ocupados por estes viajantes e como estas instituições que encabeçavam ou na qual tinham um lugar importante, estavam afinadas com um projeto de governo implementado após a unificação nacional.

O fato de Misiones ser uma região de fronteira com o Brasil acabou por gerar problemas de litígio de fronteira entre os dois países. As expedições estudadas nessa pesquisa se passam em um período concomitante (e algumas até mesmo anteriormente) à assinatura do Tratado de Palmas (1895), que estabeleceu as fronteiras definitivas entre Brasil e Argentina na região, sendo que uma grande porção de território que a Argentina considerava como parte de Misiones, após o Tratado acabou sendo incorporada ao território brasileiro. Isso acirrou o nacionalismo argentino, sendo os relatos desses viajantes um espaço para manifestações deste sentimento.

Logo, pensamos que o avanço da fronteira da nação argentina em direção a Misiones também pode se pautar na *Frontier Thesis*, teoria do avanço da fronteira, elaborada pelo historiador Frederick Jackson Turner para explicar a expansão dos Estados Unidos para o oeste durante o século XIX. Sarmiento inclusive se inspirou na literatura típica da conquista do oeste americano. Analisando a obra *O Último dos Moicanos*, de Fenimore Cooper,¹¹ o intelectual argentino exalta o triunfo da civilização frente à barbárie indígena, e já que os Estados Unidos venceram a barbárie, seria então a vez da Argentina realizar esse logro.¹²

Jorge Rafael Alcaráz (um dos autores que realizou estudo sobre os relatos de viagem feitos sobre Misiones) denomina esses viajantes como “*constructores de frontera*”. Para este autor, tal denominação se justifica pelo fato dos viajantes terem elaborado discursos que justificavam o avanço da modernização nos confins da fronteira misionera.¹³

A pesquisadora estadunidense Rebecca Mason Stephanis denomina esses viajantes como os de “segunda geração”,¹⁴ delimitando temporalmente suas expedições entre as que

¹¹ Popular escritor estadunidense do século XIX, famoso pela obra acima mencionada.

¹² SVAMPA, Maristella, *El dilema argentino: Civilización o Barbárie*, Buenos Aires: Taurus, 1994, p. 32-33.

¹³ ALCARÁZ, Jorge Rafael, *La construcción del escenario misionero en los relatos de viaje entre 1880–1900*. 206 f. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), Universidad Nacional de Misiones, Posadas, 2007, p. 13.

¹⁴ STEPHANIS, Rebecca Mason, *From Resurrection to Recognition: Argentina's Misiones Province and the National Imaginary*, 217 f. (Tese de Doutorado) – Department of Spanish and Portuguese languages and Cultures, Princeton University, 2009, p. 25.

foram realizadas pelos jesuítas (primeiros europeus a incursionarem pelo território misionero no século XVII) e pelas leituras produzidas pelos cineastas do século XX (terceira geração), que realizaram filmes sobre a região, direcionadas para o cinema.¹⁵

É preciso ressaltar que a nossa investigação possui um olhar diferenciado se comparada aos estudos realizados pelos dois autores acima mencionados. O trabalho de Alcaráz, marcado por um enfoque antropológico de viés bordieuno, se concentra em uma análise de como os viajantes transitaram nas instituições governamentais da Argentina de modo a que o imaginário que construíram a respeito do cenário misionero, para além de justificar o avanço do Estado na região, servia aos interesses dos viajantes no que tocava às suas posições nas referidas instituições. Sua pesquisa abrange não somente os relatos dos viajantes argentinos, como também todos os relatos de estrangeiros que estiveram em Misiones no século XIX.

Acreditamos que um recorte mais delimitado dos relatos, restringindo-os à esfera dos viajantes nacionais, possa colaborar com a busca de um entendimento sobre como os pressupostos concernentes à civilização e barbárie foram adotados e reapropriados em solo argentino por esses viajantes.¹⁶ No entanto, é preciso ressaltar que, embora algumas menções aos relatos de estrangeiros apareçam de maneira marginal no corpo do trabalho, eles de forma alguma constituem seu foco principal, estando presentes para complementar algumas informações pontuais.

É importante salientar também que nossa pesquisa tem por intuito preencher a lacuna apontada por Stephanis sobre como os viajantes, que a autora denomina como sendo pertencentes à “segunda geração”, ainda careciam de um estudo mais aprofundado: “*A careful reading of all of the explorers of the second generation merits further investigation.*”¹⁷ Ressaltamos, uma vez mais, que entre todos esses relatos, delimitamos para a nossa pesquisa, aos que foram realizados por viajantes argentinos.

Ainda que a influência europeia esteja presente nesses relatos, os viajantes argentinos selecionavam e adaptam os discursos europeus sobre a América à sua maneira: afinal, existia a necessidade de criar uma identidade e legitimar a construção da nação, ainda que seus pensamentos contivessem valores europeus. Como afirmamos anteriormente, nesse novo

¹⁵ São os seguintes filmes: *Prisioneros de la tierra*, de Mario Soffici (1939) e *Las aguas bajan turbias*, de Hugo del Carril (1952).

¹⁶ Dos viajantes analisados, apenas Florencio de Basaldúa não era nascido na Argentina. O motivo pelo qual o incluímos no corpo da pesquisa estará apontado no segundo capítulo.

¹⁷ “Uma leitura cuidadosa de todos os exploradores da segunda geração demanda uma investigação mais aprofundada” STEPHANIS, op., cit., p. 25, tradução nossa.

espaço, a dicotomia civilização-barbárie sofreu apropriações e recriações, o que, nas palavras de Mary Louise Pratt pode ser entendido como um processo de transculturação, conceito utilizado pela autora para substituir os antigos conceitos de aculturação e desculturação que descreviam a transferência cultural de modo reducionista e sempre do ponto de vista do dominador.¹⁸

Além do trabalho de Pratt, a metodologia usada nesse trabalho vai ao encontro do que se vem produzindo na historiografia sobre os viajantes do século XIX. Como demonstra Miriam Moreira Leite, os relatos de viagem até a década de 1970 eram utilizados como fontes sem passar por uma maior análise crítica.¹⁹ No caso da historiografia brasileira, viajantes clássicos como Spix e Martius²⁰ ou Saint-Hillaire²¹ eram constantemente citados como verdades históricas sem antes passarem por um crivo analítico mais rigoroso.

Nas últimas três décadas, devido ao uso intensivo dos relatos de viagem como fontes à História, surgiram novas reflexões a respeito do uso desse tipo de fonte no âmbito da historiografia. O relato, para além de ser uma fonte de estudo sobre o passado, também deu margem para o surgimento de novas análises sobre as representações que os estrangeiros realizaram sobre outras nações, além de possibilitar ao historiador refletir sobre o próprio lugar de enunciação do viajante.²² Dentro dessas novas perspectivas, as análises não se limitaram somente aos viajantes europeus que se dirigiram à América, a relação centro-periferia por vezes foi invertida através de estudos que analisaram os relatos de viagem escritos por latino-americanos que viajaram até a Europa.²³

Mas a nossa pesquisa trata de uma terceira perspectiva que são as viagens realizadas para dentro do espaço nacional dos viajantes. Ainda que esses argentinos tenham viajado para dentro de seu país, acreditamos que as novas possibilidades metodológicas elencadas acima encontram correspondência com o nosso trabalho, já que existe uma distância e um

¹⁸ PRATT, Mary Louise, *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*, Bauru: EDUSC, 1999, p. 30.

¹⁹ LEITE, Miriam Moreira, *Livros de Viagem (1803-1900)*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 9.

²⁰ MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von e SPIX, Johann Baptiste von, *Viagem Pelo Brasil: 1817-1820*, São Paulo: Villa Rica, 1981.

²¹ SAINT-HILAIRE, Auguste de, *Viagem à província de São Paulo*, Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.

²² FRANCO, Stella Maris Scatena, "Relatos de viagem sobre a América Hispânica: considerações sobre as obras historiográficas de Feliú Cruz e Estuardo Núñez", *História da Historiografia*, nº 7, Ouro Preto, nov/dez de 2011, p. 32.

²³ Dentre os recentes estudos relacionados ao tema, apresentamos dois deles como exemplos:

SANHUEZA CERDA, Carlos, *Chilenos en Alemania y alemanes en Chile: viaje y nación en el siglo XIX*, Santiago de Chile: LOM Editores, 2006.

FRANCO, Stella Maris Scatena, *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*, Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

estranhamento por parte dos portenhos oriundos da região pampeana em relação à Misiones, localizada no nordeste subtropical, o que encontra eco na própria questão da construção da nação no período do fim do século XIX.

As representações que fazem da realidade misionera são de primordial importância nesta pesquisa, que também leva em conta as intencionalidades evidenciadas nas entrelinhas do discurso dos viajantes e nos interesses particulares que mobilizaram suas representações.

Tais representações não deixaram de carregar certas ambivalências, já que ao mesmo tempo em que estavam ligados a um “discurso civilizador” emanado de Buenos Aires, não deixaram de registrar devaneios subjetivos que estavam além dos interesses propostos pelas instituições às quais os viajantes estavam subordinados. A historiadora Luciana de Lima Martins, em seu estudo a respeito dos relatos de viajantes ingleses sobre o Rio de Janeiro, aponta para essa questão:

[...] não se trata apenas de uma projeção na tela ou no papel de imagens prefiguradas segundo convenções de representação – científicas ou artísticas – do observador europeu metropolitano, mas sim de uma constante negociação entre imagens que os viajantes carregavam em suas mentes com as paisagens que se lhes apresentavam aos olhos, pelas quais eles viajavam através, com as quais eles tinham que travar um contato físico.²⁴

Devido a essa gama de possibilidades que o relato de viagem oferece enquanto fonte, apontamos a necessidade desse tipo de documento passar por uma maior análise crítica, pois cada viajante possui suas intencionalidades e é marcado profundamente pelo contexto histórico no qual está inserido. Tal análise também vai de encontro com o que indica a historiadora Núncia Santoro de Constantino a respeito das pesquisas que utilizam os relatos de viagem como fontes à luz da Análise Textual Discursiva. Esse método consiste em uma investigação profunda dos fenômenos através de um esforço intensivo que possibilite novas leituras das fontes, para que assim ocorram novas compreensões válidas e consistentes. A autora faz referência aos métodos de Carlo Ginzburg no que toca a questão do estranhamento e como ela é importante no que se refere a: “[...] desconstrução de textos e a categorização dos elementos unitários encontrados, a emergência de uma nova compreensão em torno das fontes, assim como a produção de um metatexto.”²⁵

²⁴ MARTINS, Luciana de Lima, *O Rio de Janeiro dos Viajantes: O olhar britânico (1800-1850)*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 142.

²⁵ CONSTANTINO, Núncia Santoro de, “Apresentação”. In: CONSTANTINO, Núncia Santoro de, (Org), *Relatos de Viagem como fontes à história*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 8.

É importante apontar que a autora também faz referência aos estudos de Roque Moraes a respeito da aplicação da Análise Textual Discursiva em diversas áreas do conhecimento. Ver: MORAES, Roque, “Uma tempestade de

Esclarecidas as problemáticas metodológicas, resta-nos realizar uma brevíssima apresentação dos relatos utilizados nessa pesquisa. Eles foram publicados em forma de livro no fim do século XIX, sendo que, utilizamos tanto as fontes originais que não tiveram uma segunda edição, como também os relatos que foram reeditados. É o caso da obra de Rafael Hernández, do terceiro relato de Juan Bautista Ambrosetti e do livro de Eduardo Ladislao Holmberg, respectivamente reeditados em 1973, 2008 e 2012.²⁶ Cabe esclarecer que na reedição da obra de Ambrosetti, as partes referentes à iconografia que estão presentes na edição original, foram totalmente suprimidas. De modo que, para as imagens referenciadas nessa pesquisa, foi utilizada a sua primeira edição. Segue, então, uma lista dos relatos dos viajantes utilizados para a investigação, obedecendo à ordem cronológica de suas respectivas expedições:

1. Ramón Lista – “*El Territorio de las Misiones*” (1882);
2. Rafael Hernández – “*Cartas Misioneras*” (1883);
3. Eduardo Ladislao Holmberg – “*Viaje a Misiones*” (1886);
4. Juan Bautista Ambrosetti – “*Misiones Argentinas y Brasileñas por el Alto Uruguay*”(1891);
5. Juan Bautista Ambrosetti – “*Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú*” (1892);
6. Juan Bautista Ambrosetti – “*Tercer Viaje a Misiones*”(1894);
7. Florencio de Basaldúa – “*Pasado - Presente - Porvenir del Territorio Nacional de Misiones*” (1897-1898);

luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva”, *Ciência & Educação*, Bauru, v. 9, nº 2, 2003, p. 191-211.

²⁶ Os dois relatos que não tivemos acesso as suas respectivas primeiras edições, são os seguintes:

HOLMBERG, Eduardo Ladislao, *Viaje a Misiones*, in: Boletín de la Academia Nacional de Ciencias -Tomo X, Buenos Aires: Pablo Coni, 1887.

HERNÁNDEZ, Rafael, *Cartas Misioneras; reseña histórica, científica y descriptiva de las misiones argentinas*, Buenos Aires: Luz del Alma, 1887.

Cabe lembrar que o livro de Hernández foi uma compilação de seus relatos publicados primeiramente no jornal La Tribuna Oficial de Buenos Aires. Maiores detalhes acerca do assunto serão apresentados no segundo capítulo.

Mapa 1: Rotas percorridas pelos viajantes na região de Misiones entre 1882 e 1898

Fonte: NOGUEIRA, Miguel, 2014.

Mapa 2: Localidades visitadas pelos viajantes na região de Misiones entre 1882 e 1898 – Número de visitas por localidade

Fonte: NOGUEIRA, Miguel, 2014.

Mapa 3: Localidades visitadas pelos viajantes na região de Misiones entre 1882 e 1898 – Locais por onde passou cada viajante

A dissertação está dividida em três capítulos, além da presente introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, apresentamos um debate sobre como a dicotomia civilização-barbárie foi incorporada e debatida no ambiente político e intelectual argentino à medida que a problemática da ocupação dos territórios considerados “desertos” (tanto ao sul, como ao norte de Buenos Aires) foi se tornando uma pauta primordial na agenda do governo.

O segundo capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, apresentamos a contextualização da ascensão do presidente Roca ao poder em meio à problemática da ocupação das fronteiras do território argentino. Também é a parte onde consta um esboço biográfico dos viajantes, sobretudo atrelando às instituições a que estavam ligados e os motivos pelos quais empreenderam expedições a Misiones. Na segunda parte, tem lugar uma análise da visão dos viajantes a respeito da problemática de levar adiante o processo civilizador para a fronteira misionera.

O capítulo final é reservado para um olhar direcionado à natureza misionera, principalmente como um elemento que poderia ser tanto um entrave como um ingrediente de civilização para a construção da nação.

Como ressalva final, saliento que todas as citações realizadas aos viajantes são fiéis ao que está reproduzido nas fontes originais (ou nas reedições, quando for o caso). Portanto, foi preservada a antiga grafia da língua espanhola usada naquela época, assim como os grifos originalmente assinalados pelos autores, bem como eventuais erros de tipografia. No caso particular de Basaldúa, o viajante registrou de uma maneira diferente os nomes próprios de algumas localidades, cuja nomenclatura tivesse origem no idioma guarani. Assim, *Iguazu* é referenciado com *U-guazú*. O mesmo acontece com o nome da lagoa de *Iberá*, que é registrada como *U-berá*. Basaldúa justificou essa postura, aclarando que era necessário restabelecer o fonetismo guarani que explica etimologicamente o significado dos nomes das localidades.²⁷

Enfim, sem mais delongas para o leitor, desejamos uma boa viagem rumo aos confins da fronteira misionera.

²⁷ BASALDÚA, Florencio de, *Pasado - Presente - Porvenir del Territorio Nacional de Misiones*, La Plata, 1901, p. 7.

Capítulo 1 - Civilização e Barbárie na Argentina oitocentista

Na região do Prata ocorreram vários debates que coincidiram com a independência da região. A maneira como uma gama de escritores analisavam as representações dicotômicas, cidade-campo, interior-litoral, atraso-progresso, evoluiu de forma particular, sendo colocadas como representações de civilização ou barbárie. Analisaremos neste capítulo, o modo como a dicotomia civilização-barbárie também permeou o ambiente intelectual de Buenos Aires e a respectiva visão que esses intelectuais mantinham a respeito das outras regiões do país, consideradas por eles como “marginais” dentro do território argentino.

Sendo assim, a partir da análise dos pressupostos teóricos de Leopoldo Zea, Norbet Elias e Maristella Svampa, identificamos determinadas mudanças de centralidade que tocaram a dicotomia civilização-barbárie e como elas foram transplantadas do espaço europeu para a América Latina.

Analizamos nas obras desses autores, o processo de identificação de uma centralidade em detrimento de uma barbárie inserida num determinado espaço geográfico. Por essa via, chegamos ao conceito de “barbárie interna” para designar os espaços periféricos identificados por uma determinada centralidade.

Transpusemos o conceito de barbárie interna para o espaço argentino através da análise de alguns escritos de Domingo Faustino Sarmiento, cujas obras debateram a problemática de uma centralidade representada por Buenos Aires e de uma periferia representada pelas províncias do interior. A dicotomia civilização-barbárie permeou toda a obra de Sarmiento e a maneira como ele a enxergava foi motivo de debate entre diversos autores, dentro e fora da Argentina.

O debate é colocado nesse capítulo para ilustrar o contexto das lutas internas na Argentina ocorridas durante o século XIX: cenário este que antecedeu as expedições científicas analisadas nesse trabalho e que se situam no âmbito intelectual da *Generación del 80*, momento em que estava ocorrendo a unificação da nação argentina em meio a resolução dos conflitos entre Buenos Aires e o interior.

No entanto, outro “problema” estava sendo avistado a essa altura: a anexação de territórios ao norte e a ao sul de Buenos Aires que ainda estavam sob o controle de indígenas, *gauchos* e mestiços. Os viajantes da *Generación del 80* se depararam com tal problemática, sendo que a pauta da dicotomia civilização-barbárie também se fez presente no debate intelectual dessa geração. Para se entender os projetos pensados nesse período, faremos uma

digressão em torno dos temas debatidos por alguns membros da sua geração intelectual predecessora, a *Generación del 37*.²⁸

1.1. A barbárie interna

O tema civilização ou barbárie representa uma clara dicotomia entre algo que é aceito por uma instituição ou organização – como o Estado, por exemplo - e o que é considerado alheio às suas ideias consideradas centrais. Essas “outras ideias” são classificadas como bárbaras por essas instituições que reivindicam uma determinada centralidade para si.

No âmbito latino-americano, Leopoldo Zea foi um dos muitos intelectuais que pensou a problemática da dicotomia civilização-barbárie. O filósofo mexicano buscou localizar em suas obras um lugar para inserir a América na História, dentro do contexto do que se convencionou chamar de mundo ocidental.²⁹ Dentro desse intuito, trabalhou de forma particular a dicotomia em sua obra *Discurso desde la Marginación y la Barbarie* (1988). O autor construiu o seu argumento remontando ao período da Antiga Grécia, fazendo menção aos relatos de Heródoto a respeito dos lugares povoados pelos “povos bárbaros” que estavam à margem do mundo grego da época. Em seguida, avançou na discussão localizando a dicotomia em Roma, passando a seguir pela Idade Média, até chegar à era contemporânea.

Seria uma barbárie alternante, que vai mudando de cenário e ator de acordo com um determinado contexto específico. Dessa maneira, algo que era bárbaro passa a ser civilizado, que por sua vez localiza a barbárie no “outro” e assim sucessivamente. Zea cita o caso da Macedônia, região marginalizada dentro do mundo grego, que no período alexandrino assumiu as rédeas da civilização grega, dando origem ao helenismo. Da mesma maneira que os povos germanos, bárbaros em relação à civilizada Roma, passaram a capitanear o berço da civilização ocidental a partir da Idade Média, é importante pontuar que a barbárie sempre se localiza mediante uma relação com um centro de poder.³⁰ Logo, um centro civilizado teria a

²⁸ A utilização do conceito das *generaciones* - o qual também utilizamos nesta investigação - começou a ser usado na historiografia argentina a partir da década de 1920.

Utilizamos o conceito da *Generación del 80* para efeito de um enquadramento temporal já que na prática, tal conceito abarca um grupo vasto e heterogêneo dentro do âmbito político e intelectual de Buenos Aires.

No entanto, acreditamos que o grupo de viajantes analisado nesta pesquisa, conforma um grupo concreto de atores históricos, por isso usamos a simples categorização de “viajantes” para denominar o grupo analisado nesse trabalho.

Para um maior debate a respeito do uso e das construções a respeito do conceito das *generaciones*, ver BRUNO, Paula, *Un balance sobre los usos de la expresión generación del 80, 1920-2000*. Seminario Permanente del Departamento de Humanidades. Buenos Aires: Universidad de San Andrés. 2004, p. 1-35.

²⁹ ZEA, Leopoldo, *Discurso desde la Imagenación y la Barbarie*, Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 9.

³⁰ ZEA, op., cit., p. 30.

sua periferia bárbara. No caso da expansão marítima ibérica que ocorreu a partir do final do século XV, essa dicotomia colocou a América como a periferia a ser conquistada pela civilização europeia.

Motivado pelo impulso de explicar o processo civilizador dentro do que veio a ser denominado de mundo ocidental europeu, Norbert Elias delineou alguns caminhos dessa barbárie alternante dentro do próprio espaço europeu em sua obra intitulada *O Processo Civilizador* (1939).

Para o autor, a centralidade europeia, que seria o modelo de civilização a ser seguido pelas periferias coloniais, também passou pelo processo de conter uma centralidade que, paulatinamente, civilizaria a barbárie existente dentro do seu espaço territorial. Elias construiu o seu argumento analisando a Idade Média e o seu conturbado contexto de insegurança social em meio à inexistência de um poder centralizador. Para ele, foi através do surgimento da organização estatal e de uma monopolização do exercício da violência por parte do Estado, que projetaram as condições para o surgimento do modelo de civilização ocidental que se espalhou por toda a Europa e posteriormente, para as suas áreas de influência, como foi o caso da América.³¹

É importante ressaltar que a discussão em torno da dicotomia civilização-barbárie não foi exclusiva do mundo europeu. Daí surge a importância de salientar que os europeus não foram os precursores do monopólio das “rédeas da civilização”. Desde a antiguidade as centralidades mudavam de acordo com o que propunha cada “detentor da civilização”. Foi assim na Antiga Grécia com os relatos de Heródoto sobre as regiões não gregas.

O espaço europeu descrito por Elias era resultante de uma junção de valores greco-romanos e cristãos advindos do oriente. Foram esses os ingredientes que guiaram o processo civilizador na Europa, sobretudo o que tocava os povos germanos que desconheciam esses valores até antes do contato com os romanos.

Durante o século XVIII, dentro do contexto do iluminismo francês, Jean-Jacques Rousseau colocou em pauta os questionamentos acerca desta dicotomia ao refletir sobre o homem na sua condição de estado natural e de sua condição como civilizado. Para o pensador

³¹ ELIAS, Norbert, *O Processo Civilizador, Volume II, Formação do estado e Civilização*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 212.

franco-suíço, a “condição bárbara” era positiva, já que o homem civilizado jamais alcançaria a felicidade e a liberdade que possuía o “homem bárbaro”.³²

Immanuel Kant prosseguiu com essa discussão ao pontuar que a civilização um dia poderia alcançar o estágio da felicidade do “homem bárbaro”.³³ O século XIX foi permeado por esses debates que também chegaram até à América. Os debates giraram em torno do questionamento da possibilidade das novas nações americanas realizarem o processo civilizador.

O pressuposto de que os europeus detinham as rédeas da civilização transpassou para a América. Mas no caso argentino, a ideia de um processo civilizador genuinamente europeu excluía a Espanha, atrelada à memória de um bárbaro passado colonial que teria acarretado consequências nefastas para o contexto americano do século XIX.

Esse debate remonta à ideia de uma barbárie ibérica que estaria à margem de uma Europa do Norte dotada de um maior grau de civilização.³⁴ Esse questionamento é atrelado à discussão que remonta a influência da *leyenda negra*, pensamento vasto e complexo que possui raízes no século XVI. O fio condutor de todas as linhas referentes a este pensamento é o que diz respeito à Igreja Católica. A partir do século XVI apareceram na França, Inglaterra e Holanda (países com a imprensa mais ativa na Europa) livros que apresentavam a Inquisição Espanhola como uma ameaça às liberdades europeias. Esses escritos diziam que os países que aceitassem a religião católica não só perderiam as suas liberdades religiosas, como também as liberdades civis através da Inquisição. Nesse caso, a barbárie estaria localizada no mundo ibérico católico, enquanto que a civilização estaria no mundo anglo-saxão protestante.³⁵

Zea dá uma conotação distinta ao território ibérico, que por se localizar em uma zona de fronteira marítima, no extremo sul da Europa, já em contato com os povos da África do Norte, se constituíram como sociedades com um maior grau de hibridismo se comparadas

³² ROUSSEAU, Jean-Jacques, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastid e Lourival Gomes Machado. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 260.

³³ KANT, Immanuel, *História Universal com um Propósito Cosmopolita*, Florianópolis: Versão eletrônica do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~lhdutra/Kant-Ideia.pdf>> Acesso em 22-11-13

³⁴ Tal ideia representava uma mudança de centralidade, já que na Antiguidade, romanos e gregos do sul da Europa concebiam os povos do norte da Europa como bárbaros. No entanto, é necessário ressaltar que o conceito “Europa” ainda não existia na Antiguidade.

³⁵ Temos como exemplo os livros de Antonio Pérez: *Relaciones* (1594) e *A treatise Paraenetical* (1598), ambos publicados em Londres. Pérez foi um exilado espanhol que escrevia uma literatura de combate ao rei Felipe II e a Inquisição.

Outro exemplo é o texto anônimo *A Fig for the Spaniard*, que pode ser encontrado no seguinte endereço <http://www.ehumanista.ucsb.edu/projects/spanish_black_legend/01.htm>. Acesso em 17-12-12.

com o restante da Europa.³⁶ Já no caso específico dos portugueses, Sérgio Buarque de Holanda definia os lusitanos como uma sociedade mestiça, explicando assim a origem da cor trigueira do povo português.³⁷

A região ibérica e o noroeste da África podem ser enquadrados no contexto de uma “zona de contato”, conceito cunhado por Mary Louise Pratt para designar “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações assimétricas de dominação e subordinação”.³⁸

Segundo essa mesma autora, a diferenciação entre o sul e o norte da Europa se acentuou no século XVIII, período em que a Europa do Norte reivindica para si a centralidade do mundo civilizado. Isso explicaria as narrativas pejorativas alemãs e britânicas a respeito da Itália.³⁹ Viajantes ingleses também lançaram um olhar depreciativo a respeito dos portugueses entre os séculos XVIII e XIX.⁴⁰ Para além de uma barbárie ibérica, é possível constatar uma barbárie interna europeia que abarcava todo o sul da Europa, o que incluía ibéricos, italianos e mesmo os gregos, outrora “detentores da civilização”.⁴¹

Indo na mesma direção de Zea, Maristella Svampa analisa, primeiramente, o conceito de civilização tal como ele se projetou na Europa. A autora identifica dois tipos de usos da palavra civilização. Civilização poderia se ligar aos hábitos e costumes, numa linha que advinha das sociedades do Antigo Regime. Esta conotação, por sua vez, convivia e concorria com outra, que associava a civilização ao crescimento econômico, ao progresso tecnológico, ao desenvolvimento da sociedade rumo a um futuro que devia almejar e alcançar sempre o

³⁶ ZEA, op., cit., p. 109.

³⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 24.

³⁸ PRATT, op., cit., p. 27.

Nesse caso, o espaço territorial apontado foi cenário de contato entre diversos povos que, desde a Antiguidade cruzaram o Estreito de Gibraltar, seja na direção africana ou europeia. As relações de poder mudavam na medida em que africanos subjulgavam politicamente os ibéricos, caso da dominação bérbere-árabe entre os séculos VIII e XV. Ou quando europeus se lançaram na corrida imperialista do século XIX, momento em que os espanhóis anexaram uma série de territórios no noroeste africano. Ceuta e Melilla até hoje pertencem aos espanhóis, representam assim um resquício do colonialismo europeu.

³⁹ PRATT, op., cit., p. 37.

⁴⁰ BRIGOLA, João Carlos, *Os viajantes e o livro dos museus*, Lisboa: Dafne Editora, 2012.

⁴¹ A península grega representa outra fronteira marítima e zona de contato entre diversos povos da Europa, Ásia e África. O polêmico estudo do historiador inglês Martin Bernal aponta que houve um forte contributo africano na constituição da antiga civilização grega. Ver BERNAL, Martin, *Black Athena The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*, New Brunswick: Rutgers University Press, 2006.

Escolhemos o exemplo da barbárie ibérica pela sua ligação com os projetos de nação existentes na Argentina do século XIX, já que os debates sobre a herança negativa da Espanha eram uma constante nos discursos dos viajantes. Mas havia também na Europa, outros debates que colocavam o leste europeu, sobretudo a Rússia, como uma periferia bárbara. Essa centralidade mudava na medida em que os russos localizavam a barbárie nos povos mais a leste, como era o caso dos tártaros-mongóis. Recentemente, a historiografia russa tem avançado nos debates que também abarcam o viés positivo da influência mongol na Rússia: Ver: VERNADSKY, George, *The Mongols and Russia. A History of Russia, Vol. III*. New Haven: Yale University Press, 1970.

aperfeiçoamento da sociedade. Entretanto, a autora afirma também que o conceito de civilização não existe sem o seu par antagônico: a barbárie. No século XIX na Europa, momento da Revolução Industrial e da divisão internacional do trabalho, era impositivo para algumas potências europeias comercializar com margem de segurança seus produtos industrializados, atraindo a custos baixos as reservas de matérias-primas vindas de regiões com economias ainda predominantemente agropecuárias e extrativistas. Esta relação vantajosa para as potências europeias foi possível, dentre outros fatores, graças a um discurso imperial que legitimava a suposta superioridade europeia, sua riqueza e seu domínio sobre os “outros” povos e regiões que não tinham ainda, como afirmavam, alcançado a civilização. Ao lado desses “outros externos”, os europeus das camadas abastadas, da burguesia dominante e ascendente, elegeram também seus “bárbaros internos”. Como afirmado, era o momento da Revolução Industrial e, como tal, as cidades europeias foram povoadas por grupos de trabalhadores emergidos de um processo de expulsão do campo. Trabalhando nas fábricas em condições insustentáveis, muitos aderiram a doutrinas sociais em voga no século XIX, como o socialismo. No final do século, movimentos sociais desafiadores da ordem estabelecida despontavam no cenário europeu, passando as classes trabalhadoras a ser vistas como a barbárie interna europeia.

Se na Europa Medieval sempre houve um temor relacionado com as invasões bárbaras provenientes da Ásia,⁴² no século XIX, setores ligados ao Antigo Regime temiam as massas proletárias revolucionárias da própria Europa.⁴³ Temos nesse caso outra conotação para o conceito de barbárie interna europeia e sobre quem detinha as rédeas do processo civilizador.

Segundo Jean Starobinski, a própria morfologia da palavra civilização, através do sufixo “ação” dá o sentido ao conceito como um efetivo processo civilizador.⁴⁴ Para Maria Elisa Noronha de Sá Mäder, isso explicaria a reapropriação do termo por quem então julgava deter as rédeas do processo civilizador:

Neste sentido, é compreensível que “civilização” passe a constituir, portanto, a ação de civilizar, de dotar de civilidade aqueles que são bárbaros, rudes, camponeses e que, supostamente, necessitariam de tal ação. O sufixo ação

⁴² A memória relacionada às invasões dos povos mongóis remete a invasão dos Hunos durante o século V d.C e a invasão dos tártaros-mongóis na Rússia durante o século XIII d.C.

⁴³ SVAMPA, op., cit., p. 21.

⁴⁴ STAROBINSKI, Jean. *As Máscaras da Civilização: Ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001 apud MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. *Civilização e Barbárie: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai*. 232 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia-UFF, Niterói, 2006, p. 38.

obriga a pensar em um agente que pode confundir-se com a própria ação [...].⁴⁵

Dessa maneira, é possível realizar um paralelo sobre quem conduziu o processo civilizador argentino durante o século XIX e a problemática que girava em torno de sua barbárie interna. No caso de nossa investigação, trata-se da relação entre Buenos Aires e Misiones, considerada a sua barbárie interna.

1.2. Da Patagônia a Misiones: um novo “deserto” para a Nação Argentina

Os debates em torno da dicotomia civilização-barbárie pontuaram os projetos de nação em curso na América. As representações dicotômicas, cidade-campo, interior-litoral permeraram a tônica desse debate. Para o caso argentino, a relação entre Buenos Aires e Misiones, para além da relação interior-litoral, também era permeada por uma correlação entre o projeto liberal idealizado por Buenos Aires e o fato de Misiones ter permanecido como uma economia relativamente isolada até o final do século XIX.

Essa disparidade ilustra a problemática de como o conceito de nação argentina ainda carecia de significado até meados do século XIX. A concepção de argentino estava atrelada, sobretudo a Buenos Aires, enquanto que as províncias do interior reivindicavam o estatuto de uma confederação, onde cada província manteria a sua autonomia.⁴⁶

No entanto, cremos que essa autonomia esbarrava no fato de Buenos Aires monopolizar a única saída atlântica para os produtos do interior. No caso de Misiones, ainda que não estivesse efetivamente sob o domínio portenho, a sua ligação com o porto atlântico através da via do rio Paraná a colocava na condição de *hinterland*. Dentre os vários significados atribuídos a esse conceito, desde seu aparecimento na historiografia no início do século XX, nos serve a definição utilizada por Alfonso: “[...] *hinterland se opone a litoral. Como concepto económico equivale al área de influencia de un puerto, ya sea marítimo o fluvial.*”⁴⁷

⁴⁵ Ibid., p. 38.

⁴⁶ MÄDER, op., cit., p. 82.

⁴⁷ ALFONSO, Eduardo García. *El impacto colonial fenicio arcaico en el hinterland de Andalucía mediterránea (siglos VIII–VI a.C.)* 952 f. (Tese de Doutorado em Arqueologia), Facultad de Filosofía y Letras - Universidad de Málaga, 2000, p. 25.

Segundo este autor, o termo *hinterland* teria surgido no âmbito da Conferência de Berlim (1884-1885), cujo objetivo era o de estipular regras para a ocupação da África por parte das potências europeias.

No entanto, para o historiador Henk Wesseling, o termo somente foi utilizado pela primeira vez pelo historiador alemão Dietrich Schäfer em 1908, no manual de História intitulado *Weltgeschichte der Neuzeit*.

Sendo assim, o processo civilizador argentino visava o domínio efetivo de sua *hinterland*, era o processo de civilizar sua barbárie interna. Nesse caso, usamos o conceito de barbárie interna para o espaço onde estava sendo construído o Estado nacional argentino.

De acordo com Svampa, os argentinos, ao mesmo tempo em que elegeram a Europa – e em alguns casos os Estados Unidos – como lugar da civilização, também identificaram em grupos populares a sua “barbárie interna”. Eram eles os mestiços ou *gauchos* que acompanhavam os caudilhos nas lutas federalistas que se estenderam de 1820 a 1870. Estes grupos sociais eram considerados como “desvirtuadores” do caminho rumo à civilização, defendido pelos liberais, sobretudo centrados em Buenos Aires. Os lugares recônditos, distantes da cidade-porto, com população indígena ou miscigenada e ainda carente de um sistema educacional formal eram foco de críticas, desconfianças, precauções, projetos e ações daqueles que carregavam os ideais urbanos, ilustrados, modernos e civilizados.

Considerando o conceito da barbárie alternante, no momento do surgimento das “ficções diretrizes”⁴⁸ de construção dos projetos nacionais na Argentina após a declaração formal de independência em 1816, a civilização emanava de Buenos Aires. Era a centralidade que marginalizava as outras regiões do interior do país.⁴⁹ Sendo assim, Misiones, localizada na fronteira nordeste argentina, era a *hinterland* a ser conquistada formalmente pelo Estado Argentino.

Após a ruptura com a coroa espanhola, começou-se a delinear um longo caminho para a construção da nação argentina que perduraria por todo o século XIX. Para se entender melhor o contexto dos anos 1880 é necessário realizar um recuo temporal para compreendermos seus antecessores ideológicos.

Uma das principais figuras do processo de independência da Argentina foi a de Mariano Moreno. De família pertencente à elite portenha, teve um papel fundamental na formação da primeira junta de governo independente. Foi o precursor da criação de uma ficção diretriz para a nascente nação. Seu projeto foi um misto de ideias liberais e conservadoras, que acabaram por desembocar no surgimento do Partido Unitário, representativo de uma nascente burguesia portenha cujas propostas vinham de encontro com o

Ver WESSELING, Henk, *A cape of Asia. Essays on European History*, Leiden: Leiden University Press, 2011, p. 54.

⁴⁸ Termo cunhado por Nicolas Shumway para aglutinar os projetos de nação existentes na Argentina durante o século XIX. SHUMWAY, Nicolas, *A Invenção da Argentina: História de uma Ideia*, São Paulo: Edusp; Brasília: Editora UnB, 2008.

⁴⁹ Mais tarde, o poeta argentino José Hernández chegou a afirmar que a relação de Buenos Aires com as províncias era comparável a uma relação entre metrópole e colônias. SHUMWAY, op., cit., p. 286.

livre comércio com a Inglaterra e de uma maior aproximação com os valores europeus, excetuando-se nesse caso a barbárie ibérica.⁵⁰

Se o discurso desses unitários portenhos defendia uma centralidade em Buenos Aires, onde estaria então a barbárie interna?

Um dos componentes do arcabouço da barbárie a ser combatida pelos unitários portenhos residia na figura do caudilho, figura típica das províncias do interior. Os debates em torno da questão caudilhesca na Argentina têm sido intensos na área da historiografia. Com o objetivo de sintetizar esse debate, expomos aqui a posição de dois autores dotados de posições antagônicas a respeito dessa questão.

Para Shumway, o caudilho era uma representação de uma liderança carismática, que ao mesmo tempo em que exercia um domínio autoritário, agregava também valores da cultura popular. Neste caso, o caudilho representava uma resposta popular para as falhas do governo elitista liberal.⁵¹

Para Halperín Dongui, tratava-se de um contexto mais complexo onde a situação variava conforme a área de atuação desses caudilhos, resultando assim na impossibilidade de associá-los diretamente aos anseios populares. Em seu estudo, o autor buscou traçar as origens da conjuntura da ascensão desses caudilhos do interior analisando as particularidades de cada situação, chegando à conclusão de que o caudilho poderia tanto estar associado a levantes populares, como também poderia responder aos anseios de determinadas elites locais ávidas por controlar as massas.⁵²

Durante a gestão do unitário Bernardino Rivadavia,⁵³ a problemática no que dizia respeito ao domínio das províncias do interior seguiu vigente. O campo das letras era um terreno fértil para os debates em torno de tal problemática. Nesse sentido, Rivadavia apoiou a criação da Sociedade Literária de Buenos Aires. Uma das publicações dessa instituição foi o periódico *El Argos*, no qual os editores manifestaram claramente seus pensamentos para com as províncias do interior:

[...] devemos agora voltar a nossa consideração para a situação atual das províncias e para a necessidade que sente, cada uma delas, de promover a

⁵⁰ Ibid., p 58 e 75.

⁵¹ Ibid., p. 28-29.

⁵² HALPERIN DONGHI, Tulio, El surgimiento de los caudillos en el marco de la sociedad rioplatense pos revolucionaria, *Estudios de Historia Social*, Buenos Aires, Ano 1 Número 1, Outubro de 1965, p. 121-149.

⁵³ Bernardino Rivadavia foi o primeiro chefe de Estado a representar as Provincias Unidas do Rio da Prata entre 1826 e 1827. O cargo foi criado ante a necessidade de uma representação mais efetiva no exterior em meio à guerra contra o Império do Brasil. Ainda assim, sua política pró-unitária não agradou as províncias do interior que rejeitaram a constituição redigida em 1826.

sua prosperidade particular recorrendo aos mesmos meios utilizados na Província de Buenos Aires.⁵⁴

Se a preocupação era para com as províncias, notamos no excerto do periódico acima o quanto uma suposta unidade nacional estava fragilizada em meio ao fato das províncias levarem uma vida independente de Buenos Aires. No entanto, a barbárie interna também estava na cidade-porto. Foi, portanto necessário localizar e eliminar o que representava o lado bárbaro da capital. Um dos alvos eram as festas de carnaval, muito populares na época. Segundo Chamosa, o carnaval portenho teria na época uma magnitude ainda maior que o carnaval carioca.⁵⁵ Os editores do *El Argos* se manifestaram a respeito dessa barbárie portenha da seguinte maneira:

[...] as pessoas mais distintas, entregues a essa brincadeira, que qualificamos de bárbara, parecem ter perdido a razão, e as vemos confundidas com a plebe mais grosseira. [...] Esperamos assim que os indivíduos refinados de Buenos Aires contribuam com o seu exemplo e ignorem essa diversão, que deve ser vista como resíduos de barbárie, e que a substituam por outras modalidades de prazer, marcadas pelo bom gosto, ordem e sensibilidade, como convém a um povo comprometido com a grande obra da civilização.⁵⁶

O discurso em torno da dicotomia civilização-barbárie se acentuou no ano de 1829, momento em que o federal Juan Manuel de Rosas assumiu o poder em Buenos Aires. Para os unitários, a ascensão de Rosas representava uma vitória da barbárie. É nesse contexto que surgiu a *Generación del 37*, movimento intelectual composto por jovens da elite argentina, influenciados principalmente pelo Romantismo francês e inglês. Seus principais expoentes foram Esteban Echeverría, Juan Bautista Alberdi e Domingo Faustino Sarmiento.

⁵⁴ EL ARGOS DE BUENOS AIRES, Ed. Fac-similar, Buenos Aires, Academia Nacional de la Historia, 1937-1942, 5 vols, Edição de 5 de Agosto de 1825, p. 265, apud SHUMWAY, op., cit., p. 128.

⁵⁵ CHAMOSA, Oscar, “Lúbolos, Tenorios y Moreiras: reforma liberal y cultura popular en el carnaval de Buenos Aires de la segunda mitad del siglo XIX”, in SÁBATO, Hilda e LETTIERI, Alberto (orgs), *La vida política en la Argentina del siglo XIX. Armas, votos y voces*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2003, p. 115.

⁵⁶ SHUMWAY, op., cit., p. 130.

Um dos viajantes analisados nessa investigação, Eduardo Holmberg, igualmente desdenhou das festividades de Carnaval em Posadas, capital de Misiones:

“[...] confieso que habría preferido quedarme en los de Puck siquiera una semana, por lo mismo que el bosque de su Ingenio, revestido de ciertos caracteres propios, me ofrecía probabilidades de encontrar algo nuevo, que seguramente no hallaría en Posadas, perdiendo el tiempo del Carnaval.”

HOLMBERG, Eduardo Ladislao, *Viaje a Misiones*, Paraná: Universidad Nacional de Entre Ríos; Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2012, p. 297.

Cabe ressaltar que esse grupo não representava necessariamente um conjunto homogêneo de ideias.⁵⁷ Alberdi por exemplo, divergiu bastante de Sarmiento, chegando a representar diplomaticamente a Confederação Argentina na Europa a partir de 1855. A Confederação era inimiga da unitária Buenos Aires que a esse momento constituía um Estado separado do restante das províncias.⁵⁸

No que toca às posições de Sarmiento referentes à dicotomia civilização-barbárie, elas são dotadas de nuances, o que nos possibilita realizar uma análise sobre como as centralidades mudaram no decorrer de sua trajetória de vida.

A dicotomia foi potencializada em sua obra, que não meramente por acaso se chama *Facundo: Civilización y Barbarie* (1845). Esta foi escrita durante o seu exílio no Chile, devido às divergências com o governo federal de Rosas. O escrito intencionava atacar a figura de Rosas, associando-o aos caudilhos e federalistas. Dessa maneira transplantou efetivamente a dicotomia civilização-barbárie para o cenário da guerra civil entre unitários e federalistas, posicionando-se a favor dos primeiros (que representariam a civilização) e qualificando o outro como a barbárie a ser erradicada na Argentina.

No entanto, existem outras interpretações que não colocam a tese apresentada em *Facundo* como uma dicotomia de termos opostos. A explicação estaria no “e” do “civilização e barbárie”. De acordo com essas interpretações, seriam termos complementares e não opostos.⁵⁹ Shumway discorda dessa teoria. Para este autor, Sarmiento legitimava uma centralidade europeia em detrimento de uma barbárie americana:

Embora inegável no nível literário, essa ambivalência praticamente desaparece na vida pública de Sarmiento, que fez de tudo para erradicar os gaúchos e os indígenas (se necessário, exterminando-os), para excluir os

⁵⁷ No entanto, esses homens possuíam em comum o fato de terem sido exilados durante o período rosista. Eram, portanto, considerados letrados marginalizados até a queda de Rosas. Essas características fazem com que haja uma espécie de unidade entre os membros dessa geração. BRUNO, op., cit., p. 30.

⁵⁸ Um intenso debate entre os dois pensadores pode ser encontrado nas *Cartas Quillotanas*, escritas por Alberdi com o intuito de atacar as posições de Sarmiento referentes à figura de Justo José Urquiza no momento de sua campanha militar que acabou por derrocar Rosas do poder. Sarmiento respondeu com uma série de cartas abertas reunidas em um livro intitulado *Las ciento y una*.

ALBERDI, Juan Bautista, *Cartas Quillotanas*, versão digitalizada pela Biblioteca Virtual Universal, Disponível em <http://ateneoalberdi-vl.org/adjuntos_seccion/Alberdi-J-Bautista---CartasQuillotanas.PDF>. Acesso em 15-12-13.

SARMIENTO, Domingo Faustino, *Las ciento y una*, versão digitalizada disponível em:

<<http://www.proyectosarmiento.com.ar/trabajos.pdf/CIENTO%20Y%20UNA.pdf>>. Acesso em 15-12-13.

⁵⁹ Ver o prefácio escrito por Ricardo Piglia para a edição brasileira de *Facundo: Sarmiento, Domingo Faustino, Facundo ou Civilização e Barbárie*, Trad. e notas de Sérgio Alcides; prólogo de Ricardo Piglia; posfácio de Francisco Foot Hardman. São Paulo: Cosac & Naify, 2010, p. 9-41.

Consultar também MÄDER, op., cit., p. 130-131.

discordantes e impor aos sobreviventes sua perspectiva de civilização: uma Argentina moderna, europeizada.⁶⁰

Se para Shumway as descrições positivas de Sarmiento em torno da barbárie representavam um puro devaneio literário, acreditamos que tais aspectos o aproximavam do ideal rousseaniano de um sentido positivo para o estado natural do homem. Sendo um leitor voraz do pensador franco-suíço, tal aspecto é evidenciado na descrição que fez dos camponeses do norte argentino: “*El pueblo campesino tiene sus cantares propios. El triste, ⁶¹ que predomina en los pueblos del Norte, es un canto frijio, plañidero, natural al hombre en el estado primitivo de barbarie, según Rousseau.*”⁶²

Para Halperín Donghi, essas incursões que Sarmiento realizou pelo romantismo explicam toda a complexidade de seu pensamento. Para ele, o historicismo romântico presente em Facundo representava uma busca apaixonada por um caminho que deveria guiar os destinos da nação argentina. A análise desse autor se distancia, portanto, das análises que colocam civilização-barbárie como uma dicotomia de ideias opostas:

*Si nos fijamos en las críticas más penetrantes, más inteligentes, que hoy se formulan al Facundo, advertiremos que lo que se censura en él no es lo que hay de rígido en la contraposición entre civilización y barbarie; es la contraposición misma; a los ojos desencantados de muchos hombres de hoy entre civilización y barbarie no hay diferencias esenciales.*⁶³

A complexidade do pensamento sarmientino se aprofunda na medida em que se analisa sua própria trajetória de vida. Em 1846, pôde pela primeira vez conhecer a realidade europeia com seus próprios olhos.⁶⁴ A viagem marcou a mudança de alguns de seus posicionamentos em meio às decepções com o que viu na França, até então considerada por ele como a nação guia para o ideal de civilização.⁶⁵ Sua passagem pelos Estados Unidos acarretou mudanças em seu ideal de centralidade no que tocava à civilização. A partir de

⁶⁰ SHUMWAY, op., cit., p. 183.

⁶¹ Canto popular conhecido desde o Alto Perú até a região do Prata.

⁶² SARMIENTO, 2007, p. 51.

⁶³ HALPERÍN DONGHI, Tulio, “Sarmiento y el historicismo romántico. Civilización y barbarie” La Nación, 23 de setembro de 1956. Disponível na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/sarmiento-y-el-historicismo-romantico-i-civilizacion-y-barbarie/>> Acesso em 10-11-13.

⁶⁴ Sarmiento estava exilado no Chile desde 1840. Logo foi designado pelo presidente chileno Manuel Montt para dirigir a *Escuela Normal de Preceptores*. O motivo da viagem à Europa e aos Estados Unidos foi o de analisar seus respectivos sistemas educacionais para uma possível implementação de novas ideias no sistema educacional chileno.

⁶⁵ HALPERÍN DONGHI, Tulio, *Proyecto y construcción de una Nación (1846-1880)*, Buenos Aires: Emecé Editores, 2007, p. 59.

então, o modelo a ser seguido era o praticado pelos Estados Unidos, assim se expressou em seu relato dirigido a Valentín Alsina ⁶⁶:

Salgo de los Estados-Unidos, mi estimado amigo, en aquel estado de excitacion que causa el espectáculo de un drama nuevo, lleno de peripecias, sin plan, sin unidad, herizado de crímenes que alumbran con su luz siniestra actos de heroísmo i abnegacion [...]. Educados V. i yo, mi buen amigo, bajo la vara de hierro del mas sublime de los tiranos, combatiéndolo sin cesar en nombre del derecho, de la justicia, en nombre de la república, en fin como realizacion de las conclusiones a que la conciencia i la intelijencia humana han llegado, V. i yo, como tantos otros nos hemos envanecido i alentado al divisar en medio de la noche de plomo que pesa sobre la América del Sud, la aureola de luz con que se alumbra el norte. Por fin, nos hemos dicho para endurecernos contra los males presentes, la República existe, fuerte, invencible: la luz se hace; un dia llegará para la justicia, la igualdad, el derecho; la luz se irradiará hasta nosotros cuando el Sud refleje al Norte. ; ⁶⁷

A obra *Argirópolis*, escrita por Sarmiento em 1850, foi uma consequência direta da influência que o modelo estadunidense exerceu sobre ele. Nessa obra, defendia o exemplo dos Estados Unidos de construir uma capital independente dos estados. ⁶⁸ A solução proposta por ele era a construção de uma nova capital na ilha de Martín García, localizada no rio da Prata, próximo à costa uruguaia:

Téngase presente que la Gran Federación de los Estados Unidos, el modelo de las repúblicas modernas y el tipo que tuvieron a la vista los federales de las Provincias Unidas del Río de la Plata, tropezaron con la misma dificultad que la República Argentina encontró desde los principios para constituirse [...]. Martín García llenaría aún mejor que Washington entre nosotros el importante rol de servir de centro administrativo a la Unión. ⁶⁹

A contradição do pensamento sarmientino de transplantar a república de Tocqueville para a Argentina ⁷⁰ residiu no fato de mais tarde advogar por um governo forte e militarizado. O contexto da persistência das guerras civis após a queda de Rosas em 1852 o fez relevar a ideia que defendia sobre o modelo estadunidense do consentimento público de

⁶⁶ Escritor, jurista e político unitário argentino, governador da província de Buenos Aires em duas oportunidades (1852 e 1858-1859).

⁶⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino, *Viajes en Europa, Africa y América Tomo II*, Santiago: Imprenta de Julio Benin Ica, 1851, p. 38. Versão digitalizada disponível em <<http://www.proyectosarmiento.com.ar/trabajos.pdf/viajestomo2.pdf>>. Acesso em 10-11-13.

⁶⁸ A promulgação do *Residence Act*, em 1790, deu ao então Presidente Washington, o poder de escolher o local onde seria construída a nova capital que foi batizada com o seu próprio nome.

⁶⁹ SARMIENTO, 1851, p. 20-21

⁷⁰ Nesse caso, Sarmiento fazia referência a obra *De la démocratie en Amérique*, de Alexis de Tocqueville, do qual era leitor assíduo.

reconhecimento de uma autoridade.⁷¹ Quando se tornou presidente em 1868, recorreu a estados de exceção e à intervenção federal, tendo também instituído a profissionalização militar. Ao mesmo tempo em que tomava as rédeas do poder, também detinha as rédeas do processo civilizador. Consideramos que essas ações corroboram com a teoria de Elias sobre como o Estado, através do monopólio da violência, fomentava o processo civilizador. Sarmiento intencionava exercer esse monopólio em nome da causa do processo civilizador argentino

Sua derradeira obra, *Conflicto y armonía de las razas en América*, escrita em 1884, continuou questionando a dicotomia civilização-barbárie com um enfoque na questão racial. Chegado o fim de sua vida, continuou defendendo a centralidade do modelo estadunidense em detrimento da barbárie ibérica, que para ele representava um legado de atraso devido à prática da miscigenação de raças na Argentina e em toda a América espanhola. Para ilustrar esse atraso, mencionou o choque de temporalidades que representava o encontro entre o processo civilizador estadunidense e o legado espanhol deixado no Texas, antigo território espanhol e, posteriormente mexicano, que no século XIX passou para a jurisdição dos Estados Unidos:

*Los padres franciscanos conservaron el mismo sistema de haciendas con los indios siervos hasta la revolución de la Independencia; y los norteamericanos no encontraron sino la pobreza secular de las colonias españolas, en medio de sus riquezas.*⁷²

A queda de Rosas na Batalha de Caseros em 1852, representou a ascensão da *Generación del 37* ao poder,⁷³ precedendo assim a chegada da *Generación del 80*. Essa segunda geração, totalmente influenciada pela anterior, é onde se insere o grupo de viajantes analisados nesta investigação.

O projeto de nação era similar ao de seus antecessores, sendo que no tocante ao aspecto sociopolítico, advogava pelo contexto positivista de Auguste Comte. A mentalidade dessa elite governante entendia o progresso como crescimento econômico e modernização, além da ordem como fixação das condições de tranquilidade nas quais devia encontrar o povo argentino para permitir a projeção do progresso sem pausa. Julio Argentino Roca foi o presidente que personificou o ideal dessa geração. Antes de assumir a presidência, foi Ministro de Guerra do presidente Nicolas Avellaneda, tendo apresentado um projeto ao Congresso da Nação em 1878, cujo objetivo consistia em uma guerra ofensiva contra os

⁷¹ MÄDER, op., cit., p. 61.

⁷² SARMIENTO, Domingos Faustino, *Conflicto y armonías de las razas en América*, Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1915, p. 98.

⁷³ Sendo que posteriormente, o próprio Sarmiento assumiu a Presidência da República.

indígenas das etnias Mapuche e Tehuelche que habitavam a Patagônia, território ao sul de Buenos Aires que nunca esteve sob jugo espanhol, e que até então se encontrava controlado por essas etnias indígenas. Essas guerras ficaram conhecidas como o período da *Campaña del Desierto*. A denominação pejorativa de *desierto* para caracterizar essa área habitada por indígenas e até então não submetida ao Estado Argentino, nos dá margem para localizar a dicotomia civilização-barbárie no discurso de Roca.

A região que estava ao sul de Buenos Aires representava a barbárie a ser conquistada pelos “civilizadores portenhos”. O conceito de *desierto*, dando a entender que se tratava de um território vazio ou pouco povoado,⁷⁴ classificava os indígenas como não humanos e não portadores de civilização, logo teriam que ser eliminados do projeto de nação da *Generación del 80*.⁷⁵ O Informe Oficial da Comissão Científica enviada à Patagônia em 1879 sob as ordens do então General Roca nos dá uma dimensão a respeito dos resultados da guerra e da opinião do governo argentino a respeito dos indígenas e da situação dos territórios do sul:

Se trataba de conquistar un área de 15.000 leguas cuadradas ocupadas cuando menos por unas 15.000 almas, pues pasa de 14.000 el número de muertos y prisioneros que ha reportado la campaña. Se trataba de conquistarlas en el sentido más lato de la expresión. No era cuestión de recorrerlas y de dominar con gran aparato, pero transitoriamente, como lo había hecho la expedición del Gral. Pacheco al Neuquén, el espacio que pisaban los cascos de los caballos del ejército y el círculo donde alcanzaban las balas de sus fusiles. Era necesario conquistar real y eficazmente esas 15.000 leguas, limpiarlas de indios de un modo tan absoluto, tan incuestionable, que la más asustadiza de las asustadizas cosas del mundo, el capital destinado a vivificar las empresas de ganadería y agricultura, tuviera él mismo que tributar homenaje a la evidencia, que no experimentase recelo en lanzarse sobre las huellas del ejército expedicionario y sellar la toma de posesión por el hombre civilizado de tan

⁷⁴ Durante o século XIX, a densidade populacional era o meio de se medir o grau de civilização das nações. O filósofo francês Augusto Comte e o geógrafo alemão Friederich Ratzel, diziam que somente em um ambiente de condensação de população seria possível o desenvolvimento do intelecto. No caso das novas nações americanas, sobretudo de grande extensão territorial como o Brasil e a Argentina, a baixa densidade populacional significava atraso.

COMTE, A., Curso de Filosofia Positiva, In: MORAES FILHO, Evaristo (org.), Comte, p. 143 e RATZEL, F. *Le razze umane*, apud GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*, 311f. (Tese de Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 2000, p. 58-59.

⁷⁵ Existe um debate na historiografia sobre quem defende a tese do genocídio das populações indígenas. É o caso do historiador brasileiro Gabriel Passetti. Ver PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. São Paulo: Alameda, 2012.

Para a historiadora argentina Mónica Quijada, teria sido um processo onde o resultado foi a aculturação dos indígenas. Ver QUIJADA, Mónica, "Repensando la frontera Sur Argentina: Concepto, Contenido, Continuidades y Discontinuidades de una realidad espacial y étnica (Siglos XVII-XIX)", *Revista de Indias*, Madri, 2002, vol. LXII, núm. 224, p. 103-142.

Em nossa opinião, não existe dúvida de que tenha ocorrido um genocídio indígena na Patagônia, o que reflete na própria condição de minoria que os indígenas vivem hoje na região.

*dilatadas comarcas. Es evidente que en una gran parte de las llanuras recién abiertas al trabajo humano, la naturaleza no lo ha hecho todo, y que el arte y la ciencia deben intervenir en su cultivo, como han tenido parte en su conquista. Pero se debe considerar, por una parte, que los esfuerzos que habría que hacer para transformar estos campos en valiosos elementos de riqueza y de progreso, no están fuera de proporción con las aspiraciones de una raza joven y emprendedora; por otra parte, que la superioridad intelectual, la actividad y la ilustración, que ensanchan los horizontes del porvenir y hacen brotar nuevas fuentes de producción para la humanidad, son los mejores títulos para el dominio de las tierras nuevas. Precisamente al amparo de estos principios, se han quitado éstas a la raza estéril que las ocupaba.*⁷⁶

O conceito de *desierto* foi transplantado para outras regiões ainda não submetidas efetivamente pelo Estado Argentino, uma delas era o território de Misiones, outro “deserto” a ser conquistado. Os viajantes analisados nessa investigação, não deixaram de evocar e transpor tal conceito para Misiones ao redigirem seus relatos.

Florencio de Basaldúa, rememorando a sua primeira entrada na Argentina através da fronteira brasileira, classificou a região misionera como um “*desierto espléndido*”.⁷⁷ No momento em que já estava em meio à sua expedição científica, chamou Misiones de um “*rico y desierto territorio*”.⁷⁸ Mesmo quando encontrou “indícios de civilização” às margens do rio Uruguai, se surpreendeu ao comentar sobre como poderia haver aquilo em meio às “*fronteras del desierto*”.⁷⁹ Eduardo Ladislao Holmberg se surpreendeu ao encontrar um maquinário de última geração em um engenho açucareiro situado em meio ao “*desierto de Misiones*”.⁸⁰ No caso de Rafael Hernández, o viajante clamava pela chegada da civilização ao “deserto misionero”: “*Voz que clama en el desierto, apareja los caminos del porvenir*”.⁸¹

Em meio às guerras entre unitários e federalistas no início do século XIX, Misiones foi governado pelo caudilho indígena Andrés Guazurary.⁸² Se a alcunha de caudilho representava a barbárie para os unitários, o que representaria então um caudilho indígena de etnia guarani?

⁷⁶ Informe Oficial de la Comision Científica Agregada al Estado Mayor General de la Expedicion al Rio Negro realizada en los meses de Abril, Mayo y Junio de 1879 bajo las órdenes del General D. Julio. A. Roca, Buenos Aires: Imprenta de Ostwald y Martinez, 1881, Introducción p. XI.

⁷⁷ BASALDÚA, op., cit., p. 5.

⁷⁸ Ibid., p. 30.

⁷⁹ Ibid., p. 36.

⁸⁰ HOLMBERG, op., cit., p. 170.

⁸¹ HERNÁNDEZ, Rafael, *Cartas Misioneras*, Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1973, p. 141.

⁸² Andrés Guazurary ficou mais conhecido pela alcunha de Andresito Artigas. Justamente por ter sido apadrinhado pelo poderoso caudilho uruguaio José Artigas, tendo reconhecido Andresito como um dos seus principais aliados. Em 1811, foi aliado de Manuel Belgrano na campanha para libertar o Paraguai dos realistas. Após desavenças com Belgrano, passou para o lado dos federalistas, tendo sido nomeado *Comandante General de Misiones* por José Artigas em 1815, um cargo equivalente ao de governador. Seguiu as prerrogativas da

Para Hernández, o caudilho indígena teria sido um dos responsáveis pela ruína de Misiones ante a invasão dos lusos-brasileiros, o que denota o quanto estava influenciado pela visão unitária que atrelava os federalistas à barbárie. No caso de Andresito, ademais de se tratar de um caudilho, era considerado pelo viajante como um índio não domado pela civilização: “*Las invasiones de los Portugueses, las guerras intestinas y hasta las complicaciones en que los arrastro Artigas acuadillados por su hijo adoptivo el indomable indio Andresito Tacuary, precipitaron su ruina.*”⁸³

Em 1825, após a morte do caudilho indígena, Misiones permaneceu fora da órbita de Buenos Aires, sendo alvo de disputas entre o Paraguai e a província de Corrientes. Em 1881, após a Guerra do Paraguai, foi submetida diretamente a Buenos Aires como Território Federal, logo no início da gestão de Roca como presidente. Para chefiar o governo do recém-criado território, Roca nomeou o seu irmão, Coronel Rudecindo Roca, veterano da Guerra do Paraguai e da *Campaña del Desierto*. No entanto, havia um problema de litígio com relação às fronteiras de Misiones com o Brasil que somente seriam definidas em 1895 com a assinatura do Tratado de Palmas. O acordo foi mediado pelo presidente estadunidense Stephen Grover Cleveland, que arbitrou a favor do Brasil, tendo a Argentina perdido uma porção de território que considerava como parte do leste de Misiones.⁸⁴

Confederación de los Pueblos Libres de Artigas, tendo promulgado o que foi considerada a primeira Reforma Agrária da América Latina.

Em 1816, Misiones foi invadida por tropas Luso-Brasileiras, que para além de ambicionar o domínio da Banda Oriental, desejava aniquilar todos os aliados de Artigas. Andresito foi feito prisioneiro e levado para um presídio localizado na Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro. Segundo a historiografia argentina, Andresito teria sido libertado, mas o seu paradeiro após a sua liberação, permanece desconhecido até os dias de hoje.

AMABLE, María Angélica, ROJAS, Liliana Mirta e BRAUNIG, Karina Dohmann, *Historia Misionera: una perspectiva integradora*, Posadas: Montoya, 2011, p. 115-117.

Para mais dados sobre Andresito Artigas, ver: GONZALES, Juan, *Andres Guacurari y Artigas: Comandante Guaraní de los Pueblos Libres*, Paraná: Editorial Entre Ríos, 2012.

MACHÓN, José Francisco e CANTERO, Oscar Daniel, *Andresito Artigas, El líder guaraní-misionero del artiguismo*, Montevideo: Tierraadentro, 2013.

⁸³ HERNÁNDEZ, op., cit., p. 18.

⁸⁴ A Argentina reivindicava um território bem maior para o que ela considerava como parte de Misiones. Esse território incluía áreas do território brasileiro onde hoje se situam as partes oeste dos estados de Santa Catarina e Paraná. Para resolver esse problema de litígio de fronteira, foi convocada uma arbitragem internacional sob o auspício do presidente dos Estados Unidos, Stephen Grover Cleveland, que arbitrou em favor do Brasil em 1895, estabelecendo assim a linha de fronteira que perdura até hoje.

Mapa 4: Mapa argentino datado de 1882 onde o então Território Nacional de Misiones incluía as áreas a leste dos rios San Antonio e Pepirí Guazú, equivalentes atualmente às partes oeste dos estados do Paraná e de Santa Catarina.

Fonte: AMABLE, María Angélica, ROJAS, Liliana Mirta e BRAUNIG, Karina Dohmann, *Historia Misionera: una perspectiva integradora*, Posadas: Montoya, 2011, p. 154.

Misiones foi inserida nesse discurso em meio às transformações pela qual estava passando a Argentina no período. Durante o período da *Generación del 80*, o país se colocou entre as dez maiores economias do mundo. Esse processo de expansão do setor agropecuário pelas regiões dos pampas e da Patagônia e a necessidade de integrar o país ao mercado europeu, legitimou a política do governo de conquistar os “desertos” da nação e fomentar o povoamento com “raças civilizadas” da Europa, em detrimento das “raças bárbaras” indígenas. Já no caso de Misiones, a descoberta de grandes áreas dotadas de erva mate inseriu a região no projeto de conquista dos desertos da nação.⁸⁵

Da mesma maneira que expedições científicas foram enviadas à Patagônia sob a égide de Buenos Aires, Misiones também foi destino desses viajantes que igualmente estavam imbuídos do discurso positivista. Podemos notar que o debate sobre a preocupação

⁸⁵ ZOUVI, Susana, *La Federalización de Misiones*, Dossier: Reflexiones en torno a los estudios sobre Territorios p. 3. Disponível em <<http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/tn13.pdf>>. Acesso em 05-01-13.

relacionada com o problema da barbárie prevaleceu por todo o século XIX na Argentina. Se no início a preocupação era a de erradicar a herança espanhola, no decorrer do século as preocupações da elite portenha foram se direcionando para as províncias e sobre as suas populações. Assim, o sentimento da nação Argentina, pouco ou nenhum significado exercia sobre as populações dos extremos meridional (patagônicos) e setentrional (misioneros, chaqueños, salteños) do território considerado como argentino.

Em Misiones, o olhar civilizador dos viajantes encontrou um cenário diferente da Patagônia. A região já havia sido ocupada pelos jesuítas durante o período colonial e também havia sofrido influências dos caudilhos do interior no período pós-independência. No que toca à questão étnica, as populações indígenas misioneras eram majoritariamente de etnia guarani, além de também haver um grande contingente de população mestiça.

Apesar do contexto distinto em relação à Patagônia, algo em comum unificava a visão civilizadora que emanava de Buenos Aires a respeito de ambas as regiões, que era o dever de erradicar a barbárie e civilizar esses territórios.

Capítulo 2 - Projetos para Misiones: uma sociedade de fronteira

O contexto das expedições científicas direcionadas a Misiones foi marcado pela ascensão do presidente Roca ao poder no ano de 1880. O começo da sua gestão marcava o início de uma Argentina unificada na teoria, mas que ainda carregava as marcas da influência da *Generación del 37*. As ideias postuladas por Sarmiento, Alberdi e Echeverría, no que tocava à dicotomia civilização-barbárie, ainda seguiam na pauta de discussão da elite governante. Afinal, o questionamento sobre como erradicar a “barbárie interna” seguiu vigente no período da *Generación del 80*. Os membros da geração anterior não acreditavam que tal processo pudesse culminar em seu tempo. Seriam eles apenas os fornecedores do “quadro ideológico” com vistas a orientar seus sucessores.⁸⁶

No que tocava a formação de uma nação unificada de fato, as palavras de Alberdi ainda se faziam presentes no contexto roquista: “*La unidad implícita, intuitiva, que se revela cada vez que se dice sin pensarlo: República Argentina, Territorio Argentino, Pueblo Argentino y no República Sanjuanina, Nación Porteña, Estado Santafesino.*”⁸⁷

Para o presidente Roca, não havia espaço para regionalismos, a nação teria que ser forjada a todo custo. Misiones, sendo considerada como um dos cantos recônditos da nação, necessitava ser definitivamente integrada. As palavras de Alberdi, ainda faziam sentido para o então presidente, o que denotava o quanto a influência da *Generación del 37* se fazia presente no período da *Generación del 80*.

No capítulo a seguir, apresentaremos Roca como um “personagem de fronteira” e como sua vivência em um ambiente frontereiro exerceu influência direta no seu intuito de levar a civilização para a *hinterland* de Misiones, considerada uma região “bárbara e atrasada”.

A ação civilizatória de seu governo foi amparada por um grupo de intelectuais que o apoiavam, seja de uma maneira direta, através de expedições fomentadas diretamente pelo seu governo, seja pela via indireta, por meio das instituições científicas que legitimavam o discurso do governo de Buenos Aires.

Analisaremos a seguir, algumas das estratégias utilizadas pelos viajantes para justificar o avanço da fronteira no nordeste argentino. Fronteira nesse sentido, não implica somente o

⁸⁶ SHUMWAY, op., cit., p. 197.

⁸⁷ ALBERDI, Juan Bautista, *Bases y punto de partida para la organización política de la Republica Argentina*, p. 51-52.

quesito fronteira política. O território argentino já existia e estava unificado, restava então aos viajantes a incumbência de reunir elementos que justificassem o avanço da fronteira da civilização sobre uma região ainda considerada bárbara. Sendo provenientes da “civilizada” Buenos Aires, os viajantes tiveram como destino uma região que consideravam como a sua “barbárie interna”.

2.1. A ascensão de Roca e a expansão da fronteira

O ano de 1880 marcou o momento da federalização de Buenos Aires. A cidade porto por fim se encontrava integrada a um Estado argentino de fato unificado, tendo agora Buenos Aires como capital federal. Esse é o cenário político que Julio Argentino Roca encontrou ao assumir a presidência do país nesse mesmo ano.⁸⁸

Embora as tensões internas no que concernia às guerras civis tenham de certa forma se atenuado, a problemática que envolvia a construção da nação ainda era uma questão pendente para a elite dirigente da *Generación del 80*. Afinal, o projeto de erradicação da barbárie ainda estava em curso. Ainda que os caudilhos das províncias a essa altura tivessem sido praticamente aniquilados, restava a problemática de unificar efetivamente as províncias que permaneceram tanto tempo sob a égide desses caudilhos. Os regionalismos ainda eram fortes, a nação Argentina pouco representava para as populações desses lugares. Afinal era difícil eliminar as identidades locais de forma sumária. Ou seja, a problemática da construção da nação Argentina perdurou por todo o século XIX.

Pouco antes de assumir a presidência, Roca enviou uma carta a Dardo Rocha,⁸⁹ que bem expressava o sentimento da necessidade de unificar efetivamente a nação:

[...]¿Cuál será el desenlace de este drama? Creo firmemente que la guerra. Caiga la responsabilidad y la condenación de la historia sobre quienes la tengan; sobre los que pretenden arrebatarse por la fuerza, los derechos políticos de sus Hermanos! [...]Ya que lo quieren así, sellaremos con sangre y fundiremos con el sable, de una vez para siempre, esta nacionalidad

⁸⁸ O episódio conhecido como *Revolución de 1880* é considerado como o último episódio das guerras civis entre Buenos Aires e as províncias argentinas. Teve como principal consequência, a derrota da Província de Buenos Aires, que perdeu a jurisdição sobre a cidade de Buenos Aires, que a partir de então passou a ser capital federal do Estado Argentino, sendo que a capital da província de Buenos Aires foi transferida para La Plata, cidade projetada exclusivamente para esse fim.

⁸⁹ Político e militar que governou a província de Buenos Aires entre 1881 e 1884.

*argentina, que tiene que formarse, como las pirámides del Egipto y el poder de los imperios, a costa de la sangre y sudor de muchas generaciones.*⁹⁰

Essa carta faz alusão ao contexto das guerras internas nas quais estava envolvido. Eram as campanhas militares de anexação dos territórios indígenas ao sul (região pampena e patagônica) e ao norte de Buenos Aires (região do Chaco), episódios que ficaram conhecidos respectivamente como *La Campaña al Desierto* e *La Campaña del Chaco*.

Roca deixou claro que qualquer resistência ao modelo de nação proposto pelo seu governo seria respondida com guerra. Nesse caso, o conflito não era com os caudilhos, mas sim com as etnias indígenas que resistiram a esse modelo de nação. Para essas comunidades indígenas a bandeira branca e celeste nada significava, no entanto, a prerrogativa de Roca era a de fincar definitivamente a bandeira argentina nos confins das fronteiras norte e sul da nação. Não haveria mais postos militares que demarcassem a fronteira entre a civilização e a barbárie:

*Continuaré las operaciones militares sobre el sur y el norte de las líneas actuales de frontera, hasta completar el sometimiento de los indios de la Patagonia y del Chaco, para dejar borradas para siempre las fronteras militares, y a fin de que no haya un solo palmo de tierra argentina que no se halle bajo la jurisdicción de las leyes de la nación.*⁹¹

O historiador argentino Natalio Botana, referindo-se às teorias clássicas de François Bourricaud e Bertrand de Jouvenel no que diz respeito às questões de acordo e coerção, indaga sobre quais são os meios que possibilitariam levar a cabo um processo de redução a uma unidade política consolidada.⁹² Segundo o autor, no caso do acordo, uma unidade política se daria através de um consenso pelo qual todos os participantes se obrigariam voluntariamente a transferir parte de sua capacidade de decisão a uma autoridade comum, que a partir de então, será obedecida. Por outro lado, no caso da coerção, a unidade política é empresa de conquista, nesse caso a obediência se obtém pelo uso da força.⁹³ O uso da força não era nenhuma novidade na Argentina oitocentista repleta de guerras civis. As batalhas de

⁹⁰ De una carta de Julio A. Roca, dirigida a Dardo Rocha el 23 de abril de 1880 apud BOTANA, Natalio R., *El Orden Conservador, La Política Argentina entre 1880 y 1916*, Buenos Aires: Hispamérica 1986, p. 25.

⁹¹ ROCA, Julio Argentino, *Discurso ante el Congreso al asumir la presidencia*, p. 489, CD encartado no livro: HALPERIN DONGHI, Tulio, *Proyecto y construcción de una Nación (1846-1880)*, Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

⁹² BOTANA, op., cit., p. 27.

⁹³ Ibid., p. 27.

repressão aos caudilhos federalistas por parte do poder central de Buenos Aires consistiram em 91 combates com um saldo de 4728 mortos.⁹⁴

Mesmo sendo partidário da causa unitária e louvando o fim dos provincialismos, o político José Posse⁹⁵, em carta endereçada a Sarmiento, manifestou preocupação com a onda de violência exercida pelo poder central de Buenos Aires: *“Estoy conforme en que la pacificación trae entre sus trofeos la muerte del provincialismo; pero, ¿qué haremos del militarismo que viene penetrando hasta en las entrañas de nuestro cuerpo?”*⁹⁶

Mesmo o próprio Sarmiento, que outrora também havia empreendido uma política militarista em seu governo, fez duras críticas à política militarista de Roca:

*No sabemos efectivamente con qué derecho se puede hacer que el ejército argentino no tenga otra misión ni otro objeto Pero el hecho es innegable. El ejército no ha servido durante la administración de Roca sino para avasallar las libertades públicas. Desde del primer año del gobierno del general Roca se hizo manifiesto y propósito de formar un ejército formidable, doblando su efectivo, precisamente cuando desaparecía por completo toda amenaza de conciliación exterior, cuando las fronteras no exigían sino fuerzas muy limitadas y cuando la paz interna no podía ser perturbada.*⁹⁷

Pouco antes da ascensão de Roca, o presidente que o antecedeu, Nicolás Avellaneda, emitiu um decreto que proibiu as províncias de manterem um corpo militar próprio.⁹⁸ Podemos compreender essa postura ao pensarmos na teoria de Norbert Elias de que o processo civilizador se completaria com a monopolização da violência por parte do poder central. Logo, era somente por essa via que seria possível civilizar os cantos recônditos da nação.

Para Roca, o lema de seu governo - *Paz y Administración* - significava que essa paz seria conquistada a qualquer custo, nem que para isso fosse necessária a utilização da coerção. Isso também refletia suas intenções de monopolizar a violência nas mãos do Estado, o verdadeiro dententor das rédeas da civilização, era essa a tônica do seu discurso de posse:

Necesitamos paz duradora, orden estable y libertad permanente; y a este respecto lo declaro bien alto deste este elevado asiento para que me oiga la

⁹⁴ Ibid., p. 30.

⁹⁵ Jornalista e político argentino que teve uma relação muito próxima a Sarmiento. Também foi governador da Província de Tucumán entre 1864 e 1866.

⁹⁶ VÁZQUEZ RIAL, Horacio, "Los Ochenta". In: VÁZQUEZ RIAL, Horacio (Org.) *Buenos Aires 1880-1930. La capital de un imperio imaginario*. Madrid: Alianza Editorial, 1996, p. 91.

⁹⁷ Ibid., p. 91-92

⁹⁸ BOTANA, op., cit., p. 35.

*República entera; emplearé todos los resortes y facultades que la Constitución ha puesto en manos del Poder Ejecutivo para evitar, sufocar y reprimir cualquier tentativa contra la paz pública. En cualquier punto del territorio argentino en que se levante un brazo fratricida, o en que estalle un movimiento subversivo contra una autoridad constituida, allí estará todo el poder de la Nación para reprimirlo.*⁹⁹

Os meios coercitivos a essa altura já estavam sendo utilizados na Patagônia e no Chaco. Mas pensemos no caso de Misiones. Como é que a região estava inserida nesse processo?

O caso de Misiones não é diferente das duas regiões citadas acima, pois até então mantinha vida própria à margem dos acontecimentos em Buenos Aires. A diferença básica é a de que Misiones já tinha um histórico de contato com europeus devido às missões dos jesuítas, e mais tarde com o Estado paraguaio que disputava o domínio da região com a Argentina.¹⁰⁰ Nesse caso, nota-se no fim do século XIX uma sociedade híbrida em Misiones, constituída por uma população composta essencialmente pelo elemento mestiço de europeu e indígena, além de tribos guaranis espalhadas pelo seu território. Este cenário era diferente da Patagônia e do Chaco, onde os grupos indígenas estavam sob um relativo isolamento.¹⁰¹

Mesmo não tendo que utilizar-se do emprego efetivo da guerra e da coerção, o governo de Roca enxergava Misiones como mais uma fronteira a ser conquistada de maneira efetiva. O poder de Buenos Aires teria que finalmente se encontrar instalado no extremo nordeste da nação. Somente Buenos Aires poderia monopolizar o poder nessa *hinterland*. Para Alcaráz, os relatos dos viajantes faziam parte dessa dinâmica:

Los viajes de exploración constituyeron uno de los procedimientos aceptados para la construcción del escenario geográfico nacional, bajo el supuesto de la elaboración de un conocimiento exhaustivo de los «nuevos territorios» que demostraba la capacidad de un Estado para conquistarlo no

⁹⁹ BRAUN MENÉNDEZ, Armando, "Primera Presidencia de Roca", in *Historia Argentina Contemporánea, 1862-1930, vol. I*, ANH Ateneo: Buenos Aires, 1964, p. 277 apud BOTANA, op., cit., p. 35.

¹⁰⁰ Até a Guerra da Tríplice Aliança, parte do território de Misiones era reclamado pelo Paraguai. O exército paraguaio chegou a ocupar militarmente a região da capital Posadas, até que com o fim da guerra em 1870, essa área passou para à jurisdição argentina.

¹⁰¹ A conquista do Chaco teve várias similaridades com a *Campaña al Desierto* na Patagônia. Sobretudo no que tocava a política do avanço gradativo da linha de forte militares que demaravam a fronteira com a zona ocupada pelos indígenas. Em 1884, durante o governo de Roca, uma campanha militar foi enviada com o intuito de avançar a fronteira do Estado argentino até o rio Bermejo. Em 1899, a fronteira avançou até o rio Pilcomayo. Mas foi somente em 1919 que foi considerada concluída a conquista do Chaco. Ver: SPOTA, Julio César, "Los fortines en la frontera chaqueña (1862-1884) - Un enfoque desde la antropología histórica en relación con la teoría de las organizaciones", *Memoria Americana*, Buenos Aires, nº 17 (1), 2009, p. 85-117.

Sobre a dinâmica do avanço da linha dos fortes militares na Patagônia, ver PASSETTI, op., cit.

*sólo por las armas, sino a través del saber: creando jerarquías, taxonomías, promoviendo la explotación de las riquezas naturales.*¹⁰²

O imaginário sobre as fronteiras era algo comum às novas nações americanas dotadas de grandes espaços internos. Concomitante ao processo argentino de alargamento de suas fronteiras internas, o historiador estadunidense Frederick Jackson Turner pensou a história dos Estados Unidos a partir da história da fronteira. Para ele, o avanço da fronteira no sentido oeste é o que ao mesmo tempo explica e dá uma conotação singular à formação do país.¹⁰³ Era também uma luta da civilização contra a barbárie, que estaria representada dentre outros elementos, pela cultura indígena. Sendo assim, os indígenas eram excluídos desse modelo de nação. Nesse caso encontramos uma similaridade entre o modelo proposto por Turner para explicar os Estados Unidos, e o projeto de exclusão pensado por Roca para a Argentina do final do século XIX.

A própria trajetória política de Roca também nos ajuda a entender essa problemática. Entre 1870 e 1874, foi *jefe de fronteras* na província de Córdoba. Após esse período foi promovido a general pelo presidente Avellaneda. Até 1878 atuou como *comandante general de fronteras*, tendo como base a cidade de Río Cuarto na província de Córdoba, importante posto fronteiriço e zona de contato onde frequentemente ocorriam conflitos entre *criollos* e indígenas desde o período colonial.¹⁰⁴ Ainda na gestão do presidente Avellaneda, foi nomeado *Ministro de Guerra y Marina* em 1878, onde foi o artífice da *Campaña al Desierto* na fronteira sul argentina.¹⁰⁵

Vemos que a problemática que envolvia a fronteira era de alta significância na Argentina do século XIX. Não foi por acaso que um militar encarregado do comando de

¹⁰² ALCARÁZ, 2007, p. 42.

¹⁰³ Em 1893, Frederick Jackson Turner apresentou a *American Historical Association* o artigo "The Significance of the Frontier in American History", onde apresentava a sua *Fronthier Thesis*, estudo que veio a influenciar toda a historiografia estadunidense, além de exercer influência sobre os estudos da fronteira nas demais nações do continente americano.

TURNER, op., cit., p. 23-54.

Sobre alguns exemplos de estudos sobre Turner na Argentina, ver:

CLEMENTI, Hebe, *F.J. Turner*, Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1968.

MAYO, Carlos A. e LATRUBESSE, Amalia, *Terratenientes, soldados y cautivos: la frontera, 1736-1815*, Buenos Aires: Biblos, 1998.

ZUSMAN, Perla, "Entre el lugar y la línea: la constitución de las fronteras coloniales patagónicas 1780-1792", *Fronteras de la historia*, número 6, Bogotá, 2001, p. 41-67.

QUIJADA, op., cit., p. 103-142.

¹⁰⁴ OLMEDO, Ernesto, "El silencio militar en la frontera del Río Cuarto a mediados del siglo XIX. Una clave para comprender el conflicto", *Revista Tefros*, Río Cuarto, v.4, nº 2, 2006. Disponível em <<http://www.unrc.edu.ar/publicar/tefros/revista/v4n2p06/paquetes/olmedo.pdf>>. Acesso em 10-05-2013.

¹⁰⁵ ÍSOLA, Viviana G., "Semblanza de un hombre de Estado: Julio Argentino Roca, 1880-1914". In: VÁZQUES RIAL, Horacio (Org.) *Buenos Aires 1880-1930. La capital de un imperio imaginario*. Madrid: Alianza Editorial, 1996, p. 111.

postos de fronteira tenha chegado à presidência. Misiones estava inserida nesse contexto fronteiriço, já que se tratava da fronteira nordeste da nação, além de ser também uma zona que estava em litígio com o Brasil. Sendo assim, a nacionalização desse território demandava um esforço urgente por parte de Buenos Aires.

A expansão das fronteiras também respondia aos anseios de uma classe dirigente argentina em contínua expansão. A crescente rentabilidade agropecuária na região dos pampas tinha implicações diretas na conquista de novas terras em nome dessa mesma classe. De acordo com Botana, o poder econômico confunde-se e está estreitamente vinculado com o poder político.¹⁰⁶ Afinal, para quem Roca governava senão para essa classe proprietária?

Agora cabe explicar: qual era o fio condutor que conectava Misiones e a expansão dessa classe proprietária pelo pampa argentino?

No decorrer do século XIX, em meio ao contexto da economia mundial e da Divisão Internacional do Trabalho, a Argentina se inseriu nessa dinâmica assentando suas bases produtivas no modelo agroexportador, atendendo à demanda europeia por carnes e cereais. Esse modelo privilegiava a região do pampa ao sul de Buenos Aires, dotado de clima temperado e de uma geografia ideal para o desenvolvimento desse modelo produtivo. O desenvolvimento desse processo teve estreita relação com um mercado interno que veio atender à demanda proporcionada pelo crescente poderio da elite pecuarista portenha. Dessa maneira, províncias até então dotadas de economias isoladas (a própria fragmentação da Argentina durante o século XIX explica esse fato) se inseriram nessa lógica do mercado interno. As províncias de Tucumán e Jujuy se especializaram na produção de cana de açúcar, enquanto que Chaco e Formosa produziam algodão. Misiones, detentora de uma grande área abundante em erva mate,¹⁰⁷ se inseriu nessa lógica na qual o consumo interno da erva se acentuou cada vez mais.¹⁰⁸

Após o fim da Guerra do Paraguai em 1870, Misiones foi formalmente integrada à província de Corrientes. No entanto, o objetivo do governo central de Buenos Aires de colocar essa região estratégica de fronteira sob seu domínio direto resultou no decreto da federalização desse território em 1881, criando assim o *Territorio Nacional de Misiones*,

¹⁰⁶ BOTANA, op., cit., p. 71.

¹⁰⁷ A exploração da erva-mate no século XIX se deu basicamente pela exploração das suas reservas naturais, já que a essa altura desconhcia-se os métodos de cultivo que foram implementados posteriormente no século XX. Os jesuítas haviam desenvolvido maneiras de cultivo no século XVIII. No entanto, essas técnicas julgavam-se perdidas, problemática esta que permeou os debates dos viajantes sobre o processo civilizatório em Misiones. Tal debate será exposto mais adiante nesta investigação.

¹⁰⁸ ZOUVI, op., cit., p. 3.

ainda que sob os protestos de Corrientes que perdia uma parte importante de seu território. Seria ainda um resquício dos conflitos entre Buenos Aires e as províncias?

Os seguintes fatos nos ajudam a compreender essa problemática: em 1876, o governo de Buenos Aires já havia tentado a federalização de Misiones. A intenção era a de colonizar e ocupar a região com postos militares com vista a tentar barrar o expansionismo brasileiro. Tal ação não foi concretizada devido à própria oposição de Corrientes.¹⁰⁹ Tal postura explica o quanto, em alguns momentos, os interesses das províncias se sobrepunham aos interesses nacionais.

Em 1880, o governo de Corrientes se opôs a Roca durante as eleições que o levaram ao poder. A resposta imediata de Buenos Aires foi uma intervenção armada por parte do presidente Avellaneda sob a justificativa da província ter se levantado contra a nação.¹¹⁰ Foi um claro aviso sobre quem detinha as rédeas do poder e do processo civilizador.

O avanço das fronteiras se justificava mediante a reorganização do sistema econômico argentino e consequentemente, da própria reorganização territorial, da qual Misiones fazia parte. Durante a gestão de Roca foi promulgada a lei nº 1532 de Organização dos Territórios Nacionais, pela qual se reafirmou a posição de Misiones como território nacional. Além disso, também foram criados mais oito territórios nacionais.¹¹¹

Dessa forma, Misiones se inseriu na lógica do avanço da fronteira norte argentina, ainda tendo a peculiaridade de ter parte do seu território em litígio com o Brasil. A criação do Território de Misiones era também uma questão geopolítica, já que foi considerada também uma resposta de Roca ao governo brasileiro que havia criado colônias militares no lado brasileiro da fronteira.¹¹²

Esse território era tão estratégico que o primeiro governador nomeado por Buenos Aires foi o próprio irmão do presidente Roca. Rudencino Roca era militar veterano da Guerra do Paraguai e da *Campaña del Desierto*, tendo ficado no cargo por quase dez anos. Possuía o perfil adequado para assegurar a influência de Buenos Aires na região. Dessa maneira, Misiones se encaixou na escala de subordinação por meio da qual o governo de Buenos Aires,

¹⁰⁹ AMABLE, 2011, p. 152.

¹¹⁰ Ibid., p. 9.

¹¹¹ Foram criados os seguintes territórios nacionais:

Norte: Misiones, Formosa e Chaco.

Sul: La Pampa, Neuquén, Rio Negro, Chubut, Santa Cruz e Tierra del Fuego.
Projeto de lei disponível em
<http://es.wikisource.org/wiki/Ley_N%C2%B0_1532_de_Organizaci%C3%B3n_de_los_Territorios_Nacionales>. Acesso em 05-05-13.

¹¹² Sandra Gasparini faz menção a esse fato em seus comentários na reedição do livro de Eduardo L. Holmberg (um dos viajantes analisados nessa investigação). HOLMBERG, op., cit., p. 337.

representando a ponta dessa hierarquia, detinha o poder direto de nomear sucessores nas províncias.¹¹³ No caso misionero, pela primeira vez havia uma autoridade de Buenos Aires instalada formalmente em seu território. No plano simbólico, representava a afirmação de quem detinha as rédeas do processo civilizador em Misiones.

Os ingredientes para justificar o discurso do avanço da fronteira nordeste estavam colocados em cena: por um lado, a abundância da erva mate em Misiones possibilitava que a Argentina aspirasse a uma produção autossuficiente desse produto.¹¹⁴ Por outro lado, a ameaça do país vizinho também pairava no ar, o que gerava um problema geopolítico que demandava uma urgente presença efetiva do Estado Argentino na região.

Durante a gestão de Roca, emergiu um amplo ambiente intelectual que alicerçou as diretrizes do seu governo. Esse grupo de letrados que posteriormente foi denominada pela alcunha de *Generación del 80*, defendia posturas positivistas, simbolizando sua atuação com o lema de Auguste Comte: ordem e progresso. Acreditavam cegamente no progresso, identificando tal conceito com o crescimento econômico e com o advento da modernidade. A ordem era considerada uma condição necessária para tal progresso. Esse discurso legitimava uma ordem burguesa em detrimento do modo de vida camponês e de subsistência. Um valor originalmente europeu que - guardadas as devidas seleções - encontrou correspondência no discurso da elite portenha. Pensando na dicotomia centro-periferia, Misiones era o alvo do discurso que negava o seu modelo de sociedade até então autônomo e considerado como periférico pelos portenhos. Tal discurso a colocava numa posição de subordinação ante o modelo de centralidade proveniente de Buenos Aires.¹¹⁵

Esses ideais se encontravam em total consonância com as diretrizes do governo de Roca. Foi em meio a esse contexto que se inseriram os viajantes que partiram de Buenos Aires rumo a Misiones, não sem estarem imbuídos do discurso positivista que emanava do governo de Buenos Aires. Eram os civilizados de Buenos Aires que partiram em direção à

¹¹³ BOTANA, op., cit., p. 75.

¹¹⁴ Para que se tenha uma ideia da dimensão da dependência das importações de erva mate brasileira, cabe citar que no ano de 1860 foram importadas 5.018.488 kg de erva do Brasil. Doze anos depois esse número subiu para 16.359.974 kg. Somente na década de 1930 do século seguinte é que a Argentina se tornou autossuficiente em matéria de erva-mate. Ver: BOLSI, Alfredo S.C., *El Primer Siglo de Economía Yerbatera, Folia Historica del Nordeste*, Resistencia, nº 4, 1980, p. 128.

SEGASTIZÁBAL, Leandro de, *La Yerba mate y Misiones*, Buenos Aires: Centro Editor de América latina, 1984, p. 89.

¹¹⁵ Mary Louise Pratt faz essa discussão sobre como o discurso que legitimava a ordem burguesa europeia também foi utilizado pelas novas elites americanas, incluindo a que surgiu na Argentina no século XIX. PRATT, op., cit., p. 37.

barbárie desconhecida de Misiones. Levar a civilização e o desenvolvimento para um lugar ainda considerado bárbaro, era uma tarefa que julgavam realizar em nome da pátria.

2.2. Os viajantes a serviço da pátria

As expedições de exploração direcionadas às diversas partes do território do país durante o governo Roca geraram uma riqueza ignota, que demandava trabalho ordenado e sem pausa. Esse contexto exerceu influência direta no ambiente intelectual que alicerçou o governo a partir de 1880. Era necessário mapear, identificar e descrever as regiões até então consideradas recônditas. O governo viu a necessidade de estar alicerçado por um ambiente intelectual que colaborasse com tal empreendimento. Pessoas que acreditavam no progresso humano e que se empenhassem no labor de levar a civilização para os cantos mais recônditos da nação.

No entanto, tudo o que diz respeito à civilização não se sustentava sem o seu par antagônico que é a barbárie. Pensar maneiras sobre como erradicá-la também era pauta no discurso dessa geração de intelectuais.

Em 1872, durante a gestão do presidente Sarmiento, foi criada a *Sociedad Científica Argentina*, que foi considerado como o primeiro esforço de coordenar o desenvolvimento científico argentino na época. Dessa instituição se ramificaram outras de caráter científico, dentre elas estava o Instituto Geográfico Argentino.

O Instituto Geográfico Argentino foi criado durante a gestão Roca em meio ao contexto em que as instituições científicas tiveram um papel central nesse empreendimento “civilizatório”. A política de expansão das fronteiras, empreendida pelo governo, demandava o apoio logístico dessas instituições. Os membros dessas instituições, muitas vezes transitavam livremente entre o ambiente científico e o espaço político propriamente dito, tendo cargos importantes em ministérios e alguns sendo inclusive nomeados governadores de províncias argentinas.¹¹⁶ A combinação entre ciência e política pode ser sintetizada nas palavras abaixo, deferidas pelo fundador do Instituto Geográfico, Estanislao Zeballos:

Mas a conquista do deserto fechava um problema mais urgente; o estudo e colonização daqueles territórios; e foi então que os mesmos estudantes

¹¹⁶ Estanislao Severo Zeballos foi o primeiro presidente do Instituto Geográfico Argentino. Além da constante atuação no meio científico argentino, foi deputado nacional e Ministro de Relações Exteriores, exercendo um papel fundamental nas questões limítrofes com o Chile e com o Brasil. Ramón Lista e Florencio de Basaldúa, dois dos viajantes analisados nessa pesquisa, foram nomeados respectivamente como governadores dos territórios nacionais de Santa Cruz e Chubut.

daquele tempo acharam necessário fundar o Instituto Geográfico Argentino, para que estivesse a frente das pesquisas que tinham por objetivo civilizar nossos desertos.¹¹⁷

Do Instituto Geográfico, se desprende a *Sociedad Geográfica Argentina*,¹¹⁸ presidida por Ramón Lista, um dos viajantes analisados nessa investigação. Esta instituição, a exemplo das outras anteriormente citadas, estava em total consonância com a ideologia do governo no que concernia à marcha rumo à fronteira. Lista, assim como Roca, teve uma trajetória de vida notadamente marcada pela experiência junto às fronteiras do território argentino.

Nascido em Buenos Aires no ano de 1856, sua família era essencialmente de origem *criolla*. Seu avô, seu homônimo, foi coronel de infantaria durante o período colonial. A tradição militar de sua família o influenciou totalmente já que mais tarde foi incorporado ao exército argentino como chefe de comissões exploradoras. Aos 15 anos já lecionava História e Geografia no *Colegio del Salvador* de propriedade dos jesuítas, o que também denota a forte influência da família Lista no meio da aristocracia portenha do século XIX. O fato de que desde cedo tenha se mostrado inclinado a essas disciplinas, influenciaram totalmente sua trajetória de vida.¹¹⁹

Se na Europa a curiosidade e o imaginário a respeito do continente americano eram uma constante, é possível traçar um paralelo sobre o que concomitantemente ocorria em Buenos Aires. Para um cientista como Ramón Lista, os espaços internos da Argentina também se inseriam nesse imaginário do desconhecido: era o olhar europeu transplantado e reinterpretado na América, visão esta que se tornava pragmática e ao mesmo tempo servia os anseios da elite portenha. Tratava-se do olhar de um americano a respeito do seu próprio espaço interno ainda desconhecido. Ser geógrafo nessa altura significava também ir literalmente a campo em “busca de aventuras”. Não foi mera coincidência o fato de que tenha sido nesse período que vieram à luz as obras de autores como Júlio Verne e Alexandre Dumas. A busca pelo desconhecido era algo que permeava a mente não apenas de europeus, mas também de homens da América como Lista.

No entanto, as suas maiores influências no que dizia respeito a exploradores não eram europeias. Dizia-se influenciado pelo chileno Guillermo Eloy Cox e pelo argentino Francisco

¹¹⁷ ZEBALLOS, Estanislao, “La década de oro de la mentalidad argentina”, *Revista de Derecho, Ciencias y Letras*, Vol LX, 1916 apud ZUSMAN, Perla Brígida, *Sociedades Geográficas na promoção do saber ao respeito do território. Estratégias políticas e acadêmicas das instituições geográficas na Argentina (1879-1942) e no Brasil (1838-1945)*, 209 f. (Dissertação de Mestrado) – PROLAM/USP, São Paulo, 1996, p. 29.

¹¹⁸ Segundo Zusman, ainda não ficou claro o motivo de tal cisão. ZUSMAN, op., cit., p. 43-46.

¹¹⁹ Aguilar, H. 2008. Ramón Lista. *El Carnotaurus*. Boletín del Museo Argentino de Ciencias Naturales Bernardino Rivadavia. Año X. Número 99 Jan. 2009 p. 15-16. Disponível em <<http://historianatural.wordpress.com/2009/02/12/ramon-lista-el-explorador-sin-liites/>>. Acesso em 10-10-12.

Pascasio Moreno,¹²⁰ viajantes que haviam realizado explorações à Patagônia, anteriores a Lista.¹²¹ Estes dados demonstram as intenções de conformar um pensamento autônomo em relação à Europa, ainda que carregado das influências que advinham do velho mundo a essa altura.

Suas primeiras explorações foram em direção à fronteira sul argentina, na Patagônia. Após uma tentativa frustrada no fim de 1877,¹²² empreendeu nova tentativa em janeiro de 1878. Dessa expedição foi concebida a obra *Viaje al pais de los Tehuelches*. Essas expedições tiveram o total subsídio do Estado Argentino que estava interessado em mapear essas áreas. Outro fator de interesse era o problema geopolítico da definição das fronteiras com o Chile na Patagônia.

Ramón Lista sempre foi um homem estreitamente ligado aos poderes políticos em Buenos Aires. Entre 1887 e 1892 ocupou o cargo de governador do então recém-criado *Territorio Nacional de Santa Cruz* na Patagônia, que assim como Misiones e os outros territórios federais, foram criados durante a gestão do presidente Roca.

Em 1882 o governo de Roca encomendou diretamente a Lista uma expedição a Misiones. O relato dessa expedição foi publicado no ano seguinte sob o título *El Territorio de Las Misiones*. Tal expedição respondia às mesmas necessidades das anteriores, com a diferença básica de que dessa vez o destino foi o nordeste argentino de clima subtropical,¹²³ um ambiente totalmente oposto ao da gélida Patagônia. No entanto, as intenções do governo para com Misiones não diferiam das que eram propostas para a fronteira sul. Vista como um território igualmente virgem, era necessário ocupá-la e prepará-la para a chegada do progresso e da civilização que seriam levados pela nação argentina.

¹²⁰ Guillermo Eloy Cox foi um explorador e político chileno que realizou expedições à Patagônia sob o patrocínio do presidente chileno Manuel Montt. Francisco Pascasio Moreno, mais conhecido como Perito Moreno, foi um dos pioneiros da causa científica argentina, também foi um político de destaque no que tocou as resoluções de conflitos fronteiriços com o Chile.

¹²¹ LISTA, Ramón, *Viaje al Pais de los Tehuelches - Exploraciones en la Patagonia Austral*, Buenos Aires: Imprenta de Martin Biedma, 1879, p. 5.

¹²² Lista ficou impedido de prosseguir viagem devido a um motim na colônia prisional de Punta Arenas, na Patagônia Chilena.

¹²³ O clima subtropical é característico da zona próxima ao Trópico de Capricórnio, que é onde se localiza Misiones. Apesar desse tipo de clima ser diferente e mais frio em comparação com o clima tropical predominante nas zonas mais próximas à linha do Equador, os viajantes demonstram em seus relatos todo um imaginário a respeito de uma zona tipicamente tropical, o que denota a influência europeia no que tangia o imaginário das regiões tropicais da América. Buenos Aires, apesar de também estar localizada na zona subtropical, possui invernos mais rigorosos justamente por estar mais ao sul. Essa diferenciação climática entre Buenos Aires e Misiones é ressaltada pelos viajantes e corrobora para a construção de Misiones como um lugar tipicamente tropical.

Mapa 5: Itinerário de Ramón Lista em 1882

Fonte: NOGUEIRA, Miguel, 2014.

O relato de Lista nos dá uma grande dimensão sobre as intenções do governo para com a região. A obra é estruturada em 12 capítulos que compreendem em sua maior parte, dados referentes à demografia, hidrografia e mapeamento de áreas aptas para colonização, além de indicar os recursos naturais que poderiam ser aproveitados tanto na agricultura, como para a indústria. Neste caso, o domínio da natureza da região, favorecido pela expedição científica, aparece como uma medida civilizatória já que a natureza e a História Natural ocupam um

lugar privilegiado na mentalidade de homens da ciência. Por trás da busca de um domínio, existia uma perspectiva utilitarista, sendo a natureza de Misiones virada para o favorecimento do homem.¹²⁴

O relato foi publicado logo em seguida ao retorno da expedição. O caráter oficial da obra é evidenciado pelo fato de haver sido editada pela *Imprenta La Universidad*, local onde eram realizadas as publicações oficiais do governo argentino na época. O público leitor desse gênero de publicação era essencialmente composto pela elite letrada de Buenos Aires. Alguns deles já eram grandes proprietários de terras no pampa e nesse momento também ansiavam por se tornarem grandes proprietários em Misiones.

Acreditamos que a curiosidade a respeito das potencialidades econômicas na fronteira nordeste tenha despertado um ávido interesse dessa elite para com esse tipo de publicação. Consequentemente, um público leitor desse gênero de relatos de viagem foi se formando em Buenos Aires no final do século XIX, momento em que os viajantes publicaram seus relatos sobre Misiones.

O relato de Lista causou impacto imediato nas autoridades de Buenos Aires. Resultado direto de suas observações a respeito das áreas aptas para a colonização às margens do rio Paraná foi o decreto emitido por Roca para a construção de duas novas colônias em Misiones, que Lista fez questão de anexar na publicação de seu relato.¹²⁵

O local escolhido para a construção das duas novas colônias projetadas pelo governo foram as margens do rio Paraná. De acordo com o que sugeria o decreto, foram reaproveitadas duas antigas cidades jesuíticas: Santa Anna e Candelária. A intenção era a de aproveitar as bases já existentes, utilizando até mesmo as ruínas desses locais como material para construção das novas colônias que mantiveram os nomes das suas respectivas antigas reduções jesuíticas.

A mensuração das duas novas colônias foi confiada ao agrimensor Rafael Hernández, outro viajante cientista analisado nesta investigação.¹²⁶ Ele era irmão do famoso escritor argentino José Hernández, o autor de *Martín Fierro*.

Em 1883, durante os cinco meses em que realizou a mensuração das colônias em nome da *Oficina Central de Tierras y Colonias*,¹²⁷ Hernández também exerceu a função de

¹²⁴ KURY, L.B., “Entre utopia e pragmatismo: a história natural no iluminismo tardio”. In: SOARES, L.C., *Da revolução científica à big (business) science*. São Paulo: HUCITEC, 2001.

¹²⁵ LISTA, Ramón, *El Territorio de las Misiones*, Buenos Aires: Imprenta La Universidad de J.N. Klingelfuss, 1883, p. 107-108.

¹²⁶ Ibid., p. 108.

correspondente do jornal *La Tribuna Nacional* de Buenos Aires, escrevendo diversos relatos no formato de cartas descrevendo a sua estadia em Misiones. Os relatos foram publicados no jornal a partir de julho de 1883.

O *La Tribuna Nacional* era o jornal oficial do governo Roca. Sua função foi a de construir a imagem de mudanças edificadas pelo governo, além de representar os interesses do partido do governo, o *Partido Autonomista Nacional*.¹²⁸ A premissa editorial do jornal, por estar em consonância com a ideologia roquista, viu na viagem de Hernández uma possibilidade de projetar os seus ideais de progresso e civilização. Dessa maneira, os relatos de uma região periférica como Misiones vinham a calhar com essa premissa ideológica. Num artigo datado de 1884 sobre a inauguração de novas escolas em Buenos Aires, o jornal evidenciou esses ideais, sobretudo enfocando Misiones como o destino dessa marcha do progresso:

*Es el progreso que se manifiesta en todas las esferas de la actividad intelectual, así como en el desarrollo de la riqueza por la explotación de sus fuentes y el mejoramiento de las vías que á ellas conducen. Ayer anunciábamos la llegada de la locomotora á Mendoza, hoy la inauguración que nos ocupa; mañana será el arribo á nuestro puerto de millares de inmigrantes para ir á fecundar con su labor el pueblo de Misiones ó las férciles comarcas de que nos hablaba el otro día el coronel Olascoaga. Recojan el laurel que les corresponde los que han hecho posible este movimiento benéfico para el país.*¹²⁹

¹²⁷ Tal órgão era o responsável por fomentar o povoamento das novas colônias construídas em Misiones. Nessa edição do livro, estão incluídos os relatórios de Hernández dirigidos a Enrique Victorica, o chefe da citada repartição. Também estão encartados no livro, dois mapas das novas colônias, confeccionados pela Oficina e que incluem textos em espanhol, italiano, francês e inglês, como vistas a fomentar a imigração de nacionais, assim como também de estrangeiros provenientes da Europa.

¹²⁸ VALENZUELA, Diego e SANGUINETI, Mercedes, *Sarmiento Periodista – El caudillo de la Pluma*, Buenos Aires: Sudamericana, 2012, p. 142.

¹²⁹ La fiesta del Domingo, transcrição de artigo do jornal *La Tribuna Nacional* presente na revista: *El Monitor de la Educación Común*, Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación. - Ano 3, nº 060, jun. 1884, p. 621.

Mapa 6: Itinerário de Rafael Hernández em 1883

Fonte: NOGUEIRA, Miguel, 2014.

Mapa 7: Mapa da Colônia Santa Ana, construída próxima à homônima antiga missão jesuíta. Confeccionado pela Oficina Central de Tierras y Colonias com textos em espanhol, italiano, francês e inglês, como vistas a fomentar a imigração tanto de nacionais, como também de estrangeiros provenientes da Europa.

Fonte: HERNÁNDEZ, op., cit. Dimensão original do mapa (mm) 520 x 680.

Mapa 8: Mapa da Colônia Candelaria, construída próxima à homônima antiga missão jesuíta. Confeccionado com os mesmos fins do mapa de Santa Ana.

Fonte: HERNÁNDEZ, op., cit. Dimensão original do mapa (mm) 520 x 680.

Sendo um funcionário do governo, Hernández carregava consigo todo o cabedal ideológico do governo roquista. Em sua visão, seu trabalho ia além da atividade da mensuração de terras. Era o dever de levar a civilização que o motivava rumar para terras tão longínquas e “bárbaras”. Mesmo que também tenha exercido a função de correspondente de um jornal portenho, há que refletir que o sentido de jornalista para aquela época era muito diferente dos dias atuais. Para Valenzuela e Sanguinetti o jornalista a essa altura desempenhava com paixão uma função política, dado que ali se discutiam os projetos de modernização da sociedade.¹³⁰ No caso dos relatos de Hernández a respeito de Misiones, havia um claro interesse em incutir na mente dos seus leitores todo o ideal que girava em torno da ideia de progresso e da dicotomia civilização-barbárie. O interesse de Roca nos relatos de Hernández era de tamanha envergadura, que foi devido a um pedido seu que os relatos foram reunidos e publicados em forma de livro pela primeira vez em 1887.¹³¹

Mas afinal, quem era de fato o seu público leitor?

Para além das considerações que já fizemos aqui a respeito da elite letrada de Buenos Aires, há que ter em mente que era um público restrito, já que grande parte da população não sabia ler. Soma-se ainda o fato de haver um intenso fluxo de imigrantes europeus que chegavam ao porto da cidade nessa época e que ainda não estavam devidamente integrados na sociedade nacional.

Hernández tinha consciência desse fato e escreveu logo no início do seu relato que o mesmo “[...] *servirá de guía á los escasos lectores que me honren con su atencion.*”¹³² No entanto, esses escassos leitores seriam os interlocutores desse debate tão importante para a sociedade portenha da época. O agrimensor indicava que para vencer os obstáculos da natureza, era necessário desatar o “nó górdio” que bloqueava o caminho da civilização em Misiones. Vencido esse obstáculo - referenciando o exemplo histórico do domínio alexandrino sobre a Ásia - por fim a fronteira nordeste seria um domínio efetivamente argentino.¹³³

Em seu relato, mostrou-se empolgado com a nascente preocupação do governo de Roca com o que denominava de: “*este pedazo privilegiado del pais*”.¹³⁴ Assim citou várias

¹³⁰ VALENZUELA, op., cit., p. 142-143.

¹³¹ STEPHANIS, op., cit., p. 46.

¹³² HERNÁNDEZ, op., cit., p. 9.

¹³³ Ibid., citação presente no prólogo escrito por Federico D. Daus.

¹³⁴ Ibid., p.122.

expedições enviadas a Misiones no período. Dentre elas referenciou a do naturalista Eduardo Ladislao Holmberg, que no início de 1886 empreendeu uma expedição científica à região.¹³⁵

Holmberg, tal como os dois viajantes anteriormente citados, pertencia à alta sociedade portenha. Era neto do barão Eduardo de Holmberg, botânico austríaco que participou das lutas pela independência na Argentina, e filho de Eduardo Wenceslao Holmberg, botânico e militar argentino que viveu um período exilado no Chile junto a Sarmiento, devido às divergências de ambos com o governo de Juan Manuel de Rosas.¹³⁶

Influenciado pelo avô e pelo pai, desde cedo se mostrou inclinado para os estudos de botânica. A seguir veio a se tornar um dos intelectuais mais influentes da *Generación del 80* e um dos cientistas mais renomados dentro do meio científico argentino. Sendo um homem de ciência, não deixou de manter estreita vinculação com os poderes da época. Sua própria origem familiar o ligava aos maiores políticos da época.

Um desses políticos era o próprio Sarmiento, o qual estava convencido da utilidade da ciência para o melhoramento da nação. Nesse sentido, não diferia de Roca, que em sua *Campana del Desierto* também albergava uma missão científica sob suas ordens. Essa missão era composta por vários cientistas estrangeiros e argentinos, dentre os quais estava Holmberg, então um jovem de 26 anos.

Ciência e governo estavam aliados nessa empreitada porque a elite governante necessitava de uma descrição científica minuciosa dessas regiões até então desconhecidas, daí a pertinência dos cientistas descreverem tudo o que se relacionava com a geografia, o clima, a fauna e a descrição etnográfica de uma região que estava sendo submetida formalmente ao Estado Argentino. Tratavam-se de questões utilitárias sobre como o Estado poderia tirar proveito dessas novas terras conquistadas. Diante dessa preocupação foi promulgada pelo governo argentino no ano de 1875 a *ley de exploración científica de los territorios nacionales*, lei esta que visava fomentar e apoiar as expedições científicas dirigidas aos territórios nacionais das fronteiras norte e sul.

Em 1884, ainda dentro do âmbito das expedições oficiais organizadas pelo governo, Holmberg realizou uma viagem ao extremo sul da província de Buenos Aires. Dessa expedição encomendada diretamente por Dardo Rocha, então governador da Província de Buenos Aires, resultou a obra *La Sierra de Curá-Malal*. Desse modo denota-se o estreito vínculo que sempre manteve com as autoridades do país na época.

¹³⁵ Ibid., p. 122.

¹³⁶ REGGINI, Horacio, *Eduardo Ladislao Holmberg y la Academia*, Buenos Aires: Galápagos, 2007, p. 31.

Para além do dever para com a ciência, se achava no dever de servir a sua pátria. No ano de 1885 participou de uma expedição ao Chaco, no norte argentino. Assim como Misiones, também era território federal e não totalmente submetida ao Estado Argentino, visto que as guerras contra os indígenas se estenderam até o início do século XX. Para Holmberg, integrar uma expedição ao Chaco era um dever patriótico, nas palavras do viajante, era “*más que una cuestión personal*”.¹³⁷

Era então uma questão de tempo para empreender uma viagem a Misiones. Já em 1883 havia planos, mas em razão das expedições a Curá-Malal e ao Chaco, precisou adiá-los. Em janeiro de 1886, por fim partiu com a sua expedição rumo a Misiones. Estava acompanhado pelo italiano Constantino Solari e por Antonio Pitaluga, jovem portenho estudante de medicina. A expedição foi financiada em parte pela *Academia Nacional de Ciencias*, uma corporação científica fundada pelo presidente Sarmiento em 1869, sediada em Córdoba e mantida diretamente pelo governo de Buenos Aires.

Holmberg buscava legitimação ao obter subsídio do órgão científico mais importante da Argentina. O fato de o referido órgão ter enviado alguns de seus membros junto à expedição de Roca a Patagônia em 1879 reforça essa importância.¹³⁸

A expedição científica entrou na lógica do utilitarismo vigente na época, o objetivo foi o de mapear os recursos econômicos da região. No entanto, o relato vai além das questões científicas. Nota-se também uma preocupação com temas sociais e com a problemática da geopolítica da região, já que a questão de litígio de fronteira com o Brasil ainda seguia sem solução. Para Holmberg, Misiones estava envolvida por uma problemática internacional que necessitava uma urgente solução.¹³⁹

Em carta dirigida a Oscar Doering, presidente da *Academia Nacional de Ciencias*, Holmberg enfatizou a condição de ser fluente em vários idiomas, e ainda assim escolher o idioma pátrio espanhol para escrever o relato: “*Ante todo, usted comprende que escribo para mi país. Si no fuera así, no escribiría en castellano, es decir, en este idioma en que todos nos entendemos aquí. Adoptaría otro.*”¹⁴⁰

Essas palavras denotam o quanto o idioma espanhol estava relegado ao ostracismo frente aos idiomas mais “científicos” como o alemão, o inglês e o francês, idiomas estes que expressavam os valores da elite científica europeia de então.

¹³⁷ HOLMBERG, op., cit., p. 32.

¹³⁸ ALCARÁZ, Jorge Rafael, *La expedición científica de Eduardo L. Holmberg al Territorio de Misiones*, 10º Jornadas Interescuelas/Departamento de Historia, Rosario, 20 a 23 de setembro de 2005, p. 11.

¹³⁹ HOLMBERG, op., cit., p. 12.

¹⁴⁰ Ibid., p. 8.

Voltando ao debate sobre a barbárie ibérica, a Espanha estaria à margem das revoluções científicas da época, não sendo suficientemente “civilizada” quanto os seus vizinhos do norte. No entanto, o fato de Holmberg não escolher um idioma suficientemente “científico” denota o quanto buscava fomentar a consolidação de um ambiente científico também na Argentina. Há que se ressaltar que várias expedições anteriores que eram contratadas pelo governo argentino, compunham-se de exploradores estrangeiros que escreverem sobre a Argentina, e que se expressavam em seus respectivos idiomas pátrios.¹⁴¹

O relato foi publicado no ano seguinte ao da expedição, no boletim da própria *Academia Nacional de Ciencias* baixo o título *Viaje a Misiones*. Ter o trabalho editado pela Academia dava uma legitimação também acerca do público alvo que Holmberg queria atingir. Como já foi mencionado, o público leitor na Argentina ainda era escasso. Mas para além do público estritamente científico, a ideia era alcançar uma audiência mais vasta, principalmente o tipo de leitor que consumia a típica literatura de aventura existente na época, como os romances publicados em folhetins ou obras de autores como Júlio Verne.¹⁴²

Nesse caso, notamos em seu relato, para além das preocupações políticas e científicas, uma grande atenção com a narrativa. Holmberg se vale de recursos literários geralmente não utilizados pelos viajantes até aqui citados. Essa tendência se explica pelo fato do autor também ter se enveredado pelo ofício de romancista. Já em 1875, publicou *Viaje maravilloso del señor Nic-Nac al planeta Marte*, sua primeira obra do gênero que mais tarde ficou conhecida como ficção científica. Nota-se nessa obra uma grande influência da obra de Júlio Verne, *Da Terra à Lua*, publicada dez anos antes.

Ainda que em alguns momentos a classificação da fauna e da flora possa causar saturação ao leitor comum não científico, a obra se vale de uma narrativa que mostra preocupação em atingir outro tipo de público, algumas vezes até mesmo valendo-se de citações humorísticas.¹⁴³

¹⁴¹ Dentre outros vários exemplos podemos citar o francês Martin de Moussy, autor de *Description Géographique et Statistique de la Confédération Argentine* (1854) e o alemão Carlo Burmeister, autor de *Description Physique de la République Argentine d'après des observations per-sonnelles et étrangères* (1876). Esse último também escreveu um relato sobre Misiones, o qual se encontra mencionado nessa pesquisa.

¹⁴² SALTO, Graciela, “El Viaje a Misiones de E.L.Holmberg en la tradición de relatos exploratorios”, *Saber y Tiempo – Revista de Historia de la Ciencia*, Buenos Aires, nº 4, janeiro-junho de 2002, p. 66

¹⁴³ *Ibid.*, p. 67

Mapa 9: Itinerário de Eduardo Holmberg em 1886

Fonte: NOGUEIRA, Miguel, 2014.

A própria narrativa da obra trata as pessoas que estão envolvidas no relato como personagens de um romance de aventura. O espírito aventureiro que acompanhava o viajante desde a época em que era um jovem leitor de Júlio Verne é evidenciado em seu relato. Quando apresenta Antonio Pitaluga, seu companheiro de expedição, o faz com a ênfase de

que até então, nunca tivera a oportunidade de encontrar alguém com “*muchas inclinaciones a las aventuras*”.¹⁴⁴

Na verdade, Holmberg fez uma “escola de aventureiros” em Buenos Aires. Suas inúmeras publicações sejam elas científicas ou de ficção tiveram relativa repercussão entre a elite letrada de Buenos Aires.¹⁴⁵ Dentre os seus discípulos, o mais importante foi Juan Bautista Ambrosetti, outro viajante analisado aqui nesta investigação.

Ambrosetti, a exemplo dos outros viajantes, pertencia à alta sociedade portenha da época. Seu pai era italiano, proprietário de terras em Santa Fé e Misiones que chegou a ser presidente do *Banco Italiano del Río de la Plata*. Em 1878, aos 13 anos, conheceu Holmberg em um encontro casual onde o motivo da reunião era a classificação de um inseto. A partir daí travou-se uma grande amizade que influenciou totalmente a sua trajetória científica. A nível pessoal, Ambrosetti tornou-se genro de Holmberg ao contrair matrimônio com sua filha María Helena.¹⁴⁶

Gostos muito similares os aproximaram rapidamente: desde a mais tenra infância Ambrosetti foi um aficionado por História Natural e também pela literatura de ficção científica de autores como Júlio Verne. A influência do romancista francês transpareceu até mesmo em seu relato sobre Misiones. Era uma questão de projetar a realidade dessas aventuras até então restritas às leituras de obras de ficção. No momento em que uma de suas expedições penetrou a selva misionera, Ambrosetti e seus companheiros rememoraram o célebre romancista francês. Estar no interior de *Misiones* era como fazer parte de uma aventura: “[...] *sueños dorados de la época en que leyendo envidiaba a los héroes de Julio Verne [...]*.”¹⁴⁷

Aos 17 anos foi aceito como membro ativo da *Sociedad Científica Argentina* pelo naturalista alemão Carlos Berg,¹⁴⁸ então presidente dessa instituição científica. Tendo a idade de 20 anos, realizou sua primeira expedição científica rumo ao interior da Argentina. A convite do Capitão Antonio Romero, dirigiu-se para o norte da Província de Santa Fé, região conhecida como *Chaco Santafesino* devido a sua característica geográfica estar inserida na

¹⁴⁴ HOLMBERG, op., cit., p. 37

¹⁴⁵ REGGINI, 2007, p. 36-37.

¹⁴⁶ AMBROSETTI, Juan B., *Tercer Viaje a Misiones*, Buenos Aires: Editorial Albatros, 2008, p. 17.

¹⁴⁷ Ibid., p. 137.

¹⁴⁸ Naturalista alemão que chegou a Argentina em 1873 a convite de Sarmiento, para lecionar na Academia Nacional de Ciencias de Córdoba tendo desenvolvido toda a sua carreira intelectual na Argentina até a sua morte em 1902.

região do Grande Chaco.¹⁴⁹ O resultado dessa expedição foi a publicação da obra *Viaje de un Maturrango*, dotada de uma inquietude literária similar à utilizada pelo seu sogro.¹⁵⁰

Sua precoce inserção no meio científico argentino lhe rendeu a indicação do conhecido naturalista argentino Pedro Scalabrini para o cargo de diretor do *Museo de Historia Natural de Paraná*, capital da província de Entre Ríos. Após cinco anos de trabalho no Museu, voltou a Buenos Aires. Animado pelo contexto das expedições científicas da época, empreendeu várias viagens para diversos pontos do território argentino.

No entanto, Misiones reservou destaque especial para Ambrosetti, já que empreendeu três viagens para essa região, tendo as mesmas dado origem a três relatos distintos. Paralelamente aos relatos de viagem, publicou uma vasta obra de estudos etnográficos dos povos aborígenes de Misiones. Esses estudos pioneiros fizeram com que fosse mais tarde reconhecido como um dos pais da antropologia latino-americana.

A primeira viagem a Misiones é datada de setembro de 1891, tendo explorado a região até fevereiro do ano seguinte. O relato foi publicado em 1892 na *Revista del Museo de La Plata* sob o título de *Misiones Argentinas y Brasileñas por el Alto Uruguay*. É preciso destacar que, naquele contexto, ter o selo do *Museo de la Plata* significava obter legitimidade e reconhecimento para o seu relato.

As origens do *Museo de La Plata* estão envoltas nas questões políticas dos anos 1880. Fundado em 1877 por Perito Moreno, sua denominação era *Museo Arqueológico y Antropológico de Buenos Aires*. Dada a federalização de Buenos Aires em 1880, foi transferido para a cidade de La Plata, projetada para ser então a nova capital da província de Buenos Aires. Inaugurada em 1892, era vista como um símbolo da unificação argentina e do fim dos conflitos das guerras civis que dividiram o país. Tal fato pode ser observado nas palavras de Dardo Rocha, governador de Buenos Aires na altura:

*Hemos dado a la nueva capital el nombre del río magnífico que la baña, y depositamos bajo esta piedra, esperando que aquí queden sepultadas para siempre, las rivalidades, los odios, los rencores, y todas las pasiones que han retardado por tanto tiempo la prosperidad de nuestro país.*¹⁵¹

¹⁴⁹ O Chaco ou Grande Chaco é uma das principais regiões geográficas da América do Sul de aproximadamente 1.280.000 km² e abrange partes do território boliviano, argentino, brasileiro e paraguaio. A nomenclatura também nomeia uma das províncias do norte argentino.

¹⁵⁰ Para uma análise detalhada dessa obra, consultar: ARIAS, Ana Carolina, “El viaje de Ambrosetti. La historia antropológica y su relación con el otro”, in Nora Kuperszmit (Org), *Entre pasados y presentes III. Estudios contemporáneos en ciencias antropológicas*, Buenos Aires: Mnemosyne, 2012, p. 264-282.

¹⁵¹ ROCHA, Dardo apud LUNGHI, Carlos, *La Municipalidad*, Trabalho da disciplina Introducción a la Administración y al Estudio de las Organizaciones da Facultad de Ciencias Económicas da Universidad

O pronunciamento acima, além de simbolizar o fim dos conflitos entre Buenos Aires e as províncias do interior, dava ao Museu, dirigido por Perito Moreno - cientista argentino mais notável até então - a devida legitimidade científica, que por sua vez transferia essa credibilidade aos trabalhos de Ambrosetti.

A intenção do viajante não era a de realizar um mero relato científico. Por muitas vezes utilizou-se de recursos literários similares aos de Holmberg. A parte científica da expedição estaria nas várias publicações de cunho etnológico que editou ao longo dos anos. Ambrosetti não deixou de citar a influência de seu sogro nessa sua primeira expedição, menção esta que também conferia legitimidade ao seu relato:

*Habia visitado una gran parte del territorio de Misiones que ya conocia por las brillantes descripciones de mi buen amigo Dr. E. L. Holmberg [...]. Ese libro me sedujo, puede decirse, y fue uno de los causantes del presente viaje; su estilo ameno y sobre todo su verdate indiscutible en cuanto á los hechos observados, haciendo él, no solo una publicación útil, sino tambien agradable.*¹⁵²

A respeito do público leitor a ser alcançado com a publicação do relato, pelo fato de estar em sintonia com as políticas públicas do governo de ocupar as regiões periféricas da Argentina, podemos considerar que a obra era dirigida para aos portenhos ávidos por conhecer os cantos recônditos do país, além de também fazer parte de uma lógica utilitarista que visava tirar proveito econômico dos recursos naturais existentes em Misiones. Ambrosetti iniciou o seu primeiro relato sobre Misiones registrando que a obra era voltada para esse tipo de público: “[...] *creo que habré contribuído á hacer conocer parte de un territorio que hasta ahora há sido poco estudiado*”.¹⁵³

A segunda viagem foi encomendada por Perito Moreno, que em 1892 organizou a *Expedición Nordeste del Museo de La Plata*. Devido às credenciais obtidas graças à primeira expedição, Ambrosetti foi incumbido da direção da expedição que ainda era composta pelo francês Emilio Beaufils,¹⁵⁴ responsável pela parte zoológica, e pelo pintor suíço Adolfo

Nacional de La Plata, Maio de 2002, p. 1. Disponível em <http://www.oocities.org/unlp_econo_613/muni.pdf>. Acesso em 15-05-13

¹⁵² AMBROSETTI, Juan B., *Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay*, La Plata: Talleres de Publicaciones del Museo, 1892, p. 115

¹⁵³ Ibid., p. 3.

¹⁵⁴ Zoólogo do *Museo de la Plata* que posteriormente também participaria de uma expedição pela Patagônia sob os auspícios da mesma instituição. BALDASARRE, Carlos, “Recortando las fotos de Lahille, Koschiot y Tenenesk, dos casos en particular sobre la cultura selk’nam (Ona)”, *Revista Tefros*, Río Cuarto, v.7, nº 1-2, 2009,

Methfessel, responsável pela elaboração de pinturas que posteriormente seriam incorporadas ao acervo do Museu.¹⁵⁵ Visto que a primeira viagem consistiu em realizar o caminho pelo rio Uruguai, para a expedição seguinte foi escolhida a rota pela via do rio Paraná.

Uma vez mais o autor ressaltou que a parte científica do relato, ou seja, os trabalhos relacionados à Etnologia e à Arqueologia saíam em publicações à parte.¹⁵⁶ A razão disso era o seu interesse de atingir um público leitor mais amplo. Não estava interessado em ser lido apenas por cientistas, mas sim por qualquer pessoa dotada de capital que quisesse empreender negócios em Misiones. Dessa maneira também cumpria com o “dever patriótico” de levar o progresso e a civilização para um lugar ainda considerado “bárbaro”:

*El propietario, el comerciante, el industrial, el futuro yerbatero ú obragero [...] encontrarán consignados aquí el modo de explotar los montes, los yerbales, los medios de transportes, el como se contratan los peones, su índole, lo que comen, los recursos con que se puede contar, lo que se debe llevar, el modo de proceder y al mismo tiempo las supersticiones, las leyendas, las tradiciones, las costumbres.*¹⁵⁷

Apesar de escrever para uma elite dirigente e tentar responder aos anseios desta classe, não deixou de registrar dados muito valiosos para o estudo da História Social de Misiones. Os dados a respeito do “outro” misionero se faziam importantes para o autor e consequentemente também para um curioso público leitor que muitas vezes enxergava o relato como uma aventura rumo ao desconhecido. Daí residiu a importância da narrativa empregada no relato.

O segundo relato foi publicado apenas em 1894 sob o título de *Segundo Viage a Misiones por el Alto Paraná é Iguazú*. Devido a desentendimentos com Perito Moreno, que não aprovou algumas publicações de Ambrosetti, a obra não saiu pela *Revista del Museo de la Plata*, mas sim pelo *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, outra instituição científica da qual Ambrosetti era ligado.¹⁵⁸

A terceira expedição teve lugar entre fevereiro e julho de 1894. Além de Ambrosetti, compunham a expedição Juan M. Kyle, do Gabinete de História Natural,¹⁵⁹ e Carlos Correa

p. 1. Disponível em: <<http://www.unrc.edu.ar/publicar/tefros/revista/v7n12d09/paquetes/baldassarre.pdf>>. Acesso em 14-01-2014.

¹⁵⁵ AMBROSETTI, Juan B., *Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú*, Buenos Aires: Publicado en el Tomo XV del Boletín del Instituto Geográfico Argentino, 1894, p. 15.

¹⁵⁶ Ibid., p. 1.

¹⁵⁷ Ibid., p. 2.

¹⁵⁸ ALCARÁZ, 2007, p. 144.

¹⁵⁹ Kyle foi recomendado pelo próprio Holmberg que o indicou para cuidar da parte zoológica da expedição. AMBROSETTI, 2008, p. 24.

Luna, gerente dessa mesma instituição.¹⁶⁰ Foi patrocinada pelo *Instituto Geográfico Argentino* com a finalidade de completar dados sobre a região e colecionar objetos para o acervo do Museu que o Instituto estava preparando.¹⁶¹ A expedição teve o apoio e o aval do presidente Luis Sáenz Peña,¹⁶² que concedeu passagens até a localidade paraguaia de Tacurú Pucú,¹⁶³ além da soma de seiscentos pesos. A carta do presidente deferindo o subsídio para a expedição foi publicada no relato, conferindo assim a devida legitimidade necessária. O presidente expressou em sua carta o real sentido que o governo enxergava na expedição:

*En mérito de las consideraciones aducidas por el Instituto Geográfico Argentino, manifestando haber confiado al Sr. Juan B. Ambrosetti y dos ayudantes el estudio y exploración de las Misiones, y resuelto enviar algunas expediciones, a fin de que recolecten el mayor número de datos exactos, sobre la naturaleza y riqueza de los territorios nacionales, su colonización, historia, arqueología y etnografía, con el fin de completar en lo posible sus respectivas descripciones, las que publicadas, servirán de propaganda a la inmigración.*¹⁶⁴

Nota-se que a política de Sáenz Peña estava em consonância com o que havia sido a gestão de Roca. Colocado no poder justamente com o apoio e aval do então ex-presidente, seu governo seguiu as diretrizes de seu antecessor no que concernia aos territórios nacionais. Nesse caso, a descrição de Misiones serviria também como propaganda para a imigração e ocupação dessa região considerada “deserta e bárbara”. O esforço de levar a civilização até às regiões marginais do território nacional seguia em curso.

Essas prerrogativas encontraram total consonância com a terceira expedição de Ambrosetti. O relato da expedição foi publicado em 1896 pelo *Instituto Geográfico Argentino* sob o título *Tercer Viaje a Misiones*, findando assim a trilogia das “aventuras” de Ambrosetti pela terra do mate.

¹⁶⁰ Ibid., p. 24.

¹⁶¹ Ibid., p. 23.

¹⁶² O presidente Luis Sáenz Peña ascendeu ao poder em 1892, com o apoio de Roca. Mais adiante, devido a divergências com o mesmo, foi pressionado a renunciar ao cargo em 1895.

¹⁶³ Atualmente cidade paraguaia de Hernandarias.

¹⁶⁴ AMBROSETTI, 2008, p. 23.

**Itinerários de Juan Bautista Ambrosetti
entre 1891-1893**

Assuncion

Tacurú Pucú

Colônia Militar do Iguassu

Tatiyupi

Puerto Piray

San Pedro

Yaguarazapá

Corpus

Encarnación

Posadas

Apipé

Candelaria

Apóstoles

Concepción de la Sierra

Santo Tomé

São Luiz Gonzaga

São Miguel das Missões

San Javier

Cerro Corá

Santa Ana

San Ignacio Mini

Três Passos

Campo Novo

Santo Ângelo

Alto Paraná

Paraguay

Brasil

Alto Uruguai

Argentina

Uruguai

FLUP: UNAPS
2013 Oficina do Mapa

"¿Cómo se goza admirando la naturaleza! ¿Qué série continua de placeres puros se experimenta, y cuán lejos de todas las misérias humanas uno se concentra en aquellos momentos! Mosquitos, privaciones, sol, otros fastidios y hasta la vida civilizada se olvidan. Cualquier detalle, sabiéndolo apreciar, proporciona una emoción nueva."

AMBROSETTI, Juan B, Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú, Buenos Aires: Publicado en el Tomo XV del Boletín del Instituto Geográfico Argentino, 1894, p. 114.

Legenda:

Viajante (rota):

- Juan B. Ambrosetti (1891)
- Juan B. Ambrosetti (1892)
- Juan B. Ambrosetti (1893)
- Local referido

Outros elementos:

- Colônia Militar
- + Antiga Missão Jesuíta
- Capital
- Topônimo do séc. XIX
- Provincia de Misiones
- Rede hidrográfica

0 40 km

Fonte: AMBROSETTI, Juan Bautista, Misiones Argentinas y Brasilas por el Alto Uruguay, La Plata: Talleres de Publicaciones del Museo, 1892.
AMBROSETTI, Juan Bautista, Misiones - Segundo Viaje, Buenos Aires: Publicado en el Tomo XV del Boletín del Instituto Geográfico Argentino, 1894.
AMBROSETTI, Juan Bautista, Tercer Viaje a Misiones, Buenos Aires: Editorial Albatroz, 2008.
<http://www.esri.com/>
Cartografía: Miguel Nogueira.

A última expedição analisada nesta investigação é a de Florencio de Basaldúa. Dos viajantes aqui estudados, é o único viajante não nascido na Argentina. No entanto, seu perfil encaixa com a nossa proposta devido ao fato de ter sido nacionalizado argentino, além de ter constituído família, gerado descendência no país e ter ocupado diversos cargos públicos dentro do governo argentino, o que fez com que abraçasse a causa nacional de levar a civilização para a periferia de sua nova nação, características essas que o diferiam de qualquer

outro típico viajante estrangeiro. Para Basaldúa, a cidadania argentina deveria ser conquistada com ações concretas meritórias em nome do processo civilizador argentino:

*De nada ni de nadie he renegado, sino es de la ignorancia, de ser paria en el mundo, y de soportar agena tiranía; y al adquirir los preciosos derechos políticos que me acuerda la Ciudadanía Argentina [...] Centenares de miles de extranjeros han venido á la República Argentina como he venido yo, y han labrado con el esfuerzo de su inteligencia y de su brazo posición desahogada, fortuna muchas veces, fundando todos hogares felices donde sus hijos argentinos, al heredar sus virtudes, perpetuarán su nombre.*¹⁶⁵

Nascido no ano de 1853, em Bilbao, região basca da Espanha, migrou para a Argentina aos 18 anos.¹⁶⁶ Prontamente se converteu em um ator ativo da causa nacional argentina. Ao longo de sua vida, circulou ativamente pela alta sociedade portenha, era membro da Maçonaria Argentina, sócio fundador do *Club de Gimnasia y Esgrima La Plata* e inclusive cultivou amizade com os presidentes Sarmiento, Roca, Sáenz Peña e José Figueroa Alcorta, entre outros. Em 1910, o presidente Alcorta o designou Cônsul Geral Argentino em Calcutá na Índia. Basaldúa também realizou mensurações nas províncias argentinas de Formosa, Chaco e Misiones. No ano de 1900 foi designado governador interino do então Território Nacional de Chubut, na recém-ocupada Patagônia.¹⁶⁷

Teve grande interesse pelas Ciências Naturais e participou ativamente das atividades ligadas ao *Museo de Ciencias Naturales de Buenos Aires*, da *Sociedad Científica Argentina* e do *Instituto Geográfico Argentino*. Foi designado pelo governo como representante da Argentina nas Exposições Universais de Chicago (1893) e de Paris em 1900, tendo essa última como temática os produtos das províncias de Entre Ríos, Corrientes e Misiones.¹⁶⁸

¹⁶⁵ BASALDÚA, op., cit., p. 3, grifo do autor.

¹⁶⁶ Basaldúa jamais se identificava como espanhol. Em seu relato, sempre fez questão de frizar que sua origem era basca. Sempre realizou duras críticas à Espanha, o que indiretamente alinhava o seu pensamento com os argentinos liberais partidários da aproximação com a Inglaterra e contrários a uma aproximação com a “bárbara” Espanha.

¹⁶⁷ REGGINI, Horacio, *Florencio de Basaldúa, Un Vasco Argentino*, Buenos Aires: Academia Nacional de Educación, 2008, p. 16.

¹⁶⁸ Ibid., p. 18 e 79.

Mapa 11: Itinerário de Florencio de Basaldúa entre 1897 e 1898

Fonte: NOGUEIRA, Miguel, 2014.

A expedição rumo a Misiones foi empreendida entre 1897 e 1898 e tinha como principal objetivo coletar produtos misioneros para serem expostos na Exposição Universal de Paris em 1900. O quesito legitimidade científica foi evidenciado em carta dirigida a Francisco Seguí, então Presidente do Instituto Geográfico Argentino, em 14 de Agosto de 1899: “[...]”

*quiero someter mi proyecto al ilustrado criterio de la Sociedad Geografica Argentina,*¹⁶⁹
para revestirle de su alta autoridad científica, y darle caracter nacional: he aqui la génesis
*que há determinado esta expedición.”*¹⁷⁰

Para além da causa científica, também era um dever patriótico. Basaldúa queria fazer jus à cidadania argentina que lhe havia sido outorgada. Apesar de fazer questão de colocar recursos próprios na viagem, sua expedição teve o apoio do Instituto Histórico Geográfico Argentino que lhe concedeu uma passagem de vapor até Misiones. O Instituto também lhe atribuiu a tarefa de explorar a Lagoa Iberá, local até então desconhecido e cercado por várias lendas que o viajante cientista tinha a missão de desvendar através do mais preciso rigor científico.¹⁷¹

A expedição se revestiu de caráter oficial por ter sido composta por dois marinheiros cedidos pelo *Prefecto General de Puertos*, Luis Garcia e por seis soldados de infantaria do Exército Argentino cedidos pelo capitão Barrera Pizarro.¹⁷²

Vendo a necessidade de legitimar a sua inserção no meio científico de Buenos Aires, fez constantes citações a Holmberg e a Ambrosetti em seu relato:

La matéria prima abunda en la Republica; tenemos hombres de ciencias y hombres de dinero: los Berra, los Ameghino, Los Holmberg... [...] los Ambrosetti [...] y cien más; toda una brillante pléyade de pedagogos, naturalistas, ingenieros, médicos, etc [...]”¹⁷³

En el bosque encontramos un viejo cementerio indígena del cual extraje una gran urna de tierra cocida, que remití al doctor Holmberg [...] Otra igual extraje, pocos días después, del primer islote á que anordé en el Úberá, y ambas, por su forma y dibujos, me parecieron análogas á las extraídas por mi estudioso amigo Ambrosetti [...].¹⁷⁴

Apresentar-se como amigo de Ambrosetti e de Holmberg era uma maneira de legitimar sua autoridade científica. Mais além de ser amigo, era usar de sua “autoridade” para nomear pontos geográficos, de forma a homenagear os amigos cientistas:

Pasado el Rápido del Caraya, á mitad de distancia de la Isla Júpiter, bautizamos dos islãs muy hermosas que ali existen, con los nombres de Holmberg y de Ambrosetti, respectivamente, honrando los nombres de estos

¹⁶⁹ Basaldúa mencionou o termo “*Sociedade Geografica Argentina*” no sentido de referenciar-se ao âmbito da geografia argentina e não a instituição fundada e presidida por Ramón Lista.

¹⁷⁰ BASALDÚA, op., cit., p. 6.

¹⁷¹ Ibid., p. 6.

¹⁷² Ibid., p. 7.

¹⁷³ Ibid., p. 9.

¹⁷⁴ Ibid., p. 44.

*distinguidos naturalistas, vinculados ahora por los lazos de la sangre: seguramente brotarán muchos islotes.*¹⁷⁵

Dessa maneira, notamos que os valores assimétricos que norteavam as relações entre Europa e América são reinterpretados no contexto das novas nações americanas. Basaldúa é um europeu em solo americano que, no intuito de se tornar um americano legítimo, utiliza-se da antiga retórica europeia de poder nomear os lugares que por ventura venha a “descobrir”. Com a diferença que a referência não era mais a Europa, elegeu-se uma nova centralidade em Buenos Aires, e uma nova periferia localizada em Misiones. Tal fato representava a transposição da dicotomia centro-periferia para um novo espaço, que nesse caso era o da Argentina.

Os resultados do relato foram publicados na obra intitulada *Presente, pasado y porvenir del Territorio de Misiones*, cujo título bem expressava os objetivos de sua expedição que era o de projetar o porvir da região, indo na direção do pensamento da elite portenha que enxergava o crescimento do país no final do século XIX como um Destino Manifesto Argentino de levar a civilização para uma área até então ignorada e selvagem.¹⁷⁶

Notamos que o grupo de viajantes aqui analisados possuíam laços em comum, citavam uns aos outros, transitavam pelas mesmas instituições científicas, e detinham algumas características que os tornavam um grupo homogêneo, o que possibilita categorizá-los como um grupo à parte dentro da categorização de maior amplitude que é o da *Generación del 80*, por isso a nossa insistência em denominá-los simplesmente como “viajantes”. Todos eles são viajantes nacionais que não são representantes da tradicional literatura de viagem europeia do século XIX de olhar etnocêntrico a respeito do continente americano, embora carregassem consigo alguns desses valores.

Todos tinham um mesmo ponto de partida, que era a cidade de Buenos Aires e carregavam os valores pertencentes à classe dominante portenha da época. Consequentemente, as representações que criaram sobre Misiones, eram carregadas desses mesmos valores.

¹⁷⁵ Ibid., p. 27.

¹⁷⁶ ÍSOLA, op., cit., p. 121.

2.3. Marcha para a fronteira: O “Destino Manifesto” Argentino

O termo Destino Manifesto foi originalmente cunhado nos Estados Unidos. O conceito foi utilizado pela primeira vez pelo jornalista John O'Sullivan em seu artigo intitulado *Annexation*, publicado na revista *Democratic Review*, em 1845.¹⁷⁷ O artigo buscava legitimar a anexação do Texas (até então território mexicano) pelos Estados Unidos. Aos poucos o termo foi ganhando maior amplitude devido ao pragmatismo de usá-lo como justificativa do avanço da fronteira oeste pelo continente norte-americano.¹⁷⁸

A problemática do avanço da fronteira era uma realidade não só dos Estados Unidos, mas também das demais novas nações americanas do século XIX, sobretudo as de grande dimensão territorial como Brasil e Argentina, dotados de grandes “desertos” a serem efetivamente conquistados pelo Estado. A elite argentina da década de 1880 se encontrava no contexto de um país recém-unificado e dotado de uma imensa riqueza, devido às exportações de carne e de grãos. Logo, ela também formularia o seu próprio Destino Manifesto. Se os estadunidenses realizavam esse processo na parte norte do continente americano, os argentinos buscavam realizá-lo na parte meridional da América. A classe dirigente portenha vislumbrava esse Destino Manifesto devido ao crescimento vertiginoso da nação durante o fim do século XIX.¹⁷⁹

Sarmiento já antevia esse Destino Manifesto Argentino ao defender a ideia de uma Grande Argentina, organizada como um Estado Federativo inspirado no exemplo dos estadunidenses e que englobasse o Paraguai e o Uruguai. Para ele, a Argentina havia de ser os Estados Unidos da América do Sul:

Los romanos habían mamado con la leche la idea de que estaban destinados a dominar el mundo, y lo consiguieron. Los franceses hace un siglo que se creen llamados a presidir la civilización moderna, y los esfuerzos de sus sabios parecen justificar sus pretensiones. Infundid a los pueblos del Río de la Plata que están destinados a ser una grande nación, que es argentino el hombre que llega a sus playas, que su patria es de todos los hombres de la

¹⁷⁷ O'SULLIVAN, John, “Annexation”, *United States Magazine and Democratic Review*, vol 17, número 1, Júlio-Agosto, 1845, p. 5-10. Disponível em <<http://web.grinnell.edu/courses/HIS/f01/HIS202-01/Documents/O'Sullivan.html>>. Acesso em 29-11-13.

¹⁷⁸ Nesse mesmo sentido, a historiadora brasileira Mary Anne Junqueira realizou um estudo sobre como as representações sobre a América Latina, construídas pela revista *Reader's Digest*, buscavam justificar o avanço estadunidense não só pela América do Norte, como também por todo o continente latino-americano. JUNQUEIRA, Mary Anne, *Ao Sul do Rio Grande - imaginário e América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*, Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

¹⁷⁹ ÍSOLA, op., cit., p. 121.

*tierra, que un porvenir próximo va a cambiar su suerte actual, y a merced de estas ideas, esos pueblos marcharán gustosos por la vía que se les señale, y doscientos mil emigrantes introducidos en el país y algunos trabajos preparatorios darán asidero en pocos años a tan risueñas esperanzas. Llamaos Estados Unidos de la América del Sud, y el sentimiento de la dignidad humana y una noble emulación conspirarán en no hacer un baldón del nombre a que se asocian ideas grandes.*¹⁸⁰

Estanislao Zeballos, um dos principais personagens da *Generación del 80*, também pensou no conceito do Destino Manifesto Argentino. Para ele, os problemas fronteiriços com o Chile e o Brasil demandavam uma urgente presença do Estado argentino nos territórios de fronteira. Sendo assim, baseava-se no discurso de que a Argentina branca e civilizada era portadora do Destino Manifesto de ser uma grande potência no cone sul, em detrimento das nações vizinhas mergulhadas na barbárie da miscigenação de raças. O principal ingrediente que compunha esse discurso era o da expansão territorial.

Neste contexto, era fundamental a efetiva ocupação de Misiones para construir essa Pátria Grande branca e europeia idealizada por Zeballos.¹⁸¹ Misiones nesse caso representava duas tipologias de fronteira: a econômica, representada pelo constante avanço da expansão da exploração de erva-mate,¹⁸² e uma fronteira política de fato, já que ela demarcava também o limite entre a Argentina e as nações vizinhas, Brasil e Paraguai.

A influência do exemplo do processo civilizatório dos Estados Unidos sobre a Argentina foi algo que perdurou durante todo o século XIX. Era uma questão também atrelada à erradicação da barbárie ibérica e sobre como superar a herança do atraso da colonização espanhola. Sarmiento inclusive justificou a expansão dos Estados Unidos na Califórnia como um sinal do avanço da civilização em meio à antiga barbárie hispânica. Para ele, a independência do México não foi suficiente para cortar os laços com a antiga metrópole,

¹⁸⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino, *Arjiropolis o la Capital de los Estados Confederados del Rio de la Plata*, Santiago: Imprenta de Julio Benin Ica, 1850, p. 54. Versão digitalizada disponível em <<http://www.proyectosarmiento.com.ar/trabajos.pdf/Argiropolis.pdf>>. Acesso em 15-11-13.

¹⁸¹ Pablo Lacoste realizou um interessante estudo sobre os dados forjados por Zeballos para justificar os seus projetos para a nação Argentina. O autor mostra que ademais do impacto da migração europeia em cidades como Buenos Aires, Santa Fé e Mendoza, a Argentina permanecia com sua população basicamente constituída por mestiços, o que contrariava as teorias da Argentina branca e europeia idealizada por Zeballos. ver LACOSTE, Pablo, “Estanislao Zeballos y la política exterior Argentina con Brasil y Chile”, *Revista Confluencia*, ano 1, número 2, primavera 2003, Mendoza, p. 120.

¹⁸² O antropólogo e historiador argentino Roberto Carlos Abínzano utiliza o conceito de “*frente pionero*” para referenciar o avanço progressivo da fronteira econômica da erva-mate em Misiones.

ABÍNZANO, Roberto Carlos, “El frente extractivo de yerba mate y madera – Una actividad socioeconómica transnacional de la triple frontera”. In: NÚÑES, Ángel, PADOIN, Maria Medianeira e OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Orgs), *Dilemas e diálogos platinos – Relaciones e prácticas socioculturais*, Dourados: Editora UFGD, 2010, p. 36.

representante das tradições retrógradas e medievais da Igreja Católica. Nesse caso, o processo civilizador teria que ser realizado pelos Estados Unidos, herdeiros da tradição civilizada do norte da Europa. Em meio aos debates sobre a barbárie ibérica, o termo Europa perdia o sentido já que apenas uma parte dela (as nações do norte) era considerada como um centro da civilização.¹⁸³

Da mesma maneira que os estadunidenses acreditavam pertencer a uma nação eleita por Deus para levar adiante a civilização, a providência divina também era mencionada no discurso dos viajantes sobre o processo civilizatório argentino decorrente em Misiones. Para Hernández, as escrituras diziam que o trabalho era a lei que Deus outorgou aos homens para edificarem o seu progresso. Sendo assim, apesar da herança espanhola, era pela via do trabalho que a Argentina lograria completar o seu próprio processo civilizador: “*¡El trabajo!. Esta es la ley que ha dado Jehová á los hijos de los hombres, para su progreso, así lo dice la Biblia; luego es verdad; porque si el mundo es la obra de Dios, la Escritura es su palabra.*”

184

Nessa mesma direção, convocava os seus leitores portenhos para a realização do “empreendimento civilizatório” na “terra prometida” de Misiones; *¡Ea! Gobiernos, empresarios, Ingenieros! Aquí teneis una tierra de promision. Cortinas de verde follage y portadas de nenúfares cierran el camino: ¿no habrá entre vosotros un animo emprendedor para franquearlo?*¹⁸⁵

Em uma clara alusão ao Sarmiento da fase *Argirópolis*, Basaldúa denominou Buenos Aires como a grande capital do sul, predestinada a levar o progresso e a civilização através das águas do rio Paraná. Nota-se uma aura de sacralidade no momento em que comparava o surgimento da civilização nas margens do Paraná ao despertar de Lázaro diante de Jesus Cristo. Além do que, o progresso para Basaldúa, era obra de um ser onipotente comparável somente a Deus:

Nada diré de la transformación que las orillas del gran río han sufrido en estos últimos veinte años, surgiendo como por mandato de un hada omnipotente — el hada de la industria— aquí una gran usina de papel, allí una fábrica de aceite, allá una frigorífica para exportar anualmente dos millones de carneros congelados; más lejos un elevador de granos, para llevar á los mercados del Brazil y Europa, de tierra empobrecida, el trigo indispensable á su alimentación; y aquí, y allí, y allá, cerca y lejos, vapores que surcan las aguas del Paraná, y trenes que corren sobre sus barrancas,

¹⁸³ SARMIENTO, 1915, p. 99.

¹⁸⁴ HERNÁNDEZ, op., cit., p. 59.

¹⁸⁵ Ibid., p. 140-141.

*uniendo la gran, capital del Sud con sus hijas, nacidas á la vida de la civilización mágica despertar del silbato de las locomotoras, y al fulgurar de la luz eléctrica. Así el Lázaro bíblico despertó á la voz de Jesús, el sabio mártir.*¹⁸⁶

Essa suposta lei divina não estaria reservada de forma exclusiva aos estadunidenses. O mundo era obra de Deus, e todos os seus filhos teriam o pleno direito de realizar o progresso. Vendo pela perspectiva de Hernández e Basaldúa, os Estados Unidos não eram a única nação eleita, os argentinos também detinham o direito divino de levar adiante o processo civilizador para dentro de seu território.

As comparações com o processo civilizador ocorrido no oeste dos Estados Unidos são uma constante nos relatos dos viajantes. Em suas expedições pelo Alto Paraná, Ambrosetti comparou o contexto da selva misionera ao existente no oeste estadunidense. Da mesma maneira que a figura do *pioneer* representava o avanço da civilização em meio à barbárie do oeste, o viajante readequou tal conjuntura para o espaço misionero. Para ele, os colonos instalados no Alto Paraná eram os *pioneers* argentinos encarregados de fomentar o Destino Manifesto Argentino.¹⁸⁷ Isso se mostrou evidente no fato de ter usado a própria nomenclatura inglesa *pioneer* em seu relato:¹⁸⁸ “*¡Qué buena gente aquella! Todos hombres de trabajo, cargados de familia y viejos pobladores del lugar, cada uno con su historia de infortunios y con su odisea de pioneers.*”¹⁸⁹

É notória a comparação com o típico *pioneer* dos Estados Unidos e sua luta contra um ambiente hostil e ainda não civilizado. Nessa mesma direção, usou o termo odisseia para designar a ação dos *pioneers* argentinos como uma atividade dotada de aventuras e perigos,

¹⁸⁶ BASALDÚA, op., cit., p. 11.

¹⁸⁷ Para a pesquisadora estadunidense Rebecca Stephanis, tão comparação não é válida, já que a fronteira misionera, ao contrário da fronteira oeste dos Estados Unidos, não gerou liberdade, tendo gerado apenas opressão e controle. No caso de nossa investigação, achamos a comparação válida porque a figura do *pioneer* é representada nos relatos através da ação empreendedora de portenhos e estrangeiros, e não do misionero que estava sujeito ao sistema de exploração empreendido nos ervaais. STEPHANIS, op., cit., p. 16-17. Nesse sentido, o francês Alejo Peyret, a exemplo dos viajantes argentinos, delimitou com exatidão a quem considerava como *pioneer* em Misiones: “*Debe notarse que el descubrimiento de los yerbales, la apertura de picadas, todo, en fin, se debe á los esfuerzos individuales de algunos hombres emprendedores, arrojados, activos, que bien pueden llamarse los yankees de las selvas argentinas.*”

“*[...] los señores Goicochea, Dutra, Bossetti, Lucchesi, Tamareu, Masena, Arrechea, Aramburu, Ledesma y otros cuyos nombres no recuerdo actualmente, son los yankees de las selvas argentinas, debiéndoseles á ellos la conquista de ese extenso territorio.*”

PEYRET, Alejo, *Cartas sobre Misiones*, Buenos Aires: Imprenta de la Tribuna Nacional, 1881, p. 88 e 211.

¹⁸⁸ Peyret também utilizou o termo francês “*pionnier*” para designar quem adentrava a selva misionera: “*Ese hombre, que va al desierto, á conquistar la selva, á emplantar una industria nueva es el pionnier del porvenir, el obrero del progreso, el constructor de la sociedad futura.*”

PEYRET, op., cit., p. 91.

¹⁸⁹ AMBROSETTI, 2008, p. 86.

¹⁹⁰ o que também denotava as influências literárias de seu sogro, Holmberg, e consequentemente do romancista Júlio Verne. Para ele, o processo civilizador seria realizado em nome da Pátria Grande Argentina idealizada pela elite portenha da época.

Quando cruzou a fronteira, já em território brasileiro, a comparação com os Estados Unidos continuou presente em seu relato. Para ele, a Colônia Militar de Foz do Iguaçu ¹⁹¹ representava o avanço brasileiro no sentido oeste de seu território:

*En la Colonia se notaba bastante movimiento. Aquel Pueblo formándose en medio de la selva virgen tenía algo de norte-americano. Por todas partes el sonido seco del hacha al herir los árboles, el ruido terpitante finalizado con el golpe rudo junto con la quebrazon de ramas de estos al caer, semejante á una fuerte detonación, los gritos de trunfo de los hacheros, el chisporroteo de los rozados al arder, semejante á un fuerte tiroteo entre espesas columnas de humo y al lado de eso, las sierras, martillos, etc., funcionando en la construcción de los ranchos, y el chillido de las alzaprimas tiradas por bueyes transportando madera, llenaba de animación en la construcción de los ranchos [...].*¹⁹²

Seria essa uma ameaça ao Destino Manifesto Argentino? Para Ambrosetti, o fato dos brasileiros estarem construindo colônias no Alto Paraná denotava que a Argentina estaria perdendo essa corrida civilizatória para o país vizinho que estendia o seu processo civilizador até à sua fronteira oeste, logo em frente à fronteira nordeste argentina ainda não ocupada:

*Ese espectáculo era muy bello para que no dejase de mortificarme al compararlo con el otro salvaje que ofrecia la costa Argentina del otro lado del Iguazú, cuando un poco de buena voluntad de parte del Gobierno Nacional podria hacerse en muy poco tempo lo mismo y más.*¹⁹³

Tal problema já havia sido apontado por Sarmiento, que considerava o Império do Brasil como o principal rival na corrida pelo processo civilizatório na América do Sul:

¹⁹⁰ O terno odisseia tem origem na Antiga Grécia, aparecendo no título de um dos poemas que integram a Ilíada, cuja autoria é atribuída a Homero. Hoje o termo se encontra incorporado como substantivo nas línguas latinas para designar uma série de acontecimentos ou uma viagem cheia de aventuras extraordinárias.

Holmberg também usou esses termos em seu relato: “[...] eliminando de toda la Odiseia de nuestra Comisión todo lo que es científico, queda y sobra para una o dos Ilíadas.” HOLMBERG, op., cit., p. 32.

¹⁹¹ A Colônia Militar de Foz do Iguaçu foi fundada em 1889 sob a égide da administração militar do Império Brasileiro. Era parte de um amplo projeto de assegurar o domínio brasileiro nas regiões de fronteira. Ver FREITAG, Liliane da Costa, “Impressões de um dirigente: relatos e relatórios da Colônia Militar de Foz do Iguaçu nos anos de 1897-1898”, *Revista de História Regional do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG*, 12(2), Inverno: Ponta Grossa, 2007, p. 191-224.

¹⁹² AMBROSETTI, 1894, p. 133.

¹⁹³ Ibid., p. 133-134.

*Los Estados del Plata están llamados, por los vínculos con que la naturaleza los ha estrechado entre sí, a formar una sola nación. Su vecindad al Brasil, fuerte de cuatro millones de habitantes, los pone en una inferioridad de fuerzas que sólo el valor y los grandes sacrificios pueden suplir.*¹⁹⁴

No rio Paraná, a costa argentina ainda considerada como bárbara pelo viajante, urgia pelo processo civilizador, e Ambrosetti cobrava medidas por parte do Estado. Se pelo lado brasileiro da fronteira o Estado já se fazia presente, no lado argentino a falta da presença do Estado chamou a atenção dos viajantes. Ramón Lista, mesmo tendo sido enviado de forma oficial pelo governo, ressaltou de maneira indireta a falta de autoridades estatais na região do Alto Paraná:

*No han sido determinados todavía los puntos mas convenientes para fijar el asiento de las autoridades locales que deben administrar cada Departamento; pero existen ya comisiones municipales en Santa-Ana, Concepcion y San Javier, y por médio de ellas se recauda la renta pública.*¹⁹⁵

A essa altura Misiones estava dividida em cinco departamentos: San Martín, San Javier, Monteagudo, Piray e Iguazu. Das três autoridades citadas por Lista, duas se localizavam no Alto Uruguai (Concepción e San Javier). Ainda que Santa-Ana estivesse localizada no Alto Paraná (região oeste do departamento de Iguazu), na parte leste não havia nenhuma autoridade estatal. Era justamente a região do rio Iguaçu, onde estava a fronteira com o Brasil,¹⁹⁶ que Ambrosetti denominava como selvagem e despovoada em comparação ao lado brasileiro onde já existia o núcleo urbano de Foz do Iguaçu. Para os viajantes, a presença do Estado era extramamente necessária não somente na capital Posadas, mas também nos rincões do extremo oriental do território, justamente por ser uma área fronteira ao Brasil.

O ideário da expansão das fronteiras argentinas era algo que permeava tanto a esfera governamental, como também a esfera intelectual da época. A questão do mundo civilizado sobre um mundo classificado como bárbaro e desconhecido, era de primordial importância para os viajantes. Para além de pensar na fronteira política com o Brasil, era necessário avançar a civilização selva adentro, justamente para impedir que a fronteira política do vizinho avançasse em direção ao território argentino.

¹⁹⁴ SARMIENTO, 1850, p. 35.

¹⁹⁵ LISTA, 1883, p. 33.

¹⁹⁶ Ver mapa 1.

Essa ideia corrobora com a teoria de Turner, que explica o avanço da fronteira dos Estados Unidos pelo avanço rumo ao oeste. No entanto, para o caso estadunidense, não havia a presença de nenhum Estado vizinho junto às suas fronteiras do oeste: o que deveria ser anexado era um território considerado “virgem e bárbaro”. Cada novo avanço no sentido oeste representava um renascimento de uma nova nacionalidade, seguindo a sua direção natural que era a fronteira final do Oceano Pacífico. Sendo assim, a fronteira explicava a História dos Estados Unidos.¹⁹⁷

A fronteira também era assunto de primazia durante a presidência de Roca, e por isso era imperativo colonizar e mapear uma região ainda desconhecida. Tal prerrogativa já havia sido anunciada pelo seu antecessor, presidente Avellaneda, que em 1875 solicitou à província de Corrientes a seção de partes do território misionero com vista a fomentar a colonização:

*“[...] se llevarán también a cabo en esta provincia cediendo para ello lotes de tierras en altas Misiones sobre los ríos Alto Paraná y Uruguay, cuya ventajosa situación y renombrada fertilidad independientemente de otras condiciones, las constituyen aptas para recibir una inmigración industrial que pueda cultivar con provecho esos feroces territorios.”*¹⁹⁸

Roca não deixou de seguir a prédica do governo que o antecedeu, do qual também fez parte como um de seus ministros. Era necessário avançar selva misionera adentro. Se Misiones antes era considerada como uma “terra perdida”, na altura do fim do século XIX era considerada como um “tesouro nacional” ávido por exploração por parte da elite portenha.¹⁹⁹

A região já havia sido ocupada pelos jesuítas durante a colonização espanhola. No entanto, a ação dos argentinos representava uma nova etapa na história da região. Dentro da perspectiva positivista pensada na época, falhou o processo civilizatório empreendido pelos jesuítas. Consequentemente, a barbárie voltou a reinar na região. Já no século XIX, Misiones chegou a ficar sob a órbita do caudilho indígena Andresito Artigas, o que representava a mais completa barbárie na visão dos unitários de Buenos Aires. Era a elite portenha que deveria assumir as rédeas da civilização em Misiones e reassumir uma linha evolucionista

¹⁹⁷ AVILA, Arthur Lima de, *E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*, 175 f. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação da UFRGS, Porto Alegre, 2006, p. 69.

¹⁹⁸ Colección de datos y documentos referentes a Misiones como parte integrante de la provincia de Corrientes – 2ª parte, Corrientes, Imprenta la Verdad, 1877, p. 363 apud AMABLE, 2011, p. 142.

¹⁹⁹ Nas palavras de Stephanis: “At this point, the region embarked upon a process of transformation and began its conversion from a forgotten land to a «national treasure»”.

“Nesse momento, a região iniciou um processo de transformação, assim abandonando a condição de terra esquecida e alcançando o status de «tesouro nacional»”. Tradução nossa. STEPHANIS, op., cit., p. 5.

interrompida com o retorno da barbárie durante o período localizado entre a expulsão dos jesuítas em 1767 e o início da chegada efetiva do Estado argentino em 1880, com a ascensão do presidente Roca.

Pensando pela lógica da barbárie alternante, ainda que o passado jesuíta estivesse atrelado à barbárie ibérica, era um grau de civilização maior em comparação com o estágio nômade em que viviam as populações indígenas. Nesse caso, a escala de valores da civilização colocava os jesuítas em uma centralidade, enquanto que os indígenas ocupavam um grau subalterno.

De acordo com os viajantes, era necessário reassumir o progresso na região após uma era de caos e barbárie representada pela era colonial e pela dominação dos caudilhos. A passagem dos jesuítas representava um estágio a ser lembrado, mas não imitado. Afinal, os ibéricos não representavam o modelo ideal de progresso no fim do século XIX. De acordo com Zea, o positivismo seria o instrumento através do qual as novas nações latino-americanas realizariam tal transformação.²⁰⁰

Qual seria então o modelo a ser seguido pelas novas elites latino-americanas?

Segundo Zea, a resposta residia em seguir o caminho realizado pelos Estados Unidos: *“Ser como los yankees para no ser dominados por ellos o ser, simplemente, los yankees del sur para poder así ser parte del mundo que estos, con su acción han creado.”*²⁰¹

No caso argentino, a solidificação do Estado não se dava somente pelos altos índices de crescimento de então, mas também pelo avanço de suas fronteiras internas. Era o Destino Manifesto Argentino que colocava Buenos Aires como encarregada de assumir o controle de todas as suas *hinterlands*, incluindo Misiones. Dentro de uma perspectiva positivista, o progresso novamente entraria em curso no fim do século XIX, com a diferença de que o empreendimento civilizatório não estava mais nas mãos de europeus, mas sim a cargo da elite de Buenos Aires. Lista realizou esse enunciado em seu relato. Era a hora de retomar o curso do progresso em Misiones iniciado com a ação dos jesuítas:

Hasta ahora poco, esa maravillosa region habia permanecido olvidada, pero la voz del patriotismo pronuncio su nombre, y todos recordamos que la pátria estaba allí tambien, con sus verdes arboledas y su suelo feraz, esperando que otros hombres y otros móviles reproduzcan las maravillas

²⁰⁰ ZEA, Leopoldo, El Positivismo, In: ZEA, *Pensamiento Positivista Latinoamericano*, Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980, p. XII.

²⁰¹ Ibid.

*que humildes misioneros llevaron á cabo sin mas apoyo que la fé inquebrantable.*²⁰²

A marcha do progresso rumo a um território obscuro e desconhecido conflitava com a seguinte situação: a falta de povoamento sedentário. O estabelecimento dos núcleos urbanos das missões jesuítas representava uma etapa rumo à civilização. No entanto, esse processo havia se mostrado infrutífero. Para Ambrosetti e Hernández, os jesuítas não foram capazes de realizar o processo civilizador em Misiones:

*Si en los 100 años de su dominacion, hubieran preparado una generacion siquiera á la vida civilizada, hoy las Misiones serían otra cosa, y en vez de encontrarse entre los naranjos y el monte, los escombros de sua obras, la vida activa de los grandes centros llenaría esa region, que recién empieza á despertarse.*²⁰³

*A mantenerse el sistema Jesuitico hasta hoy, los misioneros estarian en el mismo estado, pues no se descubre ningun progreso en tal sentido, á pesar del siglo y médio de educacion Jesuítica [...].*²⁰⁴

Os dois viajantes carregavam consigo todo o cabedal ideológico de repulsa à barbárie ibérica, uma influência direta de alguns dos escritos dos pensadores da *Generación del 37*. Para Hernández e Ambrosetti, a etapa jesuíta era um passado a ser superado pelo processo civilizador argentino.

2.3.1. Colonizando Misiones

Era imperativo retomar o caminho do progresso, e a política da colonização era considerada como uma das principais estratégias nesse empreendimento civilizador nacional. Os viajantes da *Generación del 80* não deixaram de ser influenciados pela sua geração predecessora. Por esse motivo as palavras de Alberdi ainda faziam sentido no contexto misionero: “*gobernar es poblar*”.²⁰⁵

Considerando a perspectiva positivista da época, a baixa densidade demográfica era vista como um empecilho para o progresso. Augusto Comte afirmava que em um ambiente com baixa densidade demográfica, não seria possível o desenvolvimento do intelecto ideal para o progresso. Uma região com população esparsa estaria condenada a uma

²⁰² LISTA, 1883, p. 4.

²⁰³ AMBROSETTI, 1892, p. 39.

²⁰⁴ HERNÁNDEZ, op., cit., p. 22.

²⁰⁵ ALBERDI, Juan Bautista, *Bases y punto de partida para la organización política de la Republica Argentina*, p. 116.

“subalternidade primitiva”²⁰⁶ O geógrafo alemão Friedrich Ratzel, partindo desse mesmo contexto positivista, afirmava que “a densidade populacional produz não somente continuidade e certeza de um forte crescimento mas também um imediato progresso da civilização [...]”²⁰⁷

A marcha da ocupação da fronteira misionera passava pela problemática da retomada do progresso que havia sido interrompido. Colonizar Misiones era uma necessidade de primeira ordem. Estabelecer núcleos urbanos era uma premissa essencial para se atingir o estágio da civilização. A problemática da colonização se mostrava evidente nos relatos dos viajantes e mostrava o quanto era uma de suas principais preocupações.

Logo na segunda página de seu relato, Lista apontou para tal necessidade: “*Ningun país mas naturalmente preparado para la colonizacion, que las Misiones*”.²⁰⁸ Hernández tocou nessa problemática ao enviar uma carta ao presidente Roca em 1887, a qual se encontra anexada em seu relato: “*Al reproducir mis cartas misioneras en forma de libro, lo hago con el deseo de cooperar á la obra benéfica emprendida por su gobierno para la colonización de aquella zona importante del Territorio Argentino.*”²⁰⁹

Logo na primeira página de seu terceiro relato, Ambrosetti anexou uma carta enviada pelo presidente Sáenz Peña, que deferia recursos para a expedição. A colonização a ser realizada pela via do incentivo à migração ao território era uma das preocupações do presidente argentino. Um dos objetivos confiados a Ambrosetti pelo presidente residia na coleta de informações que pudessem colaborar com tal política de Estado:

*En mérito de las consideraciones aducidas por el Instituto Geográfico Argentino, manifestando haber confiado al Sr. Juan B. Ambrosetti y dos ayudantes el estudio y exploración de las Misiones, y resuelto enviar algunas expediciones, a fin de que recolecten el mayor número de datos exactos, sobre la naturaleza y riqueza de los territorios nacionales, su colonización, historia, arqueología y etnografía, con el fin de completar en lo posible sus respectivas descripciones, las que publicadas, servirán de propaganda a la inmigración [...].*²¹⁰

Tal problemática também foi mencionada por Lista:

²⁰⁶ COMTE, A., Curso de Filosofia Positiva, In: MORAES FILHO, Evaristo (org.), Comte, p. 143 apud GALETTI, op., cit., p. 58.

²⁰⁷ RATZEL, F. *Le razze umane*, apud GALETTI, op., cit., p. 59.

²⁰⁸ LISTA, 1883, p. 4.

²⁰⁹ HERNÁNDEZ, op., cit., p. 3, grifo do autor.

²¹⁰ AMBROSETTI, 2008, p. 23.

*“La importancia de esa region, es indiscutible en todos respectos y especialmente bajo el punto de vista de la colonizacion. Sus numerosos arroyos pueden servir á la vez como canales de irrigacion y como fuerzas motrices aplicables á la indústriá.”*²¹¹

A problemática da colonização estava também associada à questão da identificação dos pontos estratégicos a serem colonizados. Esse fator desembocava na necessidade do mapeamento de Misiones e da localização dos pontos estratégicos para essa colonização.

O rio Paraná, considerado como via arterial da comunicação entre Buenos Aires e Misiones, era a referência natural para a realização dessa colonização, um ponto estratégico para as comunicações entre Buenos Aires e a fronteira nordeste da Argentina: *“[...] la zona regada por el Paraná, donde la temperatura es mas constante y mas fáciles los médios de comunicacion con el resto de la República.”*²¹²

A ocupação das margens do Paraná era algo impreterível. Mesmo os planos de ocupação, interior adentro, tinham que tê-lo como referência. Se uma povoação se localizasse a leste do rio, no sentido da fronteira com o Brasil, era necessário que a localidade tivesse uma conexão com o Paraná pela via de algum afluente ou por uma picada²¹³ aberta dentro da selva misionera, representando assim o avanço simbólico da civilização a partir do rio Paraná em direção à selva misteriosa e desconhecida.

Lista se preocupou em elaborar um capítulo específico sobre o tema da colonização em Misiones. É o caso do último capítulo de seu relato intitulado simplesmente *“Colonización”*, o qual se inicia com as seguintes palavras: *“De los territorios argentinos, Misiones es, sin disputa alguna, el que mayores ventajas ofrece á la colonizacion.”*²¹⁴

Fazendo referência ao informe de Samuel Navarro, então *Comisario General de Inmigración*, mencionou o fato das cidades situadas às margens do rio Uruguai terem retornado ao estado primitivo da natureza após o período jesuítico. Era um alerta sobre como era necessária a retomada do curso da civilização desse território pela via da colonização:

Los terrenos de Apósteles, Mártires, Concepcion, Santa Maria y San Javier, vueltos ao estado primitivo de la naturaleza por el descanso forzado de mas de cien años, despues de cultivado durante el mismo período bajo la direccion de los P.P. Jesuitas, se encuentran actualmente en la disposicion mas favorables para la colonizacion, que nada tiene que arriesgar por ensayos allí, donde la agricultura llevada por largo tiempo á un desarrollo fabuloso, se representa al presente de una manera que assombra, bajo el

²¹¹ LISTA, 1883, p. 51-52.

²¹² Ibid., p. 106.

²¹³ Denominação para um caminho estreito aberto em meio à mata.

²¹⁴ LISTA, 1883, p.105.

*impulso de la inmigración espontánea, que iniciada desde la guerra del Paraguay, aumenta con alguna rapidez.*²¹⁵

O rio Uruguai era outra importante via arterial nas comunicações entre Buenos Aires e Misiones. No entanto, o Paraná exercia um maior fascínio entre os viajantes devido ao fato deste oferecer a possibilidade de atingir pontos até então inalcançados ao norte de seu território. Já o curso do rio Uruguai era conhecido e delimitava uma fronteira já consolidada entre Brasil e Argentina.²¹⁶

Resultado direto das expedições realizadas por Lista pelo Alto Paraná, foi o decreto emitido pelo presidente Roca para a construção de duas novas colônias em Misiones:

Ministerio del Interior

Buenos Aires, Febrero 20 de 1883.

Resultado de las exploraciones ultimamente practicadas en el territorio de Misiones, que existen zonas adecuadas para la colonizacion, y siendo conveniente promover en ellas el desarrollo de la agricultura, el Presidente de la Republica –

Decreta

Art. 1º El Departamento de Ingenieros Civiles contratará la mensura de dos colonias de cien quilómetros cuadrados de superficie cada uno en los puntos que resulten mas convenientes dentro del territorio de Misiones.

Art. 2º Para la eleccion de esos puntos se tendrá en consideración la proximidade a las vias de comunicacion, la adaptabilidad del terreno para la agricultura y si fuese posible, la vecindad de un centro de poblacion.

Art. 3º Si existiesen algunas poblaciones que pudiesen tomarse como base de las colônias, se elejirán preferentemente de los terrenos de sus alrededores para ubicarlas.

Art. 4º La mensura y subdivisión del terreno se hará de conformidad con lo dispuesto por la ley de Inmigracion y Colonización, y se expedirán instrucciones al agrimensor en la parte que respectivamente les corresponda por los Departamentos de Ingenieros Civiles y de Agricultura y por la Oficina Central de Tierras y Colonias, previniéndosele en ellas, que para la eleccion del lugar en que se trazarán las colônias, debe atender tambien las indicaciones del Gobernador del territorio de Misiones.

Art. 5º El gasto que origine esta mensura se imputará á la ley de 3 de Noviembre de 1882.

²¹⁵ Ibid., p. 109.

²¹⁶ O rio Uruguai nasce na Serra Geral, próximo à costa atlântica do Rio Grande do Sul e corre no sentido leste-oeste demarcando o limite entre esse estado e Santa Catarina. Quando recebe as águas do rio Peperi-Guaçu, seu curso toma a direção sul e demarca a fronteira entre Brasil e Argentina, na região conhecida como Alto Uruguai (fronteira esta definida em 1750 após a assinatura do Tratado de Madri, delimitando primeiramente os domínios de Espanha e Portugal, e mais tarde entre Argentina e Brasil).

Sobre o histórico da ocupação do lado brasileiro, ver GOLIN, Tau, *Expedição do Estado-nação nos sertões dos bugres*, in Cadernos do CHDD / Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de História e Documentação Diplomática. – Ed. Especial, Brasília: A Fundação, 2007, p. 79-90.

Sobre a ocupação do lado argentino, ver BOLSI, Alfredo S.C., *El Primer Siglo de Economia Yerbatera, Folia Historica del Nordeste*, Resistencia, nº 4, 1980, p. 137.

*Art 6º Comuníquese, publíquese é insértese en el Registro Nacional.
(Firmado) – ROCA
Bernardo de Irigoyen*²¹⁷

O decreto deixava claro que a eleição da localização dessas novas colônias se daria mediante a proximidade com as vias de comunicações que a essa altura eram essencialmente fluviais. Por isso a ocupação das margens do Paraná era um caminho natural para a expansão da presença argentina no Alto Paraná. A construção das novas colônias de Santa Ana e Candelária representavam um marco simbólico dessa conquista já que eram, até então, os núcleos urbanos mais avançados no Alto Paraná.

No entanto, as impressões que Holmberg manifestou durante sua estada em Santa Ana, então recém-mensurada por Hernández, não eram nada positivas. Para ele, a civilização não se fazia presente na localidade, pois não havia urbanização suficiente, o que era uma clara alusão ao ideal urbanístico e a dicotomia cidade-campo idealizada por Sarmiento: *“La Colonia Santa Ana es un villorio miserable en su aspecto. Todas las casas son de palos, muy simplemente relacionados los unos con los otros, las paredes de barro y el techo de paja. Son ranchos.”*²¹⁸

Se, por um lado, as costas do Paraná eram o caminho natural para o avanço da civilização, o interior misionero com a sua selva impenetrável representava um grande vazio demográfico que atraía o imaginário dos viajantes para a região, vista como um campo fértil para o avanço do processo civilizador. Holmberg inclusive defendeu a ideia da transferência de Santa Ana das margens do Paraná para a região de Loreto, no sentido leste de Misiones, rumo ao interior: *“La Colonia Santa Ana no necesita ensanche; lo que necesita es ser suprimida de donde está, transportándola a otra parte, más allá de Loreto, en el bosque virgen, primitivo, donde las calpas de húmus se cuentan por metros.”*²¹⁹

A conquista do lado oriental de Misiones era uma questão ambígua e coloca de lados opostos as posições dos viajantes e de alguns setores do governo que estavam interessados em proteger os seus interesses nas áreas ervateiras, o que implicava no retardamento das políticas públicas a favor da colonização do interior misionero.

Se por um lado, o avanço selva adentro representava a conquista efetiva de um território litigioso com o Brasil, a legislação que Buenos Aires impunha sobre Misiones - no que tocava a exploração da erva mate - prejudicava o povoamento da região leste misionera.

²¹⁷ LISTA, 1883, p. 107-108.

²¹⁸ HOLMBERG, op., cit., p. 200.

²¹⁹ Ibid., p. 201.

Segundo Amable, as leis que proibiam o povoamento das áreas próximas aos ervais tiveram como consequência direta a perda do território litigioso para o Brasil. Isso explicaria o fato do presidente Cleveland ter usado a teoria do *Uti Possidetis* ²²⁰ para justificar a maior presença de brasileiros na zona litigiosa. ²²¹

Outro fator que contribuía para o despovoamento da região era a questão do latifúndio. Esse problema remontava aos conflitos existentes entre Buenos Aires e a província de Corrientes pela posse de Misiones. Sabendo que perderia a jurisdição sobre o território, o governo de Corrientes se apressou em vender grandes extensões de terras a particulares, criando assim latifúndios que inclusive se estendiam para áreas que viriam a ser território brasileiro. No momento em que ocorreu a federalização de Misiones no final de 1881, o governo de Buenos Aires herdou um território que estava majoritariamente concentrado nas mãos de apenas trinte e oito compradores. ²²²

O latifúndio era considerado um entrave ao processo civilizador. O agrimensor Rafael Hernández fez duras críticas ao problema, já que isto afetava diretamente o seu trabalho. A projeção das novas colônias esbarrava no problema de não poder tocar nesses terrenos particulares:

Para fundar las dos colonias de Candelaria y Santa Ana, que solo ocupan 8 leguas cuadradas, he tomado todo el terreno fiscal que existia en una extension de mas de cincuenta léguas de Este á Oeste, sobre la ribera del Alto Paraná, y aun me há sido necesario proceder á la expropiación de una parte.

No me parece, pues, aventurado decir, que el progreso de esta rica comarca está encerrado dentro del interés de algunos señores feudales. ²²³

No caso específico de Candelária:

No se há completado en esta colonia la extension de cuatro léguas kilometricas, por cuanto el terreno fiscal no alcanzaba y fué necesario tocar

²²⁰ *Uti Possidetis* é um princípio de direito internacional segundo o qual os que de fato ocupam um território possuem direito sobre este. A expressão advém da frase *uti possidetis, ita possideatis*, que significa "como possuís, assim possuais". Proveniente do direito romano, o princípio autoriza uma parte a contestar e reivindicar um território.

²²¹ AMABLE, María Angélica, *Historia de la Yerba Mate en Misiones*, Posadas: Ediciones Montoya, 1989, p. 137.

Ambrosetti transcreveu em seu relato a lei que implicava em tal proibição:

"Art. 17.º. Se prohíbe igualmente hacer habitaciones permanentes en la sierra o Campo Grande, bajo pena de destrucción de la habitación y multa de cien pesos fuertes por cada una."

AMBROSETTI, 2008, p. 90.

²²² ZOUVI, op., cit., p. 12-13.

²²³ HERNÁNDEZ, op., cit., p. 148.

*una propiedad particular, que ocasionó la protesta de D. Felisario Enriquez [...].*²²⁴

Mesmo sendo um enviado direto do governo de Buenos Aires, Hernández não poupou críticas a esse grave problema, que em sua opinião atrasava o progresso de Misiones. O mesmo não ocorreu com Lista, já que em seu relato não há nenhuma menção à existência do latifúndio. A conotação oficial de sua expedição é um indício sobre o porquê da omissão desse dado. Já em relação aos demais viajantes – ligados de forma indireta ao governo através das instituições científicas – foram unânimes em relatar o latifúndio como um grave problema, e também uma barreira para o processo civilizador.

Em seu capítulo dedicado ao tema da colonização de Misiones, Lista em nenhum momento mencionou a existência dos latifúndios herdados da província de Corrientes. Inclusive sugeriu a implementação do cultivo da cana-de-açúcar nas margens do rio Paraná, área ocupada majoritariamente por latifúndios:

*Sépase que en Misiones crece la caña Dulce con rapidez asombrosa, sin exigir los cuidados que en otras partes del mundo.
Los cañaverales que he visto sobre las margenes del Paraná y del Uruguay, algunos de ellos de mas de diez años de edad, sorprenden por su lozanía y altura. Hay cañas que miden hasta seis metros de longitud.
Esas gigantescas gramíneas crece bien en la mayor parte de los terrenos, con tal que estén provistos de la humedad necesaria; pero debe preferirse, no obstante, la zona regada por el Paraná, donde la temperatura es mas constante y mas fáciles los médios de comunicacion con el resto de la República.*²²⁵

Ao subir o Alto Paraná e entrar em Misiones, Holmberg realizou sua primeira parada em Posadas. O viajante logo lançou impressões negativas a respeito da cidade. Para ele o progresso se fazia difícil naquela região justamente pela existência do latifúndio. Para Holmberg, o cultivo de açúcar nas margens do Paraná possivelmente poderia trazer o progresso para a região. No entanto, contrariando o que foi relatado por Lista, tal empreendimento não seria possível devido justamente à existência de grandes latifúndios que compreendiam boa parte da costa do Paraná desde a altura do arroio Itaembé (situado na cidade de Posadas) até a altura da desembocadura do rio Iguaçu (ambos os rios afluentes do Paraná). Ou seja, toda a costa argentina do Alto Paraná estava ocupada pelo latifúndio. Dessa maneira, notamos que o projeto da colonização do Paraná entrava em contradição sob a ótica

²²⁴ Ibid., p. XIV.

²²⁵ LISTA, 1883, p. 105-106.

dos dois viajantes citados. Se por um lado, Lista não mencionou a existência desses grandes proprietários, Holmberg apontou essa concentração de terras para justificar o atraso na região:

*El cultivo de Caña de azúcar ofrece a Posadas un aumento considerable de población, una vez que todos los terrenos apropiados se cubran con el citado vegetal. Pero hay más de un inconveniente para esto. Por el momento sólo hay dos clases de terrenos apropiados, siéndolo especialmente la costa del Paraná, y en segundo término, la falda tropical de los cerros. Pero no todos los cerros son adaptables a ello y, en cuanto a la costa del Paraná, eso ya es cuestión más seria. Desde el comienzo ribereño de Misiones, en la boca del Itaembé, hasta su fin, en la boca del Iguazú, toda la costa pertenece a cuatro o seis propietarios, algunos de los cuales sons dueños hasta de 250 leguas (aunque no todo sea costa), y otros, según se afirma con generalidade, hasta de 365 leguas. Hay pequeñas porciones excluidas, por cuanto hasta ellas no alcanza el dominio de los ricos propietarios, pero esto nada significa, porque pasando el dominio particular de los colonos, habitantes fijos del solar señalado, ellos no aumentarán seguramente la población de Posadas.*²²⁶

Seguindo mais ao norte do Alto Paraná, a 200 km de Posadas, se localiza Puerto Piray. A essa altura era considerado um importante porto no rio Paraná por ser o local por onde era escoada toda a produção de erva mate proveniente da região de San Pedro, localizada no lado oriental de Misiones, próximo à fronteira com o Brasil. Ambrosetti, ao passar pela região denunciou o mesmo tipo de problema que Holmberg descreveu a respeito de Posadas. O latifúndio era um problema que acarretava que Puerto Piray não lograsse desenvolvimento como um efetivo núcleo urbano:

*No hay ni una casa de negocio, nada absolutamente que indique que allí pueda formarse un núcleo de población, siendo un punto tan importante que pone en comunicacion el interior de las Misiones con toda la costa [...] en esta parte de Misiones es muy difícil que pueda haber progreso, por las grandes estensiones de campo que poseen algunos pocos propietarios que no se preocupan de ellos, al punto que muchos ni siquiera los han visto; lo único que se hace, es una explotación salvaje de yerbas y madera sin sembrar una cuarta de tierra.*²²⁷

Puerto Piray era apenas um entreposto ervateiro. Após a safra da erva mate o porto era abandonado e não havia outro atrativo que pudesse sedentarizar alguma população nessa localidade. Seguindo os ditames positivistas, Ambrosetti relatou que após o término da safra, a barbárie voltava a cobrir um local que seria apto para a civilização. Da mesma maneira que acreditava no retorno à barbárie após o fim das missões jesuíticas, essa lógica exploratória

²²⁶ HOLMBERG, op., cit., p. 108.

²²⁷ AMBROSETTI, 1892, p. 109.

acabava tendo o mesmo fim. Com a diferença de que a exploração ervateira era um sistema cíclico. A barbárie sempre retornava após o fim da safra de erva-mate. A passagem a seguir retrata essa luta constante entre civilização e barbárie:

*Hoy entran á trabajar á los yerbales doscientos hombres y despues de la zafra todos se retiran, las picadas abiertas vuelven á cerrarse, la naturaleza recupera sus domínios momentaneamente invadidos y los tigres tatetos, venados, etc., se pasean tranquilamente donde el hombre derramó su sudor [...].*²²⁸

A lógica positivista do progresso linear também foi apontada por Ambrosetti no momento de sua estada em San Ignacio, outra localidade situada nas margens do Paraná. Uma vez mais o latifúndio era apontado como a causa do retardamento do progresso. Tratava-se de uma corrida civilizatória que poderia ser retardada ou retomada conforme as medidas empregadas. Neste caso, eram as medidas relacionadas com as questões de urbanização e povoamento de San Ignacio:

*Ese error de los que debieron anteponerse a las miras egoístas de los grandes propietarios, lo ha pagado bien caro el territorio de Misiones, puesto que ha atrasado en veinte años su progreso material, destruyendo mucho de lo ya hecho, y sofocando un gran número de bellas iniciativas.*²²⁹

Para Basaldúa, Misiones era um lugar onde imperava o latifúndio, fato este que trazia graves malefícios para a Argentina. Mas sua posição era ambígua na medida em que sugere a colonização apenas das terras pertencentes ao Estado. Quando faz menção a Domingo Barthe,²³⁰ um dos grandes latifundiários de Misiones, a descrição é positiva. Citou o latifúndio desse proprietário como se fosse um próspero reino europeu. Essa contradição pode ser explicada pela própria origem basca de Barthe. Ainda que estivesse radicado na Argentina, o viajante carregava consigo a influência do nacionalismo romântico corrente no século XIX: “[...] Barthe merece mención especial, no solamente porque reúne las condiciones generales

²²⁸ Ibid., p. 110.

²²⁹ AMBROSETTI, 2008, p. 78.

²³⁰ Domingo Barthe foi um dos homens mais poderosos de Misiones. Nascido na região basca da França, em 1867 se radicou em Misiones, onde desenvolveu atividades ligadas à indústria dos vapores e a erva-mate. Barthe é outro exemplo que corrobora com a tese de Natálio Botana sobre como o poder econômico está estreitamente vinculado com o poder político, já que sua influência permeava tal âmbito, inclusive tendo chegado ao cargo de vice-prefeito de Posadas.

Ver: BOTANA, op., cit., p. 71.

ALCARÁZ, Alberto Daniel, *La gestión de una “elite local” durante la explotación yerbatera-maderera en el Alto Paraná (1870-1920) - Domingo Barthe: un representante paradigmático*. 164 f. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), Universidad Nacional de Misiones, Posadas, 2013, p. 116.

de audacia, perseverencia, laboriosidad y honradez que caracterizan la raza eskalduna [...].”

231

Tudo o que viesse a remeter à sua pátria natal era apontado como algo positivo e que naquela situação em particular, favoreceria o progresso na Argentina: “*Si fuera permitido alterar los nombres geográficos diríamos que el Ato Paraná debería llamarse Río de los Baskos, tal es la cantidad y la alcúrnica de los que lo descubrieron primero, lo exploraron después, y lo pueblan actualmente.*”²³² Esse ponto o diferenciava dos outros viajantes nacionais. Mas no que tocava ao processo civilizador argentino, o pensamento do viajante basco era bastante similar ao dos outros viajantes nascidos na Argentina:

El latifundio, contrario á las doctrinas democráticas, es ya un mal grave en la República Argentina; pero en Misiones asume gravísimos caracteres, porque la inmensa extensión de territorio há sido vendida, á la marchanta entre curas y sacristanes, y puede decirse que en Misiones hay sólo diez propietarios, con centenares de léguas muchos de ellos.

*Quedan todavía, en el centro, entre las sierras, en lo más alto, lo más fresco, lo más fértil y lo más rico, unas cuatrocientas léguas cuadradas de campos fiscales: si el Gobierno, dividiéndolas en lotes, las entregara á familias agricultoras, á plazos convenientes, afluirían allí millares de colonos.*²³³

A contradição permaneceu em meio às suas expedições pela costa do Alto Paraná, uma área dotada de grandes latifúndios. Para Basaldúa, somente a colonização espontânea traria o progresso para “*los desiertos de Misiones*”²³⁴. Para alcançar esse fim: “*es necesario reservar toda la tierra pública, subdividirla en pequeñas parcelas, y entregarlas á precios de ley exclusivamente á los colonos.*”²³⁵ Na verdade, o âmago da questão era a de que as terras públicas seriam um pequena fração do território misionero se comparado com a grande quantidade de território em poder de alguns latifundiários.

Para os viajantes, era necessário expandir a ocupação para além da costa do Paraná. Era fundamental expandir a colonização para o interior misionero. Cerro Corá era uma importante localidade que conectava o Paraná com o rio Uruguai no fim do século XIX. A picada que ligava os dois rios era uma rota estratégica que poderia fomentar a ocupação do interior. Quando Ambrosetti visitou a localidade, relatou que o povoamento realizado ali de forma espontânea estava sendo ameaçado pelos agrimensores de Buenos Aires que julgavam aquela área como propriedade privada:

²³¹ BASALDÚA, op., cit., p. 72.

²³² Ibid., p. 110, grifo do autor.

²³³ Ibid., p. 72.

²³⁴ Ibid., p. 141.

²³⁵ Ibid., p. 135.

*Toda esta población se ha instalado allí espontáneamente, a pesar de las vicisitudes por las que han tenido que pasar, sin seguridades de ninguna especie y expuestos cualquier día a que un decreto del Ejecutivo, arrancado por sorpresa, los considerara como intrusos.*²³⁶

Para Ambrossetti, a ocupação do interior era fundamental. Era a partir de localidades como Puerto Piray e Cerro Corá, que a civilização poderia seguir avançando rumo à parte oriental de Misiones. Era uma lógica positivista similar à da expansão estadunidense elaborada por Turner na mesma época. Já que para este autor, o contínuo avanço da linha de fronteira da civilização rumo ao oeste, representaria um novo desenvolvimento para a área conquistada.²³⁷

2.3.2. Civilizando o interior misionero

A selva misionera obscura e deserta exerceu um grande fascínio sobre os viajantes portenhos. Para eles, era o lugar ainda intocado e reservatório do projeto civilizador argentino. Nas palavras de Holmberg era “[...] *el verdadero teatro de nuestras investigaciones.*”²³⁸

O interior obscuro contrastava com a luz dos símbolos da modernidade e do progresso advindos do processo civilizador. O aparecimento do trem, do barco a vapor e do telégrafo em Misiones, representava o choque de duas temporalidades distintas: a da selva “bárbara, obscura e atrasada” com a modernidade proveniente de Buenos Aires.

O aparecimento dessas modernidades era considerado como símbolos da expansão capitalista. No plano simbólico, eram responsáveis também pela ideologia dominante no século XIX de que o mundo caminhava para um progresso contínuo e linear capitaneado pela civilização ocidental rumo à vitória contra a barbárie.

Esse pensamento foi transposto para o continente americano, um dos grandes símbolos que compunham o discurso do Destino Manifesto dos Estados Unidos era a pintura de John Gast intitulada *American Progress* (Ilustração 1). Nota-se nela uma clara alusão ao avanço da ferrovia, do telégrafo e do barco a vapor (símbolos da civilização) rumo ao oeste obscuro e selvagem. A pintura representava também o choque de duas temporalidades distintas: a do civilizador branco europeu com a dos nativos americanos, “reféns da barbárie”.

²³⁶ AMBROSETTI, 2008, p. 41.

²³⁷ TURNER, op., cit., p. 24

²³⁸ HOLMBERG, op., cit., p. 177.

No tocante ao processo civilizatório argentino em Misiones, a simbologia era similar. Tais símbolos da civilização eram predestinados a lançarem a luz em meio à escuridão da selva misionera.

Ilustração 1: American Progress (1872) – Autor: John Gast

Imagem disponível no seguinte endereço eletrônico:

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/American_progress.JPG Acesso em 15-10-13

Ilustração 2: Paisaje en el Alto Parana

Fonte: LISTA, 1883, p. 2.

Lista utilizou dessa simbologia logo na capa de seu relato. A imagem que ilustra a primeira página do livro intitulada *Paisaje en el Alto Parana* (Ilustração 2) foi baseada em um esboço realizado pelo próprio viajante. Ou seja, apesar do desenho não ter sido realizado por Lista propriamente, a intencionalidade se mostrou clara no fato da obra ter sido fundamentada num esboço feito previamente pelo viajante. Nela pode ver-se um barco a vapor navegando pelo rio Paraná em direção à selva virgem misionera. O vapor nesse caso representaria o avanço da civilização argentina em Misiones. A imagem representa o encontro dessas duas temporalidades: a modernidade representada pelo barco a vapor e a natureza exuberante e selvagem pronta para ser conquistada.

O vapor até então era o único meio de transporte disponível para subir tanto o Paraná como o Uruguai. Foi o meio de transporte utilizado por todos os viajantes e somente através desse meio era possível adentrar a Mesopotâmia Argentina. O rio Paraná era o elo entre Buenos Aires e Misiones, o caminho pelo qual a civilização chegaria através da forma simbólica de um vapor que sulcava suas águas. Era também pela via do vapor que os viajantes contemplavam a natureza exuberante das margens dos rios. Ambrosetti, quando descreveu sua rota pelo Paraná até chegar a Posadas, relatou tal empreitada como uma marcha triunfante da civilização sobre a barbárie. Apesar dos perigos e das dificuldades enfrentadas, o vapor enfim chegaria triunfante ao seu destino que era a capital misionera:

*Tenemos que parar mientras se desprende una canoa que con los vaqueanos se dirige con sus largas cañas á sondar el paso.
En aquel momento, todos estamos pendientes de esa operación que nuevamente debe decidir nuestra marcha.
El paisaje no podia ser más encantador [...].
Volvieron los vaqueanos con la nueva feliz de que podíamos pasar; continuó la marcha y al franquear los pasos algunas trompadas se sintieron, pero la marcha ya no se interrumpió mas. [...].
El vapor continúa su marcha triunfante, cruzando rápido Mártires cué (punto sobre la C.A.) la Isla del Medio, el arroyo Yhú (C.P.) para llegar á las seis de la tarde al puerto de Villa Encarnación (Paraguay) y media hora despues al de Posadas, Capital del territorio de Misiones.* ²³⁹

Após ter realizado uma estada em Posadas, novamente subiu em um vapor rumo a Tacurú Pucú, ponto máximo da navegação do Alto Paraná a essa altura. A marcha da civilização Paraná adentro também possuía a sua fronteira. Pouco mais ao norte de Tacurú Pucú se localizavam os *Salto del Guairá*, barreira intransponível para a navegação naquela

²³⁹ AMBROSETTI, 1894, p. 35. CA = Costa Argentina; CP = Costa Paraguaia.

altura.²⁴⁰ A localidade representava o momento em que o homem perdia a luta contra a natureza, era uma barreira que travava o avanço da civilização.

No entanto, se fazia necessário que a civilização marchasse até a fronteira norte do Alto Paraná, a marcha do vapor teria que seguir até onde fosse possível. Durante essa marcha uma vez mais ficou evidente o encontro entre duas temporalidades distintas no Paraná: a do viajante, representando a civilização a bordo do vapor, e a do misionero, cuja embarcação em condições de inferioridade se sacudia ante a movimentação do vapor: *“Al pasar el vapor nos saludamos á gritos y aquella mole de madera empezó á bailar al compás de la marejada que levantaba el vapor. Mientras seis ú ocho perros que llevaban, nos despidieron con un concierto descomunal de ladridos.”*²⁴¹

Holmberg fez menção ao estadunidense Thomas Jefferson Page²⁴² para registrar outro encontro entre essas duas temporalidades. Ao subir o Paraná rumo a Posadas, Page registrou o momento em que estacionou com o vapor nas margens da localidade de Itatí: *“Sólo permanecí aqui el tiempo necesario para hacer la visita de orden y satisfacer la curiosidade de los numerosos visitantes por la novedad de un vapor.”*²⁴³

A problemática de levar os vapores a Misiones não se restringia apenas aos dois grandes rios. Indo na direção da lógica de ocupação do interior misionero, era imprescindível testar a navegabilidade dos afluentes desses dois grandes rios. Nesse sentido, Balsadúa analisou o exemplo do outro lado da fronteira. O fato dos brasileiros a aquela altura já manterem uma linha regular de vapores no rio Iguaçu, ligando a capital paranaense Curitiba, próxima à costa atlântica, até o extremo oeste do estado, na fronteira com a Argentina, era um exemplo a ser seguido. No plano simbólico, levar os vapores para o “deserto misionero” representava o marco da presença da civilização argentina nos pontos mais longínquos do território nacional:

Una línea de vapores brasileiros navega todo el Alto Ú-guazú, desde Curitiba, ciudad capital de la província do Paraná, hasta las cercanías del río Oiarbide que hoy décimos San Antonio-guazú, donde existen otras cataratas. El ejemplo progresista de los brasileiros merece ser imitado por

²⁴⁰ Os *Salto del Guairá* formavam a maior cachoeira do mundo em volume de água, até o seu desaparecimento com a formação do lago da Usina Hidrelétrica de Itaipu, construída durante a década de 1970. No lado brasileiro eram conhecidos pela alcunha de Salto de Sete Quedas.

²⁴¹ AMBROSETTI, 1894, p. 54.

²⁴² Marinheiro estadunidense que teve uma ampla atuação na Argentina e no Paraguai durante os anos 1850. Foi embaixador dos Estados Unidos na extinta Confederação Argentina governada por Urquiza. A obra a qual fez referência Holmberg é *The Argentine Confederation and Paraguay*, fruto da expedição de Page pelo Alto Paraná.

²⁴³ HOLMBERG, op., cit., p. 78.

*los argentinos, cerrando el circuito froterizo con vapores que testimonien la civilización argentina en las puertas mismas del desierto.*²⁴⁴

A presença do vapor na parte oriental de Misiones, para além do plano simbólico, encontrava um efeito pragmático na lógica positivista de aumentar a densidade demográfica de Misiones. Não bastava apenas pensar nos símbolos da modernidade, mas também nos meios de como se alcançar resultados práticos através de tais “meios civilizadores”. Era necessário igualar temporalidades distintas e colocar Misiones no caminho da civilização e do progresso. Somente com a ação efetiva dos civilizadores seria possível para Misiones alcançar o estágio da modernidade. Para Basaldúa, tal empreendimento poderia ser realizado por Barthe, cuja origem basca explica o fato de destacá-lo entre os grandes empresários da navegação na Argentina:²⁴⁵

*Cuando Barthe, Mihanovich ú outro cualquiera de nuestros grandes armadores se decidan á construir vapores de rápido andar, de poco calado y con el comedor y la cámara de pasajeros en la proa, para que éstos abarquen la plenitude del paisaje, refrescados por la brisa, sin mosquitos y sin las molestias del carbón y del humo, todos ganaremos: las empresas, dinero; los pasajeros, comodidad y placer: y el Territorio de Misiones, población y riqueza.*²⁴⁶

Os investimentos em torno do vapor implicavam também algumas dificuldades relacionadas com a navegabilidade do Paraná, que enfrentava problemas com a maré baixa e a barreira do Salto de Apipé, obstáculo que em muitos casos causava danos aos vapores que por ali passavam.²⁴⁷

Embora o custo do vapor fosse mais baixo se comparado com os custos de uma ferrovia, a navegação possuía suas limitações devido ao obstáculo do Apipé, que impedia que grandes carregamentos por ali fossem transportados, era o que apontava Ambrosetti:

Por hoy, cuando no se tienen vapores y chatas propias para la conducción de las maderas beneficiadas, el transporte de ellas por la vía fluvial resulta caro a causa de los rápidos del Apipé, que no permiten el paso de los

²⁴⁴ BASALDÚA, op., cit., p. 171.

²⁴⁵ Apesar de Basaldúa ter origem espanhola e de Barthe ter nascido na França, o viajante levava em conta a origem basca que ambos tinham em comum. O conceito de nacionalidade levado em conta por Basadúa é o da nação Basca, que por sua vez, se sobrepõe ao das duas nações às quais estavam ligados.

²⁴⁶ Ibid., p. 30.

²⁴⁷ Localizado entre Ituzaingó (Argentina) e Ayolas (Paraguai), o Salto de Apipé era uma região de pequenas cataratas que hoje se encontra submergido devido a existência da Represa Binacional de Yacyretá, construída durante a década de 1980.

*grandes cargamentos, y conviene más explotar los montes, mandando las vigas en balsas aguas abajo, como sucede con el cedro, por ejemplo.*²⁴⁸

Era necessário pensar numa via alternativa de transporte que pudesse integrar Misiones ao Destino Manifesto Argentino. Assim, o trem era outro símbolo da modernidade que entrou na pauta dos debates do cenário político argentino no fim do século XIX.

A ferrovia, considerada o principal invento da Revolução Industrial, foi fundamental para a grande expansão capitalista no século XIX. Ela ligava populações, regiões, países e continentes que até então estavam completamente isolados ou onde poderia demorar semanas ou meses para fazer uma simples comunicação entre si. Representava também o encurtamento de distâncias. No caso dos países de grande dimensão territorial como a Argentina, o trem era detentor de um papel fundamental no processo civilizador. As populações nativas do oeste dos Estados Unidos o chamavam de *Iron Horse*, o que representava um choque das temporalidades entre o elemento modernizador e as populações nativas americanas.²⁴⁹

A implementação da ferrovia na Argentina estava ligada à expansão do modelo agroexportador baseado na produção agrícola e na pecuária da região pampeana. Impulsionada essencialmente por capitais ingleses, era nessa região que se concentrava o maior número de linhas férreas que convergiam diretamente na cidade porto de Buenos Aires com objetivo de escoar essas exportações para a Europa pela via atlântica.

Já o desenvolvimento da ferrovia em Misiones, por estar fora do eixo agroexportador pampeano, dependia essencialmente dos investimentos estatais. Os investimentos ingleses concentravam-se essencialmente na região pampeana, ficando a cargo do Estado os investimentos nas ferroviárias no restante das províncias que não atraíam o interesse econômico da Inglaterra. Desfalcado pelo capital inglês, o Estado Argentino encontrava dificuldades em estabelecer uma rota ferroviária entre Buenos Aires e Misiones. O avanço da linha férrea na região era lento se comparado com o rápido avanço da ferrovia no pampa. Outro obstáculo para realização de tal empreendimento era o próprio rio Paraná que representava uma barreira para a ligação ferroviária entre Buenos Aires e a Mesopotâmia Argentina devido aos altos custos da construção de uma ponte ferroviária sobre o rio.²⁵⁰

Mas o desejo de levar o trem a Misiones era compartilhado tanto pelo Estado como pelos viajantes que ansiavam pela chegada do que era considerado como um dos pilares da

²⁴⁸ AMBROSETTI, 2008, p.108.

²⁴⁹ CARVALHO, Cid Vasconcelos de, “Trem e Cinema: Modernidade e memória”, *Revista Política e Trabalho do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB*, João Pessoa, nº 16, Setembro de 2000, p 171-184.

²⁵⁰ Em 1908 foi inaugurada uma ligação ferroviária entre as duas margens pela via de um ferry boat, mas foi somente em 1977 que se deu a inauguração da ponte ferroviária Zárate-Brazo Largo.

representação da civilização no século XIX. Hernández, projetando um porvir de progresso para a região, ansiava pela sua chegada: “[...] *el proyecto del ferro-carril del Este, cuyos estúdios empiezan á ejecutarse, el pueblo de Posadas há adquirido animacion inesperada.*”

251

Para Holmberg, a chegada da ferrovia representava a inserção de Posadas como ponto de atração de investimentos. A capital misionera estaria predestinada a ser também um importante centro econômico que catalisaria o progresso para toda Misiones. Aliado ao fato da cidade possuir uma saída pelo Paraná, com o advento do trem ela teria uma fácil conexão com o rio Uruguai, ampliando assim suas possibilidades comerciais:

*[...] el lector puede imaginarse la facilidad con que se debe poblar Posadas y las excelentes condiciones en que se encuentra para llegar a ser un gran centro comercial. Dentro de poco tendrá un ferrocarril que la pondrá en comunicación con la costa del Uruguay. Esto hará de Posadas un punto de atracción para Misiones [...].*²⁵²

Em sua primeira expedição a Misiones, Ambrosetti mostrava certa expectativa com a chegada do trem na região. Sendo o único dos viajantes que se dirigiu a Misiones pela via do rio Uruguai, quando visitou as cidades argentinas, uruguaias e brasileiras da costa do Uruguai, vislumbrava a conexão direta que essas localidades teriam com as cidades da costa do Paraná com a construção da linha férrea:

*Monte Caseros está situada frente al Pueblo oriental de Santa Rosa, mucho mas importante que este, sumamente comercial, con calles muy anchas y de edificacion muy buena. Cuando este concluido el ferro-carril á Posadas adelantará mucho más: hoy es además cabeza de la línea del ferro-carril que por Mercedez irá a Corrientes.*²⁵³

Quando chegou a Paso de los Libres, o parâmetro de comparação era a cidade brasileira de Uruguiana, situada no outro lado do Uruguai. Considerava a cidade argentina menos desenvolvida em comparação com a sua correspondente do lado brasileiro. Ainda assim salientava um porvir de progresso para a cidade argentina que “[...] *estará pronto unido á Monte Caseros por el Ferrocarril que va á Posadas.*”²⁵⁴

A região do Alto Uruguai a essa altura já possuía uma fronteira demarcada com o Brasil, sendo o marco da fronteira o próprio rio Uruguai. Era de suma importância para a

²⁵¹ HERNÁNDEZ, op., cit., p.123.

²⁵² HOLMBERG, op., cit., p.110.

²⁵³ AMBROSETTI, 1894, p. 8.

²⁵⁴ AMBROSETTI, 1892, p. 9.

Argentina não apenas levar o trem até essa região, como também realizar uma ligação férrea desta região com o Alto Paraná. Por isso, os viajantes registraram a expectativa do futuro que Misiones teria com a conclusão dessa via.

Quando Ambrosetti cruzou a fronteira em direção ao Rio Grande do Sul, não deixou de registrar os avanços que o Brasil realizava no tocante à expansão da linha férrea. Em 1883 o país vizinho iniciara as obras da linha férrea que ligaria Uruguaiana à capital do estado, Porto Alegre. Com a construção dessa via, seria possível estabelecer uma ligação direta entre a parte brasileira do Alto Uruguai e o Oceano Atlântico, o que daria um grande impulso na economia do sul do Brasil, devido ao escoamento dos produtos vindos do oeste gaúcho. Quando esteve na cidade gaúcha de Santo Ângelo, não deixou de registrar tal fato ocorrido no lado brasileiro da fronteira: *“Fuimos al hotel, donde hice relacion con algunos ingenieros del ferro-carril que estaba en estudio allí, lo que promete un gran porvenir para esa region.”*²⁵⁵

Se o país vizinho já realizava tal empreitada civilizatória, era urgente que a Argentina realizasse o mesmo em seu lado da fronteira. Ligar o Uruguai ao Paraná era de extrema importância no tocante ao desenvolvimento do interior misionero, além de poder conectar a região até as duas saídas atlânticas pela via dos dois grandes rios.

A euforia de Ambrosetti contrastava com o ponderamento de Lista, que por ser um enviado direto do Estado, mantinha certa ressalva a respeito da construção da linha férrea. Embora salientasse a importância da ferrovia em seu capítulo intitulado “Vias de Comunicacion”, era ciente dos altos custos que tal empreendimento despenderia. Como homem de Estado que era, sabia que a linha férrea de Misiones não receberia os mesmos investimentos que os ingleses realizavam nas linhas existentes na região pampena. Caberia exclusivamente ao Estado tal empreendimento. Por esse motivo, Lista ainda insistia no incentivo das comunicações pela via do vapor:

Se estuda tambien el trazado de un ferro-carril que ponga en comunicacion el Uruguay con el Paraná, es decir, Libres y Santo Tomé con Posadas y Candelaria.

Considero factible y estratégica la nueva line férrea que se proyecta, y aunque sus resultados económicos inmediatos, no serian satisfactorios, el rápido desarrollo de la riqueza pública y privada, que como consecuencia lógica se produciria en Misiones, en breve tempo, es indudable que aumentaria las entradas de aquella cubriendo y sobrepasando los gastos de explotacion.

²⁵⁵ Ibid., p. 57.

*Sin embargo, antes de emplear ingentes sumas de dinero en obra tan prematura, debe el Gobierno facilitar la comunicacion fluvial, que será siempre menos costosa.*²⁵⁶

Já para os outros viajantes, não se tratava de uma obra prematura, era algo extremamente urgente para o processo civilizatório em Misiones. Os problemas na concessão da obra a cargo do empresário de origem britânica John E. Clark,²⁵⁷ geraram atrasos que preocuparam os viajantes. Em sua segunda expedição, Ambrosetti mudou sua retórica no que tocava à problemática da ferrovia em Misiones. Não existia mais o discurso inflamado do porvir presente no primeiro relato. Durante a viagem a bordo de um vapor no Paraná, a tônica do seu discurso era de pessimismo devido aos males da paralisação das obras da ferrovia:

*Sobre la playa de la Isla á cuyo lado habíamos fondeado, se hallaban casi enterrados en la arena, grandes cantidade de rieles de la empresa Clarck, destinados al paralisado ferro-carril de Posadas á Santo Tomé. Dentro de poco esos rieles habrán desaparecido.*²⁵⁸

*En Ituzaingo y Corrientes sucedía otro tanto. En ambos puertos se hallaban gran cantidad de mercaderias esperando el turno para ser transportadas á su destino. Con todos estos inconvenientes tropieza el progreso del Alto Paraná, si bien tiene la gran esperanza del futuro ferrocarril que debe ligar Posadas con Santo Tomé (costa Uruguay); pero desgraciadamente éste tambien se halla totalmente paralisado por ahora, y Dios sabe cuando se reanudará su construcción.*²⁵⁹

*Posadas necesita, ó una buena canalización del Rio Paraná ó que se lleve á cabo el Ferro Carril por desgracia paralisado.*²⁶⁰

Basaldúa também mencionou tal problemática: para ele a chegada do trem era de fundamental importância para o desenvolvimento de Misiones. Mas por outro lado, não deixou de manter a tônica do seu discurso no que dizia respeito aos direitos de propriedade privada. Ao mesmo tempo em que a ferrovia traria o progresso, também poderia aferir volumosas quantias de lucro à empresa de John E. Clark:

²⁵⁶ LISTA, 1883, p. 59-60.

²⁵⁷ Durante a presidência de Sarmiento, foi sancionada a Lei de 1872 que estabelecia a contratação de empresas particulares para a construção de linhas férreas pelo país. Um dos maiores concessionários foi o empresário anglo-chileno John E. Clark, nascido no Chile, mas com residência em Londres, era filho do comerciante escocês James Clark.

Ver MAURÍN NAVARRO, Emilio, "Algunos Antecedentes de Nuestro Pasado Industrial", *Boletín de la Junta de Historia de la Provincia*, San Juan, Ano VII, Números 12 e 13, 1948, p. 5-71.

²⁵⁸ AMBROSETTI, 1894. p. 33.

²⁵⁹ Ibid., p. 36.

²⁶⁰ Ibid., p. 40.

*El trayecto entre Posadas y Santo Tomé se verificará muy pronto en ferrocarril, una vez terminadas las obras que la crisis financiera de la firma Clark y compañía, concesionários de la línea, há obligado á suspender. Puede asegurarse sin temor de ser contradicho, que el ferrocarril del Nord-Este Argentino será una verdadera mina de plata para la empresa, y un propulsor poderoso del desarrollo agrícola-industrial de aquella zona privilegiada. Hacemos fervientes votos por la pronta realización de esa obra, llamando la atención del gobierno de quién depende, en parte la eliminación de las dificultades financieras de la empresa.*²⁶¹

Em sua terceira expedição a Misiones, Ambrosetti manteve a tônica de preocupação com os problemas relacionados ao atraso da chegada da ferrovia, deixou claro que a conexão ferroviária entre Misiones e Buenos Aires era de fundamental importância. Mas reconheceu as limitações para tal empreitada devido aos altos custos da realização de uma ponte férrea sobre o Paraná, realçando uma tônica pessimista, que diferia muito do primeiro relato. Como os ingleses não possuíam grandes negócios e investimentos em Misiones, naturalmente não aplicariam capital na construção de uma obra de tamanha magnitude. Por isso, reconheceu que ao menos era possível uma conexão ferroviária entre Posadas e Concordia, na província de Entre Ríos. Dessa cidade a Buenos Aires a conexão ferroviária seria intermediada por uma conexão fluvial realizada por *ferryboat*. Como já foi mencionado anteriormente, a rota foi inaugurada em 1908:

*La tierra de Candelaria es excelente, y con ese clima tan propicio, llegará con el tiempo a transformarse, cuando las vías de comunicación sean más fáciles, en un centro hortícola de los más importantes. Pero para eso se necesita la terminación del ferrocarril que unirá a Posadas con Santo Tomé y Concordia, en Entre Ríos, a un paso de Buenos Aires, aguas abajo.*²⁶²

A conexão ferroviária direta entre Misiones e Buenos Aires ainda dependia de investimentos volumosos para transpor a barreira do Paraná que separava a capital do país das províncias mesopotâmicas.

Apesar de defender os interesses privados em Misiones, Basaldúa acreditava que a chegada das linhas férreas que conectassem o Paraná ao Uruguai naturalmente abriria o caminho para o progresso no interior misionero. Sendo assim, as “forças invisíveis do positivismo” naturalmente fariam o seu papel em tal empreitada.

²⁶¹ BASALDÚA, op., cit., p. 71.

²⁶² AMBROSETTI, 2008, p. 36.

A respeito do latifúndio, acreditava que tal problema se resolveria de maneira natural, mas salientou que a ocupação deveria começar pelos terrenos públicos das serras misioneras, deixando claro o direito reservado aos extensos terrenos privados. Para ele, a fragmentação do latifúndio seria uma consequência natural da instalação do Aero-trem, sugestão do viajante para que fosse possível a realização de uma ligação entre as serras misioneras, na parte central de Misiones e as margens dos dois grandes rios:

*Como las tierras fiscales se encuentran ubicadas en la cumbre de las sierras misioneras, el Gobierno Nacional para valorizarlas, para fomentar la población de aquel desierto, y para desarrollar industrias que yacen abandonadas por las dificultades de transporte, debe, á nuestro juicio, construir los dos primeros Aéreo-carriles del territorio misionero. Ambos Aéreo-carriles deben partir de la alti-planicie; uno desde los yerbales de San Pedro hasta el Puerto de Paraná- Guazú; el otro desde Yermal-Viejo hasta San Javier, en el Uruguay. Cuando los dueños de los extensos latifúndios que han acaparado casi todo el territorio misionero palpen las ventajas económicas de los Aéreo-carriles, los establecerán por su cuenta dentro de sus propiedades, y valorizados sus campos vendrá el fraccionamiento en pequeños lotes al alcance de los agricultores; el porvenir social y económico del territorio depende de esta evolución.*²⁶³

Para além do tronco principal da via férrea, os viajantes pensaram em outras formas de vias férreas alternativas que pudessem penetrar o interior do território misionero. Além do aero-trem sugerido por Basaldúa, existia a possibilidade da instalação do sistema *Decauville* de trens.²⁶⁴ Através desse sistema, as linhas poderiam ser facilmente montadas e desmontadas e teriam importante utilização no estabelecimento de linhas que ligassem áreas produtivas ligeiramente afastadas das margens dos dois grandes rios. Ambrosetti mencionou a possibilidade de uma ligação entre San Pedro e o rio Paraná pela via do sistema *Decauville*. Para ele, a instalação de tal modernidade também contribuiria para a erradicação do sistema de exploração de erva-mate existente na região, considerado bárbaro e atrasado.

Acreditava que tal agente de modernidade poderia semear a chegada da civilização e possibilitar a sedentarização de uma população nômade que perambulava pelo interior misionero. Para Ambrosetti, era uma maneira de alterar as condições do ambiente para que as “forças invisíveis” dos agentes civilizadores pudessem agir:

²⁶³ BASALDÚA, op., cit., p. 178.

²⁶⁴ O *Decauville* é um sistema de caminho-de-ferro que ficou conhecido pelo nome do inventor — Paul Decauville (1846-1922). A via é formada apenas por elementos metálicos pré-fabricados, que podem ser facilmente desmontados, transportados e reutilizados. A preparação da plataforma e a colocação da via requerem pouco trabalho.

La segunda solución sería la construcción de un tramway Decauville desde San Pedro al Paraná, más o menos igual al descrito en el capítulo relativo a Yaguarazapá.

Este tramway cuya vía podría colocarse ventajosamente buscando un terreno apto, aún cuando fuera más larga que el camino actual sería naturalmente ventajoso, pues se trataría de evitar el cortar muchos arroyos y los repechos fuertes; podría ser tirado por mulas, y el viaje de San Pedro al Paraná se haría con mucha rapidez.

Nunca le faltaría carga, pues dando preferencia a la yerba, durante la época de la zafra, se podrían ir preparando los troncos para ser transportados cuando aquella concluyera.

Para una explotación por este medio, valdría la pena instalar en San Pedro un aserradero hidráulico, que no sólo beneficiaría las maderas antedichas sino que también ayudaría a radicar la población flotante que anda siempre desparramada en el territorio, ocupándose de trabajar sin rumbo, hoy en un yerbal, mañana en un obraje,²⁶⁵ ya en la costa argentina, ya en la brasilera, etc., sin morada fija, sin hábito sedentarios, en una palabra: nómades, a causa de la forma en que se hacen hoy día las explotaciones en Misiones.²⁶⁶

Notamos que a problemática da construção dos trens em Misiones estava envolta na questão dos altos custos de instalação dos caminhos férreos na região. Os viajantes tinham ciência da problemática e a manifestavam de diversas maneiras. Lista - por estar ligado diretamente ao Estado - insistia no incremento do transporte fluvial no Paraná através de investimentos nas linhas de vapores. Basaldúa e Ambrosetti sugeriram respectivamente o Aero-Trem e o Sistema *Decauville*, meios alternativos dotados de menor custo. Mas o principal problema, reconhecido por todos os viajantes, era a barreira do rio Paraná existente entre as províncias de Buenos Aires e Entre Ríos. Esse obstáculo isolava Misiones, impedindo uma ligação férrea direta com Buenos Aires. Tal problema foi solucionado apenas com a construção da ponte férrea *Zárate-Brazo Largo*, que cruza o Paraná ligando as duas províncias e, conseqüentemente Misiones. Tal obra foi inaugurada praticamente cem anos após as expedições dos viajantes a Misiones.

O telégrafo era outro grande símbolo da modernidade do século XIX, foi o primeiro sistema de comunicação rápida inventado pelo homem. Uma das imagens mais emblemáticas do Destino Manifesto dos Estados Unidos - presente na obra *American Progress* - era a figura do anjo levando o cabo telegráfico rumo ao oeste do país. Estabelecer uma comunicação

²⁶⁵ Dava-se o nome de *Obrajes* (obrage em português) às propriedades destinadas a exploração de erva-mate e madeiras no Alto Paraná e no Alto Uruguai. Por sua vez, os *obrajeros* eram os proprietários dessas propriedades que geralmente possuíam portos particulares nos rios Paraná e Uruguai com vistas ao escoamento da produção em direção a Buenos Aires. GREGORY, Valdir, "Obrages nos sertões do Paraná: exploração, trabalho e fronteiras", *Ideação – Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste – Campus de Foz do Iguaçu*, vol. 14 - nº 1, Foz do Iguaçu, 1º sem. de 2012, p. 45-46.

²⁶⁶ AMBROSETTI, 2008, p. 151.

telegráfica leste-oeste no país era uma premissa para se levar adiante a civilização rumo ao oeste.

Levar comunicação direta para os cantos recônditos da nação também era a premissa do processo civilizatório argentino. Em 1815, o próprio avô de Holmberg, barão Eduardo de Holmberg, foi um dos primeiros a sugerir ao então Cabildo de Buenos Aires um “*plan de un telégrafo para la comunicación de los Pueblos interiores.*”²⁶⁷ A declaração do barão deixava claro que desde os primeiros anos de vida independente, Buenos Aires intencionava estabelecer ligações com as províncias do interior. Era parte do ideário da construção do novo Estado nacional capitaneado pela cidade porto, e que a essa altura ainda não existia.

A expansão da rede telegráfica ganhou impulso na gestão do presidente Sarmiento, um grande entusiasta da nova tecnologia. Vélez Sarsfield - Ministro do Interior da gestão de Sarmiento - pensou no telégrafo como um meio pragmático de se levar o progresso e a civilização rumo às fronteiras do território argentino. A presença dos ícones da modernidade nos cantos recônditos da Argentina desembocava na questão econômica da falta de recursos privados para se investir nos vapores e nos trens. Sobre tudo nas regiões periféricas que não possuíam os mesmos privilégios econômicos da região pampeana. Por esse motivo, o ministro enxergava no telégrafo uma maneira menos custosa de se levar adiante o processo civilizatório até as áreas fronteiriças da Argentina:

*Recorro los adelantos modernos: los ferrocarriles son costosos, lentos en su construcción y requieren capitales ingentes; los Bancos, bajo cualquier forma, no son sino una dilatación del crédito, que no puede ser improvisado por un acto administrativo, y pasando de lo uno a lo otro me he detenido por fin en los telégrafos, que son tan útiles y tan baratos.*²⁶⁸

Com os altos custos de se levar adiante uma linha férrea a Misiones, o telégrafo acabou sendo o pilar da representação simbólica da modernidade. Assinalava a presença efetiva do Estado Argentino e ligava Misiones não apenas a Buenos Aires, como também aos países vizinhos e à Europa.

Em 1874, no final da presidência de Sarmiento foi divulgado o *Plano de los Telegrafos Nacionales y Subvencionados de la Republica Argentina*, o qual mostrava que o

²⁶⁷ KANNITZ, Eduardo, Manuscrito original de propriedade de Guillermo Parker Holmberg. Cópia do arquivo pessoal de Ignacio Bracht apud REGGINI, Horacio C., *Sarmiento y las telecomunicaciones: la obsesión del hilo*, Buenos Aires: Galápagos, 2012, p. 54.

²⁶⁸ CHÁNETON, Abel, *Historia de Vélez Sársfield*, Tomo I: La Vida, Tomo II: La Obra, Edit. La Facultad, Bernabé y Cía., Buenos Aires, 1938, p. 396 apud REGGINI, *Sarmiento y las telecomunicaciones: la obsesión del hilo*, p. 81-82.

telégrafo ainda não havia chegado a Misiones. No entanto, a linha telegráfica já havia atingido Corrientes.²⁶⁹ Era uma questão de pouco tempo para que a linha telegráfica chegasse mais ao norte em direção ao território misionero. Poucos anos depois, os viajantes já registravam a chegada de tal modernidade. Foi o marco simbólico que colocou Misiones no mapa das comunicações entre América e Europa. Para Hernández era “[...] *el telégrafo que lo une al resto de la República [...]*”²⁷⁰ O acontecimento também foi registrado por Lista: “*Antes de terminar este capítulo, debo consignar un dato de la mayor importancia: el telégrafo acaba de llegar á la villa de Posadas, poniendo al habla las Bajas Misiones con los puertos del Rio de la Plata, del Brasil y de Europa*”.²⁷¹

No entanto, não bastava apenas conectar Posadas aos cabos telegráficos, era necessário também levar tal modernidade para o interior misionero. Basaldúa assinalou a importância de se levar o telégrafo até Iguazu, localidade do extremo norte de Misiones e ponto de fronteira com Brasil e Paraguai: “*Y cuando el Presidente de la República, en un futuro muy próximo, inaugure la línea telegráfica al río Ú-guazú – que unirá la Argentina en estrecho abrazo con el Brazil y el Paraguay, según le hemos propuesto [...]*”²⁷²

No que tocava ao interior misionero, Basaldúa sugeriu uma via prática de utilizar as grandes árvores existentes na região. Tratava-se de uma maneira pragmática de levar a nova tecnologia para o interior. Na medida em que as obras estavam a cargo do Estado, era também uma maneira de poupar o erário público, já que para o caso de Misiones, não havia grandes investimentos externos:

*En el capítulo anterior indicábamos al Excelentísimo señor Presidente de la república la necesidad de llevar el telégrafo hasta el Ú-guazú, con lo cual ganaría él gloria, y el Territorio progreso; y ahora nos permitimos hacerle notar por segunda vez – antes se lo dijimos verbalmente en el despacho presidencial, y también á su alter ego diputado Mariano de Bedia – que éste será el telégrafo más barato que se há construído en el país, puesto que se economizarían los gastos de postes de palma, clavando los aisladores en los troncos de los árboles, con lo cual los gastos quedan reducidos al valor del alambre, aisladores y mano de obra.*²⁷³

A expansão do telégrafo rumo ao interior era de suma importância no que concernia às comunicações entre Posadas e o lado oriental de Misiones, próximo à fronteira com o Brasil.

²⁶⁹ Ibid., p. 95.

²⁷⁰ HERNÁNDEZ, op., cit., p. 123

²⁷¹ LISTA, 1883, p. 60.

²⁷² BASALDÚA, op., cit., p. 171.

²⁷³ Ibid., p. 178.

Quando aí esteve a serviço do governo de Buenos Aires, o alemão Carlos Burmeister apontou tal problemática, sendo que o parâmetro de comparação advinha justamente do outro lado da fronteira. Os brasileiros já haviam levado o telégrafo para o seu lado da fronteira; logo, era necessário que a Argentina realizasse o mesmo para não ser ultrapassada na corrida pelo processo civilizatório. Burmeister apontava justamente a região de San Pedro como uma área deficiente no que tocava às comunicações pela via do correio e do telégrafo:

*No deja de llamar la atención en el viaje al interior el no hablar ninguna oficina de correos, ni en Piráí, ni en San Pedro, ni en Campinas. Sólo á bordo de los vapores que hacen la carrera del alto Paraná va un estafetero, que deja la correspondência en los puertos que va tocando. En cambio, al pasar al Brasil por el Barracón, se llega al primer punto habitado, Las Flores, que dista de allí cuatro léguas y en ese punto se encuentra la primera oficina de correo á caballo á Palmas, donde ya hay telégrafo. En nuestro territorio, convendría poner una oficina en San Pedro con correo á caballo quincenal al puerto de Piráí.*²⁷⁴

Para Ambrosetti, o telégrafo era um dos elementos que legitimava o *status* de Posadas como uma cidade civilizada. Era parte do ideário que, ao mesmo tempo em que a aproximava da civilização, também a afastava da barbárie. Ainda que a ferrovia ainda não se encontrasse presente, o viajante tentou reunir elementos que legitimassem Posadas como uma representante da civilização em meio à “barbárie misionera”. Para os seus leitores que por ventura viessem buscar exotismo naquela latitude, alertava que ali a vida civilizada se fazia presente. Era o ponto de partida para que a civilização tomasse o seu caminho rumo ao interior:

La sociedad de Posadas es muy distinguida... Hay Mucho espíritu de progreso [...] Hay dos hoteles cómodos, talabarterías, herrerías, carpinterías, fotografía y curtiembre. Templo masónico, oficina de Correos y Telégrafos, Municipalidad, três escuelas, Aduana, Sub-Prefectura y sucursal; del Banco de la Nacion. El viagero que crea ir á Posadas para ver algun Pueblo original ó raro, deve dar vuelta y evitarse el viaje; pero si desea ver un Pueblo culto, una ciudad bonita á 400 leguas de Buenos Aires, y sobre todo, el fruto del trabajo individual y de la iniciativa particular, puede ir convencido de que nunca se quejará de haber hecho viaje mas agradable y dudará por momentos de encontrarse en la capital de Misiones; en plena Misiones donde no creia hallar sinó ruinas de los Jesuitas en médio de un naranjal espeso sin otro ruido que el canto de la chicharra ó el ruido de algun tigre. Posadas no es una ciudad muerta, allí hay movimiento, hay vida propia, esas siestas patriarcales de antaño, se van dejando porque el comercio activo y

²⁷⁴ BURMEISTER, Carlos, *Memoria sobre el Territorio de Misiones*, Buenos Aires: Imprenta Litog. y encuadernación de J. Peuser, 1899, p. 69.

*empreendedor es el que mejor despierta y hace mover á los pueblos y sociedades.*²⁷⁵

Considerando que o seu público leitor era composto por elementos da elite portenha, essa passagem mostra o quanto intentava mudar a perspectiva a respeito da barbárie interna argentina, inclusive mantendo uma posição distinta de Holmberg que comparou Posadas a “*esos pueblitos de campo de la provincia de Buenos Aires que han dado de sí todo lo que podían dar; nada más.*”²⁷⁶

Ambrosetti dirigia um recado aos seus leitores de Buenos Aires indicando que em Misiones existia civilização e que mesmo a herança ibérica da *siesta* já estava em vias de ser erradicada nessa localidade. Também representava um claro esforço de mudar o imaginário a respeito da região ainda associada à ideia de uma selva obscura e impenetrável. Para ele, o laranjal espesso, o canto da cigarra e o rugido do Tigre, representariam esse ideal da barbárie que em Posadas já havia sido erradicado em nome da civilização. Os símbolos da modernidade ali presentes seriam a força motora de um processo que gradativamente faria com que o Destino Manifesto Argentino seguisse o seu curso no que tocava a erradicação completa da barbárie.

Esse mesmo discurso também foi utilizado na descrição da cidade de Concepción, sendo que o viajante não deixou de referenciar a memória da barbárie ibérica que ali esteve presente, mas que a modernidade tratava de erradicar:

*Cuando el viagero está en Concepción, lo menos que se le figura es encontrarse en Misiones; esa faz y ese espíritu moderno lo despistan completamente, y si no fuera por los grandes naranjos y las piedras cúbicas de los cercos, ni siquiera se soñaría que allí hubieran habitado los jesuitas.*²⁷⁷

O debate em torno da questão da barbárie interna argentina prevaleceu no tempo durante todo o século XIX, e não deixou de estar presente no discurso dos viajantes que se dirigiram a Misiones.

Afinal, ela era civilizada ou bárbara? A tônica do discurso dos viajantes mudava na medida em que reuniam elementos para legitimar ora à civilização, ora à barbárie.

²⁷⁵ AMBROSETTI, 1892, p. 117-118.

²⁷⁶ HOLMBERG, op., cit., p. 107.

²⁷⁷ AMBROSETTI, 1892, p. 15.

Capítulo 3 – A Natureza Misionera a Serviço da Nação

O conturbado processo de consolidação nacional na Argentina chegou ao fim do século XIX envolto na problemática da ocupação das fronteiras de seu território. Para além de assegurar uma configuração territorial, era também necessária a criação de símbolos que pudessem compor o panteão nacional da nação recém-constituída. A redescoberta da natureza misionera pelos viajantes proporcionou o surgimento de uma gama variada de símbolos. Se em alguns momentos, a extensão do pampa argentino era vista por Sarmiento com um empecilho para a civilização, a natureza misionera, dotada de uma geografia totalmente díspare em relação ao pampa, recebeu uma série de caracteres positivos por parte dos viajantes.

A natureza subtropical misionera seria fornecedora, tanto de recursos materiais para a expansão das atividades econômicas dos portenhos, como também de símbolos de identidade nacional. Os viajantes utilizaram como recurso o romantismo para dimensionar essa natureza no sentido de torná-la um elemento positivo para o processo civilizador. Nesse sentido, os viajantes legitimavam as Cataratas do Iguaçu como um dos grandes símbolos da nação. Sendo assim, Misiones estaria integrada tanto como um território argentino, como também ao nível do plano simbólico, já que ela forneceria um dos principais símbolos do panteão nacional.

O intuito desse terceiro capítulo visa estabelecer a transição de um imaginário da natureza antes vista como “maléfica e bárbara” para uma visão dotada de caracteres positivos por parte dos viajantes. Isso não significa que alguns viajantes não titubeassem em suas descrições, já que as ambivalências referentes à dicotomia civilização-barbárie não deixaram de estar presentes em seus discursos sobre a natureza misionera.

3.1. Natureza, civilização e barbárie

Um dos elementos que justificava Misiones como um lugar passível de ser civilizado era o da própria natureza misionera. Influenciados, sobretudo pelo romantismo europeu, os viajantes atribuíram caracteres positivos a respeito da natureza misionera. Na maioria dos casos, acoplaram representações iconográficas em seus relatos, tanto no formato de pinturas, como também através de fotografias.

Essa linha de pensamento diferia do que pensavam alguns membros da *Generación del 37*. Sarmiento manteve um discurso ambíguo a respeito da natureza pampeana em *Facundo*. Se, por um lado, era uma “*naturaleza solemne, grandiosa, inconmensurable*”,²⁷⁸ por outro lado essa mesma natureza favorecia a contínua expansão de personagens atrelados à barbárie, como era o caso dos *gauchos* e dos caudilhos do interior.

No primeiro capítulo de *Facundo*, a natureza é um tema central. Influenciado pela ideia do pensamento vigente da época sobre como o meio influenciava o homem, Sarmiento via as grandes extensões do pampa como um agente responsável pela propagação da barbárie.²⁷⁹ Através desse viés determinista, comparou o pampa argentino com o deserto da Arábia e consequentemente, o *gaucho* argentino ao beduíno da Arábia. O uso do termo “*tintura asiática*” por parte do autor, desqualificava a natureza pampeana e a equiparava com a “barbárie asiática” que estaria à margem de uma centralidade europeia.²⁸⁰ O argumento se sustenta, sobretudo, na análise da região pampeana e das *llanuras* do noroeste argentino, onde era ambientada a história do caudilho Facundo Quiroga, assim corroborando com a sua postura determinista de que o meio influencia o homem.

Tal postura determinista de que a geografia argentina não era favorável para a civilização foi criticada por Alberdi. Para ele, eram as ideias que poderiam civilizar a nação, e não a terra, pensamento este que pode ser sintetizado na seguinte frase escrita em Bases: “*la patria no es el suelo*”²⁸¹

Cabe então perguntar: para além da perspectiva a respeito do pampa e das *llanuras*, o que representava a natureza de Misiones para Sarmiento? Ela fomentava a barbárie? Haveria também aspectos positivos nesse ambiente?

No momento da escrita de *Facundo*, Sarmiento nunca havia estado em Misiones, tampouco nessa época havia uma definição clara sobre a jurisdição do território que ora orbitava nas mãos dos caudilhos da região, ora estava sob influência do Paraguai ou do Império do Brasil.

No entanto, o autor não deixou de mencionar a região que era parte do projeto de nação pensado por ele, já que Misiones possui uma conexão direta com Buenos Aires pela via do rio Paraná, mas, ao contrário do que pensavam os viajantes do final do século XIX, para

²⁷⁸ SARMIENTO, 2007, p. 48.

²⁷⁹ No entanto, como já foi dito anteriormente, a *Generación del 37* não representava uma uniformidade de pensamento. Tomemos o exemplo de Alberdi, que atacou as posições de Sarmiento, as quais julgava como meramente deterministas.

²⁸⁰ SARMIENTO, 2007, p. 33-34.

²⁸¹ ALBERDI, Juan Bautista, *Bases y punto de partida para la organización política de la Republica Argentina*, p. 34.

ele o Paraná não favorecia a propagação da civilização. Não era um problema da natureza em si, já que Sarmiento colocava exemplos históricos de como a natureza dos rios era de fundamental importância para o desenvolvimento da civilização humana. O autor localizava o problema na herança da “barbárie ibérica”, que era responsável por inibir o instinto navegador e por impossibilitar o aproveitamento dos recursos da natureza pelos argentinos:

*Pudiera señalar-se, cómo un rasgo notable de la fisionomía de este país, la aglomeración de ríos navegables que al este se dan cita de todos los rumbos del horizonte, para reunirse en el Plata y presentar, dignamente, su estupendo tributo al océano, que lo recibe en sus flancos, no sin muestras visibles de turbación y de respecto. Pero estos inmensos canales excavados por la solícita mano de la naturaleza, no introducen cambio ninguno en las costumbres nacionales. El hijo de los aventureros españoles que colonizaron el país, detesta la navegación, y se considera como aprisionado en los estrechos límites del bote o de la lancha. Cuando un gran río le ataja el paso se desnuda tranquilamente, apresta su caballo y lo endilga nadando a algún islote que se divisa a lo lejos, arribado a él, desansan caballo y caballero, y de islote en islote se completa, al fin, la travesía.*²⁸²

*De este modo, el favor más grande que la Providencia depara a un pueblo el gaucho argentino lo desdeña, viendo en él, más bien, un obstáculo opuesto a sus movimientos, que el medio más poderoso de facilitarlos: este modo, la fuente del engrandecimiento de las naciones, lo que hizo celebridad remotísima del Egipto, lo que engrandeció la Holanda y es la causa del rápido desenvolvimiento de Norteamérica, la navegación de los ríos o la canalización, es un elemento muerto, inexplorado por el habitante de las márgenes del Bermejo, Pilcomayo, Paraná [...].*²⁸³

No caso dos rios argentinos - enfatizando mais especificamente o Paraná - a natureza não teria imprimido nenhuma mudança ao caráter dos habitantes do interior. O único rio “civilizado” que valia por todos os rios do interior que nele desembocava era o Prata, já que é nas margens desse rio que Buenos Aires se encontra localizada. Para Sarmiento, esse ponto estratégico era o único reduto de civilização, devido à sua saída para o Atlântico e consequente ligação com a civilização europeia. Os habitantes das margens dos rios do interior seriam beneficiados somente pela via do Prata civilizador. Considerando a conjuntura política e as intenções do autor em meio aos conflitos da época, era uma forma de legitimar o argumento de centralizar o poder em Buenos Aires nas mãos do Partido Unitário.²⁸⁴

Se para Sarmiento a cidade era a representação da civilização em detrimento do interior rural, apenas a cidade de Buenos Aires poderia ostentar tal *status*. Os núcleos urbanos localizados às margens do Paraná não seriam passíveis de ser civilizados já que: “[...] la

²⁸² SARMIENTO, 2007, p. 30-31.

²⁸³ Ibid., p. 31.

²⁸⁴ Ibid., p. 31.

*vencidad de los ríos no imprime modificación alguna, puesto que no son navegados sino en una escala insignificante y sin influencia.”*²⁸⁵

No entanto, não deixou de manifestar atribuições positivas à natureza em Misiones. No segundo capítulo de *Facundo* intitulado “Originalidad y Caracteres Argentinos”, mostrou como a geografia argentina influenciou no surgimento dos primórdios de uma cultura genuinamente nacional.²⁸⁶ Para o caso da natureza misionera, ela serviu de inspiração para um poema de Luiz Dominguez,²⁸⁷ o qual segundo Sarmiento: “[...] *tiene a la vista esta naturaleza engalanada.*”²⁸⁸

*De las entrañas de América
dos raudales se desatan:
El Paraná, faz de perlas,
y el Uruguay, faz de nácar.
Los dos entre bosques corren
o entre floridas barrancas,
como dos grandes espejos
entre marcos de esmeraldas.
Salúdanlos en su paso
la melancólica pava,
el picaflor y el jilguero,
el zorzal y la torcaza.
Como ante reyes se inclinan
ante ellos seibos y palmas,
y le arrojan flor del aire,
aroma y flor de naranja;
luego, en el Guazú se encuentran,
y reuniendo sus aguas,
mezclando nácar y perlas
se derraman en el Plata*²⁸⁹

As vastidões americanas eram o cenário onde a civilização encontrava a barbárie. O encontro desses dois mundos era uma fonte de inspiração para a primeira geração de poetas argentinos, como foi o caso de Echeverría, outro importante pensador da *Generación del 37*.

A fronteira simbólica entre civilização e barbárie nos rincões americanos era fonte de inspiração não só para a poesia argentina, como também para a florescente literatura estadunidense. Sarmiento era leitor de Fenimore Cooper, e considerava que o ambiente da natureza do oeste dos Estados Unidos era fator primordial na inspiração das obras do autor.

²⁸⁵ Ibid., p. 36.

²⁸⁶ O que vai de encontro com o que já foi falado anteriormente sobre a teoria de que civilização-barbárie não eram categorias opostas para Sarmiento.

²⁸⁷ Poeta, jornalista e político que chegou a ser Ministro da Fazenda durante a presidência de Sarmiento.

²⁸⁸ SARMIENTO, 2007, p. 50.

²⁸⁹ Ibid., p. 50.

Nesse caso, a natureza era combustível para a civilização americana, e não um entrave para o processo civilizatório. Essa ambiguidade manifestada por Sarmiento que ora o colocava mais próximo dos poetas românticos, o aproximava também dos viajantes da *Generación del 80* quando estes também realizavam incursões ao romantismo.

No século XIX, ao mesmo tempo em que os cientistas desejavam classificar e realizar medições em meio à natureza, os românticos enveredavam pela linguagem subjetiva de tentar descrever suas impressões.²⁹⁰ Sarmiento registrou essas impressões através da poesia de Echeverría, personagem este que é considerado como um dos precursores do romantismo na Argentina. Para Sarmiento, a natureza era o elemento ideal para a construção da poesia do poeta: “¿Cómo no há de ser poeta el que presencia estas escenas imponentes?”²⁹¹

No caso dos viajantes, havia uma clara mescla entre o lado romântico e o viés científico.²⁹² Ainda que fossem homens de ciência, preocupados em classificar e dominar os recursos da natureza para o proveito econômico, não deixaram também de registrar suas emoções perante o que viam. Para além de um viés puramente romântico, os viajantes também elaboravam representações sobre a natureza que se transformaram em elementos constitutivos da identidade nacional argentina.²⁹³

Atribuir características positivas à natureza de Misiones era também uma forma de justificar o domínio dos portenhos sobre uma geografia tão diferente de sua região de origem, mas que de acordo com o Destino Manifesto Argentino, estaria predestinada a fazer parte da nação.

Logo nas primeiras linhas de seu relato, Lista destacou os atributos da natureza misionera. Era o elemento que destacava a região como uma das mais ricas do território argentino no que concernia aos recursos naturais:

*El Territorio de las Misiones no tiene nada que envidiar á las comarcas mas ricamente dotadas por la naturaleza. Clima suave y benigno, rios tan anchos como mares, montañas y vales, selvas grandiosas, lluvias copiosísimas y rocíos como lluvias; no hay, en fin, accidente climatológico ó geográfico que no se observe allí, formando todos un conjunto magestuoso y bello.*²⁹⁴

Para além de iniciar o relato com tais impressões, é necessário chamar a atenção para os exageros registrados pelo viajante. Lista chamou a atenção de seus leitores para a

²⁹⁰ PRADO, op., cit., p. 179-180.

²⁹¹ SARMIENTO, 2007, p. 49.

²⁹² Goethe pode ser considerado um exemplo de uma mescla entre essas duas facetas. Ver PRADO, op., cit., p. 180.

²⁹³ Ibid., p. 180.

²⁹⁴ LISTA, 1883, p. 3.

magnitude da natureza misionera, nem que para isso fosse necessário o uso do recurso do exagero. Contrapondo o que o viajante registrou acima, não existem vários rios tão largos como mares em Misiones. Somente o Paraná poderia se aproximar de tal magnitude.²⁹⁵

O hibridismo entre as facetas de cientista e de romântico também está presente no relato de Lista. Ao mesmo tempo em que se encontrava encantado pela natureza subtropical de Misiones (que para ele era simplesmente tropical), admitindo que nenhum pincel seria capaz de registrar tal emoção, também se ocupou de classificar as plantas herbáceas e lenhosas em seus mínimos pormenores, expressando assim a sua condição de naturalista:

Que de estrañas emociones experimenta el viagero que por su vez primer ave desarrollarse ante sus ojos el cuadro esplendente de la vegetacion tropical!

La extraordinária altura de los árboles; la inextricable maleza que crece por doquiera; los bejucos que cuelgan de las ramas á manera de cuerdas; los líquenes y los musgos que se adhieren á la rugosa corteza de los lapachos y cedros, todo esto, reunido, forma un conjunto tan bello, tan sorprendente y deslumbrador, que el viagero se cree víctima de la enganosas visiones de la fiebre.

¿Qué pincel podrá reproducir jamás los matices armoniosos de las mil enredaderas, que ocultan bajo su verde y ondulante follaje los troncos seculares de la selva virgen?

Con razon há dicho un célebre naturalista y filósofo, que los grandes cuadros de la naturaleza ni se pintan ni se describen: se sienten y se admiran.

*No intentaré, pues, ni bosquejar siquiera la agreste y pomposa vegetacion de las Misiones; me concretaré simplemente á dar una idea de su riqueza dendrológica y herbácea.*²⁹⁶

Hernández deixou para “registrar suas emoções” a respeito da natureza misionera no final de seu relato. Para ele, a natureza por meio de seus recursos naturais era combustível para a civilização. Para justificar o seu argumento, seguiu a mesma tônica do exageramento utilizada por Lista. O fato de ter incluído Misiones no rol dos lugares dotados dos rios mais caudalosos do mundo não significava que desconhecesse a geografia global. Provavelmente, possuía informações de outras regiões similares. Mas para ele, a existência do Paraná era motivo para justificar tal afirmação e lançar a ideia exagerada de que em Misiones havia mais rios de tal magnitude. Outro exemplo nesse sentido é quando o viajante fez referência às “altíssimas montanhas” de Misiones. Na verdade, tratava-sedo único conjunto de montanhas

²⁹⁵ O topônimo Paraná tem origem no idioma tupi: “como o mar” ou “parecido com o mar”. Ainda assim, sua largura atinge maiores dimensões quando recebe as águas do rio Uruguai, formando assim o rio da Prata.

²⁹⁶ LISTA, 1883, p. 61-62.

existente na região denominada *Sierra de Misiones*, cuja altitude é de 843 metros, baixíssima se comparada com outras montanhas argentinas.

Esses exemplos demonstram a clara intenção do viajante de usar o recurso do exageramento para chamar a atenção de seus leitores para o caso de Misiones. Seu público leitor era constituído essencialmente por membros da elite governante portenha que liam os seus relatos publicados no *La Tribuna Nacional*, o jornal oficial do governo Roca.

Era necessário enfatizar o discurso da necessidade do domínio efetivo da região. Nesse caso, a maneira como representava a natureza misionera em seu relato calhava com o discurso oficial do governo:

La grandeza, novedad y variedad de sus paisajes encuadrados entre rios de los mas caudalosos del mundo; las montañas altísimas vestidas de verde, que se confunden con el azul del firmamento; las simas profundas, donde se abisma la mirada sin encontrar apoyo; los arroyos purísimos y cristalinos que descienden serpenteando entre verduras, saltando entre peñascos, fertilizando praderas, fecundizando todas las manifestaciones de la vida; los bosques de azahar que perfúman el ambiente con embriagadoras emanaciones y anuncian á la distancia esas manzanas de oro, cuyo refrigerante jugo absorbe con voluptuoso deleite á la sombra del naranjo, el fatigado viagero; las mil aves de lúcidos colores que brillan con cambiantes admirables á los rayos del sol; los estruendos de las cascadas, los mugidos de las fieras, los cantos del zorzál, los murmullos del arroyo y los mil y mil rumores que se confunden en una sola armonia indefinible; todo esto exalta la fantasia, conmueve el ánimo y lo dispone para las infinitas manifestaciones que divinizan al hombre por las sublimidades del génio y del sentimiento.

*Pero la riqueza de los produtos, los yacimientos auríferos, los bosques inacabables, las maderas preciosas, las inmensas artérias fluviales, los arroyos impetuosos, la variedad y exhuberancia de la vegetacion, son á la vez que grandes espectáculos para alentar el corazón á las mas esforzadas empresas, ricos empórios que las industrias del porvenir haran fructificar en provecho de la civilizacion.*²⁹⁷

O discurso do enaltecimento da natureza vai de encontro com a perspectiva utilitarista que a colocava como elemento de favorecimento para o homem. Tais representações positivas buscavam ressaltar os potenciais recursos naturais de Misiones com o intuito de demonstrar o quanto poderiam ser úteis para a nação Argentina. Este discurso se contrapunha à visão europeia predominante no começo do século XIX de que a natureza americana era inferior à europeia.²⁹⁸ Já no período que compreende a construção das novas nações americanas, alguns

²⁹⁷ HERNÁNDEZ, op., cit., p. 146.

²⁹⁸ Esse pensamento pode ser encontrado nas obras *A História Natural*, de Buffon e *Recherches philosophiques sur les Américains*, de Corneille de Pauw. Ver PRADO, op., cit., p. 181-183.

pensadores americanos enxergaram atributos positivos na natureza. A enorme reserva de recursos naturais era vista como fator positivo e elemento essencial da construção da nação.

No caso dos Estados Unidos, o avanço da fronteira oeste alimentou o discurso de que as grandes reservas de recursos naturais fariam com que o país se tornasse uma potência econômica. Para os românticos estadunidenses, sua natureza era superior à europeia. O intuito de demonstrar opulência através da arte encontrou eco em muitas obras que representavam a natureza imponente do oeste americano. Sobretudo, as obras provenientes do movimento artístico que ficou conhecido pela alcunha da Escola do Rio Hudson.²⁹⁹

Para o caso do Brasil, a historiadora Stella Maris Franco Vilardaga realizou um estudo sobre como a escritora brasileira Nísia Floresta³⁰⁰ se utilizou do argumento da exaltação da natureza para justificar ante os europeus, o porvir que o Brasil teria com tamanhas reservas de recursos naturais. Notamos que nesse caso, a natureza também alimentava o processo civilizador brasileiro.³⁰¹

Retornando para o rol dos viajantes, Holmberg também lançou mão desse discurso, seu discurso era uma resposta aos europeus que desdenhavam da natureza americana. Para esses, ela era considerada inferior pelo fato de ser habitada somente por insetos e répteis. Não havia animais de grande porte como leões, girafas e elefantes.³⁰² Em resposta a esse tipo de discurso, Holmberg enaltecia a natureza, utilizando recursos da poesia romântica para descrever os pequenos seres da selva misionera. O fato de alertar os leitores que possivelmente poderiam ser influenciados pelo discurso europeu denotava o quanto o pensamento de que a natureza americana estava atrelada ao discurso de inferioridade também existia na Argentina. Isso pode ser interpretado como um esforço realizado pelo viajante para que esses leitores atentassem para a causa nacional:

Pero... no pases adelante, discreto lector, si no eres afecto a penetrar de tarde en tarde en el maravilloso mundo de lo infinitamente pequeño y si la falta de bulto en los objetos que la Madre Naturaleza há elaborado en su seno fecundo es para ti una causa de repulsión o de desprecio, como lo pretenden algunos sábios que sólo encuentran admirable lo que adquiere las proporciones del Elefante o del Hipopótamo. Acompáñame por un instante a las florestas que bordan el Alto Paraná y

²⁹⁹ Foi um movimento artístico ativo entre 1825 e 1880, formado por um grupo de pintores paisagistas baseados em Nova Iorque - onde se localiza a desembocadura do rio Hudson- cuja visão estética representou uma síntese entre os princípios do Romantismo e do Realismo. O grupo não era formalizado, mas se uniu num espírito de fraternidade, sendo que alguns excursionavam juntos para o oeste dos Estados Unidos.

³⁰⁰ Escritora do século XIX, considerada como a pioneira do movimento feminista latino-americano.

³⁰¹ FRANCO, 2008, p. 224-225.

³⁰² PRADO, op., cit., p. 181.

perfuman el cálido ambiente con las acres destilaciones de sus meandros sombríos.

*Ven la hermosa tierra en que un día imperaron los hijos de Loyola y, guiado por un índice habituado a señalar los pequeños seres que pueblan los bosques, y los cerros, y los llanos, y los ríos de este país, penetra sin vacilar por el limoso sendero.*³⁰³

O fato dos viajantes enalterecem a natureza e conseqüentemente conectá-la a um futuro de progresso e civilização não excluía o lado da barbárie. O interior misionero, com sua admirável natureza, era representado por Holmberg como uma fronteira e ponto de encontro entre civilização e barbárie. À medida que o viajante avançava para o interior, utilizava o recurso da poesia romântica para descrever o seu encanto por essa barbárie. Tal recurso pode ser associado às análises que consideravam a obra de Sarmiento como uma representação da dicotomia civilização-barbárie na condição de elementos complementares e não opostos.

Para Holmberg, a natureza desconhecida e obscura da selva misionera era ao mesmo tempo, tanto um desafio para a civilização que intencionava estar ali presente, como também um campo fértil para as suas descrições românticas:

Adelantando un poco, penetramos en la senda abierta en el bosque virgen. Nada más espléndido ni glorioso que aquel espectáculo primitivo en el cual se levantan apiñados los que hoy son colosos de la vegetación de Misiones, sin que, en verdad, pueda decirse que ellos representen los contemporáneos de la invasión jesuítica.

*Elegantes Palmeras, de tallo tan alto como esbelto, rompen con su precioso penacho recortado el ramaje de las Mirtáceas y Mimoseas plumosas, mientras que los Naranjos de esmeraldinas hojas confunden su oscuro verde con la sombra del bosque y moderan la tinta monótona con su fruto dorado.*³⁰⁴

Contemplado de certa distancia, el ámbito sombrío del la selva ofrece un suelo blando y accesible; pero... ¡detente viajero el borde! Al dar los primeros pasos en su meandro te aguardan las espinas traidoras, las telas de araña, los Jejenes, las Pangonias amarillentas, tan picantes como zumbadoras, si no te han molestado en la senda.

*Allí, perdido entre la sombra profunda, en el hueco tenebroso de un tronco carcomido, sientes un rumor que te inquieta y el Mangaguá violáceo te persigue con su aguijón y te enloquece de Dolores punzantes.*³⁰⁵

A maneira como Holmberg registrou suas impressões a respeito da selva misionera, o aproximava dos pintores românticos do século XIX que buscavam traçar um paralelo entre a

³⁰³ HOLMBERG, op., cit., p. 121, grifo do autor.

³⁰⁴ Ibid., p. 158.

³⁰⁵ Ibid., p. 159.

luz e a escuridão em suas obras, o que também representava uma referência à dicotomia civilização-barbárie. A luz que iluminava a escuridão representava esse encontro. O ambiente de fronteira permeável entre as duas partes encontrou uma forma de representação na medida em que o viajante transitava entre a “escuridão desconhecida” e a “luz das plantas herbáceas”. Nesse caso, estariam representadas as faces civilizada e bárbara da natureza:

*Te separas de la selva, vuelves a la senda tapizada de Gramíneas, Soláneas y Amarantáceas cargadas de Cicadelinas y contemplas con deleite como surgen por todas partes los tallos tiernos, al amor del ambiente cálido y húmedo que el sol de febrero atraviesa con sus armas de oro y apenas te has entregado a aquel amable panorama herbáceo que brilla al rayo furtivo del sendero, cuando se posa al alcance de tu hipócrita red verde una larga Libélula de igual color que ella y desafía, cerniéndose en el aire, tu hábil flexión de cazador veterano.*³⁰⁶

*Lector ¡salgamos de bosque!
Hay allí dentro una Sirena que te llama con todas las seducciones del último deleite. ¡La luz! ¡La Luz!*³⁰⁷

O lado obscuro da natureza tenderia a influenciar o homem. Se para Sarmiento, o pampa era o responsável pelo bloqueio intelectual dos habitantes do interior argentino, para Holmberg, o ambiente da escuridão da selva misionera impedia a realização de qualquer tipo de atividade intelectual:

*¡Lástima grande que el equilibrio de los fenómenos orgánicos apacigüe en aquellos climas la actividad mental! Si un poeta pudiera hacer reverberar en sus estrofas aquel incéndio de colores indefinidamente variados, su mente se desquiciaría luego en la lucha y al delinear el último contorno, al esparcir las tintas del último reflejo, su cerebro ardería en los cambiantes girasolados del aire tropical y de la luz que resbala indiferente sobre las esmeraldas del bosque.*³⁰⁸

A sua condição de portenho se sobressaía na medida em que evidenciava o clima tropical de Misiones, o que representava um contraste para o viajante oriundo do clima temperado de Buenos Aires.³⁰⁹ Tampouco a inspiração dos intelectuais europeus era suficiente para realizar uma representação desse espetáculo travado na selva misionera. O “encanto pela barbárie” demonstrado pelo viajante fazia com que se distanciasse de seu lado

³⁰⁶ Ibid., p. 159.

³⁰⁷ Ibid., p. 160.

³⁰⁸ Ibid., p. 160.

³⁰⁹ Na realidade, tratava-se de um clima subtropical, mas pelos motivos já expostos, os viajantes não faziam distinção entre os dois tipos de clima.

científico e se aproximasse de seu lado romântico. Não por acaso, fez menção a várias personalidades adeptas do romantismo europeu do século XIX:

Conozco descripciones de mano mestra: [...] Goethe, Chateaubriand, Saint-Pierre, Byron, Gautier, Enault, Flammarión, Mantegazza [...] He buscado la luz y el contorno en sus expresiones, he procurado insinuarme en lo íntimo de su mecanismo gráfico; pero jamás he podido ir más allá del corazón del hombre y de su artificio, a veces genial; pero la luz, la eterna luz tibia y voluptuosa de la selva, los matices, los contornos, el movimiento, el perfume, la magnificencia, los rumores [...] todo eso queda dormido para el miserable simbolismo de la palabra humana.”³¹⁰

De forma totalmente influenciada pela leitura do relato de seu sogro, Ambrosetti caminhava pela fronteira tênue entre civilização e barbárie. O “encanto pela barbárie” se evidenciava na medida em que a admiração pela natureza fazia com que o ideal de civilização fosse esquecido. Para além de um rompimento completo com a fronteira que delimitava a dicotomia civilização-barbárie, se aproximava das ideias de Rousseau, filósofo considerado como o precursor do Romantismo. O ideal rousseauiano julgava o retorno às origens do homem primitivo junto à natureza como um modelo de felicidade a ser seguido pela sociedade.

¡Cómo se goza admirando la naturaleza! ¡Qué série continúa de placeres puros se experimenta, y cuán léjos de todas las misérias humanas uno se concentra en aquellos momentos! Mosquitos, privaciones, sol, otros fastidios y hasta la vida civilizada se olvidan. Cualquier detalle, sabiéndolo apreciar, proporciona una emoción nueva.”³¹¹

Tal sentimento também foi expresso pelo viajante francês Alejo Peyret. No momento em que entrou no interior misionero pelo rio Yabebiry, igualmente reivindicou o ideal rousseauiano e de outros francófonos para tentar descrever a paisagem. O diferencial em relação à postura de Ambrosetti se encontra justamente no fato de reivindicar a todo o momento sua identidade francesa, dado este que permeia toda a sua análise do espaço. O parâmetro de comparação são os Pirineus franceses, além de que se deve levar em conta que o local descrito é propriedade do *pioneer* francês Marcelino Bouix, o que justifica o olhar totalmente direcionado por parte de Peyret:

³¹⁰ HOLMBERG, op., cit., p. 160-161.

³¹¹ AMBROSETTI, 1894, p. 114.

*Ya he dicho, y vuelo á repetirlo, que creia estar en los Pirineos, en uno de aquellos pintorescos valles que se desprenden de los flancos de la gran cordillera. El establecimiento de D. Marcelino está situado en un paraje de los mas risueños; siento no tener el pincel de un maestro para describirlo; seria preciso ser Rousseau, Chateaubriand, Lamartine ó Victor Hugo, para dar una imágen de aquel valle, regado por varios arroyuelos que van saltando y cantando en un cauce de piedras y de guijarros; de esos cerros coronados de árboles de vegetacion perenne, de esas chozas que resaltan en medio de las selvas seculares, y de la cúpula azulada del cielo que domina sobre ese cuadro admirable. Yo me habia enamorado del paisaje; decia á D. Marcelino: tengo ganas de quedarme aquí indefinidamente, lejos del bullicio de las sociedades humanas y en compañía de Bruaca.*³¹²

A fronteira da dicotomia civilização-barbárie reaparece no relato de Ambrosetti, justamente quando mais uma vez evocava as palavras de Holmberg, fazendo referência direta às palavras de seu sogro: “*Lector, huyamos del Bosque! Sí huyamos!*”³¹³ Para ele, as margens do rio Paraná, marcadas pela vivacidade do sol e pelos portos ali construídos em nome do progresso, representavam a civilização, enquanto que o interior de Misiones, representado pela escuridão da selva, era a barbárie ainda não conquistada pela civilização. Assim como Holmberg, Ambrosetti apresentava as duas facetas da natureza: a luz representando algumas pequenas intervenções humanas no ambiente selvagem, e a escuridão de uma área ainda não conquistada pelo homem. Era nessa direção que relatava a sua chegada a localidade de Puerto Bello:³¹⁴

*Sobre el río todo es luz, vida y esplendor.
El sol dominando el paisaje le dá calor y animación ¡qué contraste con el interior de la selva!
Allí la claridade difusa y misteriosa sustituye á la del astro rey, los árboles toman tintes melancólicos, las tacuaras, tacuaruzus y tacuarembós no brillan, los troncos caídos atravesados y podridos se vuelven más negros; la mancha sangrenta de las flores de certa enredadera se apaga, las hojas secas se muestran más tristes, los perfumes mas embriagadores y sofocantes, los pulmones necesitan aire, los párpados caen sobre los ojos con una profunda sensación de cansancio al tropezar con la serie interminable de troncos blanquizos que no se distinguen unos de otros, los helechos se miran con indiferencia, la humedad lo impregna todo y hasta los grandes hongos leñosos que sobresalen con su curva de los troncos, cansan, aburren y hacen desear el sol.*³¹⁵

³¹² Bruaca era a cadela de Marcelino Bouix.

PEYRET, op., cit., p. 118.

³¹³ AMBROSETTI, 1894, p. 142.

³¹⁴ Corresponde atualmente a Porto Belo, um bairro da cidade de Foz do Iguaçu.

³¹⁵ Ibid., p.142

Ainda que o interior misionero representasse um local obscuro e insalubre, era um cenário onde a civilização poderia agir. Era um ambiente de luta constante entre homem e natureza. Nessa direção se expressou Ambrosetti quando descreveu os habitantes da selva misionera: “*Los montaraces*”³¹⁶ *en general están dotados de una sangre fría admirable; en gran parte debida á la costumbre de luchar contra la naturaleza á cada momento*”³¹⁷

A visão positiva desse cenário, sobretudo no que dizia respeito à atuação do homem em meio a uma natureza hostil, aproximava-se da visão de Sarmiento no que dizia respeito ao lado positivo da barbárie. Para ele, o *gaucho* era detentor da “*ciencia del desierto*”³¹⁸. Da mesma maneira que para Ambrosetti, o “outro misionero” configurava um personagem indispensável para o processo civilizador.

A região de San Pedro, localizada no extremo leste de Misiones, cuja riqueza em ervais atraía os homens para o interior da floresta, era considerada cenário da luta entre homem e natureza. Quanto mais o homem se afastava das “margens civilizadas” do Paraná em direção ao interior, mais se aproximava da escuridão e dos perigos da natureza.

A maneira como Ambrosetti e Holmberg apontavam indícios de civilização em Misiones, indicavam novas centralidades e periferias. Distanciados de Buenos Aires, reconheciam novos focos de civilização nos núcleos urbanos situados nas margens do Paraná. Já no que dizia respeito ao interior desconhecido, era o cenário onde civilização e barbárie se chocava. Na medida em que encontrassem indícios de civilização em meio a esse cenário, o que poderia ser representado por alguma intervenção humana na natureza, o fato era considerado como uma vitória da civilização sobre a barbárie.

Fazendo referência à memória histórica da região, Ambrosetti fez uma correlação entre os relatos que colheu entre os misioneros que conheceu durante sua expedição e os registros deixados pelos *pioneers* portenhos a respeito da história da ocupação da região de San Pedro.

O baqueano Frágoso,³¹⁹ misionero que foi guia durante a expedição de Ambrosetti por San Pedro, relatou o período das primeiras incursões dos *pioneers* brasileiros selva adentro

³¹⁶ A palavra espanhola *Montaraz* diz respeito aos habitantes de áreas de selva.

³¹⁷ AMBROSETTI, 1892, p. 91.

³¹⁸ SARMIENTO, 2007, p. 56.

³¹⁹ Baqueano é um término utilizado nos países hispânicos para designar uma pessoa conhecedora dos caminhos de uma região a que habitualmente pertence. Os defensores da teoria de que Sarmiento não considerava civilização-barbárie como uma dicotomia de opostos, citaram a maneira como ele descrevia o baqueano como um personagem indispensável para o processo civilizatório: “*El Baqueano es un gaucho grave y reservado que conoce a palmos veinte mil leguas cuadradas de llanuras, bosques y montañas. Es el topógrafo más completo, es el único mapa que lleva un general para dirigir los movimientos de su campaña.*” SARMIENTO, 2007, p. 54. Ambrosetti viveu essa experiência na prática ao citar constantemente os baqueanos que o guiaram por Misiones.

em busca de erva-mate. Teria sido uma luta infrutífera contra a natureza, já que sucumbiram em meio às adversidades e perigos da selva misionera. Somente com a incursão do *pioneer* portenho Pedro Paggi é que foi possível estabelecer uma rota de comunicação que pudesse conectar as marges do rio Uruguai ao interior da região de San Pedro:

Al año entraron Manuel y Eleuterio Correa (no eran parientes) brasileiros tambien y despues de mucho andar llegaron á las campinas de Baranas pero como, sin tener alimentos, sin pólvora, sin municion y sin perro, hasta el punto de encontrarse con una piara de chanchos salvajes y no poder matar ninguno, pero la Providencia ó la casualidade los salvo y despues de andar un més y diez y siete dias perdidos en lo montes comiendo cogollos de palma y melando una que otra vez, extenuados sin fuerzas y dados completamente á la desesperacion en médio del bosque virgen, lastimados y casi sin poder marchar, llegaron al Arroyo paso fundo.

Eran hombres muertos, les era imposible dar un passo, ya se habian resignado á morir, cuando oyeron tiros y gritos en direccion a ellos.

*Aquellos cadáveres vivos, debieron reanimarse y juntando toda la fuerza que sus pobres pulmones podian reunir, empezaron á llamar.....dos horas despues caían en brazos de sus compañeros, que encabezados por Joaquín Domingo habian salido á buscarlos. Manuel Correa, el mas viejo, ya no podia comer, tuvieron que alimentarlo y llevarlo alzado, porque habian perdido las fuerzas para caminar y así llegaron á los galpones en donde necesitaron mas de un mes en reponerse los dos Correas. Poco tiempo despues y ya con los datos de éstos, entro Pedro Paggi con tropas de mulas y abrió la picada, que aunque borrada en parte, se conserva y sirve de via de comunicacion entre el Uruguay y San Pedro.*³²⁰

Utilizando o diário oferecido pelo *pioneer* argentino Juan Queirel, Ambrosetti transcreveu em seu relato o encontro de Queirel com o brasileiro Lima Doce, no momento em que ambos incursionaram pelo Alto Uruguai:

Mientras estábamos haciendo estas reflexiones oimos una gran voz desfalecida que salia la espesura bañada por la creciente. No podíamos ver nada pues estábamos en una espèce de ensenada.

La voz seguia percibiéndose mas cerca y á nuestra vez tambien gritamos.

Prestábamos silenciosa atencion, violentos para conocer el desenlace de esta aventura cuando vimos salir entre el follaje semi-sumergido de la orilla donde había una profundidad de 7 metros de agua, una forma humana en una canoa chica excavada en un tronco que decía en brasileiro con voz desfalleciente: Tenho fome, vo á morrer de fome y frio, van para 4 dias que vivo sin comer dentro d'agua.

[...] Hacian siete dias que había salido á cazar y pescar; sorprendiéndole la creciente lo arrastro río abajo y como se le escapo la canoa tuvo que

No caso de Fragoso, transcrevia e dava legitimidade às próprias experiências que o baqueano relatava. É o caso da citação presente acima. AMBROSETTI, 1892, p. 102.

³²⁰ AMBROSETTI, 1892, p. 103-104.

*lanzarse á nado en busca de ella, de manera que perdió su pólvora, mate, yesquero, etc.*³²¹

Ambos os relatos, de luta entre homem e natureza, são narrados por Ambrosetti como um autêntico romance de aventura de Júlio Verne. A odisseia desses aventureiros misioneros chamava a atenção para a necessidade do domínio de tamanha natureza hostil. Os relatos dos viajantes, dirigidos à elite governante portenha, potencializavam a natureza misionera como um agente civilizador. Ao mesmo tempo em que narravam a dura luta entre civilização e barbárie em meio à selva misionera, convocavam os homens de Buenos Aires a empreenderem o processo civilizatório na região, era urgente dominar essa natureza para o proveito da civilização argentina. Essas duas últimas histórias citadas por Ambrosetti tinham o claro intuito de mostrar o quanto as ações dos *pioneers* portenhos eram de primordial importância. Se o próprio misionero não fosse capaz de realizar tal empreendimento, caberia ao portenho a responsabilidade de realizar o processo civilizador em Misiones.

Nessa mesma direção, Basaldúa estabelecia que o processo civilizador na Argentina poderia ter sucesso, desde que fosse tutelado. Ainda que fosse partidário da “causa nacional argentina”, manifestava posições ambíguas, já que ao mesmo tempo em que demonstrava apoio à gestação de uma intelectualidade genuinamente argentina, deixava claro que o processo civilizatório teria que ser conduzido sob uma tutela europeia. Tal posicionamento mostra o quanto em alguns momentos, sua origem europeia é evidenciada em seu relato.

A Argentina poderia gestar uma “raça civilizada” desde que houvesse o contributo europeu. O aspecto positivista de Basaldúa o aproximava do discurso de Sarmiento sobre a seleção de imigrantes europeus (sobretudo do norte) para submeter as “raças inferiores” autóctones, não somente o indígena, mas tudo o que estava atrelado à “barbárie ibérica”. Somente poderia se tirar proveito da natureza com a ingerência de tais povos civilizados. Esse discurso foi enfatizado pelo viajante ao realizar ele mesmo os grifos indicados em seu relato:

*En estas jóvenes naciones de América, dotadas con todas las riquezas de la naturaleza; tierra fértil, aire puro, sol espléndido iluminando sus amplios horizontes, está en gestacion una raza llamada á grandes destinos, si es bien conducida; ó á la absorción por otras más flertes, según las leyes biológico-sociales, sí se estaciona ó retrocede intelectualmente.*³²²

³²¹ Ibid., p. 79-80.

³²² BASALDÚA, op., cit., p. 21, grifo do autor.

Embora manifestasse uma posição a favor da tutela europeia, manteve consonância com as ideias românticas usadas pelos outros viajantes para representar a natureza misionera:

*El vapor que desde Buenos Aires há conservado la proa constantemente al norte, cambia aquí bruscamente de dirección, avanzando rumbo al este, por entre el verde meandro del hermoso río: la impresión del panorama es verdaderamente maravillosa, y los viajeros que por primera vez visitan las Misiones argentinas, no se cansan de mirar aquel cuadro encantador.*³²³

Ainda valendo-se dos recursos do romantismo para descrever a natureza misionera, manifestou uma ambiguidade entre o discurso eurocêntrico e um pensamento consoante às ideias de um pensamento atrelado a gestação de uma ciência genuinamente argentina. Se por um lado a referência era o famoso explorador alemão Alexander von Humboldt, ao mesmo tempo não realizava referências exclusivamente europeias, o próprio Holmberg recebeu as devidas credências científicas por parte de Basaldúa, que fazia então uma referência a uma autoridade científica local:

*El Uruguay estaba desbordado, y como el vapor calaba poco, cruzaba el río en todas direcciones sobre las islas sumergidas, rozando las copas de los reyes de las selvas, únicas que emergían sobre aquel océano de agua Dulce. Se necesitaría la pluma engalanada y la brillante inspiración de un Humboldt ó de un Holmberg para describir aquella maravilla.*³²⁴

Notamos que a natureza era vista pelos viajantes como um verdadeiro reservatório de civilização. As referências aos embates entre civilização e barbárie, sobretudo as que foram narradas no interior da selva misionera, eram carregadas de um teor romântico, que para além de atribuir conotações de odisseia à saga dos civilizadores, buscava legitimar o porvir da vitória da civilização. Essa vitória somente seria possível mediante o domínio efetivo do homem sobre a natureza.

3.2. Apipé: o nó górdio argentino

Para os viajantes, um dos maiores símbolos que representava a luta entre homem e natureza em Misiones era a barreira do salto Apipé. O problema do domínio desse obstáculo da natureza era considerado pelos viajantes como o maior desafio para a navegação do

³²³ Ibid., p. 24.

³²⁴ HOLMBERG, op., cit., p. 85.

Paraná. O salto também representava uma barreira para a expansão do processo civilizatório em Misiones, o que colocava a região numa situação de isolamento geográfico do resto da Argentina, já que mesmo o rio que representava a principal ligação com Buenos Aires apresentava um obstáculo difícil de ser vencido.³²⁵

Para Hernández, tal obstáculo representava o nó górdio argentino. A comparação com o antigo feito de Alexandre, o Grande, era dotado de alta representatividade. Da mesma maneira que o antigo imperador macedônico logrou dominar a Ásia ultrapassando tal obstáculo, era somente com o domínio do Apipé que poderia ser possível submeter efetivamente toda a região de Misiones ao domínio argentino.³²⁶

Lista possuía um olhar diferenciado a respeito do Apipé ao contestar a opinião dos outros viajantes. Para ele, era um “*arrecife denominado imprópriamente «salto»*”.³²⁷ Personagem ligado diretamente ao governo de Buenos Aires, não deixou de indicar sugestões para o problema da navegabilidade nesse ponto do Paraná. Para o viajante, a situação era simples, devia se importar vapores mais adequados na tarefa de poder vencer tal obstáculo, citou os estudos do marinheiro estadunidense Hunter Davidson,³²⁸ que corroborariam com o seu argumento de que apenas com a importação de vapores e uma melhoria na sinalização do Apipé resolveria o problema:

*El Gobierno Nacional podria, cuando más, para garantir en todo tiempo el libre transito de ese punto, hacer colocar algunas boyas que señalen al navegante las sinuosidades del canal.
Segun el citado Sr. Davidson, los vapores más convenientes para la navegacion del Alto Paraná, serian los que se construyesen teniendo en vista el tipo de los que se usan en el rio Mississipí [...]
La adquisicion de dos ó tres vapores de esta clase seria poco dispenciosa y con ellos se daria un gran impulso al naciente comercio de Misiones.*³²⁹

Realizar obras de implosão para eliminar as restingas ali existentes era uma empresa de alto custo para a época. Embora os outros viajantes recomendassem tais procedimentos, Lista sugeriu a via menos custosa de se investir na importação de vapores. O fato de estar

³²⁵ ABÍNZANO, op., cit., p. 17.

³²⁶ HERNÁNDEZ, op., cit., citação presente no prólogo escrito por Federico D. Daus.

³²⁷ LISTA, 1883, p. 7.

³²⁸ Marinheiro estadunidense que após lutar ao lado dos confederados na Guerra de Secessão, radicou-se na Argentina, onde teve um papel de peso na constituição da Marinha Argentina, tendo inclusive realizado expedições pelo Alto Paraná.

³²⁹ LISTA, 1883, p. 59.

ligado diretamente ao governo pode indicar o quanto tinha de conhecimento a respeito do erário público.³³⁰

Apesar de também ser um funcionário do governo, Hernández considerava a eliminação dessa barreira como fator primordial para o estabelecimento da civilização em Misiones. À parte de não desdenhar o salto como fazia Lista, o considerava como “[...] *la barrera mas poderosa á la conquista del territorio Misionero por la civilizacion y el comercio.*”³³¹

Tal como Lista, Hernández indicou sugestões para o governo no que tocava à problemática do Apipé. No entanto, a sua sugestão era totalmente contrária à de seu colega. Para ele, o governo detinha a capacidade de realizar a obra, inclusive apontou a soma de 50.000 pesos para o seu custeio.³³²

Ao relatar o Apipé, Holmberg novamente fez menção a Thomas Jefferson Page. Segundo os estudos do marinheiro estadunidense, o Apipé não era um obstáculo intransponível. Sendo assim Holmberg intencionava seguir o exemplo de Page e ultrapassar o obstáculo com a força do vapor no qual estava a bordo.³³³ No entanto, o comandante do vapor comunicou ao viajante que seria impossível atravessar o obstáculo, e a expedição, por fim teve que seguir por terra até Posadas.³³⁴ Tal imprevisto fez com que o viajante registrasse designação pejorativa para o Apipé em seu relato, denominando-o como a: “*Bestia Negra del Alto Paraná*”³³⁵

Ambrosetti conseguiu ultrapassar o salto com o vapor San Javier, mas o viajante não deixou de mencionar o fato da embarcação ter sofrido uma avaria no mesmo salto pouco tempo antes.³³⁶ O seu relato sobre a subida ganhou ares de epopeia, era um claro intuito de enaltecer o domínio sobre o obstáculo que oferecia a natureza naquela altura:

Ya llegamos al Salto, la voz del vaqueano, á toda fuerza se hace oír, el manómetro señala 86 libras y despues 90 de presión. Los foguistas echan leña y más leña, y el vapor, aumentando su marcha, temblando todo, empieza á subir desesperado, luchando á brazo partido con aquella masa de agua que atropela enfurecida, mostrando á ambos lados grandes remolinos de espuma al chocar bramando contra las masas negras de rocas, que se levantan amenazantes á ambos lados del canal.

³³⁰ Tal empreendimento foi realizado apenas na década de 1980, com a construção da Represa Binacional de Yacyretá, financiada por Paraguai e Argentina.

³³¹ HERNÁNDEZ, op., cit., p. 41.

³³² Ibid., p. 66.

³³³ HOLMBERG, op., cit., p. 77-78.

³³⁴ Ibid., p. 82.

³³⁵ Ibid., p. 77.

³³⁶ AMBROSETTI, 1894, p. 26.

*Varios pasajeros acompañados por el comisario del vapor Don Pedro Deffis, desde arriba de la toldilla contemplábamos aquella avalancha líquida que rueda con furor por ese extenso plano inclinado, siguiendo inmóviles y mudos la marcha impetuosa pero lenta del vapor. Quince minutos despues el San javier flotaba en aguas tranquilas. Habiamos pasado el Salto de Santa Maria de Apipé, que rujia á los lejos, el mismo que en viaje anterior había arrastrado el San Javier chocándolo contra las rocas que le abrieron un ancho rumbo.*³³⁷

Ambrosetti dizia que somente com o domínio desse obstáculo seria possível que as forças da civilização atuassem sobre os misioneros. O fato de Misiones estar relativamente isolada pela dificuldade de navegação do Paraná acarretava que o ambiente se tornasse hostil à civilização e propenso à barbárie. O controle do Apipé poderia agir na transformação desse ambiente e integrar os misioneros ao rol da civilização argentina:

*Vuelvo á repetir, es simple sección del Alto paraná desde Ituzaingó á Posadas es la única barrera que presenta la navegación del caudaloso rio, que una vez limpiado, aunque sea en parte, de sus obstáculos actuales, abrirá las puertas del progreso á esa inmensa zona de Misiones, sacudiendo la inercia forzada de sus habitantes, que hoy en su mayor parte solo producen lo estrictamente necesario para vivir, porque no sabrian que hacer con el exceso de sus productos.*³³⁸

Basaldúa não era favorável a uma intervenção direta no Apipé. Para ele, era importante a valorização dos atributos positivos do salto. Sua beleza por si só era um espetáculo que inclusive poderia fomentar a indústria do turismo. Para além de usar artifícios românticos para descrever o salto, o colocava numa escala de comparação com a natureza dos Estados Unidos: “[...] el Mississipi en toda la extensión de su largo curso, no ofrece un espectáculo que aproxime siquiera del bellissimo que tenemos ante la vista”.³³⁹

Basaldúa defendia uma posição similar à de Lista no que tocava ao emprego de vapores mais preparados para transpassar o obstáculo. No entanto, não era defensor da ideia da importação defendida pelo outro viajante. Para ele, os próprios empresários argentinos detinham a capacidade para a realização de tal tarefa, inclusive enfatizando a possibilidade comercial para os investidores privados. Nesse caso, mencionou uma vez mais seu “compatriota basco” Domingo Barthe, além do croata-argentino Nicolás Mihanovich:³⁴⁰

³³⁷ Ibid., p. 34.

³³⁸ Ibid., p. 37.

³³⁹ BASALDÚA, op., cit., p. 28.

³⁴⁰ Há que ressaltar que, assim como Basaldúa, os dois empresários citados eram estrangeiros naturalizados argentinos. Para ele, se tratava dos “nuestros grandes armadores”, mas ainda assim é marcante a origem europeia de ambos.

*“Cuando Barthe, Mihanovich ú outro cualquiera de nuestros grandes armadores se decidan á construir vapores de rápido andar [...] todos ganaremos: las empresas, dinero; los pasajeros, comodidad y placer; y el Territorio de Misiones, población y riqueza.”*³⁴¹

Embora não fosse favorável a intervenção direta no Apipé, Balsadúa fez uma ousada sugestão de uma construção de um canal que pudesse criar um desvio para que assim fosse evitada a passagem das embarcações pelo salto:

La apertura del Canal entre Trinchera San Miguel, lago Ú-bera y el Pueblo de Ituzaingó producirá estos tres beneficios:

1º Reducir é la cuarta parte, á veinte kilómetros, la distancia de ochenta kilómetros que recorren hoy los barcos contorneando el Rincón de Santa María.

*2º Evitar los peligros que ofrece el paso de los Rápidos del Carayá y del Apipé, especialmente en las épocas de bajante, en cuyo paraje la violencia de la corriente es tan grande que la rotura de la cadena del timón, la detención de la máquina, ó una mala guiñada, estrellarían el vapor contra las rocas de la islã de los Pájaros.*³⁴²

A domesticação do Apipé era de fundamental importância para o exercício do processo civilizatório em Misiones. Para os viajantes, a intervenção humana no salto se daria de duas formas: pela via da intervenção direta, eliminando as restingas que atrapalhavam a navegação do Paraná, ou pelo emprego de vapores mais potentes que pudessem transpassar o obstáculo sem maiores problemas. A questão central residia na problemática da dominação do salto. Nesse sentido, a valorização da natureza misionera como um componente civilizador era válida apenas através da intervenção humana. De acordo com uma perspectiva utilitarista, a natureza era vista como civilizadora na medida em que pudesse facilitar a incursão da civilização e pudesse prover o homem de riquezas.

3.3. Rumo à terra do mate

No meio da diversidade da natureza subtropical misionera, o grande atrativo era a existência de uma vasta área dotada de abundância de erva-mate. Tal artigo conferia uma particularidade a mais na região de Misiones. Existia ali, toda uma dinâmica sócio-econômica que a dotava de uma cultura muito própria, o que não deixou de provocar estranhamento aos viajantes oriundos de Buenos Aires. Misiones era o “país ervateiro”, muitas vezes designado

Assim como Barthe, Nicolás Mihanovich, de origem croata – na época parte do Império Austro-Húngaro – também foi um poderoso empresário que atuou na indústria dos vapores.

³⁴¹ BASALDÚA, op., cit., p. 30.

³⁴² Ibid., p. 59-60.

como um lugar à parte dentro da Argentina, distante do pólo civilizado representado por Buenos Aires.

Ambrosetti ressaltou esse distanciamento ao mencionar a “comida ervateira” típica daquela região. O momento em que relatou o encontro que teve com um portenho no Alto Paraná, marcava de forma simbólica o retorno ao conforto da civilização de Buenos Aires em meio à barbárie do “país ervateiro”: “[...] *volvimos á casa de D. Manuel Romero (padre), quien nos obsequió con un banquete criollo de carne con cuero y empanadas, que nos hicieron dar una feliz trégua al charque, maiz y demás comidas yerbateras demasiado malas para poder acostumbrarse á ellas.*”³⁴³

Ainda no sentido de uma configuração de Misiones como um território à parte, o crítico literário Temístocles Linhares cunhou o conceito do “quarto país” para designar as regiões ervateiras do Brasil, Argentina e Paraguai como um território à parte e desconectado dos três Estados nacionais.³⁴⁴ Nesse mesmo sentido, Abínzano afirma que a região “[...] *era un mundo aislado, sin controles, donde muy pronto comenzaron a regir unas leyes sui generis a pesar de los esfuerzos de los respectivos gobiernos.*”³⁴⁵

A erva-mate foi a grande responsável pela entrada definitiva do governo de Buenos Aires em Misiones. A memória da entrada da primeira expedição ervateira no interior misionero em 1874 é considerada como um marco simbólico na história da região. O episódio conhecido como “*Pacto de la Selva*” foi um acordo entre alguns *pioneers* portenhos e uma parcela dos indígenas que habitavam a região de San Pedro para que fosse autorizado o início da exploração do mate na região.³⁴⁶

Durante o século XIX, o consumo da erva-mate já era algo totalmente generalizado na Argentina. Originalmente um hábito dos índios guaranis, foi disseminado pelos colonizadores espanhóis e acabou por se tornar parte da cultura material de toda a Argentina e também um símbolo de identidade nacional. No período anterior à descoberta dos ervais em Misiones, a

³⁴³ AMBROSETTI, 1894, p. 81.

³⁴⁴ LINHARES, Temístocles, *História Econômica do Mate*, Rio de Janeiro: Livraria J. Olympio, 1969. No âmbito da literatura, o escritor argentino Alfredo Varela também seguiu essa conotação em sua novela intitulada *El Río Oscuro*, escrita em 1943. VARELA, Alfredo, *El Río Oscuro*, Buenos Aires: Capital Intelectual, 2008.

³⁴⁵ ABÍNZANO, op., cit., p. 25.

³⁴⁶ Ibid., p. 55-58.

ALCARÁZ, Alberto Daniel, *El nacimiento de una burocracia y una «élite local» en el Territorio Nacional de Misiones a fines del siglo XIX*, Trabalho apresentado na VII Jornadas Santiago Wallace de Investigación en Antropología Social, 27 a 19 de Novembro de 2013, Buenos Aires: Instituto de Ciencias Antropológicas - Facultad de Filosofía y Letras-Universidad de Buenos Aires, 2013, p. 9. Disponível em: <<http://www.jias.org.ar/confcientifica/comunicacionesDocGetfile.php?comunicacionIdSeleccionado=3642>>. Acesso em 04-12-13.

maior parte da erva consumida na Argentina era importada do Brasil. O estado do Paraná era o maior produtor mundial e a exportação para a Argentina era escoada pela via atlântica dos portos de Paranaguá (Paraná) e de São Francisco do Sul (Santa Catarina).³⁴⁷

Dominar efetivamente Misiones significava também assegurar uma autossuficiência de produção de erva-mate e consequentemente, obter a independência das importações do Brasil. Essencialmente por esse motivo a questão do domínio desse recurso natural era de extrema importância para o governo de Buenos Aires. Podemos chegar a conclusão de que o mate, que na altura era denominado como *oro verde*,³⁴⁸ foi o responsável direto pela criação formal do novo território de Misiones em 1881 por parte do governo de Roca.

A questão do domínio da erva-mate foi uma das principais preocupações mostradas pelos viajantes, já que em seus relatos reservaram capítulos exclusivamente dedicados a essa problemática.

Lista, o primeiro dos viajantes a adentrar em Misiones, ressaltou a necessidade de buscar a autossuficiência dos artigos misioneros numa clara referência à erva-mate: “*Dia vendrá en que los múltiples productos de ese rico suelo [...] irán á competir con los similares de otros países que hoy abastecen á las provincias más ricas y prósperas de la República Arjentina.*”³⁴⁹

A questão do domínio da erva-mate era mais complexa do que a simples ocupação de suas reservas naturais. Existia um debate na Argentina que criticava ferozmente a sua depredação em seu estado natural. Ao mesmo tempo, buscava-se domesticar a erva pela via do cultivo, para que assim fosse possível a diminuição da dependência dos ervaais localizados no interior da selva em áreas de difícil acesso. Mas o principal problema residia na busca da fórmula ideal da domesticação do cultivo da planta.

Durante as missões do século XVIII, os jesuítas cultivaram e comercializaram a erva. Após a expulsão da ordem, acreditava-se que os métodos de plantio utilizados naquela época estariam esquecidos. Seria um segredo que estava guardado com os jesuítas. Assim assinalou Ambrosetti:

La cuestión de la plantación de yerba mate hace tiempo me viene preocupando seriamente, puesto que se trata de una riqueza presente y

³⁴⁷ LARGUÍA, Alejandro, *Misiones, Itapúa y los pioneros del oro verde*, Buenos Aires: Corregidor, 2006, p. 99.

³⁴⁸ Abínzano localiza o uso do temo *oro verde* no período posterior à Guerra da Tríplice Aliança, momento onde indivíduos que acompanhavam os exércitos aliados se assentaram nas cercanias de Posadas para se lançarem em busca de tão cobiçada riqueza, o que encontrava um paralelo com a “corrida do ouro”. ABÍNZANO, op., cit., p. 23.

³⁴⁹ LISTA, 1883, p.56.

futura; muchos yerbales han sido destruidos, mucho tiempo pasará antes de que se repongan y otros ya no se repondrán porque han sido salvajemente talados; así pues, urge la plantación de yerbales nuevos.

[...] Los demás ensayos hechos por muchas personas en Misiones no dieron tampoco resultado y entonces ya sin averiguar ni experimentar más, las personas empeñadas en ello se desalentaron y dijeron en uno de esos momentos:

«Los jesuitas llevaron consigo el secreto de su plantación y todo lo que se haga al respecto, es inútil».

*Y el asunto plantación de yerba-mate quedó en el olvido y los que quisieron emprender de nuevo estudios al respecto, fueron mirados como utopistas que perdían el tiempo.*³⁵⁰

Os viajantes demonstraram uma clara preocupação com os métodos predatórios empregados na exploração dos ervais. O fato de existir pouco controle por parte do governo na exploração pode ser explicado pela própria falta da presença do Estado argentino, sobretudo nas áreas do interior.³⁵¹ A problemática nesse sentido não se restringia ao domínio da natureza, mas também sobre o esgotamento de tal recurso natural.

Dominar a natureza no que tocava à problemática da erva-mate estava associado à domesticação do cultivo da erva. Além dos jesuítas, o botânico francês Aimé Bonpland havia desenvolvido o cultivo da erva durante o período em que viveu em Misiones até meados do século XIX.³⁵²

Civilização, barbárie e positivismo estavam intrínsecos a essa questão. Basaldúa reclamava mais civilidade nos métodos de exploração. O modo predatório empregado até então era algo envolto em barbárie: “[...] auguran á este produto de las selvas vírgenes un gran desarrollo comercial, cuando la indústria inteligente del agricultor moderno modifique los bárbaros procedimientos seguidos hasta hoy.”³⁵³

A lógica positiva era pensada por Ambrosetti através de uma perspectiva em que o progresso linear do desenvolvimento do cultivo da erva havia sido interrompido com a expulsão dos jesuítas e com a morte de Bonpland. Com eles se foram os segredos do cultivo da erva e por esse motivo, Misiones regredia no caminho rumo à civilização.

³⁵⁰ AMBROSETTI, 2008, p.33.

³⁵¹ Sobre a problemática da dinâmica da atuação das autoridades políticas na região ervateira, ver: ARANHA, Bruno P.L., *La explotación yerbatera en la frontera este de la provincia de Misiones-Argentina (1876-1910)*, Revista virtual História e-história, <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=226>> Acesso em 01-09-13.

³⁵² Botânico que se celebrou pela viagem de exploração do continente americano que empreendeu com Alexander von Humboldt e pela sua decisão de renunciar aos meios científicos e sociais de Paris para ir viver em Misiones, onde viveu até o seu falecimento. Para maiores detalhes da atuação de Bonpland e de sua relação com os caudilhos da região, ver:

MOREIRA, Luis Felipe Viel e QUINTEROS, Marcela Cristina, “Em Busca de Aimé Bonpland”, *Fronteiras*, Dourados, v. 10, n. 18, jul./dez. 2008, p. 221-236.

³⁵³ BASALDÚA, op., cit., p. 199.

*Bonpland tuvo ocasiones como nadie para obtener una gran cantidad de datos sobre los medios agrícolas e industriales de que se valieron los jesuitas, para el adelanto de sus reducciones, porque, en su época, aún existían algunos viejos de entonces o por lo menos sus próximos descendientes, con quienes se halló en íntimo contacto y con los que esperaba formar una gran Colonia Misionera en Santa Ana y Candelaria, cuando los secuaces del siniestro doctor Francia, lo arrebataron y saquearon para internarlo en el Paraguay. Sus manuscritos perdidos; ¡cómo los llora la ciencia! ¡Todo un monumento científico, levantado por un sabio durante tantos años de observación directa y de sacrificios sin cuento, alejado de todo centro civilizado, luchando contra la naturaleza salvaje y con gentes más salvajes aún!*³⁵⁴

Nesse caso, o esforço de domesticação da erva representava o embate entre civilização e barbárie em meio à natureza misionera. O esforço de Bonpland teria sido abortado não somente pela influência da natureza selvagem, como também pela ação de Francia, considerado como um “caudilho paraguaio” por parte de Ambrosetti.³⁵⁵ Era uma clara alusão às recentes guerras civis contemporâneas ao viajante, que não deixou de ser influenciado por esse contexto tão próximo ao que era esboçado por Sarmiento em seus textos de combate aos caudilhos.

Era necessário retomar o curso da civilização em Misiones, as grandes áreas dotadas de erva e os esforços para dominar o cultivo desse recurso natural era um dos principais componentes que legitimavam esse discurso.

Lista percorreu vários ervais misioneros, em seu relato dedicou todo um capítulo à problemática da erva. O viajante registrou sua preocupação com a exploração predatória realizada na região do Alto Uruguai e temia que tais ações antingissem os ervais do Alto Paraná. Ao mesmo tempo, demonstrava uma preocupação com as tentativas de elaborar técnicas de plantio. O porvir de progresso em Misiones estava envolto na questão do domínio da erva-mate:

³⁵⁴ AMBROSETTI, 2008, p. 32.

³⁵⁵ No projeto de nação evocado por Buenos Aires no início do século XIX, o Paraguai era reivindicado como parte desse projeto, o que desde o início foi plenamente rejeitado pela Intendencia de Asunción. No entanto, houve durante o século XIX, todo um imaginário que considerava a nação guarani como uma província rebelde governada por caudilhos.

Durante o ano de 1821, Bonpland cultivava erva-mate em Santa Ana, localidade reivindicada como parte do Paraguai. Julgando o botânico francês como transgressor das normas de cultivo estabelecidas pelo Paraguai, militares paraguaios invadiram a cidade e o levaram como prisioneiro para Asunción, onde permaneceu preso por dez anos.

MOREIRA e QUINTEROS, op., cit., p. 228-230.

Casi todos los yerbaes explotados hasta la fecha y particularmente los de la costa del Uruguay están arruinados ó en via de arruinarse, debido al corte irracional y á la tea incendiaria de los yerberos.

*Es necesario tambien y cuanto antes, que se prohíba enérjicamente la explotacion del Ilex, siquiera por una década, estableciendo el Gobierno recompensas pecuniarias para promover la replantacion de los yerbaes exhaustos, salvando asi un ramo de indústriá tan importante en la América Meridional.*³⁵⁶

Para além de denunciar a exploração “bárbara” realizada em Misiones, Hernández colocou uma opinião totalmente contrária à de Ambrosetti no que dizia respeito aos representantes do governo do Paraguai. Para ele, os paraguaios eram dotados de métodos científicos mais avançados no que tocava à exploração da erva. Para ele, era outro sinal claro de que a Argentina estaria ficando para trás na corrida pelo processo civilizatório em relação a outro país vizinho. Nesse quesito em específico, sua opinião não divergia de Ambrosetti, que mostrava preocupação com o avanço brasileiro no Alto Uruguai e no Alto Paraná.

As posições antagônicas dos dois viajantes são um exemplo claro sobre a barbárie alternante. Enquanto Ambrosetti qualificou Francia como um caudilho bárbaro, Hernández considerou as realizações dos Lopez (sucessores de Francia) como logros da civilização:

Cuando un yerbal se há talado completamente se pasa á otro, y esto es tambien motivo para que no se hagan instalaciones permanentes capaces de mejorar la fabricacion. Asi es que hay siempre en campaña gente ocupada exclusivamente en decubrir nuevos yerbaes y abrir las picadas mulateras.

Con esto se verá que los yerbaes argentinos tienden á destruirse rapidamente [...]

En tiempos de los Lopez habia reglamentos que llegaban hasta fijar la cantidad de yerba que debia encerrarse en un cuero, señalando el peso de cada tercio, con lo cual se obligaba á oprimirla de manera que entrarse la mayor cantidad posible; y esto es garantia de su conservacion y frescura, por varias causas.

*La superioridad que se nota en la yerba paraguaya sobre la nuestra, no proviene de otra cosa que de la elaboracion, podemos decir científica, que aquellos emplean, debido á que el gobierno no há descuidado jamás del asunto.*³⁵⁷

Contrapondo as teorias deterministas sobre como o meio influencia o homem, Hernández assinalou que embora a geografia fosse idêntica, tanto no lado paraguaio, como no lado argentino da fronteira, as ações empregadas eram distintas. No caso paraguaio, não foi

³⁵⁶ LISTA, 1883, p. 81.

³⁵⁷ HERNÁNDEZ, op., cit., p. 116-117.

necessária a “intervenção civilizadora” de Buenos Aires: ela foi realizada pela via do próprio “caudilho”, que aos olhos de Ambrosetti e Sarmiento, não teria tal capacidade por ser um bárbaro: “*El árbol es el mismo; el clima y la tierra idénticos, sin ninguna diferencia natural, solo que ellos lo esplotan tres meses y luego dejan crecer los retoños cuatro años*”.³⁵⁸

Para o viajante, a erva-mate seria o principal agente civilizador em Misiones. Hernández vislumbrava os ganhos que a possibilidade da exportação do artigo para o exterior poderia gerar para a Argentina.³⁵⁹ Para ele, o poder comercial da erva-mate era de tal magnitude, que poderia substituir o hábito global do consumo de café:

*Hoy en todas las grandes empresas, en todas las construcciones de Ferro-Carriles que tienen de uno á tres mil obreros extranjeros, se les dá en lugar del café, mate cocido. Es decir, la misma infusion de yerba hervida en grandes tachos y distribuída en tazas, con galletas y azúcar. Algunos le ponen leche. El caso es que los extranjeros encuentran el mate mas sabroso y estomocal; lo prefieren sin vacilacion. Es evidente que cuando los europeos comiencen á usarlo, como es muy fácil conseguirlo á poco esfuerzo, este producto será una fuente de riqueza del pais. Solo eso bastaria para transformar á Misiones.*³⁶⁰

A erva-mate era tema central nos três relatos de Ambrosetti. O futuro ervateiro que manifestasse a vontade de se lançar na odisseia de se tornar um *pioneer* em Misiones era o leitor alvo a ser atingido. Era essa a tônica presente na introdução do segundo relato dirigido especialmente para o seu leitor: “[...]el futuro yerbatero ó obragero, el turista y hasta el curioso encontrarán consignados aqui el modo de esplotar los montes, los yerbales”³⁶¹

Os três relatos são dotados de muitas informações sobre a dinâmica de exploração da erva que a todo o momento se faz presente nas narrações de Ambrosetti. No primeiro relato, a temática se sobressai no momento em que o viajante recorreu os ervais da região de San Pedro, descrevendo as atividades ervateiras aí desenvolvidas, inclusive ilustrando a obra com imagens dos instrumentos usados no corte e armazenamento da erva. No segundo relato, dois

³⁵⁸ Ibid., p. 117.

³⁵⁹ Importante mencionar que o consumo do mate em sua forma tradicional ficou restrito basicamente à Argentina, Paraguai, Uruguai e ao sul do Brasil. Embora os viajantes tivessem pensado nas possibilidades de exportação, o seu maior mercado permanece restrito até os dias de hoje ao cone sul. Em 1946, o engenheiro argentino Antonio Carlos Muello alertava para o baixo volume das exportações direcionadas à Europa. Sendo assim, fomentou mais uma vez a possibilidade de exportação, o que acabou não gerando resultados positivos.

MUELLO, Alberto Carlos, *Yerba Mate: su cultivo y explotación*, Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1946.

³⁶⁰ HERNÁNDEZ, op., cit., p. 114, grifo do autor.

³⁶¹ AMBROSETTI, 1894, p. 2.

capítulos intitulados “En los Yerbales” fazem menção aos ervais da região de Tacurú Pucú no Paraguai. No terceiro relato, transcreveu todo o regulamento que regia a exploração dos ervais em Misiones. Justificou tal medida devido ao intuito de incentivar a ida dos *pioneers* a Misiones, era uma convocação para o empreendimento do processo civilizatório que estava associado ao controle efetivo da erva: “*Como este trabajo está destinado a servir de consulta a los que necesiten tomar datos sobre aquel territorio, transcribo aquí dicho.*” ³⁶²

Teria êxito o estabelecimento de um regulamento de exploração da erva e uma convocação dirigida aos portenhos para o empreendimento do processo civilizatório em Misiones?

Para Ambrosetti e os demais viajantes, o domínio do mais importante recurso natural misionero acarretaria progresso e civilização. Dentro de uma perspectiva positivista, a ação dos civilizadores abriria o caminho para que os agentes do progresso chegassem até os confins da fronteira nordeste argentina. Um dos marcos representativos dessa ação era a presença de núcleos urbanos, sobretudo nas áreas mais distantes das margens do Paraná e do Uruguai. Levar o progresso para a “escuridão” da selva misionera significaria uma vitória da civilização. Tanto Ambrosetti, como Holmberg apontavam essa região como o verdadeiro cenário de luta entre civilização e barbárie.

A contradição nesse processo foi a de que nessas extensas áreas do interior, dotadas de erva-mate, não era fomentada a propagação de núcleos urbanos. O próprio regulamento acabava por alimentar o problema do latifúndio, além de estabelecer normas que impediam o povoamento da área. O artigo 17º do regulamento, reproduzido por Ambrosetti em seu relato, indicava a proibição do estabelecimento de núcleos urbanos justamente na *Sierra de Misiones* (não por acaso localizada na área ervateira do interior misionero). Tal lei representava uma barreira para o advento do progresso justamente na região mais “bárbara” de Misiones: “*Art. 17.º. Se prohíbe igualmente hacer habitaciones permanentes en la sierra o Campo Grande, bajo pena de destrucción de la habitación y multa de cien pesos fuertes por cada una.*” ³⁶³

O processo civilizatório ainda sofria as consequências das guerras civis entre unitários e federalistas. Já que essa aparente contradição entre o ideal de Pátria Grande de ocupação das fronteiras da nação e a legislação que coibia justamente a ocupação da fronteira nordeste misionera pode ser explicada pelo fato do regulamento de 1876 ser uma herança do governo de Corrientes, que até 1881 exercia jurisdição sobre Misiones.

³⁶² AMBROSETTI, 2008, p. 88.

³⁶³ Ibid., p. 90.

Teria então o governo de Buenos Aires reagido contra essa herança dos “bárbaros caudilhos” de Corrientes?

A questão dos ervais se tornava tão complexa e envolta de tantos interesses particulares, que a reação tardou a chegar. Um desses interesses pode ser sintetizado na figura de Domingo Barthe, um dos maiores latifundiários de Misiones e um protegido de Basaldúa, devido à sua origem basca em comum com o viajante. Seus interesses e sua influência na política misionera entraram em conflito com os ideais de incentivo ao povoamento do interior misionero que eram manifestados pelos viajantes. A ocupação permanente dessa área não lhe interessava: a colonização acarretaria uma falta de mão de obra disponível para o sistema de exploração de erva-mate nos moldes em que a praticava. Tal sistema era considerado como um regime de semiescravidão, onde o trabalhador era contratado por um determinado preço no porto de Posadas antes de ser enviado para o interior dos ervais no Alto Paraná. Estando na jurisdição do proprietário ervateiro, o trabalhador teria que arcar com seus custos pessoais no comércio do próprio proprietário, o que acabava por deixar os trabalhadores indvidados. Esses trabalhadores eram conhecidos como *mensus*, termo derivado da palavra *mensualero*. Ou seja, de pagamento mensal, condição que foi totalmente distorcida nesse sistema de exploração ervateiro.³⁶⁴

Outro dado importante a ser ressaltado é o fato de proprietários portenhos terem patrocinado expedições de reconhecimento de suas próprias propriedades misioneras. José Gregório Lezama³⁶⁵ patrocinou a expedição do italiano Giacomo Bove, a qual tinha entre os seus objetivos o reconhecimento das propriedades de Lezama na região de Iguaçu.³⁶⁶

Os fatos expostos acima ilustram o quanto as ideias do processo civilizador se chocavam com os interesses latifundiários em Misiones. Interesses que eram considerados como um entrave para a implementação de tal projeto. Para Amable, foi o retardamento da aplicação das leis de incentivo ao povoamento que ocasionou a perda do território litigioso de fronteira para o Brasil, já que o argumento utilizado pelo presidente Cleveland no arbítrio dessa questão era a teoria do *Uti Possidetis*, que dava o direito ao Estado brasileiro por ter ocupado a área litigiosa com cidadãos brasileiros.³⁶⁷

³⁶⁴ A respeito dos interesses de Barthe em Misiones, ver: ALCARÁZ, Alberto Daniel, La gestación de una “élite local” durante la explotación yerbatera-maderera en el Alto Paraná (1870-1920) - Domingo Barthe: un representante paradigmático, p. 103.

³⁶⁵ Nascido em Salta, mas vivendo a maior parte de sua vida em Buenos Aires, foi um dos maiores proprietários de terras e detentor de uma das maiores fortunas na Argentina durante o século XIX.

³⁶⁶ O relato foi publicado em 1885, sob o título *Note di un viaggio nelle Missioni ed Alto Paraná, con illustrazioni e tavole*. ALCARÁZ, 2007, p. 117.

³⁶⁷ AMABLE, op., cit., p. 137.

Em 1894, durante o período em que Ambrosetti esteve em Misiones, o governo de Buenos Aires manifestou interesse em alterar o regulamento de 1876. Mas enquanto não se ditava a nova lei que substituisse a legislação correntina, a mesma seguiu vigente: “*Art. 2º Mientras no se dicte la ley especial que haya de regir el aprovechamiento de los yerbales, éste se hará bajo las condiciones del Reglamento que dictó á ese objeto la provincia de Corrientes en 1876.*”³⁶⁸

Mas foi somente em 1903, com a promulgação da *Ley de Tierras 4167* que surgiu a primeira tentativa por parte do governo de fomentar o povoamento: “*Verificada la explotación de los yerbales, el Poder Ejecutivo, podrá vender o arrendar los terrenos en lotes y condiciones adecuadas para vincular la población.*”³⁶⁹

A problemática ervateira era uma questão de primeira ordem para os viajantes. Garantir o seu domínio era tanto uma prerrogativa para ampliar os ganhos econômicos da nação, como também era uma forma de garantir o efetivo domínio sobre Misiones, região de fronteira com um grande histórico de problemas de litígio territorial, seja na esfera interna, no tocante a disputa entre Buenos Aires e Corrientes, seja na esfera externa devido às disputas territoriais com Brasil e Paraguai.

A maneira como narravam a luta entre o homem e a natureza em meio aos ervais, era uma maneira de legitimar a vindoura vitória final da civilização nos confins da fronteira misionera.

No plano simbólico, a erva-mate era um agente civilizador responsável por levar o progresso até a fronteira nordeste da nação. Pela via do “*oro verde*” chegariam o trem, os núcleos urbanos, o telégrafo e todos os símbolos do progresso que integrariam uma região até então relegada à barbárie. Mas para que tal empreitada desse resultado era necessária a eliminação dos latifúndios. No entanto, tal ação entrava em choque direto com os interesses dos latifundiários portenhos detentores de propriedades em Misiones.

Nesse caso, situamos uma das contradições do processo civilizatório em Misiones, já que o discurso vindo de Buenos Aires não era de fato unificado. Os interesses particulares muitas vezes se subrepunham aos ideais do discurso emanado pela elite intelectual portenha, representada aqui pelos viajantes.

³⁶⁸ *Digesto de Leyes, Decretos y Resoluciones relativos a tierras públicas, colonización, inmigración, agricultura y comercio (1810-1900)*, Buenos Aires: Cía, Sudamericana de Billetes de Banco, 1901, p. 679 apud AMABLE, op., cit., p. 144.

³⁶⁹ AMABLE, op., cit., p. 164.

3.4. A natureza misionera como um símbolo de identidade nacional

Para legitimar a vitória da civilização em Misiones, era necessária a criação de símbolos que pudessem integrar o panteão nacional argentino. A natureza, analisada de uma maneira positiva pelos viajantes, fornecia o material ideal para integrar o conjunto de representações do processo civilizatório em Misiones.

Essa mesma estratégia era utilizada pelos pintores românticos dos Estados Unidos. O processo de consolidação da nação do norte era concomitante ao que estava se passando na Argentina. Influenciados pelos ideais do romantismo, os pintores estadunidenses criaram representações iconográficas que legitimavam o poder civilizatório da natureza selvagem do oeste. Suas obras buscavam ressaltar a magnitude dessa natureza. Nesse sentido, a ideia era a de mostrar a superioridade da natureza americana em relação à europeia. O exemplo da maneira como representavam iconograficamente lugares como as Cataratas do Niágara e o Grand Canyon, caminhava no sentido de uma criação de símbolos constituintes de identidade nacional.

No caso argentino, para além do relato puramente escrito, os viajantes acoplaram representações iconográficas em suas obras. Seja através de pinturas ou na forma de fotografias.³⁷⁰ Acreditamos que analisar a maneira sobre como realizaram essas representações, seja uma forma de compreender o papel que a natureza teve no que tocava o fornecimento de elementos identitários para a nação argentina. No caso de nossa pesquisa, as representações não eram provenientes da natureza do pampa ou da região de Buenos Aires: Misiones era fornecedora desses símbolos nacionais. No plano simbólico, tais representações também teriam o efeito pragmático de integrar definitivamente a região ao seio da nação.

Da mesma maneira que os pintores estadunidenses buscaram inspiração na natureza para a criação de símbolos nacionais, os viajantes portenhos também recorreram a essa estratégia. A geografia de Misiones favorecia esse intuito. A sua riqueza hídrica e sua selva subtropical eram elementos que discrepavam com a natureza do pampa, dotada de uma vasta planície e de uma vegetação mais rasteira. Talvez por esse motivo Sarmiento não mostrasse entusiasmo com a natureza pampeana: “[...] *el horizonte, siempre incerto, siempre confundiéndose con la tierra, entre celajes y vapores tenues, que no dejan, en la lejana perspectiva, señalar el punto en que el mundo acaba y principia el cielo.*”³⁷¹

³⁷⁰ Dentre todos os viajantes, somente Hernández não utilizou iconografia. O fato de ter publicado seus relatos em um jornal talvez tenha sido um empecilho para a realização de tal atividade.

³⁷¹ SARMIENTO, 2007, p. 29.

O grande símbolo da natureza misionera eram as Cataratas do Iguaçu que representavam o elemento ideal para a criação da simbologia preterida pelos viajantes. O momento da chegada a esse atrativo natural representava o ápice das expedições. Os viajantes são unânimes em expressar suas ideias românticas no momento em que descreviam tal fenômeno da natureza. Mesmo Hernández - que juntamente a Holmberg, foram os únicos a não visitarem as cataratas - expressava o quanto ela carregava uma carga simbólica para a nação. Mesmo não tendo chegado até Iguaçu, expressou o seu desejo de poder fincar a bandeira argentina naquele local. Há que recordar que as cataratas estavam relacionadas à problemática geopolítica com o Brasil, já que elas foram divididas entre os dois países. Portanto, para além das representações românticas, era necessário dominar as cataratas e assegurar o seu domínio frente ao Brasil:

*Tenia el proyecto de subir el «Alto Paraná» hasta el Gran Salto de «Yguazú» ó «Victoria» que es una de las maravillas naturales que contiene nuestro país. Me habia propuesto llegar á él, trepar á la cumbre y colocar la bandera Nacional sobre el grueso peñasco que se destaca como un coloso dormido en el centro del torrente.*³⁷²

Os viajantes que chegaram até as Cataratas se preocuparam em elaborar representações iconográficas que pudessem dimensionar a magnitude de sua beleza. Lista foi o primeiro dos viajantes a atingir a região. Para ele, era tarefa impossível poder descrever a opulência das cataratas: *“Imposible es que la imaginacion del hombre conciba nada mas impotente que esa montaña de agua que desploma de una altura de 60 varas. Para mi es el espectáculo mas grandioso que puede gozarse en la América del Sud.”*³⁷³

Nesse caso, o fato de mencionar a impossibilidade de descrever a natureza não significa que tal representação era tarefa impossível de ser realizada. Em seu relato, Lista inseriu apenas duas imagens: uma posicionada antes do início do texto da obra³⁷⁴ e outra no meio do relato (Ilustração 3), que consistiu em um desenho das Cataratas. O autor encomendou a elaboração do desenho baseado num rascunho realizado por ele próprio. A inserção da imagem demonstra o quanto era importante adicionar uma representação das Cataratas em seu relato.

³⁷² HERNÁNDEZ, op., cit., p. 149.

³⁷³ LISTA, 1883, p.14.

³⁷⁴ Referente à imagem intitulada *Paisaje en el Alto Paraná*, ver Ilustração 2.

Ilustração 3: Catarata del Y-guazú

Fonte: LISTA, 1883, p. 49.

Holmberg não chegou a atingi-las, tampouco existem muitas imagens da natureza misionera em seu relato. Sua obra contém apenas duas pequenas imagens relativas às informações pontuais a respeito do transporte em Misiones e da localização de uma restinga. No entanto, as influências advindas do romantismo afloraram no momento em que tentou descrever a natureza misionera, embora julgasse ser impossível retratá-la de forma iconográfica:

*Pero... ¡qué necedad la mía pretender bocetar el cuadro! ¿Quién puede modelar con palabras las infinitas variantes de las hojas, ora extendidas como un velo de guipur sobre los esqueletos que las ramas imitan, ora formando ramilletes colosales y espesos que un sol ardiente no puede vencer con todos los furores? ¡Cuántas veces, al procurar transmitir al lector una sola de las emociones que el recuerdo despierta sobre la nota rápida y furtiva, me he asomado con infantil curiosidade por la boca del tintero y sólo he podido percibir la voz traviesa de un diablito del tímpano mental que me decía: «¡No hay! ¡No hay! ¡No está en la tinta! ¡En vano te empeñas en traducir con palabras los cambiantes de la luz caprichosa y juguetona sobre la eterna variante de la figura y de los tintes!»! ¡Aquello es delicioso! Pero, si su grandeza impone y domina, nada es esto comparado con la impotencia del picel o de la pluma para revelar uno solo de sus rasgos.*³⁷⁵

³⁷⁵ HOLMBERG, op., cit., p. 160.

Um dos principais objetivos da segunda expedição de Ambrosetti era justamente o de poder atingir as cataratas, já que na primeira viagem tal empreitada não foi possível de ser realizada. No segundo relato, a parte iconográfica reservou um grande destaque para as cataratas. São sete páginas que se referem a elas e ao rio Iguaçu, contendo nove fotos e uma pintura, cuja autoria é do pintor suíço Adolf Methfessel.

Para entendermos as preocupações de Ambrosetti no que tocava às representações iconográficas da natureza misionera, torna-se necessário analisarmos a problemática sobre como o viajante organizou as equipes que o acompanharam em suas três expedições, sobretudo compreender a importância dos componentes responsáveis pelos registros iconográficos. Nas três expedições, procurou realizar muitos registros fotográficos da natureza misionera. Quando não era ele mesmo o fotógrafo, outros membros da expedição eram designados especificamente para tal tarefa. No caso da segunda expedição, foi acompanhado por Methfessel, cuja responsabilidade era a de realizar registros iconográficos para o *Museo de La Plata*, instituição patrocinadora da expedição.

Quando chegou às cataratas, Ambrosetti, tal como Lista, expressou a opinião de que era impossível tentar retratar tamanha maravilha da natureza. No entanto, é necessário pensar a respeito da influência do relato de Holmberg, já que a leitura da obra de seu sogro foi citada em várias oportunidades em seus três relatos, o que explicaria essa conotação romântico-literária de uma suposta impossibilidade de retratar as cataratas. No entanto, indo na contramão de Holmberg, demonstrou ter uma grande preocupação com a representação iconográfica de Misiones em seus relatos.³⁷⁶

Sendo assim, suas palavras sobre as cataratas vão mais em direção da influência do romantismo literário proveniente de seu sogro do que da não possibilidade da representação iconográfica em si:

*¡¡Obra magna de la Naturaleza americana, conjunto incomparable de belleza, cuadro imponente de majestade salvaje, te saludo entusiasmado como hijo de esta América que te posee en su sueño!!
Los acordes de la lira del poeta se apagan ante tus horrendos bramidos; los pinceles del artista no encontrarán en la paleta los tintes para copiar tus magníficas iridescencias; la pluma del escritor se quebra en un movimiento de desesperada impotencia al quererte describir y hasta la fiel fotografía al transportar tus soberbios contornos, te presentará frío, sin tu inmenso*

³⁷⁶ Curiosamente, Basaldúa apontou que Holmberg mantinha uma grande coleção de fotos. O que pode denotar que havia outros motivos para que não fizesse uso de iconografia em seu relato, como problemas tipográficos, por exemplo, já que, como foi apontado, o viajante não deixou de realizar registros iconográficos sobre Misiones, os quais, por razão que desconhecemos, não foram inseridos em seu relato. BASALDÚA, op., cit., p. 159.

*movimiento, el estampido de tus aguas y la brillantéz gloriosa de tus bellísimos arco íris!*³⁷⁷

Para além da influência literária de Holmberg, o romantismo também se faz presente na pintura de Methfessel. Embora Ambrosetti tenha inserido apenas uma obra do pintor suíço em seu relato (Ilustração 4), ela faz parte de um conjunto maior de obras sobre Misiones que foram encomendadas por Perito Moreno para integrar o acervo do *Museo de La Plata*.

Ilustração 4: *Catarata del Iguazú – Saltos Centrales*. Autoria: Adolf Methfessel.

Fonte: AMBROSETTI, 1894, p. 124.

Para uma melhor compreensão da citada obra de Methfessel, vemos a necessidade de contar um pouco sobre a trajetória do pintor em terras argentinas. A sua origem suíça é um indício sobre o quanto o romantismo alemão de Goethe o influenciou em sua formação. Em

³⁷⁷ AMBROSETTI, 1894, p. 127-128.

1864, chegou à Argentina a convite do presidente Sarmiento.³⁷⁸ Sua missão tinha um objetivo claro: colaborar na elaboração de símbolos para a construção da nação argentina idealizada por Sarmiento.

Sendo assim, cabe-nos perguntar: a que projeto de nação Methfessel estava a serviço?

Para responder a essa questão, é necessário analisar a conjuntura histórica que vivia a Argentina no período da chegada do pintor. O período em que Sarmiento estava no governo correspondia à ascensão do Partido Unitário ao poder após o período de governo de Rosas, representante do Partido Federal. Se alguns anos antes, em *Facundo*, Sarmiento escrevia uma leitura combativa com o claro intuito de derrubar o caudilho, durante a sua gestão como presidente, pensava ser necessário “sepultar” as lembranças daquele período que remetia à barbárie. Nesse sentido, Methfessel foi convocado a elaborar um projeto de construção de um parque que seria construído sobre as ruínas da antiga chácara de Rosas.³⁷⁹ Seria a representação simbólica da vitória da civilização sobre a barbárie e o atraso representado pelos federalistas e seus costumes atrelados ao modelo de vida *gaucho*. O fato de o local ter sido batizado como o nome de *Parque 3 de Febrero* carrega uma enorme carga simbólica, já que rememorava a data da ocorrência da *Batalla de Caseros*, marco da queda de Rosas ante o *Ejército Grande*, uma coalizão composta por unitários, brasileiros, uruguaios e dissidências do próprio Partido Federal.

Em 1876, Methfessel ilustrou a obra *Description Physique de la République Argentine d'après des observations per-sonnelles et étrangères*, escrita pelo alemão Carlo Burmeister sob encomenda do governo argentino. Quando esteve em Misiones junto a Ambrosetti, realizou uma série de obras sobre os índios *káingang*, além de imagens idealizadas da selva misionera e das Cataratas do Iguazu.³⁸⁰ Segundo Arenas, a idealização da natureza presente nas obras de Methfessel era fruto da influência direta do romantismo alemão:

*Los dibujos de Methfessel responden al paisagismo alemán romántico, con elementos desmesurados en primer plano, fuertes claro oscuro, la luz muy difusa y grandes estallidos de color. La naturaleza fue dibujada con la estrategia de un registro naturalista diferenciando una especie vegetal de otra e introduciendo en los paisajes la fauna local. Los pocos seres humanos que aparecen representados lo son en una escala pequeña, en medio de una naturaleza que empuenece.*³⁸¹

³⁷⁸ ARENAS, Patricia, “Naturaleza, arte y americanismo: Félix Ernst Adolf Methfessel (1836-1909)”, *Société suisse des Américanistes / Schweizerische Amerikanisten-Gesellschaft*, Genebra, Boletim 66-67, 2002-2003, p. 191.

³⁷⁹ Ibid., p. 192.

³⁸⁰ Ibid., p. 197.

³⁸¹ Ibid., p. 197.

Dessa maneira, é também possível traçar um paralelo entre a obra de Methfessel e as obras dos pintores românticos da Escola do Rio Hudson. A ideia de exacerbar a opulência da natureza diante do homem, sempre representado com pequenas proporções, compunha o ideário da confecção de símbolos nacionais, tanto para a Argentina, como para os Estados Unidos. Em ambos os casos, a natureza representava um importante componente do processo civilizatório. Ao mesmo tempo em que, glorificavam a natureza, também engrandeciam a pátria. No caso de Methfessel, sua própria trajetória na Argentina apontava o quanto estava a serviço da construção de símbolos com vistas a compor o panteão nacional argentino. A inserção de sua pintura no relato de Ambrosetti mostrava o quanto o viajante estava preocupado com a ideia da representação do símbolo misionero, que a partir de então, para além de uma esfera regional, se tornaria um símbolo nacional de fato. No plano simbólico, representava a efetiva integração de Misiones ao território nacional, já que um dos maiores símbolos da natureza argentina era misionero.

Para além da representação iconográfica, o fator comparação era outro importante dado incutido no discurso dos viajantes no tocante ao engrandecimento das cataratas. Cabe então indagar: qual seria o parâmetro dessa comparação?

Se alguns pensadores estadunidenses intencionavam legitimar a natureza do seu continente como superior à europeia, os viajantes argentinos realizaram essa argumentação tendo como parâmetro de comparação, a própria natureza dos Estados Unidos. Basaldúa realizou tal argumentação ao comparar o Paraná, principal rio misionero, ao Mississipi, segundo maior rio da nação do norte:

*He recorrido gran parte del valle del Mississipí hasta su desembocadura en el golfo de México, y puedo asegurar que por la profundidad, anchura y navegabilidad de su cauce, el Paraná es infinitamente superior al Mississipí. ¡Paraná!, yo te saludo!*³⁸²

Também registrou tal comparação no que tocava às Cataratas. Nesse caso, o parâmetro eram as Cataratas do Niágara, grande símbolo da natureza estadunidense. Uma vez mais, a tônica do exageramento foi usada para justificar a grandeza de um símbolo nacional argentino, já que o Niágara era comparado a uma situação discrepante entre o Riachuelo, pequeno rio situado em Buenos Aires, dotado de uma largura média de apenas 35 metros, e o caudaloso rio da Prata, o mais largo do mundo com 219 km de largura: “[...] Cataratas del Úguezú, á cuyo lado el Niágara famoso es como el Riachuelo de Barracas al lado del Rio de la

³⁸² BASALDÚA, op., cit., p. 12.

Plata.”³⁸³ Essa mesma tônica de comparação também foi utilizada por Lista: “[...] *ese parage que excede en grandiosidade á la famosa Catarata de Niágara*”³⁸⁴

Para legitimar a superioridade das Cataratas do Iguaçu frente ao Niágara, Basaldúa recorreu às descrições de Sarmiento e François-René de Chateaubriand³⁸⁵ sobre o Niágara, quando lá estiveram: “*Para que los lectores argentinos puedan comparar y darse cuenta exacta de la superioridad de las cataratas del Ú-guazú sobre la famosa del Niágara, damos el fotograbado de la gran catarata norte-americana (figura 36), y las descripciones que inspiró á Chateaubriand y á Sarmiento.*”³⁸⁶

É curiosa a estratégia de Basaldúa, já que as descrições de Sarmiento e Chateaubriand são fortemente influenciadas pelo romantismo, ambas narrativas são emotivas e descrevem de maneira extremamente positiva a magnitude do Niágara.

Aqui apresentamos a transcrição que Basaldúa realizou do relato de Chateaubriand:

*[...] La masa del rio que se precipita hacia el mediodia, se redondea á manera de un cilindro inmenso, y desplegándose luego como una cortina de nieve, resplandece al sol con todos los colores, mientras la que se despeña hacia el Oriente baja en medio de una sombra espantosa, á semejanza de una columna del diluvio. Mil arco-iris se conservan y cruzan sobre el pavoroso abismo. Las aguas, al azotar los estremecidos peñascos, saltan en espesos torbellinos de espuma que se levantan sobre los bosques, cual los remolinos de un vasto incendio. Los pinos, los nogales silvestres y las rocas cortadas á manera de fantasmas, decoran aquella escena sorprendente; las águilas arrastradas por la corriente del aire, bajan revoloteando al fondo del antro, y los carcajús se suspenden por sus flexibles colas de la extremidad de una rama para coger en el abismo los mutilados cadáveres de los alces y osos.*³⁸⁷

No caso de Sarmiento,³⁸⁸ sua visão sobre tal fenômeno da natureza foi um dos pontos que o influenciaram na escolha dos Estados Unidos como uma nova centralidade e um novo modelo de civilização para a Argentina.

Abaixo temos dois fragmentos reproduzidos por Basaldúa do relato de Sarmiento sobre o Niágara:

³⁸³ Ibid., p. 171.

³⁸⁴ LISTA, 1883, p. 150.

³⁸⁵ Chateaubriand - que além de escritor, era também diplomata - esteve no Niágara em 1791. Suas impressões foram registradas na obra *Voyage En Amérique*.

Sarmiento esteve em 1847, e registrou sua passagem pelo Niágara em *Viajes*.

³⁸⁶ BASALDÚA, op., cit., p. 165.

³⁸⁷ Ibid., p. 165-166.

³⁸⁸ Interessante apontar que a essa altura, Sarmiento nunca havia estado nas Cataratas de Iguaçu.

*Describir escena tan estupenda sería empeño vano. Lo colosal de las dimensiones atenúa la impresión del pavor, como la distancia de las estrellas nos las hace aparecer pequeñas.*³⁸⁹

*[...] Colocado en el fondo de esta galería singular, aturdido, anonadado por el ruido, recibiendo sobre el cuerpo la caída de gruesos chorros de agua, ve uno delante de sí una muralla de cristal que creyera dura y estable, si las filtraciones de gotas no acusaran la presencia del líquido elemento salido de aquel húmedo infierno: volviendo á ver de nuevo el sol y el cielo, puede decirse que el corazón ha apurado la sensación de lo sublime. Una batalla de doscientos mil combatientes no causaría emociones más profundas.*³⁹⁰

Logo, cabe-nos a seguinte indagação: qual seria a intenção de Basaldúa em transcrever em sua obra esses dois relatos extremamente positivos sobre o Niágara?

Em seu relato, logo a seguir às duas citações, o viajante teve por intenção mostrar o quanto as Cataratas do Iguaçu eram ainda mais opulentas em relação à sua congênere do norte. Embora não apresentasse os dados de medição, para ele, as Cataratas do Iguaçu teriam uma força motriz dez vezes superior às do Niágara, cujos dados de medição realizados por Carl Wilhelm Siemens aparecem no relato:

*Así como la belleza natural de las cataratas del Ú-guazú, con su esplendoroso marco de flores, de isipós y de orquídeas, bajo el dosel de un cielo espléndido, es inmensamente superior á la belleza del Niágara, encuadrada en la sombría vegetación boreal; así también la fuerza de las mil cascatas en que se subdivide el Ú-guazú es por lo menos diez veces mayor que su rival norte-americana, que el sábio Siemens há estimado en 16 800 000 – dieciséis millones ochocientos mil – caballos-vapor. El magnífico paisaje encierra, pues, tesoro inagotable de fuerzas latentes que en dia no lejano transformarán los ingenieros argentinos en manantiales de civilizacion, llevando á través de una red de cables á todos los ámbitos de la República torrentes de luz, de calor y de fuerza eléctrica recogidos en turbinas al pié de las cascadas.*³⁹¹

Balsadúa também lançou mão da iconografia para legitimar essa comparação. O relato é composto por cinco grandes fotografias das Cataratas do Iguaçu que ocupam cada uma o espaço de uma página inteira (Ilustração 5), enquanto que a única fotografia do Niágara (Ilustração 6) é dotada de pequenas dimensões, sendo inserida em meio ao texto em que Basaldúa legitimava sua preocupação de maximar uma posição em detrimento de outra.

³⁸⁹ BASALDÚA, op., cit., p. 166.

³⁹⁰ Ibid., p. 167-168.

³⁹¹ BASALDÚA, op., cit., p. 168.

Ilustração 5: Rio U-guazú – Catarata General San Martin

Fonte: BASALDÚA, op., cit., p. 148.

Ilustração 6: Catarata del Niágara

— 166 —

«rama para coger en el abismo los mutilados cadáveres de los alces y osos.»

CHATEAUBRIAND.

«El río Niágara viene del Erié, manso y cristalino, reflejando en sus ondas rododendrones y encinas entremezcladas, formando á lo lejos lontananzas azuladas de selvas primitivas, bajo cuyas espesuras pueden aún verse los rastros misteriosos del mocasin del indio indómito. Ábrese en dos para formar la grande isla, y recoge luego sus aguas para prepararse al sublime juego de aguas que comienza en los *Rápidos* y termina en la *Cascada*.

El rumor lejano de este salto portentoso, la niebla de partículas acuáticas que se alza en el cielo, la excitación que causa la proximidad de sensaciones largo tiempo esperadas y presentidas, traen al viajero desasosegado y acusando la lentitud del tren que le arrastra. Llegase por fin al Niágara-Falls, villa que alimenta la concurrencia de curiosos, desde donde atruena los oídos el redoble pavoroso de la caída, haciéndose más visible el torbellino del agua al descollar blanquecino sobre las copas de los árboles, y entre los claros que dejan los troncos á medida que uno se acerca, divísanse contrastando con la opacidad de la enramada sombría, algún pedazo de *rápido*, parecido á un fragmento de plata bruñida.

Son estas rápidas cascadas subacuáticas, en que la enorme masa del Niágara viene despeñándose sobre un lecho de rocas escarpadas que no se presentan á la vista y que dan al agua un blanco marmóreo. Mil trágicas aventuras han corrido, desde la del cazador indio que, distraído un momento por el ardor de la persecución, se sintió llevado de la corriente en su frágil piragua, y después de esfuerzos sobre-humanos para resistirla, apuró su calabaza de aguardiente, y de pié, con los brazos cruzados, se dejó llevar á la catarata, que ni los cadáveres entrega de sus víctimas; hasta la de los presidiarios que, habiéndose apoderado de un vapor, no supieron gobernar y vieron descender la mal dirigida nave los rápidos y la catarata, sepultándolos para siempre en el abismo sin fondo que ha excavado la caída. Describir escena tan estupenda sería empeño vano. Lo colosal de las dimensiones atenúa la impresión del pavor, como la distancia de las estrellas nos las hace aparecer pequeñas. Cítanse con elogio los versos que ese espectáculo inspiró á una señorita:

*Flow on forever, in the glorious robe
Of terror and beauty, God hath set
His rain bow on thy forehead; and the cloud
Mantled around on thy feet. Awe he doth give
Thy voice of thunder, power to speak to Him
Eternally — bidding the lip of man
Keep silence; and upon thine altar power
Incense of awe struck praise.*

Fig. 36. Catarata del Niágara

Universidad Nacional de Misiones

MATERIAL DIGITALIZADO CON FINES EDUCATIVOS EN EL MARCO DEL CONVENIO DE COOPERACION APROBADO POR DECRETO 831/85 ENTRE LA FHyCS (UNaM) Y LA BIBLIOTECA PÚBLICA DE LAS MISIONES (Centro de Conocimiento - MCyE)

BIBLIOTECA PÚBLICA
De Las Misiones

Fonte: BASALDÚA, op., cit., p. 166.

Sobre a problemática de uma análise das representações fotográficas, o historiador Rafael Baitz realizou um importante estudo a respeito de como a fotografia esteve inserida no contexto da consolidação dos novos Estados nacionais americanos do século XIX. Seu trabalho diz respeito essencialmente às representações fotográficas inseridas na revista estadunidense *National Geographic*, entre o final do século XIX e o começo do século XX. Para o autor, a maneira como eram inseridas essas representações na revista, era uma forma de legitimar a grandiosidade e a opulência da natureza do oeste americano em nome da causa nacional dos Estados Unidos:

O meio natural dos Estados Unidos integrou, desde muito cedo, um forte elemento simbólico do nacional. A natureza norte-americana sempre foi, para os artífices do nacional naquele país, um símbolo de forte apelo. E a revista analisada soube, exatamente em um momento de forte ascensão

nacionalista, canalizar muito bem esse discurso pré-existente na sociedade.
³⁹²

Baitz analisou as estratégias utilizadas pela revista para poder criar representações fotográficas que pudessem maximizar as dimensões da natureza dos Estados Unidos. Uma dessas estratégias era a utilização da técnica de sacar fotografias através do ângulo vertical para poder transmitir a sensação de altura de uma queda d'água. ³⁹³ Já o uso da figura humana nas fotografias era também uma estratégia usada para estabelecer uma escala de grandiosidade. ³⁹⁴ Tal recurso também foi utilizado pelos pintores românticos.

Algumas dessas estratégias também foram utilizadas pelos viajantes argentinos, já que o contexto da consolidação do Estado argentino é contemporâneo ao mesmo processo que ocorreu nos Estados Unidos. O uso de imagens nos relatos dos viajantes era uma forma de atrair a atenção de seus leitores em Buenos Aires para a causa do processo civilizatório que estava ocorrendo em Misiones.

Basaldúa manteve uma grande preocupação com as representações fotográficas. Para além das fotografias presentes no relato, era detentor de uma coleção ainda mais vasta. Em seu relato, assinalou o quanto o presidente Roca e seus ministros “[...] *extasiaban sus ojos las bellezas de U-guazú, en la colección de vistas fotográficas que regalé á S.E.*” ³⁹⁵

Para além de enxergar a natureza misionera através de uma ótica positiva, era necessário maximar as percepções a respeito de uma natureza tão diferente da existente na região de origem dos viajantes e de seus leitores. Nesse sentido, a vegetação subtropical de Misiones ganhou destaque especial nas representações fotográficas.

A fotografia das samambaias recebeu certo direcionamento por parte de Basaldúa, onde é notada a técnica da inserção de imagens humanas para que o leitor tenha uma ideia da escala da magnitude da planta. A própria legenda escrita por Basaldúa para a foto, reforçou esse intuito: “*Helechos gigantes*” (Ilustração 7).

³⁹² BAITZ, Rafael, “Fotografia e Nacionalismo: A Revista The National Geographic Magazine e a Construção da Identidade Nacional Norte-Americana (1895-1914)”, *Revista de História do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP)*, São Paulo, nº 153, 2º Semestre de 2005, p. 236.

³⁹³ Ibid., p. 239.

³⁹⁴ Ibid., p. 244.

³⁹⁵ BASALDÚA, op., cit., p. 159.

Ilustração 7: Basaldúa e seus companheiros de expedição em meio às samambaias gigantes

Fonte: BASALDÚA, op., cit., p. 145.

Essa mesma estratégia foi utilizada na representação da árvore ñarakatiá. Para isso, utilizou-se de uma foto do acervo de Holmberg (Ilustração 8), onde ele mesmo é um dos retratados ao pé da árvore. Embora Holmberg não demonstrasse uma grande preocupação em inserir fotografias em seu relato, a sua própria fotografia revela o quanto também estava imbuído do olhar demonstrado por todos os viajantes ante a “magnitude da natureza misionera”.

A importância desse registro fotográfico foi apontada por Basaldúa em seu relato: “*He aqui el fotografado de un árbol de Ñarakatiá, á cuyo pié se encuentra el doctor Eduardo L.*

*Holmberg que, en su último viaje á Misiones, tuvo la gentileza de retratarse para complacernos”*³⁹⁶

Ilustração 8: Holmberg e seus companheiros de expedição ao pé de uma árvore de Ñarakatiá. Fotografia inserida no relato de Basaldúa

Fonte: BASALDÚA, op., cit., p. 159.

Para além de dimensionar a importância da árvore, Basaldúa intencionava mostrar ao leitor o quanto ela poderia ser uma importante fonte de atividade econômica. A própria legenda atribuída à foto de Holmberg - “*árbol de los barriles*” - dava um claro aviso sobre a utilidade de tal recurso natural. Basaldúa enxergava nela um grande potencial que poderia ser o carro chefe da indústria toneleira argentina, além de ser um alimento nutritivo:

³⁹⁶ Ibid., p. 159.

Llevé á Buenos Aires vários troncos de Ñarakatia que reparti en el Ministerio de Agricultura, en el Instituto Geográfico, y entre los grandes diarios bonaerenses, para que constataran personalmente el sabor y condiciones nutritivas de la pulpa ó corazón del árbol, y la aplicabilidade de su corteza para construir barricas y barriles de una sola pieza, Léase «El Tiempo», «Tribuna» y «El País» de 16 Diciembre de 1899, 6 Enero y 22 Febrero de 1900, que refieren las opiniones de sus redactores. El Excelentísimo señor Presidente de la República probó en mi presencia, en su despacho – como todos sus ministros – trozos de la blanca pulpa [...]”
397

Ambrosetti manteve a mesma tônica de apresentar fotografias sobre a natureza subtropical de Misiones. As trepadeiras e as samambaias de Misiones foram representadas através de grandes fotografias que ocupavam cada uma o espaço de uma página inteira em seu terceiro relato sobre Misiones (Ilustrações 9 e 10). Já a representação das árvores de araucária em meio a um pequeno centro urbano, mostrava a intervenção humana em meio à natureza (Ilustração 11).

Ilustração 9: Trepadeiras

Fonte: AMBROSETTI, Juan B., *Tercer Viaje a Misiones*, Buenos Aires: Publicado en el Tomo XVI del Boletín del Instituto Geográfico Argentino, 1895, p. 115

³⁹⁷ Ibid., p. 159.

Ilustração 10: Samambaias

Fonte: AMBROSETTI, 1895, p. 122.

Ilustração 11: Araucárias na região de San Pedro, próximo à fronteira com o Brasil (oeste catarinense)

Fonte: AMBROSETTI, 1895, p. 131.

Tanto Ambrosetti, como Balsadúa registraram em seus relatos uma preocupação de inserir fotos que mostrassem a ação do processo civilizador em Misiones. A presença dos núcleos urbanos no interior do território e a presença dos portos nas margens do Paraná eram representações da presença da civilização na região. A foto das araucárias no relato de Ambrosetti é dotada de um significado especial, já que o núcleo urbano ali representado se localizava na região de San Pedro, área despovoada do interior misionero, localizada na parte leste, junto à fronteira com o Brasil, o que configurava que a ocupação dessa área era carregada de um enorme significado simbólico em meio aos problemas de litígio de fronteira com o país vizinho.

Ambrosetti registrou de várias maneiras o embate entre civilização e barbárie em Misiones. As fotografias de um rancho e de um acampamento no meio da selva virgem representavam a ideia de que a civilização estava penetrando a barbárie até então reinante (Ilustrações 12 e 13).³⁹⁸

Ilustração 12: Habitação em Misiones

Fonte: AMBROSETTI, 1892, p. 120.

³⁹⁸ AMBROSETTI, 1892, p. 120 e AMBROSETTI, 1895, p. 106.

Ilustração 13: Ambrosetti (ao meio) junto aos seus companheiros de expedição: Juan M. Kyle e Carlos Correa Luna

Fonte: AMBROSETTI, 1895, p. 106.

Por outro lado, uma série de quatro fotografias de página inteira das ruínas da antiga missão de San Ignacio (Ilustrações 14, 15, 16 e 17) mostrava o quanto a civilização poderia recuar em meio ao regresso da barbárie. Daí a necessidade do viajante registrar as ruínas sendo encobertas pela vegetação, como se a natureza reclamasse de volta os seus domínios. Era um claro aviso de que o processo civilizatório urgia pelo seu desenvolvimento linear. A rememoração do passado jesuítico funcionava como um recado aos leitores sobre como a barbárie poderia retardar o avanço da civilização.

Ilustração 14: Ruínas da Antiga missão de San Ignacio, no Alto Paraná.

Fonte: AMBROSETTI, 1895, p. 50.

Ilustração 15: Ruínas da Antiga missão de San Ignacio, no Alto Paraná

Fonte: AMBROSETTI, 1895, p. 58.

Ilustração 16: Ruínas da Antiga missão de San Ignacio, no Alto Paraná

RUINAS DE SAN IGNACIO. — PUERTA INTERIOR DEL COLEGIO.

MATERIAL DIGITALIZADO CON FINES EDUCATIVOS EN EL MARCO DEL CONVENIO DE COOPERACION APROBADO POR DECRETO 831/95 ENTRE LA UNM (UNAM) Y LA BIBLIOTECA PUBLICA DE LAS MISIONES (Centro del Conocimiento - MCC).

Fonte: AMBROSETTI, 1895, p. 66.

Ilustração 17: Ruínas da Antiga missão de San Ignacio, no Alto Paraná

MATERIAL DIGITALIZADO CON FINES EDUCATIVOS EN EL MARCO DEL CONVENIO DE COOPERACION APROBADO POR DECRETO 831/95 ENTRE LA UNM (UNAM) Y LA BIBLIOTECA PUBLICA DE LAS MISIONES (Centro del Conocimiento - MCC).

RUINAS DE SAN IGNACIO. — BALAUSTRADA EXTERIOR DEL COLEGIO.

Fonte: AMBROSETTI, 1895, p. 71.

No caso de Basaldúa, a imagem cuja legenda diz “*Picada en el bosque virgen*”(Ilustração 18) representa o avanço do homem em meio à selva misionera. Era necessário retomar o fracassado projeto civilizatório dos jesuítas e reocupar esse território em nome da civilização. No entanto, o viajante não deixou de demonstrar titubeação no momento em que deixava as margens do Paraná em direção ao interior, momento o qual foi necessário a abertura de uma picada em meio à selva. Trata-se de uma descrição dotada de influências do romantismo, onde Basaldúa questionava os avanços da civilização. Até que ponto valeria a pena empreender o processo civilizatório em meio à intocada e bela selva misionera?

*Yo sufro cuando veo morir al filo del hacha uno de esos gigantes de la selva, y el chirrido del acero al desprenderse de la húmeda sávia en la madera, para volver á caer una y otra vez más sobre el inerme tronco, semeja gritos de indignación que lanzara un gigante aherrojado, censurando la crueldade del pigmeo que le hiera. Parece que, al caer con estrépito en el suelo, destrozadas las ramas, mustia la flor que un momento antes bebía el sol del cielo, el árbol moribundo me dijera: «Yo poblé sobre la tierra estéril; mis despojos transformados en humus, hánla enriquecido; yo embellecí el triste panorama con las formas esbeltas de mi cuerpo; yo te dí fresca sombra, grato asilo en las cálidas horas de la siesta; yo protegí tus ganados en las heladas noches del invierno; mis flores perfumaron la frente de tu amada; mis frutos fueron manjar sabroso en tus festines; mis ramas alegraron con sus llamas el hogar de tu vivienda ... y me matas ¿por qué?....»*³⁹⁹

Ilustração 18: Picada aberta próxima às margens do rio Paraná em direção ao interior da selva misionera

Fonte: BASALDÚA, op., cit., p. 43.

³⁹⁹ BASALDÚA, op., cit., p. 43-44.

Também chama a atenção, uma série de fotografias dos portos situados às margens do Paraná, geralmente batizados com os nomes dos *pioneers* que levaram adiante a sua construção, representando assim um marco simbólico da civilização no Alto Paraná. Era o caso dos portos batizados com os nomes de Bertoni, Blosset e Tarascón (Ilustração 19). Já a fotografia intitulada “*Planchada de un obraje*” (Ilustração 20) destaca o clarão aberto no meio da floresta com a construção de uma *obraje*, representando assim o avanço da civilização em meio à natureza selvagem.

Ilustração 19: Puerto Tarascón no Rio Iguaçu. Batizado em homenagem ao *pioneer* que empreendeu a sua construção

Fonte: BASALDÚA, op., cit., p. 140.

Ilustração 20: Abertura de uma *obraje*, representando o avanço da modernidade no Alto Paraná

Fonte: BASALDÚA, op., cit., p. 143.

Neste sentido, para além das representações românticas a respeito da natureza misionera, os viajantes também usaram a iconografia para representar a natureza como um reservatório de civilização. Tanto Ambrosetti como Basaldúa indicaram através de registros fotográficos, os indícios da presença do homem na selva misionera. As picadas que penetravam o interior da selva, os núcleos urbanos e os portos construídos nas margens do Paraná eram fotografados no sentido de passar ao leitor a ideia concreta de que em Misiones, a civilização havia retomado o seu curso interrompido pela ação falhada do projeto dos jesuítas e pela má influência exercida pelo domínio dos caudilhos.

Em seu estudo sobre as representações inseridas na revista *National Geographic*, Baitz indicou como era planejada a publicação dos textos e imagens na revista. Primeiramente era mostrada a natureza bela e intocada, em seguida, era apontada a importância estratégica da região e por último, eram apresentadas as imagens das transformações realizadas pelo homem. Essas imagens eram constituídas por fotografias de tratores, colheitadoras, dragas,

trens, barragens, usinas e guindastes. Era a representação da ação civilizadora no oeste americano, antes considerado um território obscuro e condenado à barbárie.⁴⁰⁰

Restava-nos então, a seguinte indagação: como seria possível representar tais cenas em Misiones?

O fato era que na altura das expedições dos viajantes, essas ações registradas no oeste estadunidense ainda eram nulas em território misionero. No entanto, era o desejo dos viajantes que tal processo pudesse ocorrer. Seria o curso natural que o progresso deveria tomar em Misiones. Todos os viajantes mencionaram o futuro que teria a região, que num breve futuro teria povoamento, agricultura e indústria. Basaldúa foi mais adiante ao inserir em seu relato, diversos desenhos de várias máquinas escavadoras e dragas utilizadas na realização da abertura de canais nos Estados Unidos (Ilustração 21).⁴⁰¹

As cinco imagens configuravam uma representação de como o exemplo dos Estados Unidos também deveria ocorrer em Misiones. As imagens são referentes a um projeto idealizado por Basaldúa, de uma construção de um grande canal que pudesse desviar a rota de navegação no Paraná, para que assim fosse possível contornar o obstáculo do Salto do Apipé.

⁴⁰² Para ele, a construção do canal significava “*grandes y legítimas esperanzas de progreso.*”

⁴⁰³ Fomentaria também a indústria e o povoamento da região, parafraseando Alberdi, citou sua famosa frase “*Gobernar es poblar*” para justificar tal empreitada.⁴⁰⁴

⁴⁰⁰ BAITZ, op., cit., p. 239.

⁴⁰¹ Os desenhos foram coletados durante a sua estadia na Exposição Universal de Chicago em 1893. BASALDÚA, op., cit., p. 62.

⁴⁰² Ibid., p. 55-70.

⁴⁰³ Ibid., p. 55.

⁴⁰⁴ Ibid., p. 69.

Ilustração 21: Draga - desenho coletado durante passagem de Basaldúa pela Exposição Universal de Chicago em 1893.

O viajante sugeriu o emprego do maquinário na construção de um eventual canal de navegação que pudesse contornar o Salto Apipé, um obstáculo à navegação do Paraná no século XIX.

Fonte: BASALDÚA, op., cit., p. 65.

Todas essas representações iconográficas sobre a natureza misionera tinham o claro objetivo de poder transmitir aos leitores a ideia de uma construção de símbolos de identidade nacional para a Argentina. Ao mesmo tempo, apresentavam ao público de Buenos Aires, um espaço geográfico totalmente distinto ao de sua origem. Buscava-se transmitir a ideia de que aquela natureza opulenta também lhes pertencia, ela era parte constituinte da nação.

Para além da apreciação puramente associada ao romantismo, era necessário seguir o exemplo dos estadunidenses e domar aquela natureza selvagem. A estratégia utilizada pelos viajantes de dimensionar e comparar os símbolos da natureza misionera com os símbolos da natureza estadunidense era uma forma de impulsionar o processo civilizador. Afinal, se as Cataratas do Iguaçu e o Paraná eram superiores às Cataratas do Niágara e ao Missisípi, significava que a natureza argentina, enquanto reservatório de civilização detinha um poder simbólico superior ao de sua congênere no norte do continente.

Para os viajantes, a iniciativa do processo civilizador em Misiones dependeria exclusivamente da iniciativa dos civilizadores portenhos. Foi essa a tônica do recado transmitido por Basaldúa aos seus leitores:

Nuestra acción cesa aquí. Nuestras débiles fuerzas pecuniárias nos impiden seguir colaborando en la ejecución de la obra, y ofrendamos tan sólo el pensamiento de ella para que los que pueden tengan la gloria de realizarla. La ganancia es segura.
*¡A la obra!*⁴⁰⁵

A mensagem do viajante - escrita na conclusão do capítulo que trata da sugestão da construção do canal que ligaria o rio Paraná ao rio Uruguai - delimitava de forma concisa o público alvo que intencionava atingir através de seu relato. De uma maneira geral, essa era a tônica de todos os relatos dos viajantes aqui apresentados, já que uma de suas principais premissas era a convocatória para a realização do processo civilizatório em Misiones, dirigida aos *pioneers* portenhos. Para os viajantes, somente a presença destes tornaria possível tal empreendimento na recôndita fronteira nordeste argentina.

⁴⁰⁵ Ibid., p. 70.

Considerações Finais

Esta dissertação discutiu um conjunto de representações sobre o território de Misiones na qual o fio condutor das análises dos viajantes era a dicotomia civilização-barbárie, em seus múltiplos e ambivalentes sentidos. Investigamos de que modo se elaborava este conjunto de representações nas obras de viajantes argentinos, produzidas no fim do século XIX, e analisamos sua articulação com a problemática da construção da nação argentina em meio à questão do domínio efetivo do território misionero.

Embora os viajantes estivessem influenciados pela visão europeia do século XIX, que considerava que a concepção de progresso e civilização deveria se impor sobre quaisquer outras formas de vida, consideramos que seus relatos são dotados de várias particularidades. Sendo assim, suas análises tiveram uma relativa diferenciação das que foram realizadas por europeus. A transposição da dicotomia civilização-barbárie para o contexto das relações entre Buenos Aires e Misiones, encontrou uma nova conjuntura que resultou em diversos novos desmembramentos. Os viajantes atentaram não só para o lado negativo do território - atrelado à barbárie - mas também para as suas posições valorativas.

Resulta importante pontuar essa observação devido ao fato dos europeus terem realizado representações assimétricas de lugares distantes da “centralidade europeia”. Logo, tudo o que estava distante dessa centralidade, era considerado como inferior e bárbaro. No caso argentino, as relações entre Buenos Aires, representando uma centralidade, e Misiones, representando uma periferia, foram expressas pelos viajantes através de olhares ambíguos que não configuraram necessariamente para uma posição meramente assimétrica, embora essa conotação também se encontrasse presente.

No tocante ao apontamento de novas centralidades, acreditamos que a influência dos Estados Unidos teve posição importante relativamente ao processo civilizatório imaginado pelos viajantes argentinos. Embora muitos estudos tenham se preocupado em colocar Europa e Estados Unidos dentro de uma centralidade única, acreditamos que a nação norte-americana detinha um modelo de centralidade distinto da Europa e, que ao mesmo tempo, carregava problemáticas similares ao de outras nações americanas também dotadas de um grande território “deserto” a ser conquistado. Eram os casos de Brasil e Argentina no século XIX.

Acreditamos que o processo civilizatório imaginado pelos viajantes para o caso de Misiones, teve muitas similaridades com o que ocorreu no país do norte. Para Stephanis, tal

comparação não é válida. A autora justifica o seu argumento apontando que a fronteira misionera não gerou a democracia como nos Estados Unidos.⁴⁰⁶ Porém, o nosso pressuposto de comparação refere-se às representações imaginadas pelos viajantes a respeito da ação do discurso civilizador emanado desde Buenos Aires, que acreditava no avanço da fronteira da civilização em Misiones. Nesse sentido, tal pressuposto assemelha-se à *Frontier Thesis* que Turner usou para explicar o avanço da fronteira da civilização no oeste estadunidense. Também vemos a necessidade de discutir sobre qual é o exemplo de democracia apontado pela autora. Independentemente dos modelos de governo que foram gerados nos dois países, a exclusão dos indígenas é um triste denominador comum que prevaleceu nas duas fronteiras.

A problemática que girava em torno da expansão das fronteiras internas era comum às duas nações. A expansão rumo ao oeste foi um dos principais componentes do discurso civilizatório empreendido pela elite da costa leste dos Estados Unidos. Tal fenômeno exerceu influência sobre os intelectuais portenhos que desejavam realizar o mesmo processo na fronteira misionera. Tal influência, iniciada com Sarmiento após a sua passagem pelos Estados Unidos, se estendeu para os viajantes da *Generación del 80*. Se no caso estadunidense, o lema “*Go West!*”⁴⁰⁷ era uma constante, em Buenos Aires houve uma convocatória do governo de Roca - plenamente assimilada pelos viajantes - para subir o rio Paraná o quanto mais ao norte fosse possível. Afinal, era nos cantos mais recônditos do território misionero que estaria “*el verdadero teatro de nuestras investigaciones*”.⁴⁰⁸ A citação de Holmberg serve como uma amostra da ideia do pensamento de uma parcela da elite intelectual no que dizia respeito à conquista de um território ainda considerado marginal e indômito.

Embora os viajantes tivessem considerado também o norte da Europa como parâmetro de civilização,⁴⁰⁹ em nenhum momento existiu um discurso direcionado a equiparar ou superar o grau de desenvolvimento desses países. Já em relação aos Estados Unidos, a visão de alguns viajantes é totalmente distinta. Enquanto Ambrosetti enxergou a ação dos *pioneers* argentinos como uma transposição do modelo do processo civilizatório realizado no *far west*, para a realidade do território misionero, por sua vez, Hernández e Basaldúa, realizaram críticas à mentalidade estadunidense que julgava ser ela a detentora dos ditames da

⁴⁰⁶ STEPHANIS, op., cit., p. 10.

⁴⁰⁷ Em português: para o oeste

⁴⁰⁸ HOLMBERG, op., cit., p. 177.

⁴⁰⁹ De acordo com o que foi exposto nessa pesquisa, a herança da barbárie ibérica era pensada como algo a ser erradicado da Argentina.

civilização. Ambos acreditaram que a Argentina também poderia realizar o seu próprio processo civilizador.

Basaldúa foi mais adiante ao registrar que Misiones detinha recursos naturais que colocavam a Argentina numa posição de superioridade em relação à nação do norte. Para isso, utilizou da argumentação de que o rio Paraná e as Cataratas do Iguaçu detinham um “potencial civilizador” superior, respectivamente ao rio Mississipi e às Cataratas do Niágara.

Justamente no que toca às visões positivas sobre Misiones, concluimos que a natureza teve lugar de destaque no discurso dos viajantes. Dentro de uma perspectiva utilitarista, as extensas áreas de erva-mate, a grande quantidade de madeiras e o potencial hídrico da região eram considerados como agentes civilizadores que possibilitariam a chegada do progresso à região, beneficiando não apenas Misiones, mas a nação Argentina como um todo. Era parte de uma estratégia discursiva de incluir uma região até então considerada recôndita e alheia à influência do Estado.

A necessidade permanente de enfatizar o discurso da integração denotava na realidade o quanto Misiones era ainda considerado como um lugar à parte no imaginário dos viajantes. Por esse motivo, constatamos que não estavam plenamente irmanados com o ambiente misionero. Consideravam-se oriundos de uma centralidade, representada pela cidade de Buenos Aires, e apontaram a área visitada como a barbárie interna da nação. Para efeito de síntese, a seguinte citação de Hernández sinaliza tal distanciamento manifestado em geral pelos viajantes:

Despues de cinco meses de ausencia nos asaltan deseos vehementísimos de regresar al suelo de la Patria, pues aunque nos hallamos bajo la dominacion Argentina, nos consideramos como extranjeros en esta parte de su territorio que todavia carece de los alhagos de la vida culta y civilizada.

410

Há que considerar ainda, o modo como registraram as características distintas de seu ambiente de origem, que também apontavam para a tônica do distanciamento. O clima subtropical e a distinta flora ali presente eram constantemente mencionados pelos viajantes num tom envolto de exotismo. Tratava-se de uma região à parte, mas que deveria ser conquistada de uma maneira efetiva e para o proveito da nação. Sendo assim, concluimos que o ambiente subtropical de Misiones era representado pelos viajantes como um reservatório de riquezas a serem aproveitadas pelo Estado. Apesar dos olhares atrelados ao exotismo, era

⁴¹⁰ HERNÁNDEZ, op., cit., p. 143, grifo nosso.

justamente nesse ambiente, distinto de Buenos Aires, que proveria a nação de recursos naturais impossíveis de serem encontrados nas latitudes mais meridionais do território argentino.

No plano simbólico, a magnitude da natureza misionera representava um elemento de legitimação de identidade nacional. Nesse sentido, constatamos que as Cataratas do Iguaçu eram o pilar máximo dessa representação. Com exceção de Holmberg e Hernández, todos os viajantes preocuparam-se em inserir representações iconográficas com vista a ressaltar a magnitude das dimensões das Cataratas. Mesmo esses que lá não estiveram, registraram em seus relatos, a importância de tal fenômeno da natureza de modo que não fosse considerado apenas como um símbolo misionero, mas também de toda a nação argentina.

Cabe ressaltar que nesta pesquisa não tivemos por intenção unificar todo o ideário da elite de Buenos Aires em torno do discurso dos viajantes. Como pudemos observar, os interesses da elite portenha a respeito de Misiones não eram de forma alguma unânimes. Existiram interesses particulares por parte de alguns membros da elite de Buenos Aires que não estavam de acordo com o “discurso civilizatório” dos viajantes. Tomemos por exemplo, o caso de José Gregório Lezama e de outros latifundiários que não tinham interesse em fracionar suas propriedades em Misiones para favorecer o ideal tão propagado pelos viajantes.

Para além dos interesses da elite portenha, cabe lembrar que a essa altura já se gestava uma elite misionera, baseada em Posadas, e que também nutria interesses que entravam em conflito com o discurso dos viajantes portenhos. O estudo de Alberto Alcaráz nos mostra como os interesses de Domingo Barthe, no que dizia respeito à exploração da erva-mate, não condiziam com a política de incentivo ao povoamento do interior misionero. Segundo esse autor, o povoamento da fronteira afetaria os interesses de Barthe no que tocava à exploração dos ervais no Alto Paraná ⁴¹¹, o que também não deixava de representar uma contradição para Basaldúa, que tanto protegeu os interesses de Barthe devido à sua origem basca. Afinal, o seu protegido, em realidade não estava de acordo com o discurso civilizatório emanado pelos viajantes de Buenos Aires.

Concluimos que a dicotomia civilização-barbárie, para além de representar uma mera relação de termos opostos, também estava envolvida em múltiplos e ambivalentes sentidos. Ambrosetti e Holmberg foram os viajantes que registraram tais ambivalências através de suas descrições fortemente influenciadas pelo romantismo. Para eles, o processo civilizatório em Misiones era um embate entre a luz da civilização e a escuridão da barbárie. A maneira como

⁴¹¹ ALCARÁZ, Alberto Daniel, La gestación de una “elite local” durante la explotación yerbatera-maderera en el Alto Paraná (1870-1920) - Domingo Barthe: un representante paradigmático.

descreveram tal ambiente forjava novas centralidades representadas pelos avanços logrados na capital Posadas (o maior centro urbano de Misiones), nos portos ervateiros construídos nas margens do rio Paraná e nos avanços dos núcleos urbanos em oposição à “escuridão da selva”. Para eles, o interior misionero era o cenário de encontro entre essas duas forças que no nosso entendimento, poderiam somente ser representadas através das descrições românticas idealizadas pelos dois viajantes. Acreditamos que a maneira como descreviam esse embate encontra eco nas interpretações mais recentes sobre a obra de Sarmiento, que defendem civilização e barbárie como uma dicotomia de termos complementares e não necessariamente opostos.

Assumimos a falta de um estudo mais aprofundado no que diz respeito à questão de alteridade no que toca a visão do “outro misionero” manifestada pelos viajantes. Acreditamos que as impressões a respeito das populações de Misiones merecem uma leitura mais cuidadosa e demanda uma investigação mais aprofundada. Salientamos “populações” no plural, devido justamente à pluralidade dessa população. Os viajantes não deixaram de registrar tal heterogeneidade ao registrar diferentes olhares a respeito da população mestiça de Misiones, das diferentes tribos indígenas e também da forte presença de um grande contingente de população brasileira.

Finalmente, podemos concluir que as dinâmicas de apropriação de discursos externos, sustentadas na experiência própria de atores que viveram uma realidade singular, no caso desta pesquisa, marcada pelo contexto de afirmação do projeto nacional argentino sobre um território ainda a ser conquistado e, portanto à margem do poder, foram representadas por estratégias discursivas de dominação que serviram tanto aos europeus, como aos americanos. Estes como eram de se esperar, tiveram que adaptá-los à realidade local na qual se inseriam. Acreditamos que o distanciamento manifestado pelos viajantes portenhos em relação ao ambiente misionero, nos dá uma ideia sobre em que medida os valores concernentes à dicotomia civilização-barbárie, provenientes da Europa,⁴¹² foram transplantados e reinterpretados para dentro do cenário argentino.

Acreditamos que no caso dos viajantes da *Generación del 80*, esse processo ganhou ares de uma experiência original, pois apesar de inspirada nas ideias externas provenientes da Europa e dos Estados Unidos, elas foram resignificadas de novos contornos. Nesse sentido, discordamos de Shumway, que defende a teoria de que tal processo, não passou de uma mera

⁴¹² A referência nesse caso é a Europa, mas como salientamos nessa pesquisa, o conceito da dicotomia é anterior à formação do espaço europeu.

transplantação do pensamento europeu e estadunidense.⁴¹³ Não negamos o papel das permanências e das continuidades nesse processo, mas ressaltamos nessa pesquisa, o que ocorreu de diferente na jornada dos viajantes pelos confins da fronteira misionera.

⁴¹³ SHUMWAY, op., cit., p. 214.

Referências

FONTES

AMBROSETTI, Juan B., *Misiones Argentinas y Brasileñas por el Alto Uruguay*, La Plata: Talleres de Publicaciones del Museo, 1892.

_____, *Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú*, Buenos Aires: Publicado en el Tomo XV del Boletín del Instituto Geográfico Argentino, 1894.

_____, *Tercer Viaje a Misiones*, Buenos Aires: Publicado en el Tomo XVI del Boletín del Instituto Geográfico Argentino, 1895.

_____, *Tercer Viaje a Misiones*, Buenos Aires: Editorial Albatroz, 2008.

BASALDÚA, Florencio de, *Pasado - Presente - Porvenir del Territorio Nacional de Misiones*, La Plata, 1901.

HERNÁNDEZ, Rafael, *Cartas Misioneras*, Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1973.

HOLMBERG, Eduardo Ladislao, *Viaje a Misiones*, Paraná: Universidad Nacional de Entre Ríos; Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2012.

LISTA, Ramón, *El Territorio de las Misiones*, Buenos Aires: Imprenta La Universidad de J.N. Klingelfuss, 1883.

BIBLIOGRAFIA

ABÍNZANO, Roberto Carlos, “El frente extractivo de yerba mate y madera – Una actividad socioeconómica transnacional de la triple frontera”. In: NÚÑES, Ángel, PADOIN, Maria Medianeira e OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Orgs), *Dilemas e diálogos platinos – Relações e práticas socioculturais*, Dourados: Editora UFGD, 2010.

ALCARÁZ, Alberto Daniel, *La gestación de una “elite local” durante la explotación yerbatera-maderera en el Alto Paraná (1870-1920) - Domingo Barthe: un representante paradigmático*. 164 f. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), Universidad Nacional de Misiones, Posadas, 2013.

ALCARÁZ, Jorge Rafael, *La expedición científica de Eduardo L. Holmberg al Territorio de Misiones*, 10º Jornadas Interescuelas/Departamento de Historia, Rosario, 20 a 23 de setembro de 2005.

_____, Jorge Rafael, *La construcción del escenario misionero en los relatos de viaje entre 1880–1900*. 206 f. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), Universidad Nacional de Misiones, Posadas, 2007.

ALFONSO, Eduardo García. *El impacto colonial fenicio arcaico en el hinterland de Andalucía mediterránea (siglos VIII–VI a.C.)* 952 f. (Tese de Doutorado em Arqueologia), Facultad de Filosofía y Letras - Universidad de Málaga, 2000.

AMABLE, María Angélica, *Historia de la Yerba Mate en Misiones*, Posadas: Ediciones Montoya, 1989.

AMABLE, María Angélica, ROJAS, Liliana Mirta e BRAUNIG, Karina Dohmann, *Historia Misionera: una perspectiva integradora*, Posadas: Montoya, 2011.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno, “Literatura de explorações e aventuras: as viagens extraordinárias de Júlio Verne”, *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, vol. 20, p. 107-119, 2008.

ARENAS, Patricia, “Naturaleza, arte y americanismo: Félix Ernst Adolf Methfessel (1836-1909)”, *Société suisse des Américanistes / Schweizerische Amerikanisten-Gesellschaft*, Genebra, Boletim 66-67, p. 192-198, 2002-2003.

ARIAS, Ana Carolina, “El viaje de Ambrosetti. La historia antropológica y su relación con el otro”, in Nora Kuperszmit (Org), *Entre pasados y presentes III. Estudios contemporáneos en ciencias antropológicas*, Buenos Aires: Mnemosyne, 2012, p. 264-282.

AVILA, Arthur Lima de, *E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*, 175 f. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação da UFRGS, Porto Alegre, 2006.

BAITZ, Rafael, “Fotografia e Nacionalismo: A Revista The National Geographic Magazine e a Construção da Identidade Nacional Norte-Americana (1895-1914)”, *Revista de História do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP)*, São Paulo, nº 153, 2º Semestre de 2005.

BERNA, Martin, *Black Athena The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*, New Brunswick: Rutgers University Press, 2006.

BOLSI, Alfredo S.C., “El Primer Siglo de Economía Yerbatera”, *Folia Historica del Nordeste, Resistencia*, nº 4, 1980.

_____ “Misiones – Una aproximación geográfica al problema de la yerba mate y sus efectos en la ocupación del espacio y el doblamiento”, *Folia Historica del Nordeste, Resistencia*, nº 7, 1986.

BOTANA, Natalio R., *El Orden Conservador, La Política Argentina entre 1880 y 1916*, Buenos Aires: Hispamérica 1986.

BRIGOLA, João Carlos, *Os viajantes e o livro dos museus*, Lisboa: Dafne Editora, 2012.

BRUNO, Paula, *Un balance sobre los usos de la expresión generación del 80, 1920-2000*. Seminario Permanente del Departamento de Humanidades. Buenos Aires: Universidad de San Andrés. 2004, p. 1-35.

BURMEISTER, Carlos, *Memoria sobre el Territorio de Misiones*, Buenos Aires: Imprenta, Litog. y encuadernación de J. Peuser, 1899.

CARVALHO, Cid Vasconcelos de, “Trem e Cinema: Modernidade e memória”, *Revista Política e Trabalho do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB*, João Pessoa, nº 16, Setembro de 2000, p. 171-184.

CHAMOSA, Oscar, “Lúbolos, Tenorios y Moreiras: reforma liberal y cultura popular en el carnaval de Buenos Aires de la segunda mitad del siglo XIX”, in SÁBATO, Hilda e LETTIERI, Alberto (orgs), *La vida política en la Argentina del siglo XIX. Armas, votos y voces*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2003.

CLEMENTI, Hebe, *F.J. Turner*, Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1968.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de (Org), *Relatos de Viagem como fontes à história*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

ELIAS, Norbert, *O Processo Civilizador, Volume II, Formação do estado e Civilização*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FAVERO, Franciele, “O Romantismo e a Estetização da Natureza”, *DAPesquisa - Revista do Centro de Artes da UDESC*, nº 9, Agosto/2011 a Julho/2012, p. 206-217.

FRANCO, Stella Maris Scatena, *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*, Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

_____, “Relatos de viagem sobre a América Hispânica: considerações sobre as obras historiográficas de Feliú Cruz e Estuardo Núñez”, *História da Historiografia*, nº 7, Ouro Preto, nov/dez de 2011, p. 31-46.

FREITAG, Liliane da Costa, “Impressões de um dirigente: relatos e relatórios da Colônia Militar de Foz do Iguaçu nos anos de 1897-1898”, *Revista de História Regional do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG*, 12(2), Inverno: Ponta Grossa, 2007, p. 191-224.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*, 311 f. (Tese de Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 2000.

GOLIN, Tau, *Expedição do Estado-nação nos sertões dos bugres*, in Cadernos do CHDD / Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de História e Documentação Diplomática. – Ed. Especial, Brasília: A Fundação, 2007, p. 79-90.

GONZALES, Juan, *Andres Guacurari y Artigas: Comandante Guaraní de los Pueblos Libres*, Paraná: Editorial Entre Ríos, 2012.

GREGORY, Valdir, “Obrages nos sertões do Paraná: exploração, trabalho e fronteiras”, *Ideação – Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste – Campus de Foz do Iguaçu*, vol. 14 - nº 1, Foz do Iguaçu, 1º sem. de 2012, p. 43-65.

HALPERIN DONGHI, Tulio, “El surgimiento de los caudillos en el marco de la sociedad rioplatense pos revolucionaria”, *Estudios de Historia Social*, Buenos Aires, Ano 1 Número 1, Outubro de 1965, p. 121-149.

_____, Tulio, *Proyecto y construcción de una Nación (1846-1880)*, Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

HOLANDA, Sergio Buarque de, *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

Informe Oficial de la Comisión Científica Agregada al Estado Mayor General de la Expedición al Río Negro realizada en los meses de Abril, Mayo y Junio de 1879 bajo las órdenes del General D. Julio. A. Roca, Buenos Aires: Imprenta de Ostwald y Martínez, 1881, Introducción p. XI.

ÍSOLA, Viviana G, "Semblanza de un hombre de Estado: Julio Argentino Roca, 1880-1914". In: Vázquez Rial, Horacio (Org.), *Buenos Aires 1880-1930. La capital de un imperio imaginario*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

JUNQUEIRA, Mary Anne, *Ao Sul do Rio Grande - imaginário e América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*, Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

KURY, L.B., "Entre utopia e pragmatismo: a história natural no iluminismo tardio". In: SOARES, L.C., *Da revolução científica à big (business) science*. São Paulo: HUCITEC, 2001.

LACOSTE, Pablo, "Estanislao Zeballos y la política exterior Argentina con Brasil y Chile", *Revista Confluencia*, año 1, número 2, primavera 2003, Mendoza.

La fiesta del Domingo, transcrição de artigo do jornal La Tribuna Nacional presente na revista: El Monitor de la Educación Común, Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación. - Año 3, nº 060, jun. 1884.

LARGUÍA, Alejandro, *Misiones, Itapúa y los pioneros del oro verde*, Buenos Aires: Corregidor, 2006.

LEITE, Miriam Moreira, *Livros de Viagem (1803-1900)*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LINHARES, Temístocles, *História Econômica do Mate*, Rio de Janeiro: Livraria J. Olympio, 1969.

LISTA, Ramón, *Viaje al País de los Tehuelches - Exploraciones en la Patagonia Austral*, Buenos Aires: Imprenta de Martín Biedma, 1879.

MACHÓN, José Francisco e CANTERO, Oscar Daniel, *Andresito Artigas, El líder guaraní-misionero del artiguismo*, Montevideo: Tierraadentro, 2013.

MAYO, Carlos A. e LATRUBESSE, Amalia, *Terratenientes, soldados y cautivos: la frontera, 1736-1815*, Buenos Aires: Biblos, 1998.

MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. *Civilização e Barbárie: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai*. 232 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia-UFF, Niterói, 2006.

MARTINS, Luciana de Lima, *O Rio de Janeiro dos Viajantes: O olhar britânico (1800-1850)*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von e SPIX, Johann Baptiste von, *Viagem Pelo Brasil: 1817-1820*, São Paulo: Villa Rica, 1981.

MAURÍN NAVARRO, Emilio, “Algunos Antecedentes de Nuestro Pasado Industrial”, *Boletín de la Junta de Historia de la Provincia*, San Juan, Ano VII, Números 12 e 13, 1948, p. 5-71.

MORAES, Roque, “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva”, *Ciência & Educação*, Bauru, v. 9, nº 2, 2003, p. 191-211.

MOREIRA, Luis Felipe Viel e QUINTEROS, Marcela Cristina, “Em Busca de Aimé Bonpland”, *Fronteiras*, Dourados, v. 10, n. 18, jul./dez. 2008, p. 221-236.

MUELLO, Alberto Carlos, *Yerba Mate: su cultivo y explotación*, Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1946.

PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. São Paulo: Alameda, 2012.

PEYRET, Alejo, *Cartas sobre Misiones*, Buenos Aires: Imprenta de la Tribuna Nacional, 1881.

PRADO, Maria Lígia Coelho, *América latina no século XIX: tramas, telas e textos*, São Paulo: Edusp; Bauru: Edusc, 1999.

PRATT, Mary Louise, *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*, Bauru: EDUSC, 1999.

QUIJADA, Mónica, "Repensando la frontera Sur Argentina: Concepto, Contenido, Continuidades y Discontinuidades de una realidad espacial y étnica (Siglos XVII-XIX), *Revista de Indias*, Madrid, vol. LXII, núm. 224, 2002, p. 103-142.

REGGINI, Horacio, *Eduardo Ladislao Holmberg y la Academia*, Buenos Aires: Galápagos, 2007.

_____, *Florencio de Basaldúa, Un Vasco Argentino*, Buenos Aires: Academia Nacional de Educación, 2008.

_____, *Sarmiento y las telecomunicaciones: la obsesión del hilo*, Buenos Aires: Galápagos, 2012.

RICHIANO, Sebastián Miguel, *Sedimentología e icnología de la formación río Mayer, cuenca austral, provincia de Santa Cruz*, 332 f. (Tese de Doutorado) – Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata, 2012.

ROMERO, José Luis, *Breve historia de la Argentina*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastid e Lourival Gomes Machado. Coleção "Os Pensadores". São Paulo: Abril Cultural, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste de, *Viagem à província de São Paulo*, Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.

SALTO, Graciela, "El Viaje a Misiones de E.L.Holmberg en la tradición de relatos exploratorios", *Saber y Tiempo – Revista de Historia de la Ciencia, Buenos Aires*, nº 4, janeiro-junho de 2002, p. 57-72.

SARMIENTO, Domingo Faustino, *Facundo: Civilización y barbarie*, Buenos Aires: Centro Editor de Cultura, 2007.

_____, *Facundo ou Civilização e Barbárie*, Trad. e notas de Sérgio Alcides; prólogo de Ricardo Piglia; posfácio de Francisco Foot Hardman. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

_____, *Conflicto y armonías de las razas en América*, Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1915.

SEGASTIZÁBAL, Leandro de, *La Yerba mate y Misiones*, Buenos Aires: Centro Editor de América latina, 1984.

SHUMWAY, Nicolas, *A Invenção da Argentina: História de uma ideia*, São Paulo: Edusp; Brasília: UnB, 2008.

SPOTA, Julio César, “Los fortines en la frontera chaqueña (1862-1884) - Un enfoque desde la antropología histórica en relación con la teoría de las organizaciones”, *Memoria Americana*, Buenos Aires, n° 17 (1), 2009, p. 85-117.

STEPHANIS, Rebecca Mason, *From Resurrection to Recognition: Argentina's Misiones Province and the National Imaginary*, 217 f. (Tese de Doutorado) – Department of Spanish and Portuguese languages and Cultures, Princeton University, 2009.

SVAMPA, Maristella, *El dilema argentino: Civilización o Barbárie*, Buenos Aires: Taurus, 1994.

TURNER, Frederick Jackson, “O significado da fronteira na História Americana”. In: KNAUSS, Paulo (org.), *Oeste Americano*, Niterói: Editora da UFF, 2004, p. 23-54.

WESSELING, Henk, *A cape of Asia. Essays on European History*, Leiden: Leiden University Press, 2011.

VALENZUELA, Diego e SANGUINETI, Mercedes, *Sarmiento Periodista – El caudillo de la Pluma*, Buenos Aires: Sudamericana, 2012.

VARELA, Alfredo, *El Río Oscuro*, Buenos Aires: Capital Intelectual, 2008.

VÁZQUEZ RIAL, Horacio, "Los Ochenta". In: VÁZQUEZ RIAL, Horacio (Org.) *Buenos Aires 1880-1930. La capital de un imperio imaginario*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

VERNADSKY, George, *The Mongols and Russia. A History of Russia, Vol. III*. New Haven: Yale University Press, 1970.

ZEA, Leopoldo, El Positivismo, In: ZEA, *Pensamiento Positivista Latinoamericano*, Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980.

_____, *Discurso desde la Imaginación y la Barbarie*, Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

ZUSMAN, Perla Brígida, "Entre el lugar y la línea: la constitución de las fronteras coloniales patagónicas 1780-1792", *Fronteras de la historia*, número 6, Bogotá, 2001, p. 41-67.

_____, *Sociedades Geográficas na promoção do saber ao respeito do território. Estratégias políticas e acadêmicas das instituições geográficas na Argentina (1879-1942) e no Brasil (1838-1945)*, 209 f. (Dissertação de Mestrado) – PROLAM/USP, São Paulo, 1996.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

A *Fig for the Spaniard*, (texto anônimo)
<http://www.ehumanista.ucsb.edu/projects/spanish_black_legend/01.htm>. Acesso em 17-12-12.

ALCARÁZ, Alberto Daniel, "El nacimiento de una burocracia y una «élite local» en el Territorio Nacional de Misiones a fines del siglo XIX", Trabalho apresentado na VII Jornadas Santiago Wallace de Investigación en Antropología Social, 27 a 19 de Novembro de 2013, Buenos Aires: Instituto de Ciencias Antropológicas - Facultad de Filosofía y letras-Universidad de Buenos Aires, 2013, p. 9. Disponível em:
<<http://www.jias.org.ar/confcientifica/comunicacionesDocGetfile.php?comunicacionIdSeleccionado=3642>>. Acesso em 04-12-13.

AGUILAR, H.A. *Ramón Lista. El Carnotaurus*. Boletín del Museo Argentino de Ciencias Naturales Bernardino Rivadavia. Año X. Número 99 Jan. de 2009 p. 15-16 Disponível em
<<http://historianatural.wordpress.com/2009/02/12/ramon-lista-el-explorador-sin-liites/>>. Acesso em 10-10-12.

ALBERDI, Juan Bautista, *Bases y punto de partida para la organización política de la Republica Argentina*, versão digitalizada pelo Instituto Cato, Washington. Disponível em
<<http://www.elcato.org/files/bases-facsimile.pdf>>. Acesso em 2-12-13.

_____, *Cartas Quillotanas*, versão digitalizada pela Biblioteca Virtual Universal, Disponível em
<http://ateneoalberdi-vl.org/adjuntos_seccion/Alberdi-J-Bautista---CartasQuillotanas.PDF>. Acesso em 15-12-13.

ARANHA, Bruno P.L., La explotación yerbatera en la frontera este de la provincia de Misiones-Argentina (1876-1910), *Revista virtual História e-história*,
<<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=226>>. Acesso em 10-09-13.

BALDASARRE, Carlos, “Recortando las fotos de Lahille, Koschiot y Tenenesk, dos casos en particular sobre la cultura selk'nam (Ona)”, *Revista Tefros*, Río Cuarto, v.7, nº 1-2, 2009. Disponível em

<<http://www.unrc.edu.ar/publicar/tefros/revista/v7n12d09/paquetes/baldassarre.pdf>>. Acesso em 14-01-2014.

FRANCO, Stella Maris Scatena e JUNQUEIRA, Mary Anne, *Cadernos de Seminários de Pesquisa*, São Paulo: Departamento de História Da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011.

<<http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>>. Acesso em 11-12-13.

HALPERÍN DONGHI, Tulio, “Sarmiento y el historicismo romántico. Civilización y barbarie”, *La Nación*, 23 de setembro de 1956. Disponível na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/sarmiento-y-el-historicismo-romantico-i-civilizacion-y-barbarie/>>. Acesso em 10-11-13.

KANT, Immanuel, *História Universal com um Propósito Cosmopolita*, Florianópolis: Versão eletrônica do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~lhdutra/Kant-Ideia.pdf>>. Acesso em 22-11-13.

Ley Nº 1532 de Organización de los Territorios Nacionales. Disponível em <http://es.wikisource.org/wiki/Ley_N%C2%B0_1532_de_Organizaci%C3%B3n_de_los_Territorios_Nacionales>. Acesso em 05-05-13.

LUNGHI, Carlos, *La Municipalidad*, Trabalho da disciplina Introducción a la Administración y al Estudio de las Organizaciones da Facultad de Ciencias Económicas da Universidad Nacional de La Plata, Maio de 2002, p. 1. Disponível em <http://www.oocities.org/unlp_econo_613/muni.pdf>. Acesso em 15-05-13.

OLMEDO, Ernesto, “El silencio militar en la frontera del Río Cuarto a mediados del siglo XIX. Una clave para comprender el conflicto”, *Revista Tefros*, Río Cuarto, v.4, nº 2, 2006. Disponível em <<http://www.unrc.edu.ar/publicar/tefros/revista/v4n2p06/paquetes/olmedo.pdf>>. Acesso em 10-05-2013.

O'SULLIVAN, John, “Annexation”, *United States Magazine and Democratic Review*, vol 17, número 1, Júlio-Agosto, 1845, p. 5-10. Disponível em <<http://web.grinnell.edu/courses/HIS/f01/HIS202-01/Documents/OSullivan.html>>. Acesso em 29-11-13.

ROCA, Julio Argentino, *Discurso ante el Congreso al asumir la presidencia*, p. 489, CD encartado no livro: HALPERIN DONGHI, Tulio, *Proyecto y construcción de una Nación (1846-1880)*, Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

SARMIENTO, Domingo Faustino, *Las ciento y una*, versão digitalizada disponível em <<http://www.proyectosarmiento.com.ar/trabajos.pdf/CIENTO%20Y%20UNA.pdf>>. Acesso em 15-12-13.

_____, *Arjiropolis o la Capital de los Estados Confederados del Rio de la Plata*, Santiago: Imprenta de Julio Benin Ica, 1850. Versão digitalizada disponível em <<http://www.proyectosarmiento.com.ar/trabajos.pdf/Argiropolis.pdf>>. Acesso em 15-11-13.

_____, *Viajes en Europa, Africa y América Tomo II*, Santiago: Imprenta de Julio Benin Ica, 1851. Versão digitalizada disponível em <<http://www.proyectosarmiento.com.ar/trabajos.pdf/viajestomo2.pdf>>. Acesso em 10-11-13.

ZOUVI, Susana, *La Federalización de Misiones*, Dossier: Reflexiones en torno a los estudios sobre Territorios. Disponível em <<http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/tn13.pdf>>. Acesso em 05-01-13.